

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E
AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

NATHÁLIA LIMA KAHWAGE

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA,
GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER:
Análise de aspectos discursivos da atuação das vereadoras de Belém e
de Manaus no Facebook

BELÉM - PARÁ
2019

NATHÁLIA LIMA KAHWAGE

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA,
GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER:
Análise de aspectos discursivos da atuação das vereadoras de Belém e
de Manaus no Facebook

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade
Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação

Linha de Pesquisa: Processos Comunicacionais e
Midiatização na Amazônia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Danila Cal

BELÉM - PARÁ
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

K12r Kahwage, Nathália
REPRESENTAÇÃO POLÍTICA, GÊNERO E RELAÇÕES DE
PODER : Análise de aspectos discursivos da atuação das
vereadoras de Belém e de Manaus no Facebook / Nathália
Kahwage. — 2019.
267 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Danila Cal
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Representação política discursiva. . 2. Gênero.. 3.
Estereótipo.. 4. Relações de poder. . 5. Facebook. . I. Título.

CDD 302.2

NATHÁLIA LIMA KAHWAGE

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA,
GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER:
Análise de aspectos discursivos da atuação das vereadoras de Belém e
de Manaus no Facebook

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade
Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Ciências da Comunicação.

RESULTADO: () APROVADO () REPROVADO

Data: 26 de abril de 2019

Prof.^a Dr.^a Danila Gentil Rodriguez Cal Lage (PPGCom/UFPA) - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Elaide Martins da Cunha (PPGCom/UFPA)

Prof.^a Dr.^a Marise Rocha Morbach (PPGCP/UFPA)

Prof.^a Dr.^a Flávia Millena Biroli Torkaski (IPOL/UnB)

BELÉM-PARÁ
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço ter chegado aonde cheguei, e estar hoje escrevendo as frases finais de um projeto que, até pouco mais de dois anos atrás, parecia impossível para mim.

Agradecer hoje só é possível, pois contei com uma rede de apoio que me amparou. Aquela ideia que muito se ouve na academia de que conhecimento não se constrói sozinho é a mais verdadeira máxima dessa jornada no mestrado. Por isso, quero agradecer a cada um daqueles que não soltou a minha mão mesmo nos momentos de incertezas, tornando esse percurso realizável.

Agradeço aos meus pais, Rui e Silva, pelo carinho, amor, dedicação e conforto que me proporcionaram para que eu me tornasse quem eu sou, e para que eu pudesse sempre seguir em frente. São exemplos de caráter, honestidade, ética, civilidade e respeito. Valores fundamentais para a vivência humana em coletividade.

Agradeço aos meus irmãos. Primeiramente, ao meu irmão Rafael que mesmo distante, emanou energias positivas para mim, e o qual sempre foi uma referência de esforço e inteligência. Em seguida, especialmente, agradeço a minha irmã Tharuell que foi fundamental ao longo de todo o processo acadêmico. Sem ela, não teria nem iniciado o mestrado e, muito menos, tido contato com conhecimentos essenciais para a carreira acadêmica e vida como mulher: a teoria política feminista. Obrigada pelas noites em claro, pelas abdições, pelos “choques de realidade” (rs) e acima de tudo, pelo incentivo ininterrupto. Saiba que também és inesgotável fonte de inspiração! E se hoje concluo essa fase da vida, foi porque me deste vários empurrões para não desistir, me confortaste com palavras, me passaste segurança, e te mantiveste como uma base, um porto seguro. Juntas vamos sempre continuar transpondo as barreiras “invisíveis” do ser mulher nesse mundo.

Agradeço ao meu marido, Alexandre, que durante esses dois anos de mestrado, exercitou não só a paciência e a compreensão com as minhas ausências em família e nos eventos sociais, mas assumiu lindamente os papéis de pai e de mãe, cuidando da nossa filha e da nossa casa.

Agradeço imensamente ainda, às minhas amigas que, mesmo sem saber, foram o meu gás de motivação. Vocês me proporcionaram momentos leves e de alegria essenciais em meio às angústias do processo acadêmico e da rotina extenuante entre UFPA, TV e vida doméstica. Isso é válido para minhas amigas de infância, minhas confidentes, que compartilham, torcem, choram, riem, desabafam... tudo, quase sempre, de longe: Liliane, Marina, Rebeca e Manuella; como é válido também, para as amigas que o Crossfit me deu, as “manas do

cadeado” (afinal, nunca foi só Crossfit, não é mesmo?). Vocês são mais que maravilhosas, vocês são plenas!

Agradeço ainda aos maiores presentes pra vida que a Universidade Federal do Pará me deu. Muito mais do que colegas de classe, tornaram-se meus grandes amigos: Sérgio Ferreira e Luana Laboissiere, em especial. Obrigada pela caminhada juntos e por essa amizade para a vida! Vocês fizeram das experiências turbulentas, criadouros de afetos. Love you, babies! E claro, ainda nesse ínterim de UFPA, destaco também, Natasha Vasconcelos, que me lançou alguma luz nos – até então – desconhecidos muros da Ciência Política, e me fez viver, na prática, a força das mulheres, e o mais belo significado de sororidade.

Agradeço enormemente a minha orientadora, Danila Cal, por ter me aceitado como orientanda e, acima de tudo, por nunca ter desistido de mim durante todo esse processo – assustador sim – e cheio de empecilhos impostos pela conciliação entre mestrado, trabalho, filha pequena e tarefas domésticas. Muitas vezes você acreditou em mim quando eu mesma não acreditava. Levo você pra sempre como fonte de inspiração, não só como profissional, mas como ser humano. Orgulho em ter tido você como orientadora. Espero que possamos continuar fortalecendo os estudos de Comunicação e Política.

Agradecimentos às professoras que compuseram a minha banca e se mostraram indispensáveis para o enriquecimento desta pesquisa. Suas contribuições foram primordiais Elaide Martins, com seu olhar metodológico e observações pertinentes a respeito de mídias sociais; Marise Morbach, mostrando como a interdisciplinariedade só tem a agregar, e como foi fundamental na estruturação do debate teórico presente nesta pesquisa; e Flávia Biroli, a quem, em especial, possuo grande admiração acadêmica. Ler você, ainda no primeiro contato com as teorias políticas feministas, me motivou a entrar – e permanecer - na luta pela equidade, pela democracia e pela constituição de um conhecimento científico mais acessível, de linguagem leve e descomplicada. Obrigada, professoras, por dedicarem o tempo e o conhecimento de vocês.

Por fim, agradeço ao grande motor de minhas ações no passado, no presente e no futuro, minha filha Gio Gio, que me apresentou o amor incondicional, e que alimenta, diariamente, as minhas projeções pessoais, e o desejo de lutar por um mundo mais justo para ela e para todas.

*Às mulheres.
As da minha vida.
As do mundo.
Às que já se foram.
Às que virão.
A todas aquelas que sustentam o mundo.*

RESUMO

A sub-representação e a marginalização feminina na política formal são achados recorrentes em pesquisas e estudos de diversos países, incluindo o Brasil. São fatores que indicam uma relação de poder fundamentada na dominação masculina sobre as mulheres e estruturada pela divisão sexual do trabalho. No entanto, tais dados revelam apenas uma face do poder comumente associado ao exercício de governo, mas que, nesta pesquisa, é analisado sob outras nuances: empoderamento, resistência e solidariedade. A tentativa de silenciamento histórico da voz pública da mulher nos espaços públicos e a utilização de estereótipos nas carreiras políticas possibilitam que mulheres eleitas ressignifiquem o exercício da atividade política, em ambientes comunicacionais menos convencionais, como as mídias digitais. Nosso problema, nesta pesquisa, é investigar, a partir dos vídeos do Facebook das vereadoras de Belém e de Manaus, como as relações de poder (*power over, power to e power with*) atuam na configuração da representação discursiva das parlamentares, em um ambiente comunicacional em que elas têm domínio do próprio discurso, seja recorrendo, negando ou ressignificando estereótipos. Para tanto, analisamos um *corpus* de 210 vídeos postados em perfis sociais e *fanpages* das vereadoras da Câmara Municipal de Belém, Marinor Brito (PSOL), Simone Kahwage (PRB) e Blenda Quaresma (MDB), e nos da Câmara Municipal de Manaus, Glória Carratte (PRP), Joana D'arc (PR), Professora Jacqueline (PHS) e Professora Therezinha (Democratas), no período de 04 de agosto de 2015 a 08 de março de 2018. Os dados obtidos foram submetidos à análise de conteúdo, sendo geradas 13 categorias: informações gerais; formato do vídeo; função do vídeos; projetos de autoria; onde está a vereadora; atual gestão municipal; gestão estadual; temática central; partido político; estereótipos (principal e secundário); relações de poder (principal e secundária). Além da apresentação de dados gerais quantitativos dos achados nessas categorias, realizamos discussões específicas sobre o referencial bibliográfico envolvendo representação política, gênero e comunicação.

Palavras-chave: Representação política discursiva. Gênero. Estereótipo. Relações de poder. Facebook.

ABSTRACT

Female underrepresentation and marginalization in formal politics are recurrent findings in research and studies in a number of countries, including Brazil, which indicate a power relationship based on male domination over women and structured by the sexual division of labor. However, these data reveal only one side of the power commonly associated with the exercise of government, but which, in this research, is analyzed under other nuances: empowerment, resistance and solidarity. The attempt to silence the public voice of women in public spaces and the use of stereotypes in political careers enables elected women to reassign the exercise of political activity in less conventional communicational environments such as digital media. Our problem, in this research, is to investigate, through the videos of Facebook of the aldermen of Belem and Manaus, how the power relations (power over, power to and power with) act in the configuration of the discursive representation of the parliamentarians in an environment in which they have mastery of their own discourse, resorting to, denying or re-signifying stereotypes. In order to do so, we analyzed a corpus of 210 videos posted in social profiles and fanpages of the city councilors of Belém, Marinor Brito (PSOL), Simone Kahwage (PRB) and Blenda Quaresma (MDB), and in the City Hall of Manaus, Glória Carratte (PRP), Joana D'arc (PR), Professor Jacqueline (PHS) and Professor Therezinha (Democrats), from August 4, 2015 to March 8, 2018. The data were submitted to content analysis from 13 categories, such as: general information; video format; video function; authorship projects; where is the councilwoman; current municipal administration; current state administration; central theme; political party; stereotypes (major and minor); power relations (main and secondary). In addition to the presentation of general quantitative data of the findings in these categories, we conducted specific discussions about the bibliographic referent involving political representation, gender and communication.

Keywords: Political representation. Discursive political representation. Genre. Stereotypes. Power relations. Facebook.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Proporção de lugares ocupados por mulheres no Parlamento Nacional.....	66
Tabela 2 - Amostragem dos vídeos (sorteio).....	96
Tabela 3 - Vídeos analisados	131
Tabela 4 - Vídeos com legenda	133
Tabela 5 - Formato do vídeo utilizado por vereadora	136
Tabela 6 - Função do vídeo por vereadora	140
Tabela 7 - Onde estão as vereadoras? (Por vereadora).....	150
Tabela 8 - Sobre a gestão municipal / Vereadora	152
Tabela 9 - Sobre o Governo do Estado / vereadora	162
Tabela 10 - Tema central por vereadora x Categorização do tema político	173
Tabela 11 - Estereótipos principal e secundário de cada vereadora	192
Tabela 12 - Relações de poder (principal e secundária) de cada vereadora	222

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Marcas textuais para identificação das relações de poder nos vídeos e nas entrevistas	124
Quadro 2 - Tipologias femininas mais frequentes em campanhas eleitorais	126
Quadro 3 - Projetos de lei das vereadoras	145
Quadro 4 - Indicações e requerimentos das vereadoras	148

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Função do vídeo (resultado geral).....	140
Gráfico 2 - Atividade parlamentar em quantitativo das vereadoras de Belém e Manaus.....	143
Gráfico 3 - Projetos de lei por Câmara Municipal.....	143
Gráfico 4 - Indicações, requerimentos e solicitações realizados pelas vereadoras de Belém em comparação com as de Manaus	144
Gráfico 5 - Tema central (Câmara Municipal de Belém)	171
Gráfico 6 - Tema central da Câmara Municipal de Manaus.....	171
Gráfico 7 – Crescimento em buscas pelo termo <i>empoderamento</i>	177

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	“OBEDIENTES, SUBMISSAS E CALADAS”? A CRÍTICA FEMINISTA À DUALIDADE PÚBLICO E PRIVADO	23
2.1	Mulheres e as origens da opressão	23
2.2	Tensões sobre o <i>público</i> e o <i>privado</i>	31
2.3	Mulheres e política: vozes contestatórias	39
2.4	Desigualdades e relações de poder	45
2.5	Estereótipos como atalhos de comunicação.....	55
2.5.1	Estereótipos na política.....	59
3	REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: CONCEITO E DIMENSÕES CONTEMPORÂNEAS	64
3.1	Sobre a representação política	67
3.1.1	Representação política sob viés comunicacional.....	71
3.2	A função do vereador	79
3.2.1	Perfil das vereadoras.....	81
3.2.1.1	Blenda Quaresma, Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – Belém	81
3.2.1.2	Marinor Brito, Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) – Belém	82
3.2.1.3	Simone Kahwage, Partido Republicano Brasileiro (PRB) – Belém	82
3.2.1.4	Glória Carratte, Partido Republicano Progressista (PRP) – Manaus	83
3.2.1.5	Joana D’arc , Partido Republicano (PR) – Manaus	83
3.2.1.6	Professora Jacqueline, Partido Humanista da Solidariedade (PHS) – Manaus	84
3.2.1.7	Professora Therezinha, Democratas – Manaus	84
3.3	Mídias digitais e política	85
4	AMBIENTE COMUNICACIONAL E APONTAMENTOS METODOLÓGICOS	88
4.1	Apontamentos sobre o Facebook	89
4.2	Percurso metodológico	91
4.2.1	Análise de conteúdo.....	93
4.2.2	Pesquisa exploratória.....	98
4.2.2.1	Blenda Quaresma, MDB - Belém.....	98
4.2.2.2	Marinor Brito, PSOL - Belém	101
4.2.2.3	Simone Kahwage, PRB - Belém.....	103
4.2.2.4	Glória Carratte, PRP- Manaus	106
4.2.2.5	Joana D’arc, PR – Manaus.....	108
4.2.2.6	Professora Jacqueline, PHS – Manaus.....	113

4.2.2.7 Professora Therezinha, Democratas – Manaus.....	115
4.2.3 Formulário de análise de conteúdo.....	119
4.2.4 Quadro metodológico.....	123
5 ANÁLISE DE RESULTADOS.....	130
5.1 Formatos e linguagens.....	131
5.2 Estereótipos e relações de poder.....	190
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	238
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	245
APÊNDICE A - RELAÇÃO DE PODER X ESTEREÓTIPOS X TEMA CENTRAL (GERAL).....	252
APÊNDICE B - FORMULÁRIO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	253
APÊNDICE C - LISTA DE VÍDEOS.....	259

1 INTRODUÇÃO

Em menos de um século, foram diversos os avanços legais alcançados pelas mulheres em termos de políticas afirmativas e de acesso a cargos tradicionalmente masculinos na esfera política. O direito ao voto foi adquirido pelas mulheres, em 1928; as cotas eleitorais femininas foram implementadas, em 1997; e, em 2010, tivemos Dilma Rousseff como a primeira mulher eleita presidenta da República do Brasil. Foram progressos significativos na pauta de direitos das mulheres no século XX, e tornaram-se realidade ainda que, a presença feminina nos espaços formais de poder continue sendo inexpressiva. A isonomia legal entre homens e mulheres não pressupõe igualdade política (MIGUEL; BIROLI, 2011; MIGUEL; BIROLI, 2014; BIROLI, 2018; AUGUSTA, 2018). Há um conjunto de mecanismos institucionais¹ causadores dessa distorção política de gênero, e que estão ligados a questões estruturais, como a divisão sexual do trabalho (PATEMAN, 1993; OKIN, 2008; BIROLI, 2018).

As barreiras de caráter extralegal, e não perceptíveis formalmente, dificultam a carreira política feminina (PINTO; SILVEIRA, 2018; MATOS, 2018; PANKE; IASULAITIS, 2016; PANKE, 2016; MIGUEL; BIROLI, 2014; BIROLI, 2013; OKIN, 2008), mas não pressupõem um lugar de passividade e de submissão às mulheres, ainda que o contexto de dominação se demonstre tão latente. Destarte, as mulheres se mantiveram atuantes politicamente, se organizando em ações extraparlamentares (AVELAR, 2015; BIROLI, 2018) e articulando formas alternativas de influência junto ao Estado para que as demandas femininas pudessem ser atendidas. O ressurgimento de manifestações feministas contemporâneas, como os protestos do #EleNão e as greves feministas globais alusivas ao #8M, resgatam as raízes da luta das mulheres contra a opressão de gênero (ARRUZA *et al* 2019) e pela afirmação das mulheres como sujeitos políticos, apesar da sub-representação formal.

Historicamente, a frente de atuação organizacional das mulheres tem sido fundamental para o avanço das demandas femininas, no âmbito de Estado. Mas ocupar espaços no cenário político institucional permanece como uma das prioridades da agenda feminista, sendo a problemática da discrepância de gênero nos cargos político-institucionais

¹ Para Miguel e Biroli (2014), a sub-representação é causada, fundamentalmente, por três fatores: o isolamento da mulher na vida doméstica, que influencia em uma rede de contatos mais reduzida; a dupla jornada de trabalho feminina, que reduz o tempo livre para outras atividades; e o padrões de socialização (papéis de gênero), que inibem a participação das mulheres na esfera política por se entender, socialmente, que é um ambiente masculino.

analisada nos trabalhos de diversos teóricos sobre o tema (LIMA; SCHULZ, 2014; MIGUEL; BIROLI, 2011; 2014a; 2014; BIROLI, 2010; 2013; 2017a; 2017; 2018; PANKE, 2016; PINTO; SILVEIRA, 2018). Ainda que, mais mulheres formalmente eleitas não signifique, necessariamente, mais políticas públicas para as mulheres (MIGUEL; BIROLI, 2011, 2014), ocupar espaços na política institucional, com corpos femininos, é entrar na disputa das relações de poder, desafiando o *ethos* masculino enquanto padrão de dominação. Essa é a “causa comum” (BIROLI, 2018) da opressão feminina, sentida diferenciadamente pelas mulheres, a depender de marcadores sociais como raça, classe, sexualidade, - e sim também - o regionalismo.

Por isso, a perspectiva heterogênea da “categoria mulher” no feminismo é compreendida como enriquecedora, pois permite a leitura com diferentes nuances sobre as práticas políticas das mulheres do Brasil, destacando os sujeitos políticos desta investigação: as vereadoras de Belém (PA) e de Manaus (AM). São oito mulheres, formalmente eleitas para os mandatos legislativos municipais de 2017-2020, situadas geograficamente na Amazônia, onde vivem a realidade da região e possuem experiências marcadas por particularidades locais, sejam elas vivências de opressão ou de enfrentamento. Destaca-se também, tanto o contexto amazônico – enquanto um *locus* periférico - quanto à esfera do poder legislativo municipal como temáticas ainda pouco exploradas nas pesquisas acadêmicas, em âmbito nacional.

As vivências e as necessidades das mulheres, compreendidas como assimétricas e plurais, são questões de grande valor na contemporaneidade no entendimento da configuração dos mecanismos de reprodução de desigualdades (BIROLI, 2013), e também no debate a respeito da ampliação do sentido de representação política (MIGUEL, 2018; ALMEIDA; 2018; GARZÊZ, 2017; LOUREIRO, 2009; URBINATI, 2005, 2006, 2008). A presença de mulheres formalmente eleitas é imprescindível para a democracia representativa devido à estreita relação entre a ampliação do sentido de democracia e a participação de mulheres (BIROLI, 2018), ainda mais quando se tratam de representantes que atuam com tanta proximidade do povo, como é o caso dos vereadores. A ação coletiva de grupos marginalizados, como o das mulheres, pode levar à expansão do “espaço discursivo” (BIROLI, 2018), e à abertura para experiências diferenciadas (PINTO; SILVEIRA, 2018), em ambientes hegemônicos, e predominantemente masculinos, ressignificando as relações de poder compreendidas, nesta pesquisa, para além do sentido de dominação (*power over*), e sim também como empoderamento (*power to*), resistência (*power to*) e solidariedade (*power with*) (ALLEN, 2013, 1998; CAL, 2016).

Portanto, a revisão do conceito de representação política é crucial para o aprimoramento da democracia frente às dinâmicas e as transformações sociais, valorizando espaços não-formais de atuação política. O alargamento na definição do termo pode ser realizado sob uma perspectiva comunicacional, ou seja, discursivamente, pelas trocas entre os sujeitos, nos diferentes ambientes comunicacionais. A representação política discursiva é processual e voltada, principalmente, para os *percursos* que constituem a dinâmica representativa, e não centrada nos resultados (GARCÊZ, 2017). Pode ser reconfigurada a partir de um “relacionamento” a ser investido entre as partes, ao longo do tempo, e capaz de ocorrer por vieses menos convencionais - como o discursivo -, e em ambientes menos comuns - como o *online*. As inovações tecnológicas afetaram as relações humanas, abriram caminho para a democratização do uso e consumo das mídias (SANTAELLA, 2018) e, inclusive, ampliaram a participação política, que pode ser realizada por meio de diferentes canais, incluindo, o digital (SILVA, 2018).

Com regularidade, as parlamentares de Belém e de Manaus atualizam o conteúdo de seus perfis e páginas pessoais, no Facebook, publicizando não só condutas institucionais (campanhas eleitorais, projetos de lei, discursos na tribuna, rotina nas Câmaras Municipais), mas também padrões desviantes, fora do convencional, e que sim, correspondem a atos políticos. De forma extraparlamentar, no ambiente digital, mostram-se dançando, em partidas de futebol, consumindo bebida alcóolica, panfletando nas ruas, no ativismo da causa animal, fazendo críticas à desigualdade de gênero e à sub-representação feminina na política, e até mesmo chamando palavrão. Conseguem ainda, ampliar a própria ação parlamentar quando utilizam a plataforma *online* para fazer transmissões ao vivo das sessões nas Câmaras Municipais ou denunciar problemas na cidade, potencializando a fiscalização e a cobrança junto às prefeituras, assim como o acesso e o alcance dessas informações ao público; e ainda, realizam, pelo Facebook, enquetes com função de consulta pública, estimulam a participação dos seguidores e compartilham com quem não pode estar fisicamente na Casa Legislativa, vitórias, frustrações, críticas e as rotinas parlamentar e do dia a dia. São ações porque se constituem a partir da dinâmica das diferentes relações de poder entre os grupos, sujeitos e contextos, e que são perceptíveis não só na vida cotidiana, mas se transpõem para o virtual.

O ambiente digital para a comunicação política deixou de ser novidade, pelo menos na última década, quando parlamentares já utilizavam, de forma estratégica, o Facebook em seus mandatos (CONTREIRAS, 2012). As mídias digitais podem ser compreendidas como espaços de “autoexpressão” e de “afirmação de identidade” (MAIA *et al*, 2016), utilizadas para expressar opinião (PANKE; SOLIS, 2013), e também como ferramentas de campanha para

umentar a visibilidade e o eleitorado (PANKE, 2016). Contudo, pondera-se a respeito das potencialidades do Facebook, na política formal. Reconhecemos, nesta pesquisa, os constrangimentos relativos à atuação de representantes políticos no ambiente digital, já que plataformas como o Facebook, assim como as preferências de seus usuários, são afetadas pelos algoritmos e pela personalização desses ambientes, criando “bolhas filtradas” (SANTELLA, 2018). Mas, essa não é a discussão específica abordada nesta investigação. Partimos aqui, na verdade, da premissa de trabalho que compreende o Facebook como um ambiente onde as vereadoras gozam de maior autonomia na produção de conteúdos. O espaço de voz e de fala, a organização de como querem enunciar suas narrativas, são elementos que não passam por embaraços das rotinas produtivas do jornalismo (no âmbito da mídia tradicional), ou dos canais institucionais, por exemplo. Nos ambiente formais, o cidadão precisa ser convocado a falar. O *que*, *como* e *quando* do conteúdo são atravessados por processos de produção mediados por terceiros.

Diante dos questionamentos levantados, e tendo como categoria analítica o gênero, lançamos o **problema** de pesquisa: como as relações de poder (*power over*, *power to* e *power with*), acionadas pelos estereótipos, atuam na configuração da representação discursiva das vereadoras de Belém e de Manaus, a partir dos vídeos postados por elas, nos perfis e *fanpages* pessoais do Facebook?

Desse problema, derivaram nossos objetivos específicos:

- a) Entender como as vereadoras de Belém se comunicam pelos vídeos do *Facebook*: a quem se dirigem; qual a base discursiva que sustentam no entendimento da função de representantes políticas;
- b) Identificar quais os desenhos das relações de poder (*power over*, *power to* e *power with*) estão presentes nos vídeos postados no *Facebook*; e de que forma as vereadoras se utilizam ou questionam os estereótipos;
- c) Investigar como as vereadoras se relacionam com a agenda feminista; e se desafiam - ou não - o lugar tradicionalmente atribuído à mulher na política;
- d) Refletir sobre quais as restrições e as potencialidades das mídias digitais como arenas para a representação política discursiva.

Nosso *corpus* é composto por 210 vídeos das vereadoras de Belém da 18ª Legislatura (2017-2020): Blenda Quaresma (MDB); Marinor Brito (PSOL) e Simone Kahwage (PRB); e das vereadoras de Manaus (AM), da 17ª Legislatura (2017-2020): Glória Carratte (PRP); Joana D’arc (PR); Professora Jacqueline (PHS); e Professora Therezinha (Democratas). Desse total, 86 são das parlamentares de Belém, e 124 são das parlamentares de Manaus. As

postagens selecionadas estão compreendidas entre os dias 04.08.2015 (data da primeira postagem, que foi da vereadora Simone Kahwage) e 08.03.2018 (Dia Internacional da Mulher). O recorte dos vídeos dos dois grupos de vereadoras foi realizado por meio de amostragem, e levando em consideração o cálculo de proporcionalidade (maior quantidade de vídeos postada, maior a quantidade final de vídeos analisável por vereadora).

A escolha dos vídeos do Facebook como objeto de pesquisa foi impulsionada por alguns fatores: o caráter de autonomia e de domínio das vereadoras de Belém e de Manaus na produção e publicação do conteúdo; o fato da plataforma se mostrar bastante relevante ao unir a interatividade do ambiente *online* à força da imagem (vídeos), tão importantes para a comunicação política; além de serem produtos populares e de fácil consumo na contemporaneidade.

Para o entendimento dos processos simbólicos e discursivos no *comunicar* das vereadoras de Belém e de Manaus no ambiente *online*, recorreu-se a um procedimento metodológico que considera relevantes os aspectos quantitativos e qualitativos. Dessa forma, o método é o de organização e análise de dados, conforme as proposições já testadas por Bardin (1977), a **análise de conteúdo**. Buscou-se, neste trabalho, realizar um mapeamento de recorrências e de regularidades nos vídeos compreendidos no ambiente comunicacional *online*, englobando os pontos que mais chamaram a atenção, aqueles expostos diretamente nas imagens e na verbalização, e ainda, os compreendidos simbolicamente ou por interpretação contextual.

As barreiras invisíveis na política institucional para as mulheres, mencionadas acima, fazem referência, nesta pesquisa, a empecilhos específicos formadores do imaginário, e relacionados à soma daquilo em que se acredita – nosso “arquivo pessoal” (LIPPMANN, 2008, p. 41) – e os aprendizados, frutos da relação do indivíduo com o mundo exterior. O gênero, como “construção simbólica” (LAMAS, 2013, p.12), e “elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1996, s/p), trata disso. É uma categoria produtora de códigos, referências e papéis fincados no binarismo masculino e feminino, organizados em “esquemas mentais” (LIPPMANN, 2008, p.38), e baseados nas “expectativas sobre um grupo ou categoria” (PANKE, 2016, p.14). Esse entendimento relaciona-se aos estereótipos, comumente utilizados em campanhas eleitorais (PANKE, 2016), e acionados, com mais frequência, no caso das agentes políticas, como parte de um discurso masculino sobre as mulheres (PANKE; IASULAITIS, 2016).

Panke (2016) organizou os três principais estereótipos femininos na política: a guerreira, a maternal e a profissional. Eles serão guias na busca pela solução do problema de

pesquisa. A fala pública das vereadoras, nos vídeos postados no Facebook, foi objeto de análise, levando em consideração ainda, as marcas textuais que fizessem, explícita ou implicitamente, referência aos estereótipos de **Mãe**, **Guerreira** e **Profissional**; e também, da mesma forma, que sinalizassem elementos indicativos das relações de poder: *power to*; *power over* e *power with* (CAL, 2016; ALLEN, 1998; 2013) . Reconhecemos ainda que, a teoria de Panke (2016) se dedica à análise de *spots* de campanhas eleitorais de mulheres à Presidência da República, na América Latina, e neste trabalho, a investigação do objeto corresponde aos vídeos do Facebook de representantes políticas já eleitas. Optamos por essa relação teórica, pois os estudos sobre comunicação política e estereótipos ainda são restritos, tornando a pesquisa da autora valiosa enquanto base para ampliarmos o desenvolvimento da temática.

Ressaltamos também, a relevância deste trabalho por se enquadrar na linha “Processos Comunicacionais e Miatização na Amazônia” do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, e se articular com as reflexões realizadas pelo Grupo de Pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (COMPOA/UFPA) do qual sou integrante. A temática trabalhada se articula a um projeto de pesquisa maior: Comunicação, Política e Gênero: configurações discursivas das mulheres como sujeitos políticos em diferentes âmbitos comunicacionais em Belém-PA (ProDoutor-UFPA).

Para os questionamentos levantados nesta pesquisa e na busca da resposta da pergunta-problema, foram exploradas algumas teorias que irão fornecer as lentes necessárias no percurso científico. No capítulo 1, realizamos um resgate histórico sobre as origens da opressão feminina na Antiguidade Clássica; em seguida, é proposta uma das discussões essenciais das teóricas feministas do Ocidente sobre a dualidade *público x privado*, e seu caráter estruturante das hierarquias de gênero reprodutoras de identidades, valores e comportamentos; além das tentativas de silenciamento da voz pública da mulher e da dominação de natureza masculina, em ambas as esferas. Nesse sentido, o objetivo é demonstrar, com base nas principais críticas feministas, que a divisão entre público e privado perpetua a ideia de naturalidade, na esfera privada, da relação de poder baseada unilateralmente na dominação, como se a diferença hierarquizada entre homens e mulheres fosse justificada pela natureza, ou seja, por questões biológicas. Também, neste tópico, é proposto o debate sobre a atuação política das mulheres (e suas ações alternativas de participação política), frente ao contexto de dominação masculina, na esfera institucional.

Ainda nesse capítulo, realizamos uma discussão primordial para a pesquisa: as relações de poder - já que o espaço público ainda impõe diversos obstáculos à legitimação da figura feminina como agente político. A hipótese é que as relações de poder na representação

política discursiva feminina podem ser ressignificadas, tendo como um dos gatilhos as próprias opressões à voz e à imagem da mulher (marcadas por estereótipos). A complexificação da realidade das representantes formalmente eleitas possibilita, de forma mais detalhada, enxergar as relações de poder, para além da dominação masculina: *power over*, *power to* e *power with* (CAL, 2016; ALLEN, 1998; 2013). Os estereótipos entram, nessa dinâmica, como atalhos comunicacionais (LIPPMANN, 2008; BIROLI, 2011), e estratégias de comunicação política (PANKE, 2016), capazes de promover, em certa medida, mais mobilidade aos sujeitos e grupos nessas relações.

Nesse sentido, pensar em uma forma ampliada de representação política na qual ambientes e padrões informais de *fazer política* possam ser legitimados, é valioso, principalmente para grupos que encontram dificuldades de expor demandas e interesses nos espaços formais de tomada de decisões. É a abordagem do capítulo 3 em que serão discutidas as definições tradicionais de representação política (PITKIN, 1984), outras noções de representação política - que possam ampliar o entendimento do conceito (GARCÊZ, 2017, LOUREIRO, 2009; URBINATI, 2005, 2006) -, bem como as possibilidades de participação política no cotidiano (MANSBRIDGE, 2009), e nas mídias digitais (SILVA, 2018). A interação política guiada pela linguagem é o que Garcêz (2017) entende como *representação política discursiva*, e que será um dos pilares da análise desta pesquisa. Diante de um cenário de tensões² sobre a representação política (MIGUEL, 2014; CONTREIRAS, 2012; GARCÊZ, 2017; MANIN, 1989), nesse capítulo, é realizado o questionamento sobre os limites da democracia representativa na efetivação de direitos e pressupostos liberais – como a igualdade entre os indivíduos.

Ainda no capítulo 3, indicaremos as funções do vereador previstas na Constituição Federal de 1988, além ser traçado o perfil das vereadoras de Belém e de Manaus, acrescentando o debate sobre os tensionamentos da participação política por meio das mídias digitais (SILVA, 2018). Com o avanço tecnológico e a solidificação da internet como elemento “onipresente” na vida cotidiana (SANTAELLA, 2018), as relações sociais se tornaram mais complexas, já que interação e conexão assumem papel central - e quase simbiótico – a partir das redes digitais. O Facebook é uma das plataformas digitais mais representativas nesse universo, e também é de uso estratégico dos parlamentares na comunicação política (CONTREIRAS, 2012). Os ambientes de conversação *online*

² Há um questionamento da legitimidade dos eleitos, e não eleitos, por parte dos representados, no âmbito institucional. Neste sentido, alimenta-se um debate, principalmente, entre os cientistas políticos, sobre os limites da representação política, se está em uma profunda crise, se o conceito está defasado, ou se, o que está em questão, é a necessidade de outra forma de governo representativo.

despontam como espaços de potencialidade discursiva (MAIA *et. al.*, 2016; CONTREIRAS, 2012), mas são necessárias ponderações diante da euforia provocada pelas mídias digitais e o seu potencial de estímulo à participação política (MARTINO, 2014).

No capítulo 4, apresentamos o ambiente comunicacional escolhido (Facebook), baseado no critério de relevância entre as mídias sociais de maior frequência entre as vereadoras analisadas. O percurso metodológico é detalhado também, a começar pela justificativa da escolha do objeto e do método de análise de conteúdo. Serão expostos detalhes sobre a pesquisa exploratória, com as impressões observadas nos vídeos postados nos perfis sociais e *fanpages* das parlamentares de Belém: Marinor Brito (PSOL), Blenda Quaresma (PMDB) e Simone Kahwage (PRB); e nas de Manaus: Glória Carratte (PRP); Joana D'arc (PR); Professora Jacqueline (PHS); e Professora Therezinha (Democratas). Há ainda, a descrição do percurso metodológico para a criação de 13 categorias de análise justificadas em um livro de código: informações gerais; formato do vídeo; função do vídeos; projetos de autoria; onde está a vereadora; atual gestão municipal; gestão estadual; temática central; partido político; estereótipos (principal e secundário); relações de poder (principal e secundária). Além disso, desenvolvemos dois quadros metodológicos como guias na aplicação do método de análise de conteúdo, e que estão no Apêndice C deste trabalho: 1) Relações de poder (CAL, 2016; ALLEN, 1998, 2013); 2) Tipologias femininas (PANKE, 2016).

2 “OBEDIENTES, SUBMISSAS E CALADAS”? A CRÍTICA FEMINISTA À DUALIDADE PÚBLICO E PRIVADO

A inadequação de mulheres nos espaços públicos, especialmente na esfera política, não é recente. Foi construída ao longo de anos de complexa articulação entre cultura, linguagem e História. São hábitos e costumes que atravessaram os séculos e refletem nas práticas contemporâneas da cultura ocidental, remetendo a valores e crenças do mundo dos antigos gregos e romanos³, conforme demonstraram os estudos realizados por Mary Beard (2018). É um “pacote de pontos de vistas” (BEARD, 2018, p. 39) que reúne diversos aspectos, julgamentos e premissas sobre o lugar - e o agir - da mulher na sociedade. São indícios da divisão entre os espaços masculino e feminino notados ainda na Antiguidade.

Com a firmação do capitalismo como principal modelo político-econômico regido pelos fundamentos liberais, os direitos do cidadão (contrato social) foram institucionalizados, assim como os direitos de posse e de exploração do corpo feminino no casamento. Sob a ótica das teóricas feministas do Ocidente, a organização dessa lógica se configurou pela divisão sexual do trabalho ao estabelecer função social de homens e de mulheres baseada no binarismo sexual. A relação de poder enquanto dominação é a definição mais perceptível nesse contexto de subordinação da mulher ao “chefe da família”. A cultura, a linguagem, a História, agem por meio de processos de socialização e de artifícios da comunicação, como os estereótipos, para determinar os lugares de homens e de mulheres, nos espaços público e privado, mostrando, assim, uma face opressiva do poder masculino sob as mulheres, seja no cotidiano ou na política institucional.

No entanto, existem outras nuances nas relações de poder que merecem ser analisadas para compreendermos, assim, a complexidade da dinâmica social. Nesta pesquisa, entendemos as mulheres como sujeitos políticos que não se limitam apenas à posição de dominadas, vítimas ou dóceis, mas que agem também em resposta às opressões sofridas com perspectivas de poder pautadas na solidariedade, no empoderamento e na resistência.

2.1 Mulheres e as origens da opressão

³ Na obra “Mulheres e poder: um manifesto” (2018), a pesquisadora e professora britânica Mary Beard utiliza a bagagem de conhecimento científico sobre o mundo clássico (em especial o romano) para contar, por meio de obras da Antiguidade, a origem do silenciamento da voz pública das mulheres e de que forma, ainda nos dias atuais, tais valores clássicos perduram na atuação das mulheres em cargos de poder. Histórias e obras clássicas são exemplos: Telêmaco; Medusa; Atenas; Aristófanes (obra *Lysistrata*); Ovídio (obra *Metamorfose*); Ésquilo (obra *Agamenon*).

Nos espaços de poder institucionais, a presença feminina é marginalizada. Existe uma relação culturalmente constrangedora (BEARD, 2018) entre a voz pública das mulheres e a esfera pública, cuja justificativa vem da “natureza da autoridade falada” (BEARD, 2018, p. 49). Isto é, os ambientes públicos não são espaços legítimos para mulheres que, tradicionalmente, deveriam assumir o papel de dóceis e discretas. É como se tentassem ocupar um espaço que não é seu de direito e sim, *naturalmente*, dos homens. Quem está autorizado a falar, quem detém o discurso público e a oratória, convencionalmente, é a voz masculina. Essa convenção fez parte do processo de “tornar-se homem” (BEARD, 2018, p. 28) na Antiguidade e ainda é, em certa medida, parte do processo atual de “masculinização”, pois se trata de um padrão naturalizado no dia a dia pelas repetições das práticas sociais e culturais.

Ainda que não possamos afirmar que a cultural ocidental se configurou, na sua totalidade, graças ao conhecimento clássico (afinal, são diversas as variáveis responsáveis por essa dinâmica), temas relacionados ao discurso e à oratória ainda ficam sob a luz das contribuições clássicas. Pelo menos até o século XX, as técnicas de retórica e de persuasão para os discursos e os debates na Modernidade, por exemplo, basearam-se em antigos documentos e manuais de gregos e romanos: Aristóteles e Cícero são referências, para citar alguns (BEARD, 2018).

Desta forma, partindo das considerações de Beard (2018), compreende-se o sujeito do poder no mundo ocidental socialmente e historicamente construído como masculino. Já às mulheres, no mundo clássico, coube o lugar de figurante, sujeitas às tentativas de silenciamento, de subordinação, ou - quando dissociadas do padrão socialmente aceitável - de alusão ao caos, à destruição e à desestabilização. Na história “oficial” do Ocidente, a escrita é masculina, assim como seus atores principais. Beard (2018) discorre que, de todas as personagens da Antiguidade, apenas duas (Mércia e Afrânia) não foram silenciadas nos registros oficiais, mas ambas, por terem se imposto e recusado a assumir o *lugar feminino*, foram retratadas como “aberrações” (BEARD, 2018, p. 23). Em raras exceções, as mulheres tinham permissão para se manifestar, segundo a autora: 1) quando eram vítimas ou mártires; 2) na defesa do lar, dos filhos, dos maridos ou de interesses de outras mulheres. Jamais as mulheres podiam “falar pelos homens nem pela comunidade como um todo” (BEARD, 2018, p. 25). Para a cultura clássica, a voz pública era atribuição masculina.

Olhando para o nosso tempo atual, a vida pública continua a ser interpretada como uma habilidade primordial dos homens. Como exemplo, lembremos da ex-candidata à presidência da República, em 2018, pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Manuela d’Ávilaque, em entrevista sobre a candidatura ao programa *Roda Viva* da Rede Bandeirantes,

no dia 25 de junho de 2018, foi interrompida, pelo menos, 40 vezes pelos entrevistadores. A ação gerou debates nas mídias sociais sobre o machismo, e foi noticiada também pelos veículos da grande imprensa⁴, pois outros candidatos (homens), como Guilherme Boulos (PSOL) e Ciro Gomes (PDT), em situação semelhante, foram interrompidos nove e oito vezes, respectivamente.

As “aberrações” da Antiguidade, lembradas por Beard (2018), atualizam-se ao longo do tempo, permanecendo vivas e transfiguradas na imagem feminina. Outro exemplo é o da candidata à Presidência da República, nas Eleições 2018 pela Rede, Marina Silva, que costuma, em períodos de campanha eleitoral, se tornar alvo frequente de ofensas devido a sua aparência física e competência. Nos espaços *online* como o das mídias digitais, os estereótipos se tornam armas de deslegitimação, não apenas da habilidade como agente política, mas no questionamento do *ser mulher*. Os *memes*⁵ que circularam no Twitter, em especial, foram postados na plataforma, durante os debates de Marina em veículos da grande mídia, e corresponderam a imagens de *ETs* e animais, como tartaruga e dinossauro. Isto é, representam a desumanização da mulher que fala no espaço público. A tipificação de cobra também foi utilizada e remete, além da desumanização, a aspectos religiosos que fazem referência a estigmatização da mulher como amiga da serpente portadora de vários males do mundo (CASTRO, 2018, p. 135).

Citamos, ainda, situações de extrema violência física que refletem no apagamento de corpos femininos nos espaços públicos. Foi o que aconteceu com a vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco do PSOL, que era também feminista, lésbica, negra, periférica e defensora dos direitos humanos. Ela foi assassinada no dia 14 de março de 2018, com sinais de execução e, apesar dos suspeitos do crime terem sido presos, até hoje o mandante (e sua motivação) não foi identificado pela polícia. É perceptível a persistência do desconforto e da misoginia da sociedade ao tentar encarar, com naturalidade, carreiras de poder ocupadas por mulheres, como as da política formal. As tradições da Antiguidade, herdadas no mundo ocidental, tornaram-se premissas sexistas ainda responsáveis, em certa medida, pelo olhar de estranhamento em direção à “mulher pública”, nos dias atuais. A dissociação feminina do espaço público, a dominação masculina, o papel social feminino e a afirmação da igualdade intelectual e moral das mulheres constituem discussões fundamentais que têm sido verificadas há séculos pelas feministas.

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/interruptoes-a-manuela-geram-debate-sobre-machismo.shtml>. Acesso em: 22.08.2018.

⁵ *Memes* são termos que fazem referência a conteúdos que viralizam na internet, em geral, de teor cômico ou vexatório, alcançando muita popularidade.

Trabalhos recentes de teóricas feministas demonstram o surgimento de uma *nova onda feminista* focada no ativismo combativo e anticapitalista. Para Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), a origem da opressão de gênero está na subordinação da *reprodução social*⁶ à produção que visa o lucro, e ao entendimento de que essa reprodução constitui um trabalho feminino. Organizada pelo binarismo⁷ e pela heteronormatividade⁸, a atividade reprodutiva, no sistema capitalista, é vista pelas autoras como geradora de diferentes formas de opressão nos eixos de gênero, raça, sexualidade, nacionalidade e classe, e que persiste nas relações sociais às custas do trabalho gratuito (escravidão e trabalho doméstico) ou de baixo custo (trabalhadores imigrantes, pessoas racializadas e mulheres).

De acordo com Arruzza *et al* (2019), o trabalho de *reprodução social* sempre existiu e sempre foi associado às mulheres, porém, as sociedades antigas não possuíam divisão clara entre a produção econômica e a reprodução social. É o que explica também, mais detalhadamente, Federici (2017) ao analisar as relações de gênero no período transitório do feudalismo para o capitalismo. Por isso, é primordial compreender esse período de transição por dois motivos indicados pela autora: 1) a redefinição das tarefas produtivas e reprodutivas; 2) a redefinição das relações homem-mulher.

No marco da autora, apesar do feudalismo não ser considerado um exemplo de comunalismo e ter diferenciado hierarquicamente homens e mulheres, ainda assim, a distinção das características físicas, psicológicas e sociais eram menos intensas do que no período posterior, o capitalismo. As mulheres tinham mais autonomia e eram menos subordinadas às vontades masculinas do que as mulheres “livres” da sociedade capitalista. As mulheres podiam, além de trabalhar a terra, utilizar-se dos produtos cultivados; o trabalho doméstico - amplamente realizado por elas - não era desvalorizado ou visto como menos importante para a cadeia produtiva; as mulheres tinham mais controle da sua função reprodutiva; e, ainda, a divisão sexual do trabalho, na Idade Média, representava a alta sociabilidade entre as mulheres (FEDERICI, 2017). Condutas que acabaram sendo dissolvidas com a divisão sexual do trabalho.

O trabalho doméstico na Modernidade ganhou nova roupagem de atividade “não-produtiva” delegada às mulheres, ou seja, uma atividade não-assalariada geradora de valor

⁶ Para as autoras, por *reprodução social* entende-se: as “atividades que sustentam seres humanos como *seres sociais corporificados* que precisam não apenas comer e dormir, mas também criar suas crianças, cuidar de suas famílias e manter suas comunidades, tudo isso enquanto perseguem esperanças no futuro” (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 106).

⁷ Termo que se relaciona ao estabelecimento de dois papéis sociais, *homem e mulher*, que se baseiam em características biológicas de organização de identidade.

⁸ Termo utilizado para escrever situações nas quais as orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas.

(bens), conforme as premissas capitalistas. Em contrapartida, o trabalho externo, exercido pelos homens, é pago com salário. Nessas condições, as mulheres têm a autonomia restringida, subordinando-se à figura masculina como fonte de sobrevivência. A ordem patriarcal de oposição binária das funções com base no sexo liga-se, ainda, à raça, e juntas são consideradas peças-chave para o desenvolvimento (e sustentação) do modelo (FEDERICI, 2017; DAVIS, 2016; DELPHY, 1984). O movimento feminista negro refletiu, de forma pioneira, sobre tais questões, transformando o pensamento feminista e trazendo grandes contribuições para a sociedade ao identificar a “branquitude” como um *status* de privilégio, dentro do sistema (HOOKS, 2019). Ângela Davis em *Mulheres, raças e classes* (2016) explica a relação entre gênero e raça na sociedade capitalista:

Com a chegada do século XX, um casamento ideológico sólido uniu racismo e sexismo de uma nova maneira. A supremacia branca e a supremacia masculina que sempre se cortejaram com facilidade, estreitaram os laços e consolidaram abertamente o romance. Durante os primeiros anos do novo século, as ideias racistas ganharam influência como nunca. A atmosfera intelectual – mesmo nos círculos progressistas – parecia estar fatalmente contaminada por noções irracionais sobre a superioridade da raça anglo-saxã. Essa crescente promoção da propaganda racista era acompanhada por uma promoção igualmente acelerada de ideias que denotavam a inferioridade feminina (DAVIS, 2016, p. 127)

Vale ressaltar que o período de transição do feudalismo para o capitalismo registrou um dos ataques mais cruéis ao corpo feminino (e ao seu significado político) na história da Era Moderna: a caça às bruxas. Federici (2017) explica que a Igreja enxergava as mulheres como uma “ameaça à estabilidade econômica e social” (2017, p. 85) por conta do certo grau de independência que possuíam no trabalho e nas práticas relacionadas ao controle reprodutivo, ao aborto, ao uso dos contraceptivos e ao exercício de cesáreas. Além disso, o conhecimento natural das mulheres, fortemente ligado à natureza e aos saberes tradicionais, era compreendido com certa “indulgência” (FEDERICI, 2017, p. 84) pelas instituições religiosas, aumentando, assim, as reações misóginas às mulheres. A repressão feminina vinha em sermões rígidos dos padres nas missas e na supervisão da sexualidade por meio da coibição do desejo sexual e da atração erótica pela mulher. Coincidentemente, nesse período de transição de perseguição da heresia e da caça às bruxas, a imagem do herege personificava-se na figura de uma mulher. Não à toa, no século XV, entre os hereges, a bruxa era o principal alvo das perseguições (FEDERICI, 2017). Tratavam-se de medidas de coerção do corpo feminino, as “aberrações” - citando novamente Beard (2018) - precisavam ser mais uma vez combatidas, disciplinadas; um mal que precisava ser contido para o bem da nova ordem capitalista.

A caça às bruxas permanece na contemporaneidade traduzida pela violência simbólica a mulheres desviantes do padrão de feminilidade baseado no binarismo, e que costumam sofrer ataques devido ao protagonismo na esfera pública. Na política formal, um exemplo marcante envolveu a ex-presidente da República Dilma Rousseff (PT), ao ser retirada do cargo político, cerca de um ano após ser reeleita⁹. Diversos autores classificaram o ocorrido como um golpe político (FREIXO; RODRIGUES, 2016; MIGUEL *et al*, 2016; SINGER; LOUREIRO, 2016; SOUZA, 2016; MIGUEL, 2016; SANTOS, 2017) que teve como uma de suas dimensões a questão de gênero (RUBIM; ARGOLO, 2018; BIROLI, 2018; CASTRO, 2018). Também por essa razão, pensar em mulheres na política é pensar antes nos papéis sociais de homens e mulheres fixados devido às posições de gênero e simplificados por meio dos estereótipos (PANKE, 2016).

Como vimos, ainda que a Antiguidade e a Idade Média já indicassem algumas características da distinção dos espaços entre homens e mulheres na sociedade, as definições sobre *privado* e *público* (e a sua separação enquanto esferas “distintas”) foram legitimadas junto a princípios do liberalismo e do capitalismo como formas de ordenamento da sociedade civil, na Modernidade: a esfera pública formada pela liberdade, pelo mercado de trabalho, pelo civil, pelo *status*; Já na esfera privada configuram-se o matrimônio, a família, o ambiente doméstico, a reprodução social. Em outras palavras, as instituições, os valores e as abordagens teóricas liberais passaram a se organizar pela distinção sexista entre as esferas pública e privada (BIROLI, 2013) e de consolidação do capitalismo como modelo econômico e político mundial.

Os teóricos liberais clássicos do contrato social pensaram a sociedade civil dividida em “dois domínios contrários” e possuidores de “modos de associação característicos e distintos” (PATEMAN, 1993, p. 27). Desta forma, garantir-se-ia o poder político operando fora da propriedade privada, ou seja, dos limites da casa, em um ambiente que passa a ser resguardado pelo valor da privacidade. O Estado liberal (Estado-Nação) fornece as estruturas e as regras necessárias para que o contrato social seja cumprido, assim como para que o sistema capitalista funcione. É uma grande estrutura que envolve diversos mecanismos de

⁹ No dia 12 de maio de 2016, o Senado Federal votou pelo afastamento de Dilma Rousseff no processo de impeachment, sob a acusação de crime de responsabilidade. No dia 31 de agosto de 2016, Dilma foi condenada e perdeu o mandato, assumindo então o cargo de presidente o vice, Michel Temer (PMDB). Pouco tempo depois, a própria perícia do Senado identificou que Dilma não participou das ‘pedaladas fiscais’ que foram a motivação do seu impeachment. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,para-pericia-dilma-agiu-para-liberar-creditos-mas-nao-atuou-em-pedaladas-fiscais,10000059489> e <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/06/pericia-conclui-que-dilma-nao-participou-de-pedaladas-fiscais.html>. Acesso em: 22.08.2018.

normatização do comportamento de homens e mulheres, e suas devidas funções econômicas.

Evidencia-se, além do fator racista e sexista, o atributo classista do sistema:

(...) os Estados modernos com frequência tentaram instrumentalizar o trabalho de produção de pessoas para projetos nacionais e imperiais. Incentivavam os nascimentos do tipo “certo” enquanto desencorajavam aqueles do tipo “errado”, desenhando políticas de educação e família para produzir não apenas “pessoas”, mas (por exemplo) “alemães”, “italianos” ou “estadunidenses”, que podem ser convocados a se sacrificar pela nação quando necessário (...) O esperado de mães e escolas da classe trabalhadora era preparar as crianças para viverem como “trabalhadoras e trabalhadores” perfeitos: obedientes, deferentes para com chefes, preparados para aceitar “seu posto” e tolerar a exploração (ARRUZA *et al*, 2019, p. 54)

Mas, ainda que trabalhadores e trabalhadoras fossem explorados pelo mesmo sistema, o grupo se distingue no gênero, demarcando níveis e formas diferentes de opressão. Percebe-se que, na prática, os ideais liberais relacionados aos direitos dos indivíduos eram válidos, na verdade, para “adultos, chefes de família masculinos” (OKIN, 2008, p. 308). O feminismo surge como filho – indesejado – da corrente filosófica liberal, denunciando, desde o século XVII, a ideia de “neutralidade” liberal, preenchida nas entrelinhas com “masculinidade”. Assim como o liberalismo, a primeira onda feminista que surge na Europa possuía o individualismo como Teoria Social geral, ou seja, o entendimento de que todos são livres e iguais, emancipados das hierarquias baseadas nas convenções e laços tradicionais (BIROLI, 2013).

Desde o fim do século XVIII, as feministas¹⁰ liberais começaram a analisar a interdependência entre as duas esferas *pública* e *privada* (WOLLSTONECRAFT, 2016), pois perceberam, na prática, os limites e as desvantagens do modelo capitalista-liberal para as mulheres (BIROLI, 2013). Olympe de Gouges¹¹, Mary Wollstonecraft¹² e Nísia Floresta (no Brasil) foram pioneiras na luta contra a diferenciação entre os sexos, na sociedade liberal. Elas tinham em comum o engajamento no projeto de emancipação das mulheres, a começar pelo acesso à educação e à inclusão na vida pública (WOLLSTONECRAFT, 2016). A elas

¹⁰ As europeias surgiram em um contexto de Revolução Francesa e Iluminismo. Surgiram como as primeiras feministas, fundadoras do movimento social, no mundo Ocidental. Questionavam a constituição francesa e os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade que deixavam de fora as mulheres. Eram militantes e criticavam a moral sexista e conservadora da época (WOLLSTONECRAFT, 2016).

¹¹ “Essas duas feministas inauguraram a idade do feminismo como movimento social que emergiu juntamente com os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Um feminismo que defendia a República laica e a cidadania plena para todos, e como movimento de radicalização da democracia. Para além da esfera dos discursos, um feminismo de sujeitos do próprio desejo, de superação da independência financeira” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 15).

¹² Mary Wollstonecraft é considerada a precursora da luta pelo direito ao voto feminino e na construção de uma teoria política feminista, na ótica Ocidental. Ela escreveu a obra *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, um clássico feminista, considerada atual e de escrita moderna. Foi a primeira a demonstrar que “ninguém nasce mulher” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 16), lançando os fundamentos ontológicos da teoria dos gêneros.

juntaram-se outras estudiosas feministas¹³ que entendiam a ideia de cidadania como uma construção sob a perspectiva do homem branco e proprietário. Nessa corrente, a diferença na socialização entre meninos e meninas é compreendida como a responsável pelo *status* mais baixo das mulheres (AVELAR, 2015). Além disso, o direito ao voto é considerado fundamental para a conquista de outros direitos. As feministas liberais defendiam o princípio da “potencialidade igualitária” (AVELAR, 2015, p. 208) baseada na promessa de igualdade, e não na real igualdade.

Atualmente, as perspectivas do feminismo liberal são alvo de duras críticas dentro do movimento, principalmente por vertentes marxistas e radicais e, em especial, pela *nova onda feminista* que citamos anteriormente. O *feminismo para 99%*, como foi intitulado, organizou as principais premissas, em manifesto, incluindo perspectivas anticapitalista, anti-imperialista, antirracista, de libertação sexual, ecossocialista e internacionalista (ARRUZZA *et al*, 2019). A compreensão é de que as várias “crises” vivenciadas, nos dias atuais, são resultado do funcionamento predatório do capitalismo enquanto sistema e que, em todos os contextos, as mulheres são as mais prejudicadas, possuindo níveis de opressão alargados conforme raça, classe, sexualidade, nacionalidade.

A compreensão é de que os trabalhos iniciais das feministas liberais foram necessários em determinado período históricos, e importantes para as primeiras reflexões sobre as origens da opressão das mulheres. Enquanto parte fundante da Teoria Política Feminista, contribuíram para a elaboração de novas vertentes e epistemologias feministas como reflexo do próprio aspecto autocrítico e plural da teoria, com destaque para a contribuição fundamental das feministas negras, mas citam-se ainda as indígenas, as decoloniais, as classistas, as ecofeministas, as transfeministas. O pensamento feminista se atualiza e se amplia, conforme novas questões práticas e teóricas vão sendo postas à questionamento na ordem social.

Historicamente, existe uma “baixa efetividade de direitos” (BIROLI, 2018, p. 10) femininos das mais variadas amplitudes (desde a integridade física à equiparação salarial¹⁴) e que são, em certa medida, resultado de práticas normalizadoras tanto de instituições quanto dos indivíduos agindo socialmente. Por isso, ainda que o feminismo enquanto corrente intelectual seja heterogêneo, identificam-se dois eixos principais de críticas à democracia liberal. De acordo com Biroli (2018), a primeira premissa está relacionada à dualidade entre

¹³ Os ideais liberais estão relacionados aos direitos dos indivíduos que são representados basicamente por “adultos, chefes de família masculinos” (OKIN, 2008, p. 308).

¹⁴ Conforme Biroli (2018, p. 21) explica “(...) a diferença entre o rendimento médio das mulheres e dos homens permanece em torno de 25%, e a profissionalização não garantiu acesso igualitário às diferentes ocupações”.

esfera pública e esfera privada, e como influenciam a organização das relações sociais de gênero. Trata-se de importante debate, já que as relações de poder são excessivamente assimétricas e desvantajosas entre os sujeitos, capilarizando-se para os mais diferentes campos da vida cotidiana, como a política institucional, tema desta pesquisa. Já a segunda premissa envolve a “análise da posição concreta dos indivíduos nas relações de poder, consideradas as formas que essa posição assume na vivência cotidiana” (BIROLI, 2018, p.10). Isto é, a importância do exame crítico sobre as lutas por direitos e de que forma são constituídos, tendo como base o lugar desses indivíduos nas relações de poder. A combinação entre origem da opressão e a localização distinta dos sujeitos políticos, seus saberes e suas experiências favorece o olhar plural também sobre as dinâmicas existentes entre os indivíduos nessas relações de poder, possibilitando que sejam “revistas, subvertidas, transformadas” (ARRUZZA *et al*, 2019) e assim, afastando a ideia de condição única de passividade dos indivíduos.

As duas premissas centrais na discussão a respeito da questão de gênero serão debatidas nesse capítulo, começando pelas desvantagens entre os gêneros na ideia de separação entre os espaços *público* e *privado*. No tópico a seguir, serão compreendidos, de forma mais detalhada, os tensionamentos dos limites existentes entre as duas esferas; no tópico 2.3, discorreremos sobre as práticas de resistência e a atuação política das mulheres por frentes extra-institucionais como uma alternativa frente à marginalização feminina na política formal; já as desigualdades e as relações de poder serão tensionadas no tópico 2.4.

2.2 Tensões sobre o *público* e o *privado*

Como vimos, a mulher e a sua presença nos espaços públicos foram tolhidas ao longo dos séculos: a tentativa de silenciamento da voz e a apropriação do corpo¹⁵. As raízes da opressão fazem parte da lógica de produção capitalista, na qual as relações contratuais naturalizaram a exploração da classe dos trabalhadores e, de maneira mais acentuada, das mulheres (FEDERICI, 2017). A dualidade entre o público e o privado é o ponto de partida da crítica feminista, no mundo Ocidental, seguindo os devidos marcadores sociais como raça, classe, sexualidade, nacionalidade (entre outros). As teóricas feministas corroboram a ideia de que separar as duas esferas é uma distinção liberal e ideológica de manutenção da perspectiva

¹⁵ Ora, o controle exercido sobre a função reprodutiva das mulheres, os estupros e a violência doméstica, maus-tratos, a imposição de um padrão de beleza como uma condição de aceitação social, são aspectos de como o corpo feminino é vítima de apropriação (FEDERICI, 2017).

masculina hegemônica, na qual, para se manter enquanto estruturante, distingue ideologicamente *público* e *privado* (OKIN, 2008; PATEMAN, 1993). É necessário entender a relação entre ambos, e como se autossignificam. Carole Pateman (1993) trata, em detalhes, sobre o tema ao analisar as origens dos termos *público* e *privado* como elementos de significação da *sociedade civil*, termo que a autora também trabalha e corresponde à lei do direito sexual masculino. Para Pateman (1993), o contrato original é também um *contrato sexual*, pois atua na definição biológica dos sexos para marcar distinções políticas.

A história do contrato social, ainda segundo a autora, elege os homens como dotados de capacidade (racionalidade) necessária para atuar na esfera pública, que é de interesse público, e os posiciona em primeiro plano ao configurar os campos civil e da liberdade. Enquanto que a esfera privada se relaciona com o ambiente doméstico, o casamento e o contrato matrimonial, considerados politicamente irrelevantes. Ainda assim, as esferas têm relação entre si, e uma auxilia na significação da outra. A esfera privada tem peso fundamental, já que é o “alicerce natural e necessário da vida civil” (PATEMAN, 1993, p. 28), mas é subordinada ao patriarcado¹⁶, que operacionaliza as relações civis a partir da dominação masculina. O contrato social é compreendido sob duas perspectivas paralelas: a história de liberdade (homens) e a de sujeição (mulheres). Esta é, portanto, a forma clássica e tradicional da divisão do trabalho entre os gêneros que acabaram por se tornar os dois âmbitos centrais da modernidade (MATOS, 2018).

Na obra de Pateman (1993), a própria autora define o surgimento da “história moderna do patriarcado” (1993, p. 12), porque, na transição da Idade Média para a Modernidade, a história política foi redesenhada para que a transferência de poder - e a sua justificação - passassem do parentesco (pai) para a fraternidade (homens). Quem “escreve” essa história é o seu principal protagonista: o homem. Ele seria o único indivíduo dotado de direito civil, sob os moldes liberais. A sociedade civil se traduz em um direito patriarcal que, por sua vez, configura a liberdade civil (masculina). Dentre os direitos dos homens, está o exercício do matrimônio, do trabalho e da prostituição. Isso significa a posse da *propriedade* sob outras pessoas que o homem enquanto indivíduo dotado de direito civil possui: “O contrato original cria a sociedade civil patriarcal em sua totalidade. Os homens passam de um lado para outro, entre a esfera privada e a pública, e o mandato da lei do direito sexual masculino rege os dois domínios.” (PATEMAN, 1993, p. 29).

¹⁶ Não há um consenso sobre a definição de patriarcado, mas Pateman (1993) divide o debate sobre o tema em dois: 1) patriarcado interpretado literalmente; 2) patriarcado como uma relíquia do antigo mundo do *status* ou uma ordem natural de sujeição. Isto é, um resquício do antigo mundo do direito paterno que precedeu o novo mundo civil do contrato.

Nesse sentido, os sujeitos masculinos ficam “livres” para exercer o controle sobre outros integrantes da esfera privada que não gozam da mesma condição de indivíduos de direitos. Isentos de interferências do Estado, da Igreja, de vizinhos, os homens (chefes de família) podem exercer esse controle da servidão alheia de forma legítima (OKIN, 2008). Enquanto Pateman (1993) se debruça na análise dos significados de cada esfera, o foco de Susan Okin (2008) está no olhar mais minucioso para a relação entre público e privado, e como a dualidade (e a ambiguidade) entre os termos é desfavorável do ponto de vista de gênero¹⁷. O artigo *Gênero, o público e o privado* é uma resposta de Okin (2008) à deficiência na Teoria Política Moderna, que omite a perspectiva da mulher frente a estreita ligação que existe entre *público* e *privado*, debate que se tornou central para diversas teóricas feministas. Ambas as teorias, clássica e contemporânea, na visão da autora, cometem as mesmas falhas: apontam a distinção entre *público* e *privado*, doméstico/não doméstico, identificando-os como autossuficientes.

Okin (2008) critica a forma como esse debate clássico sobre ambas as esferas é realizado, pressupondo que cada uma existe isoladamente, sem relacionarem-se intimamente. Os estudos feministas que refletem sobre *gênero* como uma categoria de análise ajudam a entender porque as esferas não podem ser compreendidas separadamente, pois significa reforçar a desigualdade de gênero estruturada socialmente, negando a existência de opressões baseadas no sexo (e naturalizadas pelas instituições). Além disso, impede que temas considerados “privados” participem do debate público - o que, claro, favorece a diferentes tipos de violência e práticas antidemocráticas (BIROLI, 2018; CAL, 2016; MIGUEL; BIROLI, 2011, 2014; OKIN, 2008; PATEMAN, 1993; SARMENTO, 2017).

A família, enquanto instituição é central no debate sobre a reprodução das desigualdades de gênero, já que reforça a divisão sexual do trabalho - e é outra preocupação de Okin (2008). Nos estudos clássicos, há o julgamento da família como elemento “não-político”, ou seja, temática que fica omissa nos trabalhos clássicos e contemporâneos. Okin (2008) defende fortemente os esforços de feministas junto à Teoria Política por demarcarem o lugar feminino nas relações sociais e reexaminarem os estudos clássicos e contemporâneos, que falham ao não tratarem a política sob a perspectiva de gênero, sem questionar a ambiguidade existente entre o público/doméstico.

¹⁷ Em Okin (2008), a definição de gênero corresponde à “à institucionalização social das diferenças sexuais; é um conceito usado por aqueles que entendem não apenas a desigualdade sexual, mas muitas das diferenciações sexuais, como socialmente construídas” (2008, p. 306).

A autora aponta as dualidades. A primeira diz respeito ao próprio “uso da terminologia” (OKIN, 2008, p. 306), isto é, a distinção entre Estado e sociedade como sinônimos de propriedade pública e privada. A mesma lógica é válida para a vida não-doméstica e a vida doméstica. A ambiguidade terminológica versa sobre a sociedade civil compreendida como “sociedade” (privado) e, no segundo contexto, entendida como o “não-doméstico” (público). O segundo apontamento da autora se revela no interior da dicotomia público/doméstico, na qual reside outra ambiguidade: a divisão do trabalho entre os sexos. Os homens, enquanto sujeitos da esfera da vida econômica e política, e as mulheres da domesticidade e da reprodução. Okin (2008) dedica seus esforços à dicotomia não-doméstico/doméstico, pois a existência duradoura dessa dicotomia é que reforça a omissão dos teóricos políticos modernos na abordagem sobre a natureza política da família e da justiça na vida pessoal, os quais são pontos fundamentais no contexto de desigualdades de gênero.

O debate sobre as relações de trabalho baseadas na distinção de sexos não pode ser deixado de lado nas democracias liberais do Ocidente, e entendido como especificidade de um grupo (simbolicamente) minoritário, ou seja, preocupação apenas das mulheres. Quando a divisão sexual do trabalho é tratada como temática politicamente irrelevante, colocam-se em xeque as premissas do liberalismo e dos direitos que se definem a partir dele. Isto é, no contexto de garantia formal de direitos dos indivíduos, manter a distinção entre as duas esferas e a oposição binária dos sexos significa justificar a disposição dissonante dos recursos e oportunidades (MIGUEL; BIROLI, 2015), perpetuando relações de poder hierarquicamente desfavoráveis às mulheres.

A relação é tensa entre os valores liberais (como o igualitarismo e a autonomia) e a democracia em si, pois o que se prega na Teoria Liberal cai em contradição com as práticas sociais, uma vez que há formas de opressão veladas impedindo a efetivação dos pressupostos liberais entre grupos marginalizados, como as mulheres. A compatibilidade do regime liberal com profundas sujeições vividas entre minorias políticas revela o seu caráter dicotômico, identificado por alguns autores como Miguel (2018), que se refere à existência de um “paradoxo da democracia”; e Matos (2018), que faz críticas às exclusões na democracia representativa: “Se, por um lado, a nova arquitetura do regime liberal foi capaz de expurgar os antigos modelos aristocráticos vigentes, de outro, com certeza foi responsável por promover novas (e mesmo repor antigas) exclusões” (2018, p. 266).

Já Biroli (2013) argumenta que a origem de muitas críticas feministas foi a comprovação de que as democracias liberais geraram a universalização dos direitos ao mesmo tempo que privaram vários indivíduos de oportunidades para realmente conseguirem exercer a

autonomia e a autodeterminação. O cotidiano das sociedades democráticas liberais contemporâneas demonstra que o igual valor dos indivíduos, que pressupõe normativamente o liberalismo, é incongruente:

São desiguais as condições, materiais e simbólicas, nas quais os indivíduos exercem sua liberdade e buscam determinar autonomamente suas vidas, assim como são desiguais as garantias de integridade individual (física e psíquica) e de igual participação nas decisões que lhes afetam (BIROLI, 2013, p. 12).

São incursões que levam a questionamentos sobre fatos, no âmbito do gênero, como o das altas taxas de feminicídio, de estupro, violência doméstica, abuso sexual infantil contra meninas, etc. Crimes que, quando transversalizados com raça e classe, tornam-se ainda mais cruéis, já que as vítimas majoritárias passam a ter perfil em comum: populações negras, periféricas. Há exclusão social e exclusão política institucional que se relacionam entre si. Quando lançamos luz sobre nossos representantes políticos, percebemos que quase sempre são “homens, brancos, profissionais liberais, heterossexuais” (MATOS, 2018, p. 267) e que, muitas vezes, atuam com excesso de autonomia respaldada na ideia de autorização eleitoral, e acabam por se distanciar dos cidadãos, durante o processo político de tomada de decisões.

No âmbito da questão de gênero, a divisão sexual do trabalho direciona o lugar da mulher, restringindo oportunidades e definindo possibilidades. Isso porque seu *status* fica atrelado à vida doméstica e às atividades de cuidado, refletindo, assim, um cenário desvantajoso em que, para elas, os obstáculos informais à participação política, no âmbito institucional, estão relacionados a “dinâmicas sociais de desvantagem”, das quais fazem parte componentes materiais e simbólicos (BIROLI, 2018, p. 171).

Mas, se a divisão sexual do trabalho é um debate caro ao feminismo, fazemos um adendo para a indicação de Sarmiento (2017) sobre outra questão central nos estudos feministas: o sujeito do feminismo. A existência de uma *identidade coletiva*, representada pela categoria *mulher*, é alvo de discussões frequentes na corrente feminista. A pluralidade de feminismos com diferentes vertentes, epistemologias, metodologias e a ação dos movimentos sociais torna esse um grande desafio, pois fazer parte de um grupo não necessariamente significa expressar suas demandas. O essencialismo é um risco inerente ao discutirmos a categoria mulher que, em si mesma, é “produto das relações de dominação que se deseja abolir” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 81). Há a dominação masculina, e ainda a dominação dentro do próprio feminismo nas disputas de protagonismo entre mulheres brancas e negras/não brancas. Hooks (2019) explica que, principalmente, dentro dos movimentos feministas, as lideranças utilizam-se da “supremacia branca” para priorizar demandas de

mulheres brancas (2019, p. 19). Desta forma, nega-se e apaga-se o sofrimento de mulheres negras.

A forma como o binarismo sexual incide sobre as mulheres é distinto e sentido de maneira diferenciada, a depender de marcadores sociais como raça¹⁸, classe, idade, pois o gênero só existe quando vinculado a essas variáveis. As necessidades e as experiências das mulheres não são idênticas e homogêneas, e o feminismo deve ter a preocupação indispensável nos debates de uma perspectiva interseccional, e como esse viés se configura sob os mecanismos de reprodução de desigualdades (BIROLI, 2013). Para, além disso, considerar as múltiplas formas de enfrentamento, próprias para cada local, cada cultura, cada situação. Isto é, o feminismo enquanto “projeto emancipatório” das mais plurais lutas sociais (ARRUZZA *et al*, 2019, p. 119). E, ainda que plural, é necessária a busca por pontos de vista em comum entre tantas mulheres, já que, por mais desafiador que seja, as lutas coletivas demandam identidades coletivas (MIGUEL; BIROLI, 2014). Tais demandas precisam se materializar em soluções urgentes para a vida cotidiana, isto é, em legislação e políticas públicas.

Sendo assim, nosso ponto de partida nesse debate sobre pluralidades no feminismo e a categoria mulher é o de entender, fundamentalmente, a questão de gênero como um tema basilar às mulheres, já que todas, segundo as perspectivas adotadas nesta pesquisa, em alguma medida, sofrem com a opressão masculina. À figura feminina, de modo geral, é delegada posição semelhante de subordinação, de tentativa de silenciamento e de controle dos corpos. Além disso, as mulheres se diferem de outros atores, pois “são diferentemente marcadas e oneradas pela divisão de tarefas e responsabilidades segundo os recursos que detêm para ‘driblar’ o tempo e a energia que tais tarefas requerem” (BIROLI, 2018, p. 21). Em outras palavras, a afetação é diferenciada, mas a dominação masculina é a “causa comum” e se operacionaliza pelo sistema patriarcal, racista e colonizador que se mantém ativo, mesmo diante do estabelecimento de leis.

¹⁸ Ângela Davis em *Mulheres, raças e classes* (2016) discorre sobre como as opressões sociais são nuançadas e marcadas por hierarquias em que a questão racial tem centralidade no que cerne a formação das sociedades escravocratas. A proposta é de um novo entendimento epistemológico que considere a intersecção entre raça, classe e gênero. Em um trecho do livro, a autora explica a relação entre gênero e raça na sociedade capitalista: “Com a chegada do século XX, um casamento ideológico sólido uniu racismo e sexismo de uma nova maneira. A supremacia branca e a supremacia masculina que sempre se cortejaram com facilidade, estreitaram os laços e consolidaram abertamente o romance. Durante os primeiros anos do novo século, as ideias racistas ganharam influência como nunca. A atmosfera intelectual – mesmo nos círculos progressistas – parecia estar fatalmente contaminada por noções irracionais sobre a superioridade da raça anglo-saxã. Essa crescente promoção da propaganda racista era acompanhada por uma promoção igualmente acelerada de ideias que denotavam a inferioridade feminina” (2016, p. 127).

A sub-representação feminina na política formal é uma das consequências da dominação masculina, além de ser elemento que se relaciona e se incorpora ao sistema político brasileiro (MIGUEL; BIROLI, 2015). A dualidade *público* e *privado*, pela qual a divisão sexual do trabalho¹⁹ produz hierarquias de gênero, sinaliza as causas de as mulheres ainda serem sub-representadas institucionalmente, mesmo sem obstáculos legais. Nas últimas duas décadas do século XX, as relações de trabalho, o acesso à educação e as posições sociais entre homens e mulheres passaram por transformações que possibilitaram a redução (insuficiente sim) das distinções baseadas no binarismo de gênero. O direito ao voto, a entrada da mulher no mercado de trabalho, o aumento da escolarização feminina, a Lei Maria da Penha e a Lei de Cotas (Lei nº 12.034/2009), são apenas alguns exemplos das conquistas femininas. Entretanto, as variáveis existentes nas relações entre os ambientes público e privado produzem efeitos que, muitas vezes, driblam o previsto em lei. São barreiras invisíveis, mas que produzem consequências concretas. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), as mulheres corresponderam a 52% dos eleitores nas eleições de 2018²⁰. Ainda assim, representam apenas 43% dos filiados dos partidos²¹, 30% dos candidatos²², 10% dos eleitos²³ e possuem apenas 5% dos recursos disponibilizados pelos partidos²⁴ para as campanhas femininas. Dados instigantes que indicam como o ambiente público ainda é hostil à presença da mulher, comumente, vista como uma “estranha”, uma “intrusa”.

Miguel e Biroli (2014) reuniram três principais fatores da sub-representação: o isolamento da mulher na vida doméstica, o que influencia em menor rede de contatos; a dupla jornada de trabalho feminina, que reduz o tempo livre para outras atividades; e os padrões de socialização (papéis de gênero), que inibem a participação das mulheres na esfera política por se entender, socialmente, que o ambiente é masculino. É oportuno a inclusão a esse conjunto de fatores intimidadores às mulheres no espaço político, outro elemento: a *violência política*

¹⁹ Conforme explica Biroli (2018), existem dois pressupostos que direcionam a problemática existente nesse tema: o primeiro diz respeito à como a divisão sexual do trabalho se tornou um pilar que estrutura as hierarquias de gênero nas sociedades contemporâneas; e o segundo, corresponde ao modo diferenciado que as hierarquias de gênero operam de acordo com a posição de classe e raça das mulheres.

²⁰ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Marco/mulheres-representam-52-do-eleitorado-brasileiro>. Acesso em: 24.08.2018.

²¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/porcentagem-de-filiadas-supera-a-de-candidatas-nos-partidos.shtml>. Acesso em: 24.08.2018.

²² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/porcentagem-de-filiadas-supera-a-de-candidatas-nos-partidos.shtml>. Acesso em: 24.08.2018.

²³ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-10/apenas-12-das-mulheres-candidatas-foram-eleitas-para-prefeituras>. Acesso em: 24.08.2018.

²⁴ Isso deve mudar após a recente decisão do Tribunal Superior Eleitoral garantindo 30% dos recursos dos partidos para as campanhas femininas.

*sexista*²⁵. As poucas mulheres que alcançam as cadeiras dos cargos eletivos costumam ser vítimas desse tipo de violência mais “velada”, naturalizada no ambiente de trabalho (rotinas, hábitos) e também na cobertura midiática (informação verbal²⁶). Assim como as violências física e psicológica, a *violência política sexista*²⁷ é um tipo bastante nocivo devido ao seu caráter implícito:

(...) é uma forma de violência baseada no gênero com vistas à manutenção dos privilégios masculinos nesse campo. Incorrem contra aquelas que possuem, de alguma forma, intervenções na vida pública e política para expulsá-las de lá. Definem barreiras ou imposições de exclusão à atuação feminina nos processos de decisão como última fronteira do poder de privilégio masculino (informação verbal).

Todos os aspectos citados acima têm relação com a divisão sexual do trabalho que, ainda que não seja a única produtora das desigualdades no sistema político, torna a rotina das mulheres (de cuidados com os filhos, de trabalho doméstico e de trabalho externo) quase que incompatível com a rotina política. Em outras palavras, tempo e recursos (rede de contatos, por exemplo, importante para a construção da carreira política) são distintos entre homens e mulheres. Com base na literatura internacional e em estudos realizados no Brasil, Biroli (2018) reforçou a relação existente entre a participação política feminina e a divisão sexual do trabalho. A autora indicou que os valores e os padrões sociais formadores da base do binarismo sexual são também fundantes da divisão sexual do trabalho. As faltas de financiamento e de visibilidade costumam ser apontadas como fatores inibidores da inserção das mulheres na vida política, mas como debatemos, não só isso. Existem fatores ideológicos, materiais e da “ordem do acesso assimétrico a recursos” (BIROLI, 2018, p. 48) que compõem um conjunto de desestímulo à participação política da mulher.

Se a política se atualiza ao longo dos anos como um espaço masculino (BIROLI, 2018), e a opressão feminina permanece se reajustando aos novos padrões do capitalismo liberal, a análise crítica dessas duas esferas - que se autossignificam - é essencial para que a perspectiva de gênero esteja presente no debate público, como reflexo das necessidades de um grupo representante de mais de metade da população no Brasil. Politizar demandas historicamente negligenciadas, ressignificar as barreiras do que é e o que não é político (da esfera pública) na democracia liberal hierarquizada que exclui politicamente alguns grupos. É

²⁵ Esse conceito foi apresentado pela professora Marlise Matos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), durante a palestra que era ministrante sobre o mesmo tema, no evento Nova Rede de Pesquisas em Feminismos e Política, realizado na Universidade de Brasília (Unb), no dia 28 de fevereiro de 2018. A pesquisa sobre o tema segue em andamento pela pesquisadora.

²⁶ MATOS, Marlise. Informação obtida durante palestra no evento Nova Rede de Pesquisas em Feminismos e Política. Brasília: 28 fev. 2018.

²⁷ Mais detalhes disponíveis em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/conjunturando/violencia-politica-sexista-na-semana-da-mulher>. Acesso em: 08.03.2018

primordial também para compreendermos de que forma as experiências e as oportunidades das mulheres são reprimidas (tentativas de silenciamento e marginalização feminina na esfera pública) e, para, além disso, de que forma questionam o lugar onde são colocadas, como se reposicionam como sujeitos políticos nas relações de poder.

Subverter a lógica dominante e os diferentes lugares que podem ser ocupados pelos sujeitos nessa dinâmica é importante para repensarmos o poder não somente como sinônimo de governo ou de comando, ou ainda como dominação, mas como elemento presente nas relações entre os parceiros individuais ou coletivos, e que pode assumir diferentes facetas. Para Hirata *et al* (2009), as palavras expressas pelas mulheres, assim como o que há de essencial em seus discursos, são mediados pelo sexo que as comanda, revelando ainda a submissão da subjetividade. Por isso, o caminho para as mulheres alcançarem o “estatuto de sujeito livre” está na capacidade de “dizer eu”, ou seja, de sinalizar a própria existência em contextos coercitivos. As autoras entendem que o poder feminino está em “aceder à autonomia, transgredindo as normas do grupo, por definição, coercitivas”, isto é, realizando a passagem de sujeito submisso a “sujeito livre” por meio dos questionamentos (2009, p. 186-187).

O desafio na abertura do caminho de liberdade do sujeito está em utilizar o poder da palavra e o poder da ação femininos, no contexto de democracia representativa. No âmbito institucional, é majoritariamente configurada pela presença de uma elite masculina, principalmente, nos cargos de liderança, e cujo entendimento popular de sua definição continua associado a premissas clássicas de procedimento eleitoral (voto), de concessão de autorização e da separação entre o *público* e o *privado*. No caso específico desta pesquisa, é valioso observar essas configurações *discursivamente* na análise dos vídeos postados pelas vereadoras de Belém e de Manaus, em um espaço comunicativo pouco tradicional para a representação política: o Facebook. São nuances que serão mais bem detalhadas no capítulo 4.

2.3 Mulheres e política: vozes contestatórias

O poder como dominação ou autoridade contribui na definição das regras de quem participa e como participa do debate público, conforme é notado no cenário de desvantagem em que estão as mulheres na política formal. Mas ainda que a linguagem hegemônica exista nos espaços decisórios, ela não é totalizante. É preciso muito cuidado ao tentar relacionar as mulheres enquanto sujeitos que não respondem por suas preferências e suas decisões por serem orientadas pelo viés masculino. A essencialização pode significar um "reforço à visão

de que não são política, moral e eticamente competentes" (BIROLI, 2013, p. 36), posicionando-as em um local de vitimização e docilidade, reforçando, assim, a ideia de que necessitam ser tuteladas.

Ainda que o silenciamento e/ou a captura da voz das mulheres ao longo da História sejam subprodutos das relações de poder em que há hierarquia de gênero, não se adota, nesta pesquisa, a perspectiva totalizante dos sujeitos. Não se presume o silenciamento total ou a dominação total das mulheres, ainda que haja estruturas dispostas a isso. Quando se lança luz sob o âmbito do Estado, observa-se a sub-representação feminina, identificada como uma das controvérsias da democracia representativa, e relacionada a estruturas naturalizadoras de opressão (divisão sexual do trabalho). Mas, não simplesmente como a consequência exclusiva da falta de políticas públicas e de legislação que amparem, de maneira mais ampla, as demandas femininas – ou, ainda, como justificativa para culpabilizar a falta de interesse das mulheres na participação política.

Conforme Biroli (2018), a sub-representação feminina “não significa que (as mulheres) não atuem politicamente, mas, sim, que essa atuação é dificultada” (2018, p. 175) Ao contrário, as opressões possibilitam que mulheres repensem seu lugar na ordem social. Em se tratando de política institucional, as barreiras de acesso e de permanência femininas, nesse campo, provocaram reações, no sentido do desenvolvimento de novas formas de *fazer política*, capazes de produzir efeitos no âmbito do Estado. Isto é, são caminhos alternativos para chamar a atenção para a pauta feminista por meio de protestos, formação de coletivos, campanhas, marchas e outras ações que não se restringem às disputas eleitorais.

Os movimentos grevistas feministas que iniciaram em 2016 são exemplos recentes de articulação política coletiva ocorrida fora dos espaços decisórios e de repercussão internacional. As iniciativas de mulheres já estão sendo identificadas por teóricas feministas, como a reinvenção da greve e do seu repertório de ações (ARRUZZA *et al*, 2019). No dia 08 de março de 2018, mulheres foram às ruas na Espanha para lutar contra a articulação entre patriarcado e capitalismo, sistemas que buscam a submissão, a obediência e o silenciamento de mulheres. Um ano depois, ainda em alusão ao Dia Internacional da Mulher, outro ato marcante reuniu diversas manifestações pelo mundo em defesa dos direitos da mulher, e de outras pautas antirracistas, antixenofóbicas, etc. Na Espanha, em Zaragoza, Madri e Barcelona, mais de meio milhão de mulheres trabalhadoras lotaram as ruas com cartazes, referindo-se à data como “um dia de luta”²⁸. No Brasil, também foram registradas

²⁸ Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/A-Espanha-teve-uma-das-manifestacoes-do-8M-mais-massivas-do-mundo>. Acesso em: 31.03.2019.

manifestações de mulheres em pelo menos 14 estados, levantando a bandeira pela vida das mulheres, pela democracia, contra o Governo de Jair Bolsonaro, contra a Reforma da Previdência e por justiça pela morte da vereadora Marielle Franco. No Pará, os atos ocorreram em Belém e em Santarém. No Amazonas, em Manaus. Para Arruzza *et al* (2019), os movimentos de mulheres representam novas formas de se pensar o modelo político e econômico vigente, questionando o neoliberalismo predatório que gerou diversas crises no planeta. É um feminismo com um “*ethos* diferente – radical e transformador” (2019, p. 28), capaz de reestruturar a noção de poder e de igualdade.

É válido ressaltar que a ação organizada de mulheres não ocorre a desgosto, como forma de ressentimento, e sim enquanto forma de se relacionar com os espaços formais de representação, produzindo efeitos práticos (BIROLI, 2018). É bastante interessante a análise do modelo presente de representação política, cuja definição se atrela fortemente à delegação de soberania, e possui grande distanciamento entre representante e representado. O feminismo, enquanto movimento *outsider*, faz-se atuante também dentro do Estado, ao possibilitar o surgimento de noções renovadas sobre representação política como processo comunicacional, difuso e sistêmico (GARCÊZ, 2017), complexo, dinâmico e que envolve as tensões entre Estado e sociedade (URBINATI, 2006).

É por isso que as mulheres tiveram avanços na legislação e na conquista de direitos, mesmo diante da baixa representação política. Uma das “peculiaridades” do feminismo como corrente é a combinação de dois elementos sociopolíticos, segundo Biroli (2017)²⁹: 1) a contribuição teórica no enfrentamento à desigualdade política institucional; e 2) a articulação entre pensamento feminista e militância com base na igualdade de gênero. A relação entre essas duas frentes foi detalhada por Avelar (2015), que se debruçou sobre os aspectos da atuação extraparlamentar das mulheres como movimento social e em resposta às restrições de acesso aos espaços públicos institucionalizados. O principal conceito trazido pela autora é o de feminismo de Estado³⁰, considerado a “chave unificadora” (2015, p. 216) para a compreensão do poder de agência feminino no processo político para além do âmbito institucional, com destaque para os movimentos feministas e grupos organizados de mulheres.

²⁹ De maneira mais detalhada, Biroli (2017) explica as duas peculiaridades do feminismo: “1) Trata-se, amplamente, de um pensamento elaborado por mulheres e, portanto, por aquelas que foram historicamente excluídas e são, ainda hoje, incluídas desigualmente da política institucional, que é o objeto primordial da Ciência Política; 2) trata-se ainda de um pensamento que se define em conexão com o ativismo feminista e é abertamente referenciado por um valor, a igualdade de gênero” (2017, p. 174).

³⁰ Para a autora, feminismo de Estado é definido como “feminismo institucionalizado em agências públicas, ou ainda como a capacidade do Estado para responder às demandas das agências feministas, ou simplesmente como a *advocacy* dos movimentos de mulheres no âmbito do Estado” (AVELAR, 2015, p. 216).

Para isso, a autora realiza um apanhado geral de algumas das principais vertentes do feminismo: liberal, socialista, marxista, radical. A partir delas, detalha quais as perspectivas dessas linhas de pensamento no entendimento da origem opressão e da relação com o Estado e o capitalismo. Além disso, traça o caminho percorrido dentro da academia para a elaboração de estudos sobre gênero e ciência política, identificando que as contribuições feministas para a Teoria Política sempre ocorreram às margens, ou seja, em um lugar de *outsideness*. No Brasil, o desenvolvimento da teoria crítica feminista ocorreu paralelamente aos estudos das ciências sociais, enquanto que as primeiras manifestações das mulheres brasileiras datam da segunda metade do século XIX. Nessa época, as figuras de liderança ocupavam espaços de visibilidade na imprensa e eram representadas por “senhoras de classe alta com a intenção de torna-las úteis à sociedade” (AVELAR, 2015, p. 211). Desde então, percebemos a aplicação de estereótipos para deslegitimar a articulação de mulheres em busca do reconhecimento como sujeito político. São ataques simbólicos à figura feminina deslocada de seu lugar padrão:

No início da década de 1920, as líderes do nascente movimento das *suffragettes* eram médicas, dentistas, escritoras, escultoras, poetisas e pintoras, engenheiras civis, cientistas, funcionárias públicas e parentes de políticos de alta elite. Um grande nome, a pesquisadora Bertha Lutz. Mesmo assim, não escaparam aos ataques da imprensa, que frequentemente as acusava de pertencerem ao terceiro sexo, carentes de charme feminino, histéricas, *declassées* (AVELAR, 2015, p. 211)

Para Avelar (2015), é inerente aos sistemas políticos democráticos o surgimento de “novas forças políticas” (2015, p. 207), que assim se organizam baseadas nos laços comuns identificados entre os integrantes. Isto porque, o ponto de partida de toda a ação coletiva é a identidade coletiva (MIGUEL; BIROLI, 2015). Claro que não significa dizer que é um elemento absoluto ou definitivo, mas que está em constante transformação. Neste sentido, a tendência é que grupos politicamente marginalizados lutem pela representação política de suas demandas. As mulheres são exemplo destas “forças de constituição recente” (AVELAR, 2015, p. 207), na democracia brasileira devido às restrições de gênero no campo político-institucional.

Portanto, ao mesmo tempo em que se aumentou o nível de escolaridade das mulheres, maior passou a ser a participação em movimentos sociais, estudantis e sindicais, aprendendo, assim, a fazer outras formas de política para além dos canais institucionais e partidários. Esse foi um processo fundamental na constituição da mulher como sujeito político, pois a articulação feminista passou a ser reconhecida pelo Estado brasileiro e, conseqüentemente, a influenciar na agenda pública, resultando em conquistas de direitos nos

campos da legislação e políticas públicas. Para a autora, esse resultado positivo para as demandas femininas, mesmo diante da sub-representação institucional, foi possível devido, principalmente, ao “associativismo” somado à participação em instâncias³¹ ofertadas pelo Estado. Avelar (2015) entende, ainda, que as redes de mulheres junto às agências de Estado são formas de compensar os baixos índices de representação feminina por vias eleitorais, asseguram a posição de novos sujeitos políticos e democráticos.

A atuação como *outsider* possibilitou que a agenda feminista não fosse negligenciada e, para, além disso, segundo Biroli (2010), que a sub-representação feminina fosse transformada em “problema político” (2018, p. 180). Apesar da ação política extra institucional das mulheres, pelas organizações, coletivos, movimentos e agências de notícias feministas, ser uma forma renovada e uma alternativa de representação política, para Biroli (2018), a presença de mulheres formalmente eleitas é imprescindível para a democracia representativa. Para a autora, há estreita relação entre a ampliação do sentido de democracia com a participação de mulheres, pois a ação coletiva de grupos marginalizados, como o das mulheres, pode levar à expansão do “espaço discursivo” em ambientes hegemônicos e predominantemente masculinos. A ressalva é a de que as reverberações produzidas pelas articulações de movimentos e agências feministas no debate público, em âmbito institucional, possuem limitações:

A efetividade dessa atuação é comprometida quando eles se mantêm na condição de “públicos fracos”, que podem produzir opiniões e engajar pessoas, mas obtêm efeitos restritos por não atuarem em espaços decisórios. É comprometida também quando, apesar de possibilitarem a interação e a definição de interesses compartilhados internamente a um público, encontram limites na difusão e no engajamento entre públicos mais amplos (BIROLI, 2018, p. 200).

Nesse sentido, o problema das mulheres não está na ausência de ação política, e sim na “desigualdade de acesso a recursos” (BIROLI, 2018, p. 201) que possibilitem a participação mais efetiva no debate político responsável por definir os interesses coletivos e ações políticas, no âmbito do Estado. É por isso que a discussão sobre a representação política se torna tão importante. Os espaços públicos devem ser ocupados também por corpos e experiências femininos, desnaturalizando a presença dominante de homens e politizando, por vias institucionais, a questão de gênero - ainda mais diante do aumento no número de grupos conservadores nas mais diferentes bancadas do Poder Legislativo e, agora, no Executivo também. Além disso, a representação política formal é importante para que as demandas das mulheres sejam transformadas em políticas e legislação, sem que, para isso, o caminho tenha

³¹ Avelar (2015) cita como exemplos: o Orçamento Participativo, os Conselhos e as conferências temáticas, em conexão com os movimentos, redes e ONGs, comissões e secretarias.

de ser mais longo, mais trabalhoso e, muitas vezes, incerto, como ocorre quando a atuação é quase que, unicamente, na frente da militância. Ora, as mulheres devem ter as mesmas chances de serem sujeitos políticos em todas as frentes, associativismo ou institucionalmente. Para Biroli (2018), quando há um desequilíbrio na frente formal de atuação política, surgem dois problemas centrais: 1) o controle (ou a falta dele) sobre a agenda pública; 2) a restrição da entrada de temas e perspectivas de grupos minoritários no debate público e nos espaços decisórios.

Não significa dizer também que o acesso de mais mulheres a cargos eletivos e de liderança nos espaços decisórios garantirá a centralidade da pauta feminista (BIROLI, 2015). Pinto e Silveira (2018), que analisaram 64 anos de carreiras políticas femininas no Brasil, descobriram que apenas duas representantes políticas tiveram alguma relação com a luta das mulheres, no período examinado. A hipótese das autoras é a existência de preconceito em relação ao movimento feminista no interior dos partidos políticos, o que provocaria o apagamento desse tipo de militância para maiores chances de construção de uma carreira política. Além disso, a pesquisa mostrou que não houve registro de coletivos que ajudaram a construir as candidaturas femininas. Todavia, Pinto e Silveira (2018) afirmam que a presença de mulheres no âmbito institucional é importante, pois mesmo sem experiência em militância e nos movimentos feministas, foi verificado, em outras situações, que as representantes políticas passaram a lutar pelos direitos das mulheres; ademais, a presença, ainda que pequena de mulheres, foi importante para a CF/88; a existência de Bancada Feminina (mesmo que não oficializada) trata de direitos das mulheres na Câmara de Deputados, e o mesmo acontece com o Senado Federal (que também possui o Jornal do Senado Mulher e a Procuradoria Especial da Mulher).

Para mais, a desigualdade política não irá acabar e nem será reduzida apenas com a presença de integrantes de grupos dominados no espaço de poder, no caso da eleição de mais mulheres nos espaços decisórios formais. O que muda, segundo Miguel e Biroli (2015), é que o “conjunto de tomadores de decisão se torna mais diversificado e, portanto, similar ao corpo social” (2015, p. 104), e isto, pode refletir em algumas clivagens sociais fundamentais na dinâmica existente nas relações de poder. Os grupos com maior vulnerabilidade social são aqueles mais afetados pelos estereótipos, na medida em que têm as oportunidades restringidas. Paralelamente, as imagens tipificadas desses grupos permitem que os constrangimentos e as violências contra eles sejam socialmente toleráveis (BIROLI, 2011). É o que ocorre com as mulheres, por exemplo, nas instituições políticas.

2.4 Desigualdades e relações de poder

Mas por que discutir diferentes relações de poder em se tratando de mulheres eleitas, isto é, mulheres que alcançaram postos de poder? Primeiro, porque mulheres assumindo cargos importantes de poder e de controle não significa, necessariamente, que estão assumindo também posição de igualdade em relação aos agentes tradicionalmente dominantes daquele ambiente configurado como produto das relações de poder assimétricas da oposição binária dos sexos. Como explicam Miguel e Biroli (2015), a política formal é um espaço social estruturado e com hierarquia interna própria, sob a qual os agentes devem se adequar à lógica e às normas de comportamento ou, então, são marginalizados. Ora, como vimos ao longo dos capítulos 1 e 2, historicamente, o ambiente público, que compreende a esfera política, é um espaço convencionalmente masculino. Portanto, atua contra as mulheres, impondo maiores obstáculos para que consigam alcançar posições de prestígio e de influência. Além disso, deixa de fora dos interesses do Estado pautas consideradas “domésticas”.

Ainda em Miguel e Biroli (2015), os grupos dominantes, que tendem a dispor de bens materiais (tempo livre), são melhor treinados na produção de discurso apropriado ao exercício da atividade, como resultado da própria socialização - além da cultura e da vivência universalizadas e normativizadas sob o ponto de vista da dominação masculina. No entanto, essa é apenas uma perspectiva de enxergar as relações de poder, ou seja, a forma mais evidente na qual o patriarcado imprime violências e opressões na vida das mulheres. Há outras nuances que trazem perspectivas renovadas sobre poder (CAL, 2016; ALLEN, 1998, 2013), e que complexificar essas relações para além do usual e do perceptível à primeira vista, movendo as mulheres do lugar de vítimas ou passivas. Os estereótipos, por exemplo, são “atalhos cognitivos” (BIROLI, 2011) que incidem sobre as relações de poder, atuando como um dos fatores inibidores da participação política feminina. Porém, eles podem ser utilizados também a favor dos próprios sujeitos dominados como forma de resistência, empoderamento, solidariedade, ou seja, não se restringem a uma única função.

As vereadoras de Belém e de Manaus, cujas postagens nos perfis pessoais e *fanpages* do Facebook são objeto de análise desta pesquisa, recorrem aos estereótipos para construir a fala pública. Entretanto, o discurso e o lugar das parlamentares são moldados conforme as dinâmicas das relações de poder presentes se interseccionam. Isso significa que as vereadoras não assumem unicamente a função de representante política na posição de dominada, e sim percorrem outros entendimentos sobre poder como resistência e solidariedade, conseguindo,

assim, em alguns casos, ressignificar os estereótipos que tentam limitá-las. É o que ocorre com a tipologia Mãe, por exemplo, uma das principais construções sociais sobre “ser mulher”, principalmente, na América Latina, comumente associada ao padrão submisso feminino. Todavia, as vereadoras de Belém e de Manaus, nos vídeos do Facebook, não acionaram o estereótipo maternal apenas em contexto de subordinação, mas também em relações de *power to* e *power with*, a depender da temática trabalhada pelas parlamentares.

Já os vídeos nas mídias digitais possuem indicadores discursivos da configuração discursiva da representação política numa perspectiva ampliada, para além das Câmaras Municipais, como a prestação de contas, as enquetes *online*, o balanço dos mandatos, as *hashtags*, os pedidos de compartilhamento de conteúdo *online*.

As teorias políticas contemporâneas lançam luz sobre as principais críticas aos limites das democracias liberais representativas e ao avanço da agenda social (como a feminista) atualmente. As análises foram reunidas por Biroli (2013) e Matos (2018): enquanto a primeira autora versa sobre a divisão sexual do trabalho e as relações de poder desvantajosas para alguns sujeitos, a segunda compreende que o mínimo para darmos o primeiro passo no desafio das instituições políticas brasileiras é a “promoção da igualdade e da justiça de gênero e raça” (MATOS, 2018, p. 264). São visões que se complementam, na medida em que o enfrentamento da dualidade *público* e *privado* só é possível por meio do debate crítico e ampliado em torno da questão de gênero - e gênero é indissociável de raça. As relações de poder, na esfera privada, configuram-se em problema de primeira ordem para o feminismo (MIGUEL; BIROLI, 2015), pois refletem as relações desiguais no âmbito do trabalho, no doméstico e no debate das decisões políticas. Ademais, igualdade e justiça só se tornam possíveis quando repensadas as relações de poder predominantemente baseadas na dominação masculina e no uso da violência. Sob outro prisma, significa dizer que a politização da vida privada representa a exposição do caráter político das relações de poder em aspectos da vida cotidiana que não fazem parte das fronteiras tradicionais da política (BIROLI, 2013).

As teóricas feministas denunciam as relações de gênero, de raça e de classe presentes nas sociedades capitalistas contemporâneas, além de fazerem críticas à natureza restrita da democracia que apresenta tendência para o fechamento em relação à vida social ao permitir a convivência entre igualdade política formal e graves desigualdades sociais (MIGUEL, 2018). Por isso, é central para o feminismo pensar em relações de poder hierarquizadas a partir da questão de gênero para que, assim, busquem-se caminhos passíveis de romper com a lógica masculina que explora, viola e subordina.

Mas entender a definição de poder não é tão simples. O senso comum o aproxima da compreensão correspondente à “força física; soberania; mando, autoridade”³², ou ainda, como “exercício de governo ou comando” (HIRATA *et al*, 2009, p. 183). As teorias social e política (incluindo a feminista) movem a discussão primordial na literatura sobre esse conceito repleto de entendimentos, controvérsias e contestações. É considerado um termo difícil de ser operacionalizado (CAL, 2016). A natureza dessa complexidade, para Allen (2013), está em como a contextualização do poder é movida pelos interesses teóricos e políticos mobilizados no estudo do mesmo. Isto é, a definição de poder vai ser mais ou menos útil dependendo do contexto teórico e da utilidade em que é avaliada. Para algumas vertentes feministas, por exemplo, o interesse no poder está baseado em entender e criticar as relações de dominação e subordinação estruturadas na questão de gênero. Além de pensar como as relações podem ser transformadas por meio da resistência individual e coletiva. As greves feministas, mencionadas anteriormente, possuem potencial de renovar essas relações de poder, resgatando as lutas históricas contra as desigualdades, e propondo novas relações dos indivíduos com e no planeta (ARRUZZA *et al*, 2019).

Mas, ainda assim, segundo Allen (1998), há divergências, entre as teóricas do empoderamento e as teóricas da dominação, sobre a definição de poder. Enquanto as primeiras pesquisadoras focam no poder das mulheres o relacionado com o agir na forma de cuidar, maternar, etc.; as segundas pesquisadoras creem no poder como meios de dominação masculina operacionalizados pelo patriarcado. Em outras palavras, as teóricas do empoderamento reconhecem a dominação dos homens sobre as mulheres nas sociedade patriarcais, porém se debruçam sobre o poder das mulheres de transformarem elas mesmas, os outros e o mundo (“*care perspective*”), e têm uma visão positiva de poder como capacidade de se dedicar a projetos alheios. Para as teóricas da dominação, o poder se constrói de uma relação “didática mestre-subordinado” (ALLEN, 1998, p. 23). Sob esse viés, a dominação é o sexo sob o ponto de vista da heterossexualidade.

Não é a proposta definir ou optar sobre a melhor definição de poder dentre as correntes acima, o fato é que ambas as linhas teóricas trazem reflexões caras às relações de poder e suas dinâmicas, auxiliando na organização das principais formas de utilização. Cal (2016) trabalhou no sentido de sistematizar, na Teoria Política, as definições mais frequentes de poder na literatura feminista. São duas: a dominação (*power over*) e o empoderamento (*power to*). Sob a ótica feminista, a primeira tem relação com o poder dos homens sobre as

³² Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/poder>. Acesso em: 31.0.2019.

mulheres; e a segunda, refere-se ao poder entendido como feminino, que se concentra na ação, no agir e no empoderamento (ALLEN, 1998; CAL, 2016). Na visão de Cal (2016), grande parte da literatura política clássica entende as definições de poder de maneira isolada e unilateral, portanto, não faz justiça à sua dinâmica complexa, na qual as mulheres, por exemplo, podem ser ao mesmo tempo empoderadas e dominadas. Em outras palavras, o pensamento político clássico não consegue dar conta das nuances existentes em um contexto no qual podem conviver diversas formas de poder.

Por isso, é problemático analisar dominação e empoderamento separadamente, pois corremos o risco de ocultar outros formatos de opressão que perpassam pela subordinação feminina. Nem sempre o empoderamento feminino é positivo, já que é possível, ainda assim, sob esse viés, exercer dominação sobre os outros; assim como nem sempre o poder feminino é generoso, e pode sim ser usado para machucar os outros (ALLEN, 1998). Ademais, pensar sobre dominação e empoderamento, em uma conformação desmembrada, pode refletir na incapacidade de se apreender sobre as “complexas e multifatoriais relações de poder”, nas quais as mulheres se encontram e que, muitas vezes, ocorrem nos mesmos contextos “institucional, normativo e prático” (ALLEN, 1998, p. 31).

No marco de Allen (2013), é pensado um terceiro conceito, somando, assim, três os principais modos de entender o poder: 1) como um recurso que precisa ser redistribuído; 2) como dominação; 3) como empoderamento. Neste sentido, Amy Allen (1998, 2013), com base nos diversos conceitos e contestações de poder trabalhados na literatura feminista, sistematiza o debate a partir das seguintes concepções: *power over*, *power to* e *power with*. São debates que, como já observou Cal (2016), envolvem, principalmente, os conceitos de dominação, resistência, empoderamento e solidariedade. Cal (2016), após sistematizar as definições, apresentou uma perspectiva menos usual e fundamentada nas premissas de Amy Allen (1998, 2000, 2013). A ideia de poder como resistência e/ou empoderamento e como solidariedade.

Cal (2016) identificou lacunas deixadas por Allen (1998, 2000, 2013) ao tratar de um conceito tão desafiador, como por exemplo, a falta de apontamentos metodológicos que possibilitem a operacionalização do uso do poder. A autora desenvolveu o *insight* de Allen, dialogando com outros autores clássicos sobre poder, para ampliar o escopo teórico e analítico da proposta. Além disso, operacionalizou as nuances de poder teorizadas por Allen (1998, 2000, 2013), traçando caminhos metodológicos para a aplicação de métodos de análise. Cal (2016) analisou as falas de trabalhadoras domésticas e suas experiências pessoais (grupos focais); e as discussões públicas sobre trabalho infantil doméstico nos *media*,

complexificando a investigação dos achados na relação linear de dominação entre domésticas e patroas. O resultado foi a identificação de um viés renovado na compreensão de poder, no qual existe a possibilidade de agência de meninas e mulheres, e está sempre envolta em tensionamentos sobre questões estruturais. As trabalhadoras domésticas surgiram atravessadas por relações de empoderamento e de solidariedade, e conseguiram ressignificar as próprias vivências negativas no trabalho para uma experiência positiva para si e para a categoria. Isto é, não se mostraram oprimidas por completo, nem completamente resistentes.

A partir das leituras de Allen (1998, 2000, 2013) e de Cal (2016), lançaremos luz sob o significado de cada um dos conceitos de poder, de forma breve. A começar pelo sentido clássico e originário de *power over*³³, que remete a Max Weber e a definição de “imposição de vontade” (CAL, 2016, p. 91). Há particularidade nesse tipo de ação velada, não perceptível diretamente, na qual não há a necessidade do “uso da violência de forma explícita, e sim da mobilização do medo e do receio de perder algo que é valorizado” (CAL, 2016, p. 92). Isto é, quando um ator consegue reprimir as escolhas disponíveis de forma não corriqueira. Trata-se de uma noção perspectivada nos tópicos anteriores em que debatemos a história da opressão contra as mulheres, a ideia de dominação pelo patriarcado e as tensões entre *público* e *privado*. Em outras palavras, é quando há a naturalização de mecanismos de coerção, como os papéis e estereótipos de gênero.

Citam-se, então, exemplos práticos, para melhor entendimento. Uma mulher que é mãe solteira, tem três filhos para criar, desdobra-se em dois empregos e cuida da casa sozinha. Qual a possibilidade dessa mulher ingressar na vida pública ou engajar-se em questões de interesses femininos, tendo como base o tempo e a energia gastos com as responsabilidades da vida cotidiana? Qual a possibilidade de, com toda a carga física e emocional, enfrentar um ambiente hostil, como a política institucional, repleto de estereótipos e normas masculinas que tendem a inibir as escolhas e a atuação de seus integrantes? Não é difícil compreender porque a tendência é baixa para que recorra a participação política. Não por uma simples decisão pessoal, como bem recupera Biroli (2018), e sim por motivações resultantes de “desdobramentos das estruturas que as configuram” (2018, p. 33). Em outras palavras, nesse exemplo, as opções são limitadas para essa mulher, pois se identifica, nesse contexto, a

³³ No marco de Cal (2016), *power over* tem três dimensões. O viés unidimensional se fundamenta nas ideias de Lukes (1980) e Perissinoto (2008) e diz respeito ao “conflito observável entre preferências antagônicas” (CAL, 2016, p. 92); a bidimensional, em Hendriks (2009), é uma forma indireta de *power over*, a partir da qual A manipula as regras do jogo de modo a fazer com que B haja da forma como A gostaria em um contexto chamado de “mobilização de predisposições” (CAL, 2016, p.92); já o tridimensional, se baseia em Lukes (1980), e refere-se a “ordens sociais existentes [que] sustentam seu poder por meio de práticas institucionalizadas e “verdades” culturalmente aceitas”, ou seja, não há necessidade de conflito real para a configuração das relações de poder e sim um “conflito latente” (CAL, 2016, p. 93).

divisão sexual do trabalho como estruturante da dinâmica social responsável pelas escolhas dos sujeitos.

Ou, ainda, quando Cal (2016) argumenta: “o conflito, nessa perspectiva [*power over*], refere-se a disputas entre preferências explicitadas em ações e observáveis a partir da análise do comportamento das pessoas” (2016, p. 93). Ora, como grande parte das mulheres que ingressa na política formal consegue essa inserção? Masculinizando-se. Beard (2018) considera as mulheres em cargos públicos hoje como “imitadoras de papéis retóricos” (2018, p. 49) tradicionalmente masculinos, por conta da aparência e do padrão de comportamento. Com frequência, recorrem aos “terninhos” como vestimenta oficial e até à “treinamentos para engrossar a voz” (BEARD, 2018, p. 87). São formas de adentrar o espaço político restrito e com regras e linguagens próprias.

Já a definição de *power to*, entendida num aspecto mais simples, relaciona-se com empoderamento³⁴ e a sua “capacidade de ação” (CAL, 2016, p. 100) em diferentes perspectivas, além de estar associada a formas de resistência³⁵. Num sentido amplo, é quando um ator, individualmente, consegue “atingir um objetivo ou uma série de objetivos” (ALLEN, 1998, p. 34). As teóricas feministas (do empoderamento) destacam essa abordagem como ligada à construção e à perseguição de projetos de vida, à valorização de formas de transformação e de empoderar a si e aos outros (CAL, 2016). É um conceito que não diz respeito à confrontação coletiva, e sim a “formas cotidianas de resistência, subversão e enfrentamento ao poder como dominação”, que incluem, no contexto do feudalismo, a “sabotagem, relutância, os pequenos furtos, dissimulação, difamação, simulação de ignorância, entre outras” (CAL, 2016, p. 100).

Como exemplos práticos, podemos citar casos contemporâneos de mulheres que, por meio da independência financeira (empreendedorismo), conseguem se desvencilhar de relacionamentos abusivos e da dependência masculina. São iniciativas comuns ao feminismo liberal que, em alguns casos, auxilia no fornecimento de microfinanciamentos para mulheres pobres abrirem o próprio negócio³⁶. Há ainda situações medievais dos sujeitos femininos que,

³⁴ Nos termos de Cal (2016), empoderamento significa “(...) o desenvolvimento da própria capacidade de alcançar certos objetivos, apesar de situações de subordinação, ou, pensando no caso feminista, apesar da dominação masculina” (CAL, 2016, p. 100).

³⁵ Cal (2016), amparada por Amy Allen, considera resistência como “(...) a capacidade de um sujeito alcançar um ou mais objetivos com a finalidade de colocar em xeque situações de dominação e/ou, poderíamos acrescentar ainda, escapar delas em busca de uma vida melhor” (2016, p. 101).

³⁶ A visão de mercado é bastante criticada pelas feministas marxistas, pois não haveria comprovação de que tal sucesso financeiro as livra da opressão, mas as transfere para outra: a dívida com os seus credores (ARRUZZA *et al*, 2019). Nesse sentido, o pensamento crítico feminista frente aos efeitos nocivos do capital é imprescindível para o enfrentamento das origens da opressão e, assim, para o resgate da autonomia feminina. No entanto, há

durante a transição do feudalismo, tiveram que ser desmantelados pelo capitalismo. Federici (2017) aponta exemplos históricos da mulher que recorria ao *power to*: “a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a mulher *obeah*³⁷ que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos à rebelião” (2017, p. 24).

Scott (1990) é bastante relevante também, nesse sentido, pois conseguiu identificar práticas de resistência cotidiana presentes em diferentes relações sociais. Para o autor (1990), toda a relação de dominação gera uma conduta pública hegemônica e um discurso velado de resistência/contestação. Nas relações de poder, os grupos subordinados desenvolvem formas não explícitas/veladas de contestação do poder, conforme a cultura e a trajetória história dos atores sociais em questão³⁸. São conjuntos de ações³⁹ que constituem uma *insubordinação ideológica disfarçada*, a qual, a um só tempo, contesta a relação de dominação e mantém inócuo o entendimento da conduta dos oprimidos pelos opressores. Assim, ao invés de se rebelarem ou realizarem protestos explícitos, o que ocasionaria colisões frontais, os oprimidos optam por caminhos mais seguros e esquivos de contestação anônima, através de práticas como rumores, fofocas, contos populares, músicas, rituais, códigos e eufemismo.

Outras práticas de insubordinação ideológica disfarçadas são trazidas por Scott (1990), de forma curiosa, ao abordar a resistência cotidiana: são as possessões por espíritos, muito comuns em sociedades pré-industriais. As possessões espirituais, além de assegurarem um canal seguro de expressão de hostilidades em relação aos opressores, constituíam uma espécie de protesto social encoberto para mulheres e para grupos de homens marginais e oprimidos. É dizer: nessas situações, os grupos oprimidos podem humilhar e hostilizar os opressores sem que possam ser responsabilizados por seus atos.

aspectos transversais que merecem reflexões contextualizadas e, muitas vezes, soluções práticas e urgentes. Em um país como o Brasil, onde a violência doméstica e o feminicídio chegam a índices alarmantes, a independência financeira é o caminho mais rápido (ou talvez o único) para livrar-se do algoz. Nos primeiros 11 dias de 2019, 33 mulheres foram assassinadas no Brasil; somadas às 17 que sobrevivem a tentativas de feminicídio, nesse mesmo período, uma média de 5 casos a cada 24 horas (ARRUZZA *et al*, 2019). Repensar imediatamente ideologias político-econômicas talvez não esteja na lista de urgências de muitas mulheres do Sul Global, pois para elas, o imediatismo significa manter-se viva. Não se defende aqui que as instituições financeiras devam se aproveitar de mulheres mais pobres e de sua situação de vulnerabilidade econômica para ganhar dinheiro com as taxas de juros altas, mas que, há casos, em que a urgência é fator determinante para se pensar em formas de empoderamento, a curto e médio prazos.

³⁷ De acordo com Federici (2017), no século XVIII, a bruxa estava se convertendo em uma praticante africana do *obeah*, um ritual que os colonos temiam e demonizavam por considerá-la uma incitação à rebelião. Trata-se de uma forma de religião ou culto de ancestrais africanos que tem raízes em comum com o candomblé do Brasil, com a santeria de Cuba e com o vodu do Haiti.

³⁸ 38“ A recuperação das vozes e práticas não hegemônicas dos povos sujeitos requer, creio eu, uma forma de análise fundamentalmente diferente da análise das elites, devido às restrições sob as quais elas são produzidas.” (SCOTT, 1990, p. 19).

³⁹ Ao conjunto de práticas de resistência de baixo perfil dos oprimidos o autor denomina infrapolítica do poder.

A proposta do autor (1990) é de lançar outro olhar às ações que parecem se conformarem (e reafirmarem) às aparências do cotidiano e, assim, às relações entre opressor e oprimido. Tais práticas devem ser ressignificadas e encaradas como possíveis atos de resistência e de estratégia dentro de uma estrutura de desigualdade e opressão. Um dos argumentos trazidos por Scott (1990) é que a resistência não existe apenas em lutas institucionais e em grandes revoluções contra os poderosos. Ela ocorre também no cotidiano, através de práticas aparentemente inofensivas – e que, inclusive, reafirmam a ordem social instituída -, mas que são capazes de defender os interesses de grupos oprimidos. Identificá-las metodologicamente, e compreendê-las como um caminho para sublimar a opressão sofrida, é uma forma de ressaltar o poder de agência do oprimido: “O que pode parecer de cima, como a extração de um desempenho requerido, pode facilmente enxergar de baixo, como a engenhosa manipulação da deferência e da lisonja, para alcançar seus próprios fins.” (1990, p. 30).

Uma das práticas de insubordinação ideológica disfarçada é o reforço aos estereótipos criados pelos senhores de que os escravos são improdutivos e preguiçosos. Os escravos, reafirmando tais estereótipos, acabavam diminuindo a quantidade e as normas de trabalho impostos. “De fato, os estereótipos do dominante são, a partir dessa perspectiva, tanto um recurso quanto uma opressão ao subordinado” (SCOTT, 1990, p. 34). Percebe-se, assim, o uso sistemático e estratégico dos estereótipos como uma maneira de resistir ao trabalho escravo imposto.

Já Cal (2016) abordou esse tipo de poder (*power to*) na sua obra sobre a temática do trabalho doméstico infantil, tendo como atores as meninas trabalhadoras domésticas. A autora identificou “um terreno de disputas, resistências e construção de solidariedade” (2016, p. 311) em que mulheres não são apenas vítimas da dominação, e sim sujeitos políticos com seus modos particulares de resistência e de poder, a partir do momento em que entendem o trabalho na “casa de patrão” como uma forma de ganhar *status* social, subir na vida e de sair da situação de pobreza dos locais de origem. Trazendo para esta pesquisa, a linha de raciocínio da autora, ressaltam-se alguns estereótipos ligados às mulheres na política: “mulher pública”; “mulher da vida”; “mulher macho”; entre outros entendimentos sobre a mulher política que a associam ao seu papel no espaço privado.

Por fim, destaca-se o conceito de *power with*, com raízes no pensamento de Hannah Arendt (1994) sobre a construção de uma “vontade comum” ou, como Cal (2016) aborda, na “construção de laços e identificações que estão na base de processos de ação coletiva” (2016, p. 101). É a vontade comum movida pela coletividade, no intuito de atingir objetivos que são “comuns ou partilhados” (ALLEN, 1998, p. 35). As relações de poder, nesse sentido, têm

forte ligação com a solidariedade, e com o pacto e a aliança entre os indivíduos de interesses comuns. A ação coletiva costuma se conectar a algo maior que são os objetivos compartilhados e convergem para a construção de uma “identidade coletiva” (CAL, 2016, p. 101) contra injustiças comuns.

Exemplos contemporâneos também incluem a experiência das mulheres trabalhadoras rurais em torno de algumas localidades no Norte e Nordeste do país, envolvendo a agricultura familiar, e tendo o trabalho feminino e a ação coletiva como centrais⁴⁰. Ainda há diversos casos de iniciativas na internet que se concentram nas relações de poder baseadas na solidariedade entre as integrantes: o “Coletivo de Jovens e Mulheres do Assentamento Roseli Nunes”⁴¹ faz “vaquinhas online” para angariar recursos para a sustentação do movimento; ou ainda, os *crowdfunding* eleitorais voltados especificamente para as candidaturas femininas e outras iniciativas de engajamento coletivo com a política formal⁴² ou com o corpo feminino⁴³. Relembra-se ainda da articulação das feministas argentinas militantes em torno da descriminalização do aborto junto ao Estado, conseguindo uma vitória histórica da pauta na Câmara dos Deputados⁴⁴ (ainda que rejeitada no Senado, a conquista é de grande valor simbólico para essa vontade comum das mulheres na Argentina em descriminalizar o aborto). São indícios aproximam-se da identificação do que poderia vir a ser a construção de um “nós” mulheres (CAL *et al*, 2018; CAL, 2016).

Diante da premissa levantada sobre a complexidade das relações de poder e dos atravessamentos entre elas, e que levam ao entendimento de conceitos de poder pensados multilateralmente, retoma-se a reflexão de Allen (1998). A autora busca identificar mulheres como empoderadas e dominadas, ao mesmo tempo. Essa retomada é necessária para se acrescentar ao debate a contribuição de Biroli (2013) e a definição de *agência diferenciadamente imperfeita*, que corresponde à ambivalência na forma como os indivíduos são apreendidos: tanto como incapazes de agir quanto como livres para tomar as próprias decisões, e o rumo da vida. Nas palavras da autora, "a *agência* é sempre *imperfeita* em relação ao ideal normativo da autodireção e autodeterminação individual" (BIROLI, 2013, p. 48) , e

⁴⁰ Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200008. Acesso em 25.08.2018.

⁴¹ Disponível em: https://www.vakinha.com.br/vaquinha/coletivo-de-jovens-e-mulheres-do-assentamento-roseli-nunes?utm_campaign=facebook&utm_content=266236&utm_medium=website&utm_source=social-shares. Acesso em 25.08.2018.

⁴² Disponível em: <http://campanhademulher.org/>. Acesso em 25.08.2018.

⁴³ Disponível em: <https://diariosm.com.br/cultura/coletivo-feminino-cria-campanha-de-crowdfunding-para-realizar-o-primeiro-espet%C3%A1culo-1.2054044>. Acesso em 25.08.2018.

⁴⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/13/internacional/1528842352_758073.html. Acesso em 25.08.2018.

configura-se por dois motivos: os indivíduos não são iguais (posição social); e não são definidos como agentes igualmente competentes, já que o exercício da autonomia é realizado de maneira única, sendo a sua prática significada e representada conforme as interações em sociedade.

Em outras palavras, não é possível entender as preferências dos indivíduos separadamente como algo racionalizado, isolado e deslocado de outras variáveis externas. Ou sem compreender as particularidades entre eles nos diferentes níveis de opressão como gênero, raça e classe. Cal (2016) trata de noções de poder, porém refletindo também sobre os tensionamentos entre dominação, resistência e solidariedade:

(...) é necessário tanto reconhecer a existência e atuação dessas relações de poder como mecanismos de dominação e reprodução de condições de subalternidade, quanto perceber as possibilidades de agência e de questionamento do contexto que também compõem a teia de relações na qual se inscrevem esses sujeitos (CAL, 2016, p. 89).

Dessa forma, a autonomia e a autodeterminação dos sujeitos sempre vão ocorrer de forma imperfeita, pois não se referem a um processo mecanizado ou instrumentalizado, e sim a uma agência atravessada por fatores outros, como a intersubjetividade dos valores, a socialização e as relações de poder (BIROLI, 2013). Afinal, discorre-se sobre um processo comunicacional, de compartilhamento entre as diferenças dos indivíduos (BRAGA, 2017). Sob outra perspectiva, percebe-se, por exemplo, como as mulheres reproduzem ativamente a posição que lhes é colocada numa sociedade sexista. Imposições e convenções sociais passam a fazer parte da "gramática própria" (BIROLI, 2013, p. 50) dessas mulheres e se mesclam aos anseios e projetos pessoais. O "ser mulher", então, tem suas regras ditadas sob o viés hegemônico de dominação masculina. No entanto, existem "fissuras" (BIROLI, 2013; CAL, 2016) na dominação. Para Biroli (2013), é uma possibilidade presente pelo compartilhamento de experiências entre as mulheres, e pelo feminismo. Para Cal (2016), as lacunas da dominação possibilitam que as mulheres ressignifiquem suas vivências e suas identidades. Isto se torna viável pelo resgate do corpo e da sexualidade, repensando e questionando o modelo de poder hegemônico associado à violência, à exploração, à subordinação.

Essa perspectiva é interessante, uma vez que permite sair do "lugar comum" de noções costumeiras sobre as mulheres eleitas, deixando de entendê-las como simples "marionetes", ou "figurantes" a serviço exclusivo dos interesses masculinos. Isto é, fornece elementos para ir além da compreensão de que as representantes femininas, nos cargos eletivos, são pessoas inadequadas, não merecedoras dos postos, e que não devem ser levadas a sério. A própria presença delas, ocupando espaços de poder institucionais, já é bastante

representativo (uma conquista, ainda que haja muita isonomia a ser alcançada), e também, como já mencionado, por si só, é uma “fissura” (BIROLI, 2013; CAL, 2016) nos redutos de dominação masculina, que passam a ser palco também de outras formas de poder: a resistência e a solidariedade. Além disso, o corpo é político (FEDERICI, 2017), se comunica simbolicamente e, por ser feminino, subverte a lógica presente e desafia as “gramáticas morais” dominantes (CAL *et al*, 2018). A *agência diferenciadamente imperfeita* (BIROLI, 2013) lança luz sobre a complexidade das relações de poder, e as tensões existentes entre a capacidade de agenciamento dos sujeitos e os constrangimentos estruturais (patriarcado). São relações que podem se configurar em ambientes não convencionais, frutíferos para a ampliação dos sentidos de representação política que, muitas vezes, esbarra nos empecilhos de gênero e de mídia⁴⁵ do campo político formal, como ocorre com as mulheres.

2.5 Estereótipos como atalhos de comunicação

Vimos até aqui como a divisão sexual do trabalho, historicamente estabelecida, tem reverberações nas democracias contemporâneas que, por sua vez, produzem relações sociais hierarquizadas. Essa ordem social produz o gênero como “elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos quanto uma maneira primária de significar relações de poder” (SCOTT, 1996, s/p). Isto é, a base sustentadora da hierarquia de gênero se configura pelas relações de poder entre homens (privilégio) e mulheres (subordinação). As tensões entre ambos os polos se constituem pela naturalização de funções e comportamentos. Estamos falando de valores, convenções e crenças interpretados, e repetidos ao longo do tempo, por meio de códigos, símbolos e representações do binarismo sobre o que é o masculino e o que é o feminino.

Ora, “(...) gênero é uma construção simbólica, estabelecida sobre dados biológicos de diferença sexual” (LAMAS, 2013, p. 12), portanto, é possível identificar um forte caráter comunicacional das relações de poder, pois os símbolos que compõem essa dinâmica de transmissão de padrões sociais se configuram como “parte importante do maquinário da comunicação humana” (LIPPMANN, 2008, p. 28). Uma possibilidade de entendimento dessa lógica é que os indivíduos não estão preparados para lidar com a realidade complexa do mundo real e, assim, precisam de meios mais “simples” para poder lidar com tal ambiente e

⁴⁵ Miguel e Biroli (2009), no artigo *Mídia e representação política feminina*, procuram avançar na discussão sobre de que maneira a permanência de estereótipos de gênero constrange tanto a ação política das mulheres quanto à visibilidade dessa ação no noticiário jornalístico, num processo que se realimenta.

relê-lo de maneira menos complicada (LIPPMANN, 2008). Os estereótipos são, assim, atalhos para compreender o mundo exterior.

O jornalista Walter Lippmann foi pioneiro nos estudos de jornalismo, de opinião pública e na utilização do conceito de estereótipos, oriundo das palavras gregas *stereòs* = rígido e *túpos* = impressão. Seguindo a linha da Psicologia, Lippmann (2008) explicou que os estereótipos são formados quando ocorre um “pinga-pinga” de mensagens do mundo externo, que se mesclam aos “arquivos pessoais dos indivíduos”: valores, preconceitos, imagens. É essa intersecção que serve como guia para os indivíduos seguirem suas trajetórias: “(...) as limitadas mensagens do mundo exterior formam um padrão de estereótipos, são identificados com os interesses da pessoa à medida que ele as sente e as concebe” (LIPPMANN, 2008, p. 41).

A cena de uma ação no mundo real, a imagem humana da cena e a resposta à imagem sobre a cena da ação se configuram por meio de uma “relação triangular” (LIPPMANN, 2008, p. 31). A elaboração de teorias é uma relevante evidência sobre a relação de que as imagens projetadas internamente pelos indivíduos são guias fundamentais para o pensamento, o sentimento e as ações. Dito de outro modo, os “pseudo-ambientes” dos seres humanos são a base para teorizar e pensar o ambiente ao seu redor de maneira subjetiva. É um indicativo de que o vínculo entre o mundo real e as reações provocadas por ele é constituído por processo indireto e inferido, em vez de direto e imediato. A intersubjetividade tem forte peso nesse sentido (LIPPMANN, 2008) porque os estereótipos se formam a partir das impressões e dos valores sobre os indivíduos, e são organizados em esquemas mentais, acionados quando se necessitam de informações simplificadas.

Quem vem à mente quando se imagina a figura de uma autoridade? Ou a de um agente político? A tendência é recorrermos a estereótipos masculinos para tanto. Isto porque as imagens padronizadas de representações simbólicas (de pessoas ou ideias) fazem parte da dinâmica em que as identidades sociais e valores se definem. Biroli (2011) indica as vivências das relações sociais como recursos (matéria-prima) para a ocorrência dos estereótipos. E não fatores posteriores a elas. Dessa forma, se, tradicionalmente, as figuras masculinas são apontadas como as legitimadoras do espaço político, são essas que, comumente, virão à mente ao pensar em estereótipos de agentes políticos.

Como os estereótipos são apenas parte do processo de configuração das representações sociais, eles não conseguem dar conta, em sua totalidade, da significação das vivências dos indivíduos e de grupos sociais. Para debater sobre estereótipos, Biroli (2011) foca no “potencial de interpelação” do conceito, isto é, na capacidade de suscitar perguntas e

explicações sobre seu papel na "constituição das identidades dos indivíduos e grupos" (BIROLI, 2011, p. 75). Os estereótipos podem ser entendidos, na verdade, como dispositivos comunicativos cheios de informações e de significados, que funcionam como guias de comportamento, padrões, identidades, papéis sociais, a cada geração, na História. As tipificações costumam ser naturalizadas pela criação e propagação de imagens estereotípicas que, por sua vez, "produzem padrões reais de comportamento que confirmam, potencialmente, os estereótipos" (BIROLI, 2011, p. 78). Em outras palavras, é um processo que, para ser solidificado, exige a coincidência dos estereótipos com determinadas propriedades identificadas e atestadas da realidade. Nesse sentido, ficam de lado as visões reducionistas e simplistas de estereótipos como ferramentas para falsear ou deturpar a realidade.

Ainda em Biroli (2011), há a proposta de alargamento do entendimento sobre a relação entre estereótipos e poder. Para a autora, os estereótipos são artefatos morais e ideológicos inseridos nas relações de poder, em aspectos distintos: na confirmação ou na demonstração de que os interesses entre dominantes e subordinados podem não coincidir. Por serem artefatos ideológicos, acabam por beneficiar grupos hegemônicos, pois as caracterizações desses indivíduos costumam ser vantajosas. Basta lembrar-se da discussão anterior sobre os sujeitos dos espaços *público* e *privado*. No caso das mulheres, por exemplo, os estereótipos costumam ser mais cruéis, pois são dispositivos que advém da esfera privada⁴⁶ ("lugar feminino", menos valorizado socialmente) e, portanto, estão intimamente ligados a esse contexto: a dedicação prioritária à vida doméstica, à intimidade e aos familiares. Assim, enquadram-se as tipologias de Mãe, Santa, Recatada, Pura.

Ao utilizarmos o termo "cruel" acima, estamos inferindo que os estereótipos, em certa medida, são mais opressores com as mulheres (em comparação aos homens), por restringirem suas possibilidades de ação no mundo exterior, e as recolocarem em seus "devidos lugares", com base no gênero. Álvares (1993), ao analisar as duas perspectivas distintas sobre o feminismo paraense, e tendo como contexto social o sufrágio nacional, também fez um breve levantamento sobre os estereótipos identificados nas matérias de jornais impressos do Pará, que trataram do movimento sufragista, na década de 20. Houve um crescimento, nesse período, de "antiotícias femininas" (ÁLVARES, 1993, p. 128), que

⁴⁶ No caso específico das mulheres latinas, Panke (2016) identificou a existência de "comportamentos subalternos" (2016, p. 40) específicos destinados a elas. Lagarde (2006) propõe ainda categorias que auxiliam na elucidação de "identidades femininas" as quais, segundo a autora, são "cativeiros". São os estereótipos das mulheres na sociedade latina: mães-esposas; freiras; putas; presas; loucas. Em todos os casos, em certa medida, há indícios de modos de submissão, ou de dedicação ao outro. (PANKE, 2016)

objetivavam depreciar a imagem da mulher. Havia notícias de primeira página com títulos para chamar a atenção (alguns de forma positiva), e também a utilização de enfoques depreciativos, marcando a representação das mulheres feministas como: “*mulher política*” e “*mulher pública*” – o principal estereótipo das mulheres que lutavam pelo voto feminino, na época. As críticas eram duras de homens públicos e de intelectuais se sentindo ameaçados com a possibilidade de cidadania da mulher.

Coisa do passado? No dia 19 de agosto de 2018, as agentes políticas foram lembradas novamente que não são bem-vindas na política institucional,^l e que deveriam voltar a ocupar os lugares tradicionalmente, e moralmente, estabelecidos. O caso aconteceu com a candidata à presidência da República, Marina Silva (REDE), em debate na emissora RedeTV!, com o outro presidencial Jair Bolsonaro (PSC). Bolsonaro disse à candidata que ela deveria ler um trecho (sexista) da bíblia o qual sugeria o silenciamento das mulheres, com a fala restrita apenas à Igreja, e reforçando o papel feminino de submissão⁴⁷. Portanto, atribuem-se valores femininos de subordinação, discrição e fragilidade. O diferente disso é considerado um “desvio” (MIGUEL; BIROLI, 2015, p. 32). Nessa linha de raciocínio, é possível notar as relações de poder, *power over*, sendo permeadas por tipificações desse tipo, e que se tornam mais duras, a depender da temporalidade.

Porém, mesmo que os estereótipos possam ser considerados dispositivos com teor ideológico, eles não funcionam apenas como legitimadores da ordem social, e em favor de grupos dominantes. São também utilizados como “contraface do exercício continuado do poder” (BIROLI, 2011, p. 81). Então, é possível identificar, no mesmo contexto, nuances na mobilização desses artefatos tipificadores, dada a dinâmica e a complexidade da sua produção: ora a favor de pessoas e ideias hegemônicas, ora como elementos de “subversão das hierarquias” (BIROLI, 2011, p. 81). Por esse ângulo, reforça-se que os estereótipos são mecanismos das relações de poder com caráter flutuante, e se moldam a determinada perspectiva, contexto, afetação, presentes no episódio de troca entre indivíduos e grupos.

Na contemporaneidade, ressignificar estereótipos opressores, como vimos acima, traduz-se, por exemplo, no movimento Marcha das Vadias, surgido no Canadá com o nome de *Slutwalk* depois que um policial, na Universidade de York, referiu-se à prevenção de violência sexual, utilizando o estereótipo de “vadia”, para afirmar que as mulheres não deveriam se vestir como tal, pois isto inibiria os ataques. Em resposta, as organizadoras do movimento se apropriaram desse termo misógino para ressignificá-lo no próprio nome e no lema da

⁴⁷ Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/bolsonaro-mandou-marina-ler-livro-da-biblia-onde-a-mulher-deve-ser-submissa-e-calada>. Acesso em 04.09.2018.

mobilização: “Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias”⁴⁸. Outro exemplo foi o citado por Beard (2018), em referência à política britânica Margareth Thatcher que utilizou a seu favor o seu acessório mais estereotipado: suas bolsas. Elas se tornaram “expressão de poder político”, ao fazer alusão a “dar uma bolsada” (BEARD, 2018, p. 87). Isto é, são mulheres que, ao serem submetidas a relações de dominação, reagiram e subverteram a lógica hegemônica.

2.5.1 Estereótipos na política

A eficácia dos estereótipos está relacionada ao fato de serem representações simplificadas da realidade, ou seja, categorias simbólicas que pressupõem a universalidade das informações que dispõem. Nesse sentido, não costumam ser submetidos à reflexão crítica a respeito das características que os constituem (BIROLI, 2011). No marco de Panke (2016), os estereótipos costumam ser mais frequentes e ter impacto mais intenso (são mais toleráveis) em grupos socialmente marginalizados, como o das mulheres, devido à restrição de oportunidades no espaço público. Assim, funcionam como legitimadores dos papéis (atributos, direitos e deveres) e das posições sociais, auxiliando na constituição de valores de determinada ordem social. Equivalem à "definição do outro", e do "contexto em que as relações se travam em termos de expectativas sociais padronizadas" (BIROLI, 2011, p. 80). É usual que os estereótipos ressurgam, mais marcadamente, no cenário político de crise, questionando a competência feminina para atuar na esfera pública (BIROLI; MIGUEL, 2017).

Para mulheres na política, a imagem negativa é aquela oposta ao padrão social feminino alimentado por estereótipos. No Brasil, quando os ataques à Dilma Rousseff, tornaram-se mais intensos, em 2015, na medida em que o processo de impeachment se aproximava, a mídia nos ofereceu alguns exemplos marcantes de misoginia: a capa da revista *Istoé*, sobre as “explosões nervosas da presidenta”, apontava para um suposto descontrole emocional de Dilma⁴⁹. Um caso evidente de utilização de estereótipos de gênero reforçando a ideia de que mulheres são emocionalmente instáveis/desequilibradas. Portanto, não poderiam ocupar a esfera política.

Outro exemplo foi o da famosa matéria da revista *Veja* sobre Marcela Temer, apresentada como “bela, recatada e do lar”. Muito embora não faça menção expressa à Dilma,

⁴⁸ Disponível em: <https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>. Acesso em 25.08.2018.

⁴⁹ Disponível em: <http://www.vix.com/pt/bdm/comportamento/capa-de-revista-contradilma-provoca-revolta-ate-em-criticos-do-governo-entenda>. Acesso em: 6 jul. 2017.

a revista se utiliza, novamente, de estereótipos de gênero para descrever Marcela como o modelo "ideal" de mulher. Isto é, bonita, passiva, maternal e na posição política de Primeira-dama. Uma contraposição à Dilma, que não se encaixaria em tais naturalizados atributos sobre o "ser mulher"⁵⁰. Ou, ainda, a publicação da revista *Época* sobre a vida sexual da Dilma⁵¹, na qual o jornalista atribui os problemas políticos da ex-presidenta à sua "falta de erotismo". De maneira geral, as críticas sexistas e misóginas direcionadas à Dilma Rousseff foram as mais marcantes, inclusive, devido ao alto posto que ocupava e do qual foi destituída. Houve a utilização de estereótipos de gênero, antes (nas eleições), durante (o governo) e após ter sido afastada do cargo. Ainda que essas críticas pareçam estar relacionadas essencialmente a pautas políticas e econômicas, na verdade, existe um "pano de fundo moral" (CAL; GARCÊZ; BARGAS, 2018) que hierarquiza - por meio das conversações cotidianas - o que é válido (e inválido) moralmente para homens e mulheres na sociedade.

Panke e Iasulaitis (2016) são autoras que tentam explicar o impacto dos estereótipos de gênero nas campanhas políticas e, para isso, realizaram a análise empírica de três campanhas vitoriosas⁵² de mulheres candidatas à presidência na América Latina. As autoras realizaram uma revisão bibliográfica com teóricos⁵³ que examinaram a relação entre os estereótipos de gênero, a mídia e as experiências de mulheres políticas, em diversos países. Os resultados se aproximam da premissa de Biroli (2011), citada acima, ou seja, de que as mulheres (grupos com maior vulnerabilidade social) são mais comumente associadas a estereótipos, enquanto os homens não trazem tais marcas preconcebidas. Para as autoras, esse fato sinaliza a presença e a manutenção de um discurso "masculino" sobre as mulheres.

Mas, ainda assim, é frequente o uso de estereótipos ao longo de disputas eleitorais ou durante as carreiras políticas. Eles fazem parte do discurso midiático (PANKE, 2016). Por isso, as produções científicas têm analisado o impacto dessas tipificações diferenciadas pelo gênero em campanhas políticas e na relação com a sub-representação feminina (BURRELL, 2008; DOLAN, 2013). São *spots*, *jingles* e produções para o Horário de Propaganda Eleitoral Gratuita que precisam de tempo mais curto e de mensagem sucinta o suficiente para ser lembrada e fixada. Os estereótipos funcionam para traçar um "perfil simbólico" dos

50 Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 6 jul. 2017.

51 Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/08/revista-epoca-ultrapassa-limites-e-faz-revelacoes-sobre-vida-sexual-de-dilma.html>. Acesso em 6 jul. 2017.

⁵² Foram analisados os *spots* eleitorais das presidentes Dilma Rousseff (Brasil), Michelle Bachelet (Chile) e Cristina Kirchner (Argentina) com o objetivo de verificar se, e como, as presidentes latino-americanas se posicionam enquanto gênero feminino em suas campanhas (PANKE; IASULAITIS, 2016).

⁵³ Panke e Iasulaitis (2016) citam autores como: Pesquisadores como Ross (2002), Carter et al. (1998), Gallagher (2001), Sreberny e Van Zoonen (2000) e Vavrus (2002), apud Valenzuela e Correa (2009).

candidatos, relacionando as imagens padronizadas que o público tem com as expectativas sociais (BIROLI, 2011).

Apesar de serem comumente associados a aspectos negativos, os estereótipos são também utilizados pelas mulheres como estratégia de comunicação e podem influenciar nos resultados eleitorais (PANKE; IASULAITIS, 2016). De acordo com Panke (2016), as pesquisas mais recentes sugerem que não haver indícios claros de que os estereótipos sempre prejudicam as candidatas mulheres. Pelo contrário, eles podem ser vantajosos quando assumem determinado perfil simbólico, ou seja, quando correspondem à imagem que o público espera de um representante. É o que foi verificado por Panke e Iasulaitis (2016) na análise da campanha das três latino-americanas concorrendo à Presidência da República, em 2014. A campanha da já citada Dilma Rousseff foi a que mais se utilizou de estereótipos. Nela, a então candidata do PT conseguiu “perfeitamente articular os preconceitos do eleitorado” ao se apresentar, publicamente, como "gerentona eficiente e entendida de energia" e, paralelamente, utilizou expressões e simbologias que remetiam à "mãe do PAC, mãe dos pobres, avó e coração valente" (PANKE; IASULAITIS, 2016, p. 412). Os estereótipos como fatores de seleção e de organização de sentidos compuseram as narrativas eleitorais organizadoras de temas e personagem.

Um corpo significativo de trabalhos, que têm explorado as diferenças de gênero, sugere que os eleitores atribuem aos candidatos determinadas características e competências políticas estereotipadas. Em termos de traços de personalidade "típicos" a cada gênero, as mulheres candidatas a cargos eletivos geralmente são vistas como mais compassivas, confiáveis, honestas e capazes de lidar com os eleitores. Por sua vez, os candidatos masculinos são considerados mais competentes, decididos, agressivos, líderes mais fortes e detentores de maior capacidade de lidar com crises (PANKE; IASULAITIS, 2016, p. 391). A mensagem transmitida e o direcionamento conforme o local onde a campanha eleitoral é realizada são as únicas diferenças entre homens e mulheres. De modo geral, de acordo com as autoras, não existem distinções técnicas de gênero na formulação de peças e de estratégias de comunicação (etapas básicas, planejamento, processo de criação). O que, de fato, é diferente, de acordo com o gênero, são as imagens predominantes nas campanhas eleitorais de mulheres.

Panke (2016) analisou 21 campanhas de mulheres de 11 países da América Latina, na última década, que apontaram semelhanças e culminaram na definição de seis estereótipos femininos predominantes: dona de casa; mãe; trabalhadora; cuidadora/sensível; subordinada e

guerreira⁵⁴. A partir desses estereótipos, somados às entrevistas realizadas com as candidatas desses países e com os seus consultores, a autora traçou três tipologias das campanhas eleitorais (*spots*) para mulheres: **a guerreira, a maternal e a profissional**⁵⁵. Essas tipologias servirão de guia no nosso percurso metodológico, a ser discutido mais à frente, no capítulo 4, quando será detalhada a definição de cada categoria de Panke (2016).

Um dado interessante, revelado por Panke (2016), é o de que nenhuma pessoa pertence unicamente a apenas uma das tipologias. As imagens são propostas de acordo com a personalidade, o contexto e a estratégia. A análise dos estereótipos das mulheres na política realizada pela autora foi reveladora também, pois identificou um ponto em comum: “(...) os papéis da mulher na sociedade são muito parecidos em todos os países analisados” (2016, p. 115) sejam elas as próprias candidatas, as personagens ou as figurantes dos *spots*. Houve também pontos em divergência: apenas dois papéis femininos estão em todos os países analisados (guerreira e mãe): “Destaco que estar na política ou em áreas de comando praticamente já supõe que esta mulher é guerreira, pois está entrando em locais tipicamente masculinos nas sociedades latinas” (PANKE, 2016, p. 119-120).

Dessa forma, nota-se que as mulheres em cargos políticos acabam enfrentando um “dilema” relacionado a esses estereótipos: o *double blind*. Significa que, ao mesmo tempo em que elas devem se revelar “femininas”, devem também demonstrar características consideradas socialmente “masculinas” (liderança) para adquirir credibilidade (PANKE; IASULAITIS, 2016). Os estudos sobre estereótipos lançam luz sobre esses dispositivos informacionais relevantes no processo político, uma vez que as competências, habilidades e valores sobre determinado candidato podem basear a escolha, ou a rejeição, dos eleitores a determinado candidato (PANKE, 2016). Assim, as tipificações são de expressivo caráter comunicacional não apenas por representarem esquemas mentais de categorizações simbólicas a respeito de pessoas, lugares ou situações. Há um vínculo também entre os estereótipos, como elementos influenciadores do processo político (PANKE, 2016), e a mídia, por atuarem na imagem pública do agente político, ou do candidato, e no discurso construído a respeito dele. Biroli (2011), centrada nas pesquisas empíricas sobre a presença de mulheres

⁵⁴ Para chegar a essas tipologias, foram analisadas nos *spots*: a candidata (imagem, discurso e aspectos da linguagem), a representação do universo feminino e outras mulheres presentes (discurso sobre agenda de gênero e mulheres que aparecem nos vídeos) (PANKE, 2016).

⁵⁵ 55A análise de Panke (2016) envolveu 216 spots de oito campanhas nas quais as candidatas conseguiram vencer: Cristina Kirchner (Argentina); Dilma Rousseff (Brasil), Michele Bachelet (Chile), e Laura Chinchilla (Chile). + Argentina (2011), Brasil (2010), Chile (2013), Colômbia (2010), Costa Rica (2010), Guatemala (2011), México (2012) e Panamá (2009).

no noticiário político, já evidenciou a ligação direta dos meios de comunicação com a problemática dos estereótipos de gênero.

Ora, se as mulheres estão mais propensas aos estereótipos de gênero, de que forma elas se utilizam desses recursos? E ainda, sendo o Rádio e a TV espaços de visibilidade caros, que reproduzem e reforçam estereótipos de gênero (MIGUEL; BIROLI, 2011), e o portal oficial da Câmara Municipal de Belém restrito ao protagonismo feminino (KAHWAGE *et al*, 2019), as vereadoras analisadas, neste trabalho, buscam o Facebook como uma *outra* forma de se comunicar para legitimar a própria representação política? As parlamentares eleitas de Belém e de Manaus se utilizaram sim de estereótipos, durante o mandato, para compor a fala pública expressa nos vídeos das *fanpages* e perfis pessoais do Facebook. Porém, nem sempre relacionados à dominação, mas também como resistência e solidariedade. É o que veremos no capítulo 5, com mais detalhes. Antes, porém, vamos discutir o conceito de representação política no próximo capítulo.

3 REPRESENTAÇÃO POLÍTICA: CONCEITO E DIMENSÕES CONTEMPORÂNEAS

Um evento da Câmara Municipal de Belém chamou bastante a minha atenção no dia 20 de março de 2019, data em que se comemorou o Dia Municipal do Poder Legislativo. Na ocasião, foi inaugurada a nova galeria de ex-presidentes da Casa. O painel com as 39 fotos dos parlamentares que presidiram a CMB foi posicionado no hall de entrada. Seria um dia corriqueiro, não fosse pelo contraste gritante do que estava exposto. Das 39 fotos, apenas uma era de uma mulher: Alice Antunes Coelho, a única a presidir a Câmara Municipal na história da legislatura de Belém. O painel é extremamente simbólico, pois, primeiro, identifica um padrão de lideranças masculinas que alimenta o próprio estereótipo construído sobre a figura do representante político, como sendo homem, de terno, pele branca. Um tipo de relação de poder baseada na dominação refletida em outro aspecto simbólico do painel de fotos: do ponto de vista da sub-representação feminina na política formal, e mais ainda, em cargos de liderança.

Miguel (2018) possui uma visão crítica sobre parte das teorias recentes de representação que não desenvolveram reflexões a respeito das novas arenas de interlocução com o Estado. Segundo o autor, há a necessidade de se refletir sobre a produção autônoma de preferências, e ainda, sobre a capacidade de interlocução entre representantes e representados. Para isso, apresenta três dimensões da representação política: 1) a transferência de poder decisório por meio das eleições; 2) a participação no debate e na formação da agenda pública; 3) a relação horizontal entre representantes e representados na definição de preferências por meio das construções coletivas.

As contribuições do autor ajudam a justificar a abordagem, desta pesquisa, no que diz respeito ao conceito em questão. A representação política pode também ser entendida sob uma perspectiva comunicacional, revelando como o exercício da atividade de um representante político é sistêmico, difuso, processual e considera a linguagem como fundamental na interação entre representante e representado (GARCÊZ, 2017). Isto porque *fazer política* não deve ser compreendida, restritamente, como legislar nos muros institucionais, e sim como a interação constante entre os cidadãos, nas conversas cotidianas, e nos espaços formais ou informais sobre aquilo que precisa ser debatido (MANSBRIDGE, 2009). Afinal, novos atores e novos espaços de representação estão presentes no processo

político⁵⁶. Por isso, é necessário retomar o nosso objetivo geral de pesquisa que é compreender como as relações de poder (*power over, power to e power with*), acionadas pelos estereótipos, atuam na configuração da representação discursiva das vereadoras de Belém e de Manaus, a partir dos vídeos postados por elas, nos perfis e *fanpages* pessoais do Facebook

O debate atual sobre as variações contemporâneas do conceito de representação política pode ajudar em algumas direções, pois traz questões intrigantes para refletirmos sobre a necessidade de revisão da teoria da representação moderna. De Thomas Hobbes, no século XVII, até Hanna Pitkin, em 1967, a definição de representação esteve intimamente atrelada à ideia de consentimento. Entretanto, segundo Almeida (2018), é razoável repensar esse conceito, e suas variações, sem o elemento central de autorização. Uma possibilidade de compreender a representação política, e torná-la mais ampla em sua definição, a fim de levar em conta a multifacetada dinâmica de grupos sociais e suas demandas, vem da comunicação. As mídias digitais surgem como ambientes em potencial para mulheres eleitas ampliarem a própria representação política, por meio da construção discursiva de seus vídeos, nos perfis pessoais e *fanpages* - já que os espaços institucionais ainda representam restrições à atuação da mulher.

Vale ressaltar que uma extensa linha de teóricos políticos vem se dedicando, contemporaneamente, a trabalhar na renovação do conceito de representação política (MIGUEL, 2014, 2018; LOUREIRO, 2009; URBINATI, 2005, 2006; GARCÊZ, 2017; AVRITZER, 2007; CASTIGLIONE; WARREN, 2006; DRYZEK; NIEMEYER, 2008; MANSBRIDGE, 2003; SAWARD, 2010). Os debates recentes envolvem a revisão democrática dos limites da representação política diante da complexa realidade da sociedade, que parece não mais se encaixar nas premissas tradicionais sobre a representação associadas ao viés eleitoral (autorização) e de pertencimento – isolado – aos muros institucionais. É um desafio à teoria e à prática democráticas o aperfeiçoamento da democracia representativa para uma trajetória, que tenha vínculos com maior participação de cidadãos, e não se resuma apenas a votos (LOUREIRO, 2009). O caráter hierarquizado da democracia (gênero, raça e classe) implica a sub-representação de diversos grupos, incluindo as mulheres, já que a esfera última de dominação masculina é considerada a esfera política (SARMENTO, 2017), e esta inclui a dimensão institucionalizada.

⁵⁶ Segundo Almeida (2018), “as práticas participativas/representativas vão desde as mais tradicionais como o referendo e o plebiscito, até as menos conhecidas, como as conferências de políticas públicas, passando pela reestruturação e ampliação de experiências preexistentes, como as audiências públicas, os conselhos gestores e os comitês de bacia hidrográfica, sem prescindir da valorização de práticas menos afamadas, como as ouvidorias e as mesas de negociação e de diálogo, e da criação de espaços completamente distintos, como os orçamentos participativos” (2018, p. 138).

É o que Miguel (2018) entende como “paradoxo da democracia representativa”, ou seja, a coexistência entre igualdade política formal e profundas desigualdades sociais. Um exemplo prático se encontra na tendência histórica de sub-representação institucional feminina, revelada mais uma vez nos números das eleições de 2018, mostrando a baixa participação das mulheres, apesar do respaldo da lei. Cabe aqui expor os números das eleições anteriores que atestam, em certa medida, a deficiência da democracia representativa ao tentar fazer a vontade popular ser representada e, além disso, revelam indícios sobre a necessidade de se alargar a ideia de representação política para uma definição mais pluralizada.

O Brasil ocupa a 115ª posição, no *ranking* mundial de presença feminina no Parlamento⁵⁷, entre 138 países analisados, pelo Projeto Mulheres Inspiradoras (PMI). A análise foi realizada com base nos bancos de dados primários do Banco Mundial (BID) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), e veiculada, em 2018, pela mídia⁵⁸. No Parlamento Brasileiro, há somente 10% de mulheres, ao passo em que as nações com maior presença feminina chegam a 63,8%, como é o caso de Ruanda, e 53,1% na vizinha Bolívia.

A baixa representação feminina em nosso país se operacionaliza mesmo frente à da lei de cotas⁵⁹ (Lei nº 12.034/2009), que obriga cada partido ou coligação a apresentar 30% de candidaturas femininas. Trata-se de um direito adquirido legalmente e decorrente de lutas feministas, mas que não tem sido suficiente para assegurar mais mulheres eleitas. Tem sido assim desde a implantação do dispositivo legal, conforme revelam os indicadores do Banco Mundial sobre a proporção de lugares ocupados por mulheres no Parlamento Nacional:

Tabela 1 - Proporção de lugares ocupados por mulheres no Parlamento Nacional

Ano	%
2014	9,9%
2003	8,3%
1998	6,6%
1990	5,3%

(Fonte: *Indicadores do Desenvolvimento Mundial, Banco Mundial*)

⁵⁷ Por Parlamento se compreende os cargos legislativos: Câmara de Deputados e Senado.

⁵⁸ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2017-03/brasil-ocupa-115o-lugar-em-ranking-de-mulheres-na-politica>. Acesso em 21.10.2017.

⁵⁹ As cotas eleitorais no Brasil foram estabelecidas, inicialmente, pela Lei nº 9.100, em 1995. Até então, havia se definido que, durante as eleições municipais subsequentes, haveria uma cota mínima de 20% para as mulheres. Após revisão em 1997, com a Lei nº 9.504, a medida foi ampliada para os demais cargos eleitos por voto proporcional, fixando assim, para as eleições seguintes, nos âmbitos municipal e estadual, o percentual de 30% de mulheres candidatas. Foi apenas em 2009, com a Lei 12.034, que se determinou a obrigatoriedade do dispositivo legal. Disponível em: <http://www.inesc.org.br/biblioteca/publicacoes/artigos/e-perfeitamente-possivel-alcancar-o-cumprimento-de-no-minimo-30-das-cotas-para-mulheres-nas-eleicoes>. Acesso em 20.11.2017.

Trazendo para uma perspectiva regional, recorreremos ao ano de 2016, nas eleições municipais no Pará. Os dados divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mostraram uma grande disparidade: em todo o Estado do Pará, dos 20.208 registros de candidatura, a maioria (13.885) foi de homens, o equivalente a 69%; enquanto que as mulheres eram pouco mais de seis mil do total de candidatos, isto é, 31% – dentro do mínimo de 30% que, por lei, os partidos políticos devem reservar às candidaturas femininas. E mais: nas eleições anteriores, em 2012, apenas 5% conseguiram se eleger. As estatísticas⁶⁰ do Tribunal Regional Eleitoral (TRE-PA) apontam ainda uma grande discrepância entre homens e mulheres eleitos: do total de 12.614 vereadores concorrendo, 1.494 se elegeram; enquanto que, das 6.003 candidatas, apenas 240 se tornaram vereadoras. Em relação ao cargo de prefeito, foram 122 eleitos de um total de 451 em disputa, e 21 prefeitas eleitas de 83 candidatas que concorreram.

Na Câmara Municipal de Belém, no mandato 2017/2020, eram três as representantes mulheres: Marinor Brito (PSOL), Simone Kahwage (PRB) e Blenda Quaresma (MDB). As referidas políticas são as únicas no total de 35 vereadores, reflexo do cenário de desigualdade de gênero na política institucional. Já na Câmara Municipal de Manaus, são quatro parlamentares mulheres do total de 41 cadeiras na Casa: Glória Carratte (PRP); Joana D'arc (PR); Professora Jacqueline (PHS) e Professora Therezinha (Democratas).

Neste capítulo, iremos introduzir, em primeiro lugar, o conceito de representação política estabelecido na Modernidade, durante o desenvolvimento dos Estados-Nação, e a definição associada à autorização e ao consentimento. Em seguida, abordaremos os tensionamentos no debate em torno da ampliação do conceito de representação política frente as transformações e as dinâmicas da sociedade. Esse será o ponto de partida para tratarmos da representação política discursiva, cuja definição possui abordagem comunicacional. Vamos expor, de maneira, breve as funções constitucionais de um vereador; o perfil das vereadoras de Belém e de Manaus; a importância dos partidos na democracia e a questão de gênero; por fim, debateremos sobre o conceito de mídias digitais e a relação com novas práticas cotidianas e participação política.

3.1 Sobre a representação política

⁶⁰ Disponível em: <http://www.tre-pa.jus.br/>. Acesso em 20.10.2017.

O termo *representação* começou a ser utilizado no campo da política ainda no século XIV, na Inglaterra, para a “convocação de cavaleiros e burgueses ao Parlamento para tratar de tributos com o Rei e com os lordes” (LOUREIRO, 2009, p. 4). Mas foi com o filósofo inglês Thomas Hobbes, um dos fundadores da teoria política moderna e o principal teórico clássico, que a noção de representação passou a ser utilizada com o sentido de autorização:

Para ele, o *estado natural* dos homens conduziria a uma guerra de *todos contra todos*, onde cada um busca subjugar o outro guiado pelas paixões naturais, como o ódio ou a vingança, por exemplo. (...) Para assegurar a paz, o bem comum e a unidade, o soberano de Hobbes, investido do poder absoluto, poderia usar de força e qualquer outro recurso. (GARCÊZ, 2017, p. 4)

Em Hobbes, a partir do *pacto social* (que explicamos com mais detalhes no capítulo 1), os homens sairiam do *estado natural* em que se assemelham aos animais, sujeitos à guerra de *todos contra todos*, sem limite de vontade, e passariam de forma consentida as decisões (e as próprias vontades) aos representantes. Isto é, para evitar a violência generalizada, os homens formaram sociedades e criaram um contrato estabelecendo a transferência do direito de “governar-se a si mesmo para um homem ou assembleia” (GARCÊZ, 2017, p. 4). Dito de outra forma, “o poder legítimo surge da autorização dos indivíduos, que transferem soberania em favor da soberania do Estado” (ALMEIDA, 2018, p. 232). Dessa maneira, foram criadas as instituições representativas⁶¹, tendo como figura maior o Estado como garantidor da vida em sociedade.

Os sistemas de governos contemporâneos, hoje denominados democracias representativas, se originaram de três revoluções modernas: a inglesa, a americana e a francesa. Porém, nunca foram considerados por seus fundadores como governo do povo (LOUREIRO, 2009). Foi por meio de Schumpeter (1961) e Sartori (1984), teóricos do elitismo democrático, que a ideia de representação foi enfatizada como ferramenta de “reforço da aristocracia e uma forma de perpetuar o poder das elites” (LOUREIRO, 2009, p. 9), ou seja, a noção de que os indivíduos se mobilizavam apenas durante os períodos eleitorais. Portanto, esse seria o único momento possível de escolher quem assumiria o poder.

⁶¹ Segundo Loureiro (2007), algumas das premissas que regem as instituições representativas, e que podem ser identificadas em todos os governo representativos, são: “1) os representantes são eleitos pelos governados; 2) os representantes conservam certa independência frente à vontade dos representados ou frente às preferências dos eleitores, já que as tentativas de impor instruções aos eleitos e a revogabilidade dos mandatos foram sempre rejeitadas; 3) liberdade de manifestação da opinião pública como contrapartida à ausência do mandato imperativo; 4) as decisões políticas são tomadas após debate em assembleias, porque as sociedades modernas são complexas e só as discussões permitem chegar a um acordo” (2007, p. 72).

Loureiro (2009) e Urbinati (2005, 2006, 2008) possuem perspectivas convergentes ao defenderem o modelo de democracia representativa como forma de governo original que não exclui a participação – como muito se sedimentou ao longo do tempo. Ela é considerada sim custosa e difícil, mas não impossível. Isso porque, para Loureiro (2009), trata-se de um processo político estruturado pela circularidade ou mediação entre as instituições estatais e a sociedade; enquanto que, para Urbinati (2008), o modelo possibilita a participação dos movimentos políticos sociais, além de ter no voto uma possibilidade de escutar opiniões ignoradas. Ainda em Urbinati (2005, 2006) a democracia representativa corresponde à manifestação do povo na criação, e na recriação, da autoridade dos investidos de poder (URBINATI, 2005, 2006). No marco de ambas, o contrário à representação não é a participação, e sim, a exclusão da representação. Portanto, as eleições e a autorização eleitoral são essenciais, mas somente elas “não são suficientes para a ordem democrática”, posto que “engendram a representação, mas não os representantes” (LOUREIRO, 2009, p. 82). Vamos explicar um pouco melhor as reflexões dessas autoras.

Loureiro (2009) destaca um debate envolvendo a revisão sobre o conceito de representação política, alertando para a importância dessa revisão, tanto da teoria quanto da prática democrática, no contexto atual em que se questiona demasiadamente a crise de representação no Brasil. A autora toma como base de fundamento para reflexão o conceito de representação política como melhor modelo para explorar tanto os limites quanto as potencialidades da representação em si, entendendo a representação política não mais como autorização ou relacionada ao afastamento do representado. Isto é, não possuindo mais as eleições – e a autorização – como peças únicas. Eleições e autorização são essenciais sim, porém, não se constituem como os únicos elementos.

Já a teoria da representação política, em Urbinati (2005, 2006, 2008), é compreendida como processo; como nova forma de ver a política; de compreender a representação como processo político, no qual ocorrem as interações entre Estado e sociedade; a questão do tempo histórico; a participação do eleitor no processo político. Ainda que entre eleições e a prática da representação haja um “espaço”, para a cientista política italiana, é possível preenchê-lo com a própria participação do eleitor por meio de *accountability*, de fiscalizações, julgamentos e cobranças do representado. Aliás, o representado já não é mais compreendido apenas na figura de uma parte pelo todo, e sim, tomando a representação política como processo dinâmico, do qual participa e que está em constante processo de modificação.

Uma crítica feita por Loureiro a Urbinati consiste no argumento de que ela pouco se aprofundara sobre quais seriam, então, os arranjos institucionais para se pensar uma nova forma de representação política, um novo tipo de governo representativo. De que formas eles seriam construídos? Essa é a discussão desafiadora da prática e teoria democrática, conforme trazem as autoras. No entanto, assim como Urbinati (2005, 2006), Loureiro (2009) não traça o desenho institucional, a representação ideal, e afirma que são necessários mais estudos empíricos. A autora (LOUREIRO, 2009) apenas sugere alguns direcionamentos possíveis: um governo representativo com menor concentração do poder executivo, e uma “*accountability* democrática estendida”⁶² (LOUREIRO, 2009, p. 88), centrada na “institucionalização de arenas de comunicação e controle continuados entre a sociedade e os representantes” (2009, p. 88).

Ainda assim, Loureiro vê, em Urbinati, a pesquisadora que possui a melhor proposta sobre a possibilidade adequada de democracia representativa, porque ela consegue ampliar o significado de representação, ressaltando as potencialidades do modelo compreendido como processo político e essencial para a democracia, além de levar em consideração as complexidades e transformações da sociedade. Visão também adotada neste trabalho, pois Urbinati (2008) traz ainda para esse conceito aspectos pluralizados de representação política. Corresponde àquela que se faz presente (também) por meio das ideias e discursos, ou seja, nas formas relacionadas entre si e que são constituidoras do *continuum* de discernimento político e ação. Um dos caracteres indiretos da política democrática, ainda de acordo com a autora, é o discurso público referente a um dos principais elementos que caracterizam e dão valor às políticas democráticas, pois coloca em exposição os julgamentos políticos dos cidadãos. Isto é, trata-se da voz positiva (ativa e propositiva) e negativa (receptiva e vigilante), importante para entender o papel de julgamento e da natureza da participação. Dito de outro modo, os governos modernos, em Urbinati (2008), não são definidos pelas eleições em si, mas pela relação entre participação e representação (sociedade e Estado). Em vista disso, compreender um dos aspectos indiretos da política democrática é possível por meio da fala pública de representantes políticos. Em se tratando desta pesquisa, corresponde ao conteúdo discursivo dos vídeos postados pelas vereadoras de Belém e de Manaus, nos perfis pessoais e *fanpage* no Facebook.

⁶² No marco de Loureiro (2007) significa que: “(...) o controle das decisões dos governantes eleitos, não só através das instituições representativas tradicionais como Parlamento e partidos, mas conjuntamente com novas instituições criadas na sociedade (no caso em estudo, os conselhos envolvidos com questões de emprego e salário) permitiram que países como a República Tcheca, diferentemente de outros analisados, como a Hungria e Alemanha Oriental, pudessem elaborar e executar políticas econômicas mais sustentáveis em termos econômicos e sociais.” (2007, p. 89)

Tratar sobre a questão de gênero, no contexto da representação política e das desigualdades advindas dela significa, também, pensar em novos arranjos constitucionais ou modelos de instituições democráticas melhor adequadas à realidade social contemporânea. Todavia, nosso objetivo, nesta investigação, não é voltado para a teoria política e os possíveis desenhos institucionais, e sim pensar, a partir desses debates a respeito de variações contemporâneas de representação política, articuladas para além do âmbito do Estado, levando em conta a dinâmica de nossas interações sociais (cada vez mais horizontalizadas) e a necessidade de maior participação política. Os dilemas da representação mostram, sim, que há uma “tensão indissolúvel” entre Estado e sociedade, exatamente pela dificuldade de equilibrar os diferentes interesses dos indivíduos e as políticas deliberadas pelos representantes (ALMEIDA, 2018). Entretanto, a reconfiguração da representação política deixa de ser centrada apenas no representante eleito para ser baseada em um “relacionamento”, a ser investido entre as partes, ao longo do tempo e que pode ocorrer por vieses menos convencionais, como o discursivo, e em ambiente menos comuns, como o *online*. Uma contribuição para essa questão é deixada por Loureiro (2009), ao entender que “a manifestação mais ativa da política é a voz” (2009, p. 82), não importa por qual meio ou de qual lugar é emitida.

3.1.1 Representação política sob viés comunicacional

A voz pública, da arte da retórica e da oratória, é um dos elementos mais conhecidos da cultura ocidental antiga, conforme debatido no *capítulo 1*, e mantém suas influências ainda hoje nas sociedades ocidentais contemporâneas. É para essa origem mais clássica que se volta o entendimento basilar de política como ponto de partida para reflexões amplificadas. Isto é, a voz como manifestação essencial para o debate democrático e que está associada tanto aos espaços públicos quanto ao privado, tanto aos ambientes formais quanto aos informais, tanto para o que é vocalizado em palavras quanto simbolicamente. As relações de poder não giram em torno apenas de questões institucionalizadas (Estado), ao contrário, estão capilarizadas por toda a nossa organização social. Não por acaso o número e a diversidade de atores que atuam como representantes ampliou recentemente, ganhando reconhecimento social e governamental, além de força para intervir na atividade do representante ou denunciar erros da política formal (ALMEIDA, 2018). Esse tipo de movimento não é novidade na política democrática. Ainda no marco de Almeida (2018), observa-se que novos atores exercem representação por meio de arenas de tomada de decisão transnacionais; na luta por

reconhecimento de grupos historicamente marginalizados, que levam ao debate público temas como gênero, raça, sexualidade; e, ainda, na presença de organizações defensoras de uma causa (educação, animais, paz). São atividades de representar que não são legitimadas via eleitoral ou por *consentimento*, e sim por representarem em nome de interesses coletivos, ideias, valores:

Eles [representantes] falam por uma variedade de bens: direitos humanos e segurança, saúde, educação, animais, florestas, comunidade, paz, desenvolvimento econômico, e por aí em diante. Alguns autores defendem que a legitimidade dessa representação não provém da autorização, mas de suas funções discursivas, no sentido que ajudam a apresentar questões e temas no debate público, forçando sua consideração pelos representantes (ALMEIDA *apud* DRYZEK, NIEMEYER, 2008, p.138)

A proposta aqui não é o enfraquecimento das instituições, e sim a ampliação de ações e modelos de representar capazes de contemplar grupos, muitas vezes, distantes das esferas de poder institucional e de tomada de decisão, no âmbito do Estado. Entendemos. O processo político em que essas decisões são tomadas também pode ser realizado por cidadãos comuns, como Mansbridge (2009) destaca ao considerar a existência de vários espaços de deliberação, tanto formais quanto informais: assembleia representativa; assembleia pública; esfera pública; contextos mais informais de conversação cotidiana.

Para a autora, a política também opera fora dos cargos decisórios e fora da representação formal, sendo discutida publicamente nas conversas do dia a dia. A “conversação cotidiana” é fundamental no sistema deliberativo, não havendo diferença de *grau* entre ela e o processo de tomada de decisão numa assembleia, por exemplo. A única distinção é o tipo de deliberação. Mansbridge define aquilo que é político como “o que o público deve discutir” (2009, p. 212) e, portanto, reforça a união das conversações cotidianas e do ativismo cotidiano como primordial para o melhor funcionamento do sistema deliberativo e para maior participação política. É Mansbridge (2009) que resgata a célebre frase, bastante utilizada durante a segunda onda feminista na década de 70: “o pessoal é político”. É uma reflexão importante, principalmente por tratarmos aqui da questão de gênero na política formal, ou seja, envolve o encontro de assuntos, fundamentalmente, originários da esfera privada: mulheres como agentes políticas, sujeitas a estereótipos de gênero, majoritariamente negativos, em um terreno em que a dominação como poder masculino é hegemônica – embora não a única na disputa.

Ora, como construção social, somos produtos, sobretudo, de atravessamentos culturais, de transformações históricas e das afetações resultantes das interações com o outro, com as instituições e em espaços não formais. É por meio da linguagem – verbal, visual,

sonora – que os códigos são estabelecidos para a produção de sentidos e de discursos entre os sujeitos. Os códigos geram inferências que, por sua vez, auxiliam na atualização dos códigos (BRAGA, 2017), em um processo de mútua afetação. As práticas geradoras de significados são baseadas no compartilhamento entre grupos e indivíduos, durante uma relação comunicacional, na qual estão presentes intersubjetividade e alteridade (MARTINO, 2014). Mas é um processo complexo que envolve diversos aspectos e influências para além da linguística. A cultura, as práticas, as normas institucionais e as regras morais da sociedade também possuem interferência nos episódios interacionais.

A questão de gênero, tratada como categoria de análise, nesta investigação, é um aspecto a ser destacado, assim como outros marcadores de diferença social (raça, classe, sexualidade, etc.). São elementos que ajudam na organização do conjunto de regras da sociedade e, sob uma perspectiva geral, atuam na manutenção do controle da narrativa hegemônica a respeito de quem pode falar, o que pode ser falado em determinada época, e em que medida é falado. Isto é, organiza-se a narrativa identificando quem são protagonistas, os coadjuvantes e quem parece não existir. Apesar disso, a narrativa hegemônica não é totalizante. Ao observar como as representantes políticas se comunicam, é possível enxergar determinados significados expressos por meio da linguagem, reveladores de outros aspectos desses atores secundários, e que “passaram batido” à primeira vista. É importante notar as entrelinhas, as outras formas de poder, pensadas não de forma unilateral na dominação masculina e, ainda, compreender os estereótipos nem sempre como mobilizadores de situações de opressão. O processo discursivo, além de legitimar a atuação das vereadoras de Belém e de Manaus para com os representados, no ambiente do Facebook, no debate de temas e causas consideradas de interesse coletivo, também são espaços de possível construção de resistência e solidariedade. O próprio fato de as parlamentares utilizarem essa plataforma para se comunicar é um exemplo básico de como essas mulheres não aceitam o silenciamento institucional e da grande mídia, ambientes que reduzem a visibilidade e a voz femininas.

Ressalta-se, dessa forma, a linha praxiológica da pesquisa com base na comunicação, sob o ponto de vista das interações sociais. O objetivo não é apanhar o fenômeno comunicacional na sua essência e totalidade (BRAGA, 2017), mas entendê-lo como um *processo*, no qual há “(...) a produção e compartilhamento de sentidos entre os sujeitos interlocutores, realizado através da materialidade simbólica (produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe reflexos” (FRANÇA, 2002, p. 16).

Nos atravessamentos de diferentes “episódios interacionais” (BRAGA, 2017, p. 24), nos quais se compartilham diferenças (motivos, objetivos, procedimentos) com o objetivo de enfrentar e resolver criativamente os impasses, toma-se a comunicação sem demarcações rígidas de definições, e sim, sob duas perspectivas principais dinâmicas (porém não únicas): 1) as mídias⁶³ enquanto agentes que mediam/veiculam e possuem princípios regentes à produção, à lógica e à distribuição de conteúdos; 2) o processo comunicacional, no qual as mídias são parte e funcionam como objeto dos sujeitos nas mediações (FRANÇA, 2002), ocorridas nos episódios interacionais. De forma complementar, Gomes (2018) discorre sobre a importância de realizar as distinções necessárias na abordagem de *mídia e comunicação*, pois não correspondem a sinônimos, e sim a termos cujas complexidades e nuances devem ser consideradas:

Assim, qualquer discurso sobre as relações entre comunicação e democracia deve considerar a complexidade e as nuances daquilo que é referido pelas expressões “comunicação” e “mídia”, sob a pena de produzir generalizações e leviandades, ou de produzir falsas polêmicas (...) Nem toda a comunicação obedece ao modelo de difusão (de um para muitos), vez que grande parte do que chamamos de comunicação é hoje produção e reprodução de conteúdos em sites, plataformas e aplicativos digitais em que sempre nos encontramos por meio de conexão praticamente ininterrupta (GOMES, 2018, p. 338)

A compreensão desse raciocínio é que “ambientes comunicacionais”⁶⁴ funcionam não apenas como espaços isolados da lógica e da cultura de uma sociedade (veiculadora de convenções morais, como os preconceitos de gênero, os estereótipos), mas são *também* como uma rede complexa, composta por sujeitos e por suas inúmeras interações articuladas no cotidiano, possíveis de ocorrer por meio dos dispositivos tecnológicos (ou não), junto ao público e entre eles mesmos. Ou seja, o ambiente comunicacional é, ao mesmo tempo, agente e processo em si mesmo, e fora dele.

Destaca-se o papel central da comunicação é na sociedade, por ser elemento fundante das relações cotidianas, ainda que não simplificador das mesmas. Um emaranhado complexo de experiências, sentidos e códigos, do qual não é possível delimitar e nem sobrepor, posto que não há graus de relevância em um processo. Ele é fluido. São as reflexões trazidas por França (2002) que permitem analisar como as relações sociais se constituem pela interseção dos campos sociais, já que a comunicação é estruturalmente um campo de interfaces – a

⁶³ Por mídias, entendemos nesta pesquisa como “os diferentes aparatos tecnológicos usados para produzir e/ou distribuir conteúdos, as linguagens e os ambientes profissionais que se formaram para tanto (que é tudo o que uma vez se chamou tecnicamente de “meios de comunicação”), as indústrias da informação e do entretenimento” (GOMES, 2018, p. 338).

⁶⁴ Aproxima-se da ideia de “campos sociais” de Gomes (2018) que os define como sendo os locais onde “se formam as lógicas profissionais, e os sistemas de valores que regulam a distribuição de prestígio e a distinção no interior de cada âmbito profissional da comunicação” (2018, p. 338).

exemplo da articulação com a política. Para Gomes (2018), é ainda mais do que isso, a política é uma forma de comunicação porque demanda organização e competências daqueles que procuram poder político: “demanda de apoio, negociações sobre objetivos em competição, articulação de políticas alternativas, levantamento de fundos, construção de coalizões, registro de demandas e necessidades e, até mesmo a formulação de ameaças” (GOMES *apud* ATERTON, 1987, p. 15).

Assim, o aspecto engessado e instrumental de encarar a comunicação e seus ambientes pode limitar as próprias potencialidades e articulações com a política. Ao contrário, pensar no caráter processual da comunicação, do ponto de vista da política formal, pode ajudar na constituição de sentido mais amplo para representação política como um “relacionamento” (ALMEIDA, 2018) configurado também, discursivamente, e em ambientes não-convencionais. Hanna Pitkin (1984) é uma autora que traça os primeiros caminhos para auxiliar a questionar a representação no modelo tradicional da teoria política clássica, em que há forte dualismo entre Estado e sociedade, além do caráter bastante tecnicista. Pitkin (1984) entende representar como uma *substância* presente no agir daquele que governa, ou seja, relacionada ao princípio do *ser*, relacionada à essência, permanente. Não corresponde a uma relação que começa e acaba de modo característico à substituição de algo ausente e sim, na visão da autora, a uma curta atividade ou modo de **agir** relacionado a um conjunto de ações, ou seja, o importante é o que o representante **faz**, durante seu mandato, e os consequentes desmembramentos a partir dessas atividades. Desse modo, em Pitkin (1984), a *atividade* de representar é a combinação do que o representante faz (*acting for*) e do que o representante é (*standing for*). O questionamento da autora, a respeito de vários teóricos que trataram das definições sobre representação, é que todos tentam explicar a ideia de representação e o que seria o representante de forma descritiva, mas não há explicações sobre qual deveria ser a conduta desses representantes no processo de representação. A autora mobiliza a discussão para novos rumos do pensar a representação política, organizando diversos vieses teóricos e identificando lacunas, mas não há apontamentos por parte da própria Pitkin (1984) sobre, afinal, quais os caminhos e elementos constituintes dessa conduta. O pensamento é finalizado, deixando incógnitas.

Ainda em Pitkin (1984), há uma crítica interessante de ser mencionada sobre a representação simbólica, que seria aprofundada pelo carisma, atuando como artifício do representante para exercer o fascismo, ou seja, moldar a mente do eleitor. Essa premissa é contestada por Garcêz (2017), que realiza diversas ponderações sobre a perspectiva de Pitkin (1984) por não considerar a importância dos símbolos. Para Garcêz (2017), os símbolos são

marcadores da representação política como, por exemplo, a etnia, o gênero, a nacionalidade, o uso de acessórios, a vestimenta ou a própria aparência física. Afinal, o corpo é político (FEDERICI, 2017) e comunica diferentes sentidos. O corpo feminino nos espaços públicos seria uma afronta ao padrão político masculino, pois fornece “mecanismos descritivos” (PHILLIPS, 2003, p. 56) de um grupo historicamente marginalizado. Podemos exemplificar com o caso da deputada estadual do PDT, Ana Paula da Silva, conhecida como deputada Paulinha, que, em fevereiro de 2019, foi à cerimônia de posse da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, trajando um macacão vermelho com decote acentuado nos seios. Ainda que o figurino estivesse de acordo com o regimento interno da Casa e não configurasse quebra de decoro⁶⁵, houve grande repercussão interna e externa sobre a presença daquele *corpo*, daquele símbolo feminino, em um espaço considerado a última instância da dominação masculina. Afinal, não se tratava apenas de um corpo, é um corpo que não obedece às regras masculinas estabelecidas, e que se recusa a se submeter ao *ethos* masculino do espaço político. A deputada foi duramente criticada pela “forma inadequada de se vestir” por parte dos colegas, e foi vítima do escrutínio público nas mídias digitais, chegando até a receber comentários com menções à violência sexual.

Aprofundando um pouco na questão, cita-se Phillips (2001, 2003) que identifica como a *política de presença* é importante para a correção de alguns vieses de representação política em termos de pluralidade de grupos sociais. A autora critica a democracia liberal por compreender a representação como unicamente vinculada à esfera das ideias, perspectivas ou crenças, deixando de lado, a materialidade do fenômeno, ou seja, a identidade, os símbolos. Quando as características pessoais dos representantes são ignoradas ou omitidas, as demandas minoritárias ficam desprotegidas, assim como há desestímulo à participação política. Isso porque, segundo Phillips (2001), a atuação solitária da política de interesses promove uma “fachada de discussão séria” (2001, p. 270), valorizando aqueles com maior poder aquisitivo e ou midiático. Na questão de gênero, a associação entre ideias e presença na representação política significa mulheres reivindicando reconhecimento como mulheres pelo *o que se é e quem se é* dentro dos espaços decisórios:

Representação adequada é, cada vez mais, interpretada como implicando uma representação mais correta dos diferentes grupos sociais que compõem o corpo de cidadãos, e noções de representação “típica”, “especular” ou “descritiva”, portanto, têm retornado com força renovada (...) É concebível que homens possam substituir mulheres quando o que está em questão é a representação de políticas, programas ou ideais com os quais concordam. Mas como um homem pode substituir

⁶⁵ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/decote-da-deputada-paulinha-nao-quebra-decoro-dizem-advogados/> (Acesso em 01.04.2019)

legitimamente uma mulher quando está em questão a representação das mulheres *perse*? (PHILLIPS, 2001, p. 273)

É um pensamento que também se alinha à ideia de representação e identidade, conforme explicam Miguel e Biroli (2015):

O meu interesse é, em tese, representável por qualquer pessoa, que pode verbalizá-lo em meu lugar e agir para promovê-lo. Mas a minha identidade só se torna visível por meio de um igual. Eu posso não estar presente no grupo de governantes, mas minha identidade estará lá não poder meio de representante, e sim, corporificada em alguém que a possui em comum (MIGUEL e BIROLI, 2015, p. 100)

As reflexões sobre símbolos e identidade são pertinentes na medida em que, neste trabalho, a representação política se fundamenta no *agir* e, por sua vez, como uma *atividade comunicacional e discursiva*, conforme marco de Garcêz (2017). A autora problematiza a noção de representação política, sob o viés comunicacional, avançando em alguns dilemas clássicos como o relacionado à lacuna apontada por Pitkin (1984): qual deve ser a conduta do representante? Para Garcêz (2017), a representação política contemporânea, compreendida em abordagem ampliada e processual, deve ser voltada principalmente para os *percursos* constituintes da dinâmica representativa, e não nos resultados, ou seja, o que o representante *faz*, durante determinado período de tempo. É isso que difere o pensamento de ambas as teóricas. Apesar de Pitkin (1984) identificar a representação política como *atividade*, a atenção é voltada para o representante em si, diferentemente de Garcêz (2017), que se preocupa com o processo constitutivo da representação.

A representação política é complexa⁶⁶ e desafiadora devido à forma como se apresenta na contemporaneidade, com aspectos que vão desde a territorialidade e a constituição do grupo de representados até o papel dos meios de comunicação, e o surgimento de novas formas de se comunicar. É por isso que Garcêz (2017) descarta a ideia de "crise de representação". A dificuldade em responder aos dilemas da representação não a torna antidemocrática. O que há, na verdade, é uma "crise na concepção clássica de representação" (2017, p. 12). E a comunicação permite refletir sobre as tensões nos dias atuais. Dentre as possibilidades de teorias e práticas democráticas contemporâneas, a autora enfatiza a importância da abordagem comunicacional, por meio dos seguintes pressupostos:

⁶⁶ Garcêz (2017) aponta os seguintes elementos enquanto complexificadores da representação política na contemporaneidade: a) a questão da territorialidade e da constituição do grupo de representados; b) a definição estrita da representação pelo voto em contraposição ao surgimento contemporâneo de porta-vozes de diferentes naturezas; c) a prestação de contas e a problematização da legitimidade para além de períodos eleitorais; d) inovações institucionais participativas e representativas na esfera política; e) a demanda por maior inclusividade das minorias e dos movimentos sociais, com a emergência de novos atores políticos representativos e f) o papel dos meios de comunicação e o surgimento de novas formas de comunicação cada vez mais difusas e horizontais (2017, p. 12)

a) o ato de representar é sistêmico, difuso e multifacetado; b) uma abordagem comunicativa considera símbolos e imagens importantes para a compreensão da representação política e c) a legitimidade se constitui discursivamente entre representantes e representados e deve levar em conta o protagonismo dos afetados. (GARCÊZ, 2017, p. 3)

Além de Garcêz (2017), existem outros trabalhos⁶⁷ construindo reflexões sobre as possibilidades de alargamento da democracia com base na representação política para além do viés eleitoral. São debates que convergem, ainda, para o fato de se referirem não apenas a pessoas, mas a perspectivas ou valores (GARCÊZ, 2017). A obra de Urbinati (2006) é um dos exemplos, e trata da representação política como representação política não eleitoral. Para a autora, existe um *processo* complexo e dinâmico atravessado pelas tensões entre Estado e sociedade; a divergência de opiniões, de interpretações de ideias enquanto fatores de estabilidade do modelo; a contestação repetida e periódica do exercício do poder; a criação e a recriação da autoridade dos investidos de poder como resultado da manifestação do povo. Para a autora, a democracia representativa é a melhor opção possível dentro de um cenário em que a democracia direta, nos padrões atenienses, é utópica.

As premissas são fundamentais para compreendermos a representação como um processo político discursivo, pois é por meio da comunicação que se configura o exercício de representar, as interações simbólicas, as trocas de opiniões e razões, os julgamentos e a fiscalização por parte dos representados. Em Garcêz (2017), a representação política não se limita às instituições formais, à autorização e às eleições. A legitimidade do processo efetiva-se também, e principalmente, dentro de um “espaço criativo onde seja possível reconfigurar padrões de injustiça e desrespeito” (2017, p. 13), ou seja, em diferentes ambientes onde haja a pluralidade e os conflitos entre representantes e representados. É nesse sentido que esta pesquisa é importante, pois vem abordar a configuração discursiva das vereadoras de Belém e de Manaus, em um espaço criativo e não convencional, como o Facebook, e pelo qual se observa, após a análise dos vídeos, a possibilidade de estabelecer outros discursos que não apenas o hegemônico, indicando o dinamismo das relações de poder e dos sujeitos cujas opressões, injustiças e desrespeitos sofridos, dentro do âmbito da política formal puderam ser ressignificados.

⁶⁷ Garcêz (2017) explica que há vários termos cunhados para reflexões convergentes para uma perspectiva não estritamente eleitoral da representação política: “representação discursiva (DRYZEK e NIEMEYER, 2008), representação por afinidade (AVRITZER, 2008), representação virtual (LAVALLE, *et al*, 2006, inspirado parcialmente em Burke), representação não eleitoral (URBINATI, 2006; URBINATI e WARREN, 2008), representação de perspectivas (YOUNG, 2000) ou demandas de representação (*representative claim*) (SAWARD, 2009; 2010) (2017, p. 13).

Lançar luz sob essa perspectiva é importante para uma leitura crítica dos dilemas atuais da representação política e, ainda, para que a mesma não seja pensada apenas como mera formalidade institucional, estabelecida por autorização, durante uma “breve” participação política popular, ocorrida durante as eleições, com o voto. Mas sim como um modelo sujeito a ajustes e adaptações, em complementariedade às transformações sociais contemporâneas, e portanto, merece ser compreendido não como um *fim*, e sim como um *processo*, não como o governo da vontade de uns sobre outros, e sim como o “fazer por merecer”. A legitimidade é construída passo a passo, no cotidiano, nos espaços diversos, na construção de um relacionamento.

3.2 A função do vereador

Mas, afinal de contas, o que faz um vereador? Uma pesquisa realizada pelo *The Economist Intelligence Unit*⁶⁸ classificou, por notas de 0 a 10, o índice da qualidade da democracia brasileira tomando, como base o nível de conhecimento em determinados aspectos democráticos, como o processo eleitoral e o pluralismo; o funcionamento do governo; as liberdades civis; a participação política e a cultura política. Os dois últimos obtiveram nota 5,56 e 3,75, respectivamente, indicando falhas na democracia no Brasil. O cenário é de desinformação a respeito de educação política. Por isso, este tópico foi criado para, brevemente, expor quais os papéis dos vereadores como representantes políticos. O levantamento dessas informações foi importante ainda para realizar a análise dos dados, de maneira mais crítica, realizando os cruzamentos dos achados, com as previsões constitucionais do cargo, bem como as reflexões necessárias sobre a representação política.

Dito isso, os vereadores são agentes políticos que trabalham no Poder Legislativo da esfera municipal da federação brasileira. O papel desempenhado por tais agentes é equivalente aquele exercido por deputados (Estados) e senadores (União), em esferas mais amplas. Na prática, o vereador é a ligação mais direta existente entre governo e povo, uma vez que, a partir dos anseios populares, é capaz de propor e aprovar projetos de lei na Câmara Municipal. Além disso, é importante considerar a maior proximidade física do vereador com a população do Município que atua.

Os vereadores têm suas competências previstas pela Constituição Federal de 1988 (artigos 29 a 31), e por leis orgânicas municipais. A função típica e mais conhecida dos

⁶⁸ Disponível em: <https://www.eiu.com/topic/democracy-index>. Acesso em: 06.04.2019.

vereadores é a legislativa, porém não é a única. Existem outras três: a função fiscalizadora; a função de administração e a função julgadora.

A função legislativa⁶⁹ compreende a criação, a emenda e a extinção de leis e de resoluções de competência do Município. Nesse sentido, os vereadores se reúnem na Câmara Municipal para discutir e votar matérias relacionadas à competência municipal, por exemplo, linhas de ônibus, educação, orçamento anual, saneamento, etc. Para serem aprovadas, os projetos de lei, emendas e resoluções devem passar por comissões para, então, serem discutidos e votados no plenários.

A função fiscalizadora⁷⁰, também considerada típica e fundamental para a garantia da democracia, consiste no poder-dever do vereador em fiscalizar as ações do Poder Executivo municipal. É através dessa fiscalização que os vereadores, não apenas zelam pela aplicação de recursos públicos e da gestão do dinheiro público, mas asseguram que o poder do prefeito não ultrapasse os limites previstos em lei. Entre os deveres de fiscalização dos vereadores estão, por exemplo: a supervisão dos gastos e das contas da Prefeitura; a criação de comissões parlamentares de inquérito e o controle externo das contas públicas, com auxílio do Tribunal de Contas do Estado ou do Município responsável; a investigação de atos determinados, mediante a criação de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI); e a formulação de requerimentos para obter informações.

As funções de administração e de julgamento são consideradas atípicas do legislador municipal. No que tange à competência para administrar, ela consiste, basicamente, na organização própria do Poder Legislativo Municipal: além do gerenciamento do próprio orçamento, do patrimônio colocado à sua disposição e o pessoal que nele trabalha (servidores de provimento em comissão, provimento efetivo de terceirizados, caso houver), a Câmara

⁶⁹ Art. 30. Compete aos Municípios:

I - legislar sobre assuntos de interesse local;

II - suplementar a legislação federal e a estadual no que couber;

III - instituir e arrecadar os tributos de sua competência, bem como aplicar suas rendas, sem prejuízo da obrigatoriedade de prestar contas e publicar balancetes nos prazos fixados em lei;

IV - criar, organizar e suprimir distritos, observada a legislação estadual;

V - organizar e prestar, diretamente ou sob regime de concessão ou permissão, os serviços públicos de interesse local, incluído o de transporte coletivo, que tem caráter essencial;

VI - manter, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, programas de educação infantil e de ensino fundamental;

VII - prestar, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, serviços de atendimento à saúde da população;

VIII - promover, no que couber, adequado ordenamento territorial, mediante planejamento e controle do uso, do parcelamento e da ocupação do solo urbano;

IX - promover a proteção do patrimônio histórico-cultural local, observada a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual.

⁷⁰ Art. 31. A fiscalização do Município será exercida pelo Poder Legislativo Municipal, mediante controle externo, e pelos sistemas de controle interno do Poder Executivo Municipal, na forma da lei.

Municipal realiza o controle da organização administrativa, garantindo que todas as providências necessárias para a realização dos trabalhos legislativos sejam tomadas.

Por fim, os vereadores possuem competência julgadora, no sentido de avaliar as contas públicas dos Prefeitos e apurar possíveis infrações político-administrativas do Executivo Municipal e de outros vereadores. Assim, cabe à Câmara Municipal processar e julgar o prefeito e o vice-prefeito por crime de responsabilidade, bem como outros vereadores em casos de irregularidades.

Trazendo para o contexto regional, a análise do objeto de pesquisa ocorre sob um contexto, já citado, de sub-representação política feminina, de caráter histórico, por parte de ambas as Câmaras Municipais. Em Belém, e em Manaus, a participação feminina é reduzida nos cargos legislativos municipais, e quase inexistente ao se tratar da presidência da Casa. Desde a criação da Câmara Municipal de Belém, apenas uma mulher foi eleita presidenta, enquanto que, na Câmara Municipal de Manaus, das 17 legislaturas pelas quais passaram 42 presidentes, nenhuma foi mulher.

3.2.1 Perfil das vereadoras

Traçamos um breve perfil das vereadoras de Belém e de Manaus com as informações gerais sobre elas, obtidas por meio da internet, dos perfis pessoais e das *fanpages* no Facebook. Buscou-se o equilíbrio, na exposição das informações pessoais e da carreira das parlamentares, visto que há uma discrepância dos dados públicos sobre elas que são acessados pela internet. Por isso, algumas possuem mais informações do que outras. Parte das vereadoras investigadas não disponibiliza acervo informativo considerável para a formulação de perfil mais detalhado, com dados curriculares e experiência. Além disso, essas informações são bastante restritas nas páginas oficiais das Câmaras. Portanto, fazendo uma junção de tudo aquilo que foi possível ser averiguado pela internet, foram traçados perfis com detalhes pessoais, profissionais e da vida pública. Começaremos pelas três vereadoras de Belém, seguidas das quatro de Manaus.

3.2.1.1 Blenda Quaresma, Movimento Democrático Brasileiro (MDB) - Belém

Blenda Quaresma é do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido do espectro político centrista. Ela tem 32 anos, nasceu em Belém, é profissional liberal (bacharel em Direito e empresária) e ocupou, pela primeira vez, um cargo público, em 2017, ao assumir

uma das cadeiras da Câmara Municipal. Possui atuação política voltada, principalmente, para o esporte e a saúde. Realiza, com certa frequência, ações sociais, em bairros periféricos da cidade, e possui grande vínculo com a figura do pai, o deputado estadual Dr. Wanderlan Quaresma (MDB), tendo a carreira como vereadora iniciado junto com o trabalho dele. Dr. Wanderlan está presente em fotos no perfil pessoal da filha, nos vídeos postados e nas declarações da vereadora. Ambos se auxiliam nas campanhas eleitorais. Blenda também é presidente estadual juventude MDB; integrante da Comissão de Transporte e Sistema Viário da CMB; da Comissão da Criança e do Adolescente e do Idoso da CMB; e da Comissão de Condição Feminina da CMB.

3.2.1.2 Marinor Brito, Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) - Belém

Marinor Brito é líder do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), legenda de extrema-esquerda. Assumiu um cargo público, pela primeira vez, em 1996, quando foi vereadora. Ela tem 62 anos, nasceu em Alenquer, município no Baixo Amazonas, no Pará. É professora da rede pública de ensino, e tornou-se dirigente do SINTEPP (Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Pará). Possui histórico de militância e de atuação sindical desde o fim da década de 1980. É atuante como parlamentar principalmente em questões culturais, direitos humanos, melhorias na estrutura urbana da cidade e questões de gênero (defendeu a pauta feminista do PSOL e é integrante da coordenação da Frente Parlamentar Mista pela Cidadania LGBTI+). Já foi senadora do Pará e líder do partido no Senado Federal, além de ser uma das fundadoras da CUT (Central Única dos Trabalhadores), Sintepp e CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação). Em 2019, assumiu uma das cadeiras da Assembleia Legislativa do estado onde integra a primeira bancada feminina do órgão.

3.2.1.3 Simone Kahwage, Partido Republicano Brasileiro (PRB) – Belém

Simone Carole Campelo Kahwage dos Santos é do Partido Republicano Brasileiro (PRB), legenda de centro-esquerda cujo *slogan* é “Somos conservadores nos costumes e liberais na economia.”. Ocupou, pela primeira vez, um cargo público, em 2017, ao assumir uma das cadeiras da Câmara Municipal. Tem 41 anos, nasceu em Belém, é casada, profissional liberal (administradora) e segue a linha conservadora. Na atuação anterior à eleição, desenvolvia trabalhos na área social da igreja evangélica, da qual faz parte – os quais

permanecem também, durante o mandato parlamentar. Teve envolvimento em grêmios estudantis, chapas de juventude e lideranças na escola. É coordenadora do PRB Mulher Pará, onde desenvolve a capacitação das mulheres na política, direitos, empreendedorismo, motivação e valorização da mulher. Além disso, é presidente da Comissão de Constituição Feminina da Câmara Municipal de Belém; e integrante da Comissão de Justiça, Legislação e Redação de Leis da CMB; da Comissão de Ética Parlamentar; e da Comissão de Condição Feminina da CMB.

3.2.1.4 Glória Carratte, Partido Republicano Progressista (PRP) – Manaus

Carmen Glória Almeida Carratte, mais conhecida na esfera política como “Glória Carrate”, é líder do Partido Republicano Progressista (PRP) na Câmara Municipal de Manaus. Mantém posicionamento partidário de apoio à gestão municipal de Arthur Neto (PSDB). O primeiro cargo público foi ocupado em 2004, como vereadora. Tem 57 anos, é natural de Rondônia, e casada com o ex-deputado estadual Miguel Carratte, que também é médico. Filiada ao Partido Republicano Progressista (PRP), teve quatro mandatos como vereadora: 2013-2016; 2009-2012; 2005-2008; 2001-2004. Atualmente, está em seu quinto mandato 2017-2020. É titular da Comissão de Finanças e Orçamento da CMM; integrante da Comissão de Turismo, Indústria e Comércio na CMM; titular da Comissão de Esportes na CMM; e vice-presidente da Comissão de Defesa e Proteção dos Direitos da Mulher na CMM; vice-presidente da Comissão de Transporte, Mobilidade Urbana e Acessibilidade da CMM; suplente da Comissão de Cultura e Patrimônio Histórico; suplente da Comissão de Habitação e Regularização Fundiária Urbana da CMM.

3.2.1.5 Joana D’arc, Partido Republicano (PR) - Manaus

Joana Darc dos Santos Cordeiro, mais conhecida como Joana Darc Protetora, é do Partido Republicano (PR), legenda de centro-direita. Assumiu, pela primeira vez, um cargo público, em 2016, como vereadora da CMM. Tem 29 anos, nasceu em Manaus, é casada, ativista dos direitos dos animais, advogada e servidora pública concursada até sua eleição, em 2017. Foi a vereadora mais jovem de toda a história da Câmara Municipal. A atuação em defesa da causa animal tem sido sua principal bandeira e slogan político antes mesmo de tornar-se vereadora. Na Câmara Municipal de Manaus, foi presidente estadual da juventude do PR; membra da Comissão de Meio Ambiente; e da Comissão de Proteção e Defesa dos

Direitos da Mulher. Após dois anos de mandato como vereadora, participou das Eleições Estaduais no Amazonas de 2018, elegendo-se para o cargo de Deputada Estadual, eleita a mulher mais votada.

3.2.1.6 Professora Jacqueline, Partido Humanista da Solidariedade (PHS) - Manaus

Jacqueline Pinheiro, mais conhecida na esfera política manauara como “Professora Jacqueline”, é do Partido Humanista da Solidariedade (PHS), legenda de centro-direita. Seu primeiro mandato político foi para o cargo de Vereadora de Manaus, durante o período 2013-2016, pelo Partido Humanista da Solidariedade (PHS). Tem 55 anos, é casada, mãe e bacharel em Direito e em Pedagogia. Natural do Ceará, mudou-se para Manaus em 1994, quando iniciou sua atividade profissional na UFAM (Universidade Federal do Amazonas). Antes de se tornar vereadora, atuava como professora, fato que a motivou a defender, principalmente, a pauta da Educação pública, em Manaus. Além disso, atua em defesa das mulheres, sendo coordenadora do movimento PHS Mulher; titular da Comissão de Defesa e Proteção dos Direitos da Mulher (COMDPDM); titular da Comissão de Educação da CMM; titular da Comissão de Agricultura e política Rural da CMM; suplente da Comissão de Constituição, Justiça e Redação da CMM; suplente Comissão de Saúde da CMM; suplente da Comissão de Ética da CMM.

3.2.1.7 Professora Therezinha, Democratas - Manaus

Therezinha Ruiz de Oliveira, é do Democratas, partido de centro-direita com filosofia conservadora-liberal. Tem 66 anos, é natural de Manaus, viúva e formada em Letras. Foi eleita, pela primeira vez, como vereadora, em 2012. Professora por formação, atuou na área de Educação por mais de 30 anos, passando por cargos como coordenadora pedagógica, diretora de creche e professora de inglês. Atuou também como deputada estadual, entre os anos 2008/2001. Foi vice-presidente da Comissão de Defesa e Proteção dos Direitos da Mulher (COMDPDM); vice-presidente da Comissão de Ética (COMET) e líder do partido DEM na Câmara Municipal de Manaus. Após dois anos de mandato como vereadora, participou das Eleições Estaduais no Amazonas de 2018, elegendo-se para o cargo de Deputada Estadual.

3.3 Mídias digitais e política

A definição das estratégias comunicacionais, na comunicação política, trata de um contexto no qual a predominância é da mídia tradicional (Jornal, Rádio e TV). Porém, nos últimos anos, desenvolveu-se um cenário de relações sociais que passaram a ser mais heterogêneas, à medida que os meios tecnológicos ascenderam na contemporaneidade. A comunicação política se tornou também digital. As interações, agora mediadas também pelas redes na internet, quevabriram caminho para novas investigações científicas, em vários campos do conhecimento, sobre as práticas sociais em processo, o contexto cultural e o relacionamento das pessoas mediado pelas redes sociais⁷¹, ou no sentido mais ampliado, das *mídias digitais* (GOMES, 2018) – terminologia adotada por este trabalho: “(...) consistem na conexão de vários indivíduos, separados geograficamente, mas que partilham os mesmos interesses, criando espaços públicos que podem promover a mobilização social” (CONTREIRAS, 2012, p. 148).

Os espaços de conversação *on-line* ganharam milhares de adeptos por conta de algumas características atrativas no leque de novas possibilidades aos usuários, como o diálogo entre pessoas distantes espaço-temporalmente; o surgimento de grupos com disposição para debater diferentes temas; a formação de extensos “reservatórios de informação” e de fácil acesso; e a veiculação de opiniões e perspectivas críticas de um jeito mais barato, e não mediado pela mídia tradicional ou outras instituições (MENDONÇA *et al.*, 2016). A internet é, cada vez mais, indispensável no cotidiano das relações humanas:

[a internet] está a converter-se num meio essencial de comunicação e organização em todas os âmbitos da atividade; é óbvio que também os movimentos sociais e o processo político a utilizam, e o utilizarão, cada vez mais, transformando-a numa ferramenta privilegiada para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar (CASTELLS, 2007, p. 167)

Os parlamentares não demorariam a se apropriar das mídias digitais como ferramenta estratégica, posto que enxergaram, nesse ambiente de visibilidade, uma forma de atrair novos eleitores. Contreiras (2012) acredita que a internet veio revolucionar a política e os políticos, porque permite novos modelos de comunicação. A pesquisa dessa autora investigou a

⁷¹ O surgimento das redes sociais é datado de 2002, com o *Friendster*. O uso do termo "rede social" começou a ser banalizado para os grupos formados na internet. Foi, nessa altura que as redes sociais começaram a ter uma grande disseminação no ciberespaço, constituindo-se em espaços contínuos de trocas e interação de e para os atores sociais (CONTREIRAS, 2012, p. 148).

utilização das mídias digitais, mais especificamente o Facebook, pelas deputadas parlamentares da XII legislatura (iniciada em 2011), em Portugal, e tentou identificar se correspondem, ou não, a estratégias de comunicação potencializadoras de visibilidade. Os resultados obtidos, frutos de questionário realizado às 63 deputadas daquele país europeu, apontaram para a maior utilização do Facebook, identificado como um instrumento de poder.

Nesse sentido, as mídias digitais e a internet poderiam tornar os sistemas políticos mais democráticos, porém, apenas se os representados interagirem com os representantes, e participarem dos processos decisórios, em diferentes níveis. Se isso não se concretiza, então existe um “risco” de os cidadãos serem dominados pelos agentes governantes (CONTREIRAS, 2012). Segundo observou a autora, é nessa constatação que ocorre o “paradoxo de democracia sem cidadãos” (ENTMAN, *apud* CONTREIRAS, 1990, p.151). Corresponde à ideia de que se uma sociedade não dá atenção à expressão dos indivíduos, o sistema democrático falharia em sua essência, deixando de ser efetivo, e se distanciando de seus fundamentos básicos.

Ademais, na comunicação das mídias digitais, a relação estabelecida na internet, entre representante e representado, apresenta possibilidades de aproximação e de interação mais horizontalizadas, pois ao participarem da política de forma *online* criam um sentimento de pertencimento, de esperança que os problemas sejam ouvidos (e resolvidos), além de “estimular a participação cívica” (CONTREIRAS, 2012, p. 151). No entanto, é prudente ainda, em se tratando de mídias digitais e suas vantagens, a realização dos tensionamentos necessários dos diferentes elementos presentes nas relações sociais entre os dispositivos tecnológicos e os indivíduos. Além de aspectos da própria subjetividade humana, compõem essa dinâmica, constrangimentos relativos a marcadores sociais da diferença (gênero, raça, classe, regionalismo) que influenciam no contexto da interação *online*, seja na qualidade ou no acesso, até porque, partimos neste trabalho, do contexto amazônico.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios⁷² (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), desde 2004, o acesso à internet nos domicílios particulares do país, por meio de microcomputador vem aumentando. Variou de 6,3%, naquele ano, para 25,7%, em 2012 (IBGE, 2015). O contingente de domicílios com acesso à internet, por outros equipamentos (que não o microcomputador), cresceu 137,7%, entre 2014 e 2015. Em 2014, pela primeira vez, o uso do telefone celular para acessar a

⁷² O PNAD 2015 entrevistou, no Brasil, 356.904 domicílios particulares permanentes, total e com alguns bens e serviços de acesso à informação e comunicação, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas. No Pará, foram 22.489 respondentes de 61 municípios.

internet ultrapassou o uso de microcomputador, nos domicílios brasileiros, e permaneceu em predominância em todas as Regiões do país, em 2015, sendo a Região Norte, a que apresentou o maior percentual de utilização do telefone móvel celular para acesso à internet (96,7%). Em Estados como Amazonas, Acre e Amapá, mais da metade dos domicílios teve acesso à internet, exclusivamente, pelo telefone celular ou *tablet*. Em 2015, a internet banda larga já estava presente em 99,6% dos domicílios com acesso à internet, e a banda larga móvel em 70% dos domicílios brasileiros, demonstrando assim, a coexistência entre os dois modelos, sendo que em Estados como o Pará e o Amazonas, a banda larga móvel foi superior a 80%.

Chama a atenção que, em 2014, mais da metade dos domicílios passou a ter acesso à internet, sendo a maior concentração na área urbana (63,9%), em comparação com a área rural (21,2%). Só que as diferenças de acesso também estão associadas à localização geográfica das regiões. A média nacional é de 57,8% dos domicílios particulares permanentes onde há a utilização da internet. Na região Norte, o índice é de 45,1%, abaixo da média do país. Os Estados do Pará e do Amazonas seguem esse baixo percentual de 44,2% e 46,7%, respectivamente. Em comparação com a região Sudeste, por exemplo, onde há maior renda da população, o valor ficou acima da média nacional: 66%.

Em se tratando de internet, além de fatores geográficos, reconhecemos, neste trabalho, a existência de constrangimentos referentes às mídias digitais, já que plataformas como o Facebook, bem como as preferências de seus usuários, sofrem influência dos algoritmos nesses ambientes. “Câmaras de eco”, “salas espelhadas”, “molduras ideológicas”, “ciberbalconização” (SANTELLA, 2018, p.13), são alguns dos termos que convergem para tratar da personalização dos filtros e a criação de “bolhas filtradas”. Santaella (2018) trabalha com o conceito de bolhas, e discorre sobre aspectos prejudiciais do universo *online* como a unilateralidade, a segregação ideológica, a manipulação, a inflexibilidade de hábitos e de pensamento. É um debate valioso, contemporâneo, mas não é a discussão específica abordada nesta investigação. Nossa premissa de pesquisa entende o Facebook como um ambiente onde as vereadoras gozam de maior autonomia na produção de conteúdos, pois voz e falas possuem maior espaço, e há ainda maior liberdade na organização de narrativas. Diferentemente do que ocorre quando submetidas às rotinas produtivas do jornalismo (no âmbito da mídia tradicional) e seus embaraços, ou até mesmo, nos canais institucionais. Nos ambiente formais, o cidadão precisa ser convocado a falar, e as regras da enunciação dependem de processos de produção mediados por terceiros.

Ademais, no ambiente digital, também circulam rumores, perfis falsos, *fake news* e campanhas negativas. Como resposta, houve o florescimento de novas estratégias de

comunicação política. Segundo Panke (2016), as mulheres políticas devem estar preparadas para esse novo tipo de reação/*feedback on-line* já que, como abordado anteriormente, são elas as que mais sofrem com as discriminações de gênero. O entendimento da autora é quem decide ter perfis *on-line*, pressupõe-se, tem consciência de que a própria imagem se vincula à parte pública, aos eventos que participa, às pessoas que recebe, aos projetos que tem, às ações políticas e atuações partidárias. Analisar os vídeos das vereadoras da Câmara Municipal de Belém e de Manaus postados no Facebook torna-se pertinente na medida em que se configuram como recursos comunicacionais que unem a interatividade do ambiente virtual com a força da imagem, tão importantes para a comunicação política. Além disso, mantém o diálogo entre as partes aquecido, marca a presença *on-line* (visibilidade) - sem abrir mão também do contato mais direto com os representados – e possibilitam a autonomia das vereadoras como produtoras de conteúdo.

4 AMBIENTE COMUNICACIONAL E APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Dentre a variedade de opções nas mídias digitais (são mais de 200 sistemas de redes disponíveis na internet), o Facebook foi escolhido como ambiente comunicacional, palco do nosso objeto de pesquisa. Isto porque é uma plataforma com intenso fluxo de informação e com maior tráfego de acesso no mundo (CONTREIRAS, 2012). Observaram-se, ainda, as mídias digitais como possíveis alternativas à divulgação de conteúdos e para a expressão discursiva de agentes políticas, em virtude da reduzida visibilidade midiática das mulheres na grande mídia e, ainda, em canais institucionais.

A primeira versão da pesquisa *Global Media Monitoring Project*, realizada em mais de 70 países, com análises de jornais, rádio e televisão, constatou que apenas 15% dos sujeitos das notícias eram mulheres; em 2015, o número passou para 24% (um aumento de 3% em 20 anos). Além disso, os estudos conduzidos demonstram que, também na política, as mulheres alcançam menor visibilidade midiática, e que a maioria dos assuntos relacionados às mulheres era predominantemente sobre saúde e temas sociais⁷³.

Ademais, há baixa visibilidade das mulheres na política nos canais institucionais oficiais, como o portal de notícias da Câmara Municipal de Belém. A pesquisa realizada por Kahwage *et al.* (2019) analisou o conteúdo de 45 matérias publicadas no canal oficial da CMB, tendo como ponto de partida o contexto de sub-representação feminina institucional,

⁷³Disponível em: http://cdn.agilitycms.com/who-makes-the-news/Imported/reports_2015/highlights/highlights_en.pdf. Acesso em: 02.04.2017.

constatada por dados oficiais e pela teoria política feminista, além do cenário de baixa visibilidade midiática. Observou-se, então, que a representação política das parlamentares na Câmara Municipal de Belém (Marinor Brito, Blenda Quaresma e Simone Kahwage) refletiu o contexto político de sub-representação feminina devido a alguns resultados encontrados, como: a baixa referência às vereadoras nas matérias; o reduzido conteúdo sobre questões femininas; as poucas vozes femininas (fontes) ouvidas nas matérias em detrimento das masculinas, majoritárias; e a voz institucionalizada das mulheres entrevistadas nas reportagens.

A escolha dos vídeos do Facebook como objeto de pesquisa foi impulsionada tanto pelo caráter de autonomia das vereadoras de Belém e de Manaus na produção e veiculação do conteúdo, quanto pelo fato da plataforma se mostrar bastante relevante, na junção de interatividade do ambiente virtual com a força da imagem (vídeos), tão importantes para a comunicação política. É possível, ainda, haver uma série de formatos de mídia para atingir o público-alvo no Facebook por meio de: *webinars*; infográficos; montagens; *quizzes*; transmissões ao vivo.

Além disso, vivemos em uma época em que existe muita informação disponível, mas falta tempo para consumi-la. Os vídeos se tornam um formato de conteúdo fácil de consumir, mais dinâmicos e mais populares. Segundo relatório da Cisco⁷⁴, os vídeos já são o formato de conteúdo mais consumido da internet e, até 2021, estima-se que representem 82% do tráfego global. E ainda, correspondem à plataforma mais utilizada, em um contexto geral, entre as vereadoras analisada, onde são mais ativas e regulares, em comparação com outros ambientes como o Youtube, o Twitter e os sites pessoais. Sendo assim, por meio desse ambiente comunicacional, o Facebook, foi selecionado o material empírico: os vídeos dos perfis pessoais e das *fanpages* de sete vereadoras. Três da Câmara Municipal de Belém, Marinor Brito (PSOL), Simone Kahwage (PRB) e Blenda Quaresma (DEM); e quatro da Câmara Municipal de Manaus, Glória Carratte (PRP), Joana D'arc (PR), Professora Therezinha (Democratas) e Professora Jacqueline (PHS).

4.1 Apontamentos sobre o Facebook

⁷⁴ Disponível em: http://www.cisco.com/c/en/us/solutions/collateral/service-provider/visual-networking-index-vni/complete-white-paper-c11-481360.html?utm_source=blog&utm_campaign=rc_blogpost. Acesso em: 27.12.2018.

Criado, em 2004, por Mark Zuckerberg, o Facebook possui mais de um bilhão de usuários ativos mensalmente. Conforme dados do *SocialBakers*, de outubro de 2012, o Brasil é o 2º maior país em número de usuários do Facebook, e tem mais de 60 milhões de usuários ativos. É importante ressaltar que a rede social agrega vários serviços, como Chat, Videoconferências, Galeria de Imagens, Anúncios, Aplicativos, Games, Feeds, Páginas Empresariais, etc. (FRANCO; CALAÇA, 2014, p. 159), mostrando a multiplicidade de ferramentas para o usuário interagir e compartilhar conteúdos *online*.

Como mencionado anteriormente, o Facebook foi o ambiente comunicacional escolhido por ser o mais representativo nesse universo de mídias digitais, e também por ser de grande uso dos parlamentares como nova ferramenta estratégica de comunicação para ampliar o eleitorado (CONTREIRAS, 2012), ou para se manter em contato com ele. É também uma mídia digital em que as parlamentares investigadas, nesta pesquisa, conseguem exercer autonomia enquanto produtoras de conteúdo. Elas possuem perfil pessoal oficial ou *fanpage*, ou ambos, que são alimentados, com frequência, por elas e/ou por assessores.

Ambientes digitais, como o Facebook, tornaram-se uma possibilidade de participação dos eleitores na obtenção de informações não oficiais de figuras políticas, além de expressar a opinião própria (PANKE, 2016). Segundo a autora, ninguém está interessado em acessar o Facebook para ver publicidade comercial. A comunicação pela internet se configura de forma horizontalizada, já que representante e representado “se fundem em um troca de conteúdos que pode ser igualitária” (PANKE, 2016, p. 109). Isto porque produtores e consumidores de conteúdo são as mesmas pessoas, deixando de lado o monopólio da comunicação verticalizada. Segundo Castells (2007), as novas tecnologias de comunicação digital se constituem como potenciais instrumentos para mudança social, devido ao fato de serem mais acessíveis àqueles não detentores dos recursos materiais para poder exercer o poder de comunicação.

No âmbito da política formal, citamos Panke (2016), com abordagens nas campanhas eleitorais para mulheres, e afirma que os meios digitais trouxeram uma possibilidade de participação que antes era mais restrita. Por isso, considera as novas mídias como ferramentas de campanha. A popularização da internet abriu caminhos para os cidadãos obterem informações não oficiais, e também expressar a própria opinião (PANKE; SOLIS, 2013). A comunicação via *web* é menos vertical, possibilitando a “fusão” na troca de conteúdos entre as partes, diferente do modelo tradicional de “somente falar e escutar pouco” (PANKE, 2016, p. 109). É uma via de mão dupla, entre representante e representado, que deve se basear na honestidade, e destacar o ponto de vista do agente político, mas sem esquecer da perspectiva

do público. O agente político (ou candidato a) predisposto a ter um perfil, ou página em ambientes digitais como o Facebook e o Twitter, deve dar grande ênfase à formação de uma equipe bem preparada para retroalimentar a comunicação:

(...) há formas de multiplicação de mensagens e de manifestação de apoio e de rejeição que não podem ser ignoradas. Sempre é preciso avaliar o que responder, o que valorizar ou ignorar. Essas manifestações são indícios de como anda a campanha (...) é necessário escutar as pessoas, avaliar e dar uma resposta compatível com a realidade e a situação (PANKE, 2016, p. 110).

Para Panke (2016), a presença *online* e o diálogo incentivado elevam as chances de visibilidade, mas estar nas mídias digitais não substitui as relações fora dela. Ao contrário, é apenas uma das formas de comunicação, e não a única. Mas vale ressaltar uma especificidade do Facebook identificada por Maia *et al* (2016), e que reside no fato dos usuários possuírem controle sobre a própria participação nesse ambiente e, ainda, a existência de uma “autoidentificação” baseada, principalmente, em motivações pessoais. Isto é, as conexões estabelecidas com quem pertence à sua rede de relacionamentos são “mais fortes e duradouras”, estimulando, assim, a “autoexpressão” e a “afirmação da identidade” (2016, p. 196). Em outras palavras, as condições de comunicação entre pessoas que se conhecem, e que convivem em determinados domínios sociais como o das mídias digitais, foram identificados como critérios de deliberação. As autoras concluíram, ainda, que “a deliberação que se processa no Facebook é moldada pelas características técnicas da plataforma, favoráveis às interações dialógicas e abertas, além de permitir a integração de várias formas de expressão” (MAIA *et al.*, 2016, p. 195). É um espaço de forte caráter discursivo e interativo, com características que facilitam a interação nos ambientes de mídias digitais, o que abre espaço para possíveis trocas argumentativas⁷⁵.

4.2 Percurso metodológico

Retoma-se, então, o **objetivo geral** de pesquisa, que é investigar como as relações de poder (*power over, power to e power with*), acionadas pelos estereótipos, atuam na configuração da representação discursiva das vereadoras de Belém e de Manaus, a partir dos vídeos postados por elas, nos perfis e *fanpages* pessoais do Facebook. Para atingir nosso objetivo, recorreremos ao procedimento metodológico que considera relevante os aspectos

⁷⁵ Maia *et al* (2016) cita diversos autores que corroboram essas ideias: Ellison; Steinfield; Lampe, 2011; Grasmuck; Martin; Zhao, 2009; Valenzuela; Park; Kee, 2009; Ward, 2012.

quantitativos e também qualitativos: a análise de conteúdo dos vídeos postados pelas vereadoras (ver tópico 4.2.1).

A pesquisa passou por algumas alterações em seu percurso metodológico. A primeira foi em relação à ampliação do objeto de pesquisa para dar maior robustez ao embasamento teórico e aos objetivos da mesma. O trabalho começou pelos vídeos postados nos perfis pessoais do Facebook das vereadoras de Belém e, após a qualificação, incluímos os vídeos das *fanpages*⁷⁶ das vereadoras de Manaus. A capital manauara foi escolhida como segundo eixo de investigação, por ser a cidade do Norte com maior número de habitantes e de eleitores, segundo dados do IBGE⁷⁷. Junto à Belém, possui os maiores números de vereadores. A segunda alteração foi a realização de nova pesquisa exploratória⁷⁸ dos vídeos dos perfis pessoais (que possuem mais frequência de postagem do que as *fanpages*), no Facebook das vereadoras de Belém, com o objetivo de fornecer maior confiabilidade no tratamento do material empírico, no preenchimento de lacunas anteriormente identificadas na exploração prévia dos dados, e durante a fase de qualificação desta pesquisa. A partir da pesquisa exploratória que englobou ainda as *fanpages* das vereadoras de Manaus, chegou-se ao total de 460 vídeos, sendo 189 de vereadoras de Belém e 271 de Manaus. Como seria inviável realizar a pesquisa com a totalidade dos vídeos, optamos pela composição de uma amostra por meio de sorteio aleatório, respeitando a proporcionalidade da quantidade de vídeos postados por cada vereadora. O cálculo dos vídeos, portanto, foi realizado de forma proporcional ao número total de vídeos de cada grupo de parlamentares: Manaus postou mais vídeos, dentro do recorte, então, proporcionalmente, obteve número maior de vídeos analisáveis. A *tabela 2* mostra detalhes sobre esse procedimento.

Desse modo, nosso *corpus* é composto por 210 vídeos das vereadoras de Belém da 18ª Legislatura (2017-2020) Blenda Quaresma (MDB); Marinor Brito (PSOL) e Simone Kahwage (PRB); e das vereadoras de Manaus (AM), da 17ª Legislatura (2017-2020): Glória Carratte (PRP); Joana D'arc (PR); Professora Jacqueline (PHS); e Professora Therezinha

⁷⁶ Optamos por utilizar as *fanpages* das vereadoras Joana D'arc, Professora Jacqueline e Professora Therezinha, pois no caso das duas primeiras, elas não possuem perfil pessoal. Já a terceira, possui mais vídeos postados na página pessoal. Em relação à Glória Carratte, utilizamos ambos – perfil e *fanpage* – já que o número de postagens é reduzido.

⁷⁷ Dados de 2018 do IBGE indicam que Manaus possui 2.145.444 habitantes, e 1.320.059 eleitores; enquanto que Belém possui 1.485.732 de habitantes, e 990.866 de eleitores.

⁷⁸ A primeira pesquisa exploratória deste trabalho foi realizada entre os dias 21 e 22 de fevereiro de 2018, com a visita aos perfis pessoais no Facebook das vereadoras de Belém. Naquele momento, havíamos formado um *corpus* constituído por 262 vídeos postados pelas próprias vereadoras da Câmara Municipal de Belém, Marinor Brito (PSOL), Simone Kahwage (PRB) e Blenda Quaresma (DEM), no período de agosto de 2015 até fevereiro de 2018. Havíamos chegado a esse número (262), pois correspondia ao total de vídeos postados pelas três mulheres eleitas, desde a primeira postagem no perfil pessoal no Facebook até o dia do início da primeira pesquisa exploratória desses perfis.

(Democratas). Desse total, 86 são das parlamentares belenenses e 124 são das parlamentares manauaras. O recorte⁷⁹ incluiu as postagens a partir do dia 04.08.2015 (data da primeira postagem que foi da vereadora Simone Kahwage) até o dia 08.03.2018 (Dia Internacional da Mulher).

Com o material empírico preliminarmente explorado e ordenado, recorreremos aos conhecimentos da literatura levantada sobre os principais conceitos aqui trabalhados: representação política; gênero; poder; redes sociais. Esse passo foi importante para desenvolvermos um livro de códigos com informações básicas e categorizadas, que serviram de guias na análise de conteúdo dos vídeos (*ver tópico 4.2.3*). Por meio dessa guia, criamos também dois quadros metodológicos com definições fundamentais sobre as teorias levantadas, e que serviram de apoio para o exame do material empírico, pois condensaram as ideias norteadoras e as marcas textuais a serem apreendidas nos vídeos (*ver tópico 4.2.4*). O livro e os quadros correspondem a duas temáticas: 1) Relações de poder; 2) Estereótipos. Concluídas ambas as etapas, finalmente, desenvolvemos um formulário para a análise de conteúdo, que pode ser visto em detalhes no *Apêndice B*.

A categorização e a sistematização do material de análise foram realizadas com auxílio do *app online Formulários Google*. Criamos as categorias na sua interface e preenchemos as lacunas com as informações apreendidas na visualização e no exame dos vídeos. Em seguida, os dados obtidos nos formulários foram exportados para o *Excel*, em formato de planilhas, facilitando assim, a observação do panorama geral de dados, a análise e o cruzamento dos mesmos.

4.2.1 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo possibilitou identificar regularidades (e também exceções) no conteúdo produzido pelas vereadoras no Facebook. Com as informações obtidas na análise, pudemos estabelecer relações entre o material empírico e as teorias, para depois responder a questão: como as relações de poder (*power over, power to e power with*), acionadas pelos estereótipos, atuam na configuração da representação discursiva das vereadoras de Belém e de Manaus, a partir dos vídeos postados por elas, nos perfis e *fanpages* pessoais do Facebook?

A escolha do método se justifica no marco de Sérgio Porto (2016) que, de forma simples, explica quem são os analistas a optarem pelo instrumental: “(...) são aqueles que

⁷⁹ Houve um aumento do período de análise dos vídeos, em comparação a primeira pesquisa exploratória, pois decidimos incluir uma data tão simbólica para as mulheres: o Dia Internacional da Mulher.

analisam as mensagens constantes” de determinado ambiente/meio que compõem “parte de um todo, dentro de um círculo virtuoso de estudos da realidade social” (2016, *s/p*). Ora, vivemos ou não em um universo simbólico? Composto por códigos e signos, alimentados pela linguagem. Portanto, buscamos, neste trabalho, realizar um mapeamento de recorrências e regularidades nos vídeos do ambiente comunicacional *online*, englobando tanto os pontos que mais chamaram a atenção, e foram expostos diretamente nas imagens e na verbalização, quanto aqueles compreendidos simbolicamente ou por interpretação contextual.

Examinamos a fala pública das vereadoras, levando em consideração, principalmente, marcas textuais que fizessem explícita, ou implicitamente, referência aos estereótipos de **Mãe**, **Guerreira** e **Profissional**; e também, da mesma forma, que sinalizassem elementos indicativos das relações de poder: *power to*; *power over* e *power with*. Para tanto, foram levadas em consideração algumas marcas textuais como o uso de pontuação ou de recursos da oratória e da retórica das parlamentares; referências a situações e habilidades específicas; posturas de questionamento, de concordância, de valorização e/ou de análise dos contextos em que estão inseridas na disputa de poder. Também observamos outros aspectos discursivos nos vídeos, por exemplo, o cenário, a trilha sonora, a roteirização, os recursos de arte e de edição de vídeo, as legendas, a presença ou não de personagens e/ou outros atores, a presença masculina, a aparência física, os atributos morais, o tempo de vídeo, o número de visualizações, etc. São elementos que auxiliaram na criação das categorias que serão descritas detalhadamente no *tópico 4.2.3*.

Nesse sentido, a análise de conteúdo se mostra capaz de analisar as mensagens desses sujeitos, e **dizer o que** há de elementos compondo esse conteúdo. É por isso que foram observadas as condições contextuais, os sentidos e as expressões mais amplas a serem extraídos desses dados, uma vez reunidos. A análise de conteúdo não é apenas fria e sistemática. Assim como os outros métodos (análise do discurso, análise de narrativa, etnografia, semiologia, etc.), a análise de conteúdo recai sobre o mesmo objetivo, que é o de examinar elementos que representam simbolicamente a nossa realidade, configurada, ainda, por aspectos culturais que atravessam nossa linguagem (PORTO, 2016). No entanto, segundo ainda o autor, existem duas dificuldades sobre esse método que devem ser mencionadas: 1) a análise de conteúdo não seria focada no conteúdo/significado, e sim nos “conteúdos manifestos das formas simbólicas” (PORTO, 2016, *s/p*); 2) por mais sistemático que possa ser o método, ele recai na interpretação da realidade pelas “deduções e inferências lógicas”, e não em uma “representação objetiva da realidade” (PORTO, 2016, *s/p*).

Embora sejam premissas apontadas por Porto (2016) como obstáculos para a utilização desse método, podem ser compreendidas também como características produtivas pertencentes ao percurso metodológico para responder o problema de pesquisa. Primeiro, porque a ideia de “representação objetiva da realidade” é utópica, e recai em um paradigma instrumental do qual não se objetiva, nesta pesquisa, pois a realidade social, por si só, é dinâmica e complexa. É também um ambiente onde os fenômenos comunicacionais acontecem pelas das interações entre diferentes processos, objetivos, circunstâncias, participantes, encaminhamentos, objetivos (BRAGA, 2017). Essas interações geram compartilhamentos, ocorridos por meio de códigos geradores de inferências e que, por sua vez, atualizam novamente os códigos a depender do espaço, do tempo e da cultura. Recorrendo a Braga (2017), desde os anos 1990, os esforços nos estudos de Comunicação não são mais na busca de acompanhar fenômenos na sua totalidade, ou na procura do essencial, e sim como um fenômeno complexo que marca “presença em toda a processualidade humana” (2017, p. 17).

Neste trabalho, estamos à procura de indícios discursivos (“manifestos de formas simbólicas”) responsáveis pela construção desse sujeito político (vereadoras) nos vídeos do Facebook,. Objetivamos compreender como os estereótipos são acionados nas relações de poder e como a linguagem dessas mulheres (fala pública, simbologia) são moldadas nessas relações, a depender do contexto e da relação de poder. Os aspectos discursivos podem ser identificados pela observação sistemática das recorrências da linguagem (e pela intersubjetividade) presente nos elementos visuais e verbais dos vídeos, e categorizados com base em elementos teóricos fundados por interpretações e inferências lógicas.

Jorge (2016), fundamentada em Krippendorff (2004), nos revela a possibilidade de estudar na análise de conteúdo temas abstratos como “liberdade, liderança, *status*, preconceito, mito”, e acrescenta-se a essa linha lógica também um dos conceitos desta pesquisa: poder – o qual foi descrito e tensionado no *tópico 2.4*, configurando-se com três principais facetas: dominação, empoderamento e solidariedade (CAL, 2016; ALLEN, 1998, 2008). Isto porque, segundo a autora, a análise de conteúdo “categoriza pequenas porções de texto e desenvolve contagem estatística das unidades, revelando padrões que os leitores comuns podem não ter percebido” (KRIPPENDORFF *apud* JORGE, 2016, p. 263). Por isso, foram desenvolvidas estratégias de análise por meio dos quadros metodológicos (*tópico 4.2.4*).

De forma a organizar a trajetória metodológica, seguiu-se inicialmente a proposta de Bardin (1977), que estabelece três momentos principais: a pré-análise; a exploração do

material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise, sobre o tratamento descritivo do objeto, envolveu a visita aos perfis pessoais das vereadoras de Belém e de Manaus para observar características mais pertinentes nos vídeos postados por elas. O processo foi importante na utilização desses registros para complementar a análise dos resultados, no *capítulo 5*.

A segunda fase correspondeu à formulação de categorias para organizar o todo, ou seja, a exploração do material empírico. A análise preliminar consistiu na “administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 1977, p. 101). Isto é, a partir dos vídeos publicados pelas vereadoras de Belém e de Manaus, nos perfis pessoais e *fanpages* do Facebook, organizamos as principais significantes textuais e desenvolvemos categorias baseadas nas discussões teóricas existentes sobre os estudos de gênero, comunicação e política. Para isso, foram observados, em caráter exploratório, 673 vídeos postados pelos dois grupos de vereadoras, no recorte estabelecido por esta pesquisa. Durante o processo de coleta de dados, organizamos em relatório, as principais impressões apreendidas na pesquisa exploratória do material empírico. Anotamos os principais elementos observados nos vídeos postados em caderno, em arquivo separado do Word e registrados também em planilhas no Excel, à título de organização e de sistematização do material.

Ainda durante a segunda fase, após a observação do objeto, foi realizada uma “filtragem”. Isto é, não foram considerados para o *corpus*: vídeos repetidos postados mais de uma vez (na existência de dois ou três, a preferência foi pelo mais visualizado); vídeos em que as vereadoras não aparecem; são montagens de fotos ou animações; e ainda, ficaram de fora vídeos no estilo “corrente” de internet. Chegou-se a 460 vídeos, após essa seleção. Devido ao largo objeto e aos fatores tempo e estrutura humana, optamos por realizar o cálculo amostral para recortar nosso objeto, mas mantendo o nível de confiança no método. O total final de vídeos a serem efetivamente analisados durante a aplicação do método de análise de conteúdo foi disposto na tabela a seguir:

Tabela 2 - Amostragem dos vídeos (sorteio)

Vereadoras	Total <i>corpus</i>	% Total de vídeos	Quantidade a ser analisada
BLENDA QUARESMA	39	8,5	18
MARINOR BRITO	112	24,3	51
SIMONE KAHWAGE	38	8,3	17
JOANA D'ARC	154	33,5	70
GLÓRIA CARRATTE	4	0,9	2

PROFESSORA JACQUELINE	52	11,3	24
PROFESSORA THEREZINHA	61	13,3	28
TOTAL GERAL (VIDEOS ANALISÁVEIS)	460	100,0	210
AMOSTRA (5% de erro amostral// 95% de confiança)	210		

O total da amostra foi de 210 vídeos, correspondente à soma de todas as vereadoras analisadas. Conforme exposto na tabela acima, o cálculo foi proporcional ao número de vídeos postados, no recorte. A seleção, sobre quais vídeos seriam efetivamente analisados do universo de 460 disponíveis, foi realizada pela utilização do programa *Excel*, pelo qual realizamos sorteio automático, em que a escolha é aleatória. Os vídeos selecionados foram identificados após criarmos uma tabela com numeração para cada um deles, bem como o *link* de acesso, disponível no *Apêndice C* desta pesquisa.

Essa fase procedimental consistiu ainda em mais dois momentos: 1) desenho de um formulário de análise dos vídeos com categorias gerais e específicas (modelo formulado durante o processo de reconhecimento do *corpus* na etapa pesquisa exploratória e após leitura teórica); 2) elaboração de dois quadros metodológicos, apontando aspectos centrais e marcas textuais para identificação e análise das relações de poder e dos estereótipos, baseadas na literatura discutida no trabalho. O *quadro 1* possui referência do esquema metodológico já elaborado por Cal (2016); e o *quadro 2* baseia-se nas tipologias femininas identificadas por Panke (2016). Ambos os quadros foram imprescindíveis na condução da análise do nosso material empírico operacionalizado com o preenchimento dos formulários.

É válido ressaltar que as tipologias criadas pela autora são referentes a padrões femininos em campanhas eleitorais para presidenciais. Contudo, utilizamos esse referencial teórico por entender que é uma valiosa contribuição para a comunicação política e os estudos de estereótipos, constituindo-se um dos poucos trabalhos nessa linha. Tomamos Panke como base para, a partir de suas formulações, realizar adaptações necessárias ao problema de pesquisa. Em especial, a tipologia **Mãe** é problemática, e reconhecemos isso, pois ao acioná-la, corre-se o risco de cair na armadilha que a própria estereotipia cria, de aprisionamento, na qual características como solidariedade, gentileza, suporte, apoio e cuidado, ligam-se intimamente à figura maternal, por exemplo. Compreendemos que esses não são aspectos

ligados obrigatoriamente às mães (mas que são frequentemente mobilizados pelo senso comum para fazer referências sobre o *feminino*), ainda assim, optamos por fazer uso da tipologia, pois se trata de um esquema metodológico já construído e organizado por Panke, e que nos auxiliou no percurso metodológico. Propor novas tipologias seria uma tarefa árdua e para além dos objetivos primordiais dessa investigação. Portanto, partimos dessa autora como referência, mas a pesquisa não limita seu olhar teórico e metodológico a categorias fixas e imutáveis. As tipologias de Panke (2016) se configuram apenas ponto de partida para uma debate que pode ser melhor trabalhado, em outro momento.

Por fim, a última etapa do procedimento metodológico foi a de tratamento dos resultados, inferências e interpretações, que compreendeu a volta aos materiais de informação utilizados na primeira fase, porém de forma mais intensa e crítica. As inferências são conclusões retiradas dos dados categorizados, a partir das discussões teóricas existentes, ou seja, buscou-se não apenas o conteúdo manifesto dos vídeos postados no Facebook pelas parlamentares, mas também seu conteúdo não-manifesto em palavras. Foram submetidos ao método, nessa fase final, 210 vídeos das vereadoras de Belém da 18ª Legislatura (2017-2020) e das vereadoras de Manaus (AM) da 17ª Legislatura (2017-2020), dentro do período referente ao dia 04.08.2015 (data da primeira postagem que foi da vereadora Simone Kahwage) até o dia 08.03.2018 (Dia Internacional da Mulher). Os achados foram detalhados, tensionados com auxílio do aporte teórico, sendo que parte deles considerada mais interessante foi disposta em tabelas e gráficos no *capítulo 5*.

4.2.2 Pesquisa exploratória

Os registros encontrados na análise preliminar serão dispostos, nesta seção, por constituírem elementos importantes para a compreensão da análise de dados, que será realizada no próximo capítulo, e na qual não será possível colocarmos todas as impressões gerais sobre o objeto. Serão descritos, neste tópico, os aspectos gerais dos 210 vídeos analisados, preliminarmente, de cada uma das sete vereadoras. Os achados foram organizados em forma de relatório, e incluem as informações nos perfis sociais e *fanpages*, tanto do Facebook quanto do conteúdo dos vídeos.

4.2.2.1 Blenda Quaresma, MDB - Belém

Analisando o Facebook da vereadora, embora não haja descrição pessoal no perfil, constam informações básicas sobre o lugar onde mora, trabalho (vereadora 66 na empresa Câmara Municipal de Belém - Pará), gênero, nascimento, estado civil e vínculos familiares. Houve mudança na capa do perfil em comparação com a primeira pesquisa exploratória realizada. Antes, em fevereiro de 2018, a parlamentar utilizava o slogan “Saúde e Humanismo”, e agora é “Saúde e Trabalho”, com a cor de fundo da arte rosa.

Foram explorados, preliminarmente, no total, 45 vídeos postados no perfil pessoal de Blenda Quaresma (MDB), dos quais 44 foram identificados como analisáveis, pois uma postagem foi repetida, ou seja, o mesmo vídeo foi postado duas vezes. A primeira postagem dela ocorreu no dia 04 de dezembro de 2015, e a última a entrar no recorte foi realizada no dia 08 de março de 2018. As características mais marcantes dos vídeos serão explicadas a seguir.

A maior parte dos vídeos postados foi produzida pela própria Blenda⁸⁰, que se utilizou de celular e fez registros da rotina de trabalho, dentro e fora da Câmara Municipal de Belém, seja por meio de *selfie*⁸¹ (12 vídeos nesse padrão), ou com a ajuda de segunda pessoa que a filmou. Chegou-se a essa conclusão, pois os vídeos, em questão, não são de alta qualidade, e foram produzidos de maneira amadora quando comparados com as produções audiovisuais de empresas especializadas. Tratam-se de vídeos sem cortes, com imagens balançando, sem efeitos de edição, sem legenda, iluminação ou áudio. Não significa dizer que não há registros de vídeos pós-finalizados, pelo contrário. Identificaram-se, pelo menos, seis vídeos⁸² nesse padrão, nos quais, ainda que as imagens tenham sido realizadas ou não com o celular, foram produções que receberam tratamento depois da filmagem: legenda, corte, logo e outros recursos de edição de imagens.

Blenda se refere aos seus seguidores como “amigos e amigas”. Além disso, realizou muitas transmissões ao vivo pelo Facebook que, inclusive, foram os *posts* mais visualizados. Em número de visualizações, o vídeo do dia 04.10.2016, foi o que teve maior repercussão: 2.700 visualizações. Trata-se de um vídeo ao vivo feito por Blenda, no estilo *selfie*, no qual aparece em uma academia de Ananindeua (*Team Nogueira*), na Região Metropolitana de

⁸⁰ Em conversa informal pelo do *Whatsapp* com a diretora de Comunicação da Câmara Municipal de Belém, Flávia Lima, no ano de 2018, fui informada que é a própria Blenda quem gerencia a conta do Facebook, e os vídeos lá postados. Isto ocorre pela falta de recursos para investir em produções audiovisuais mais sofisticadas, ou contratar terceiros para esse tipo de serviço.

⁸¹Exemplo de vídeo estilo *selfie*: https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1778380385769073/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 28.12.2018.

⁸²Exemplo de vídeo identificado como pós-finalizado: https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/2023723481234761/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 29.12.2018.

Belém, e faz propaganda do local, entrevistando também o dono do espaço. Na ocasião, ela também aproveitou para agradecer os moradores do conjunto Cidade Nova pelos votos que renderam a sua eleição. Já o menos visualizado foi no dia 21.12.2017, e diz respeito a imagens de uma ação comunitária de Natal, em um bairro periférico de Belém, em que Blenda surge rapidamente mandando beijo.

Por sinal, as ações comunitárias, bem como os projetos voltados para o esporte (como o projeto “Geração Saúde” de autoria dela e do pai), são as principais temáticas das postagens de Blenda Quaresma. Elas também incluem temas relacionados a rotina de trabalho como vereadora dentro da CMB, ou em cursos de capacitação. Um elemento recorrente no conteúdo postado é o pai de Blenda: o médico e deputado estadual Wanderlan Quaresma (MDB). Essa é a figura masculina mais frequente nos vídeos. Em pelo menos 15 vídeos postados, Blenda cita o nome ou aparece ao lado do pai.

Apesar do apoio explícito do pai e para o pai, Blenda pouco age da mesma forma em relação ao partido do qual faz parte, o MDB. Há apenas um vídeo no qual ela fez transmissão ao vivo pelo Facebook, mostrando a reunião da Executiva Nacional e os presidentes estaduais da juventude MDB, do qual é integrante. Outra característica de Blenda nos vídeos é a forma como se porta diante da filmagem do celular. Demonstra desinibição, desenvoltura e postura de liderança nos discursos em ações comunitárias, algumas vezes, animando o público do local, pedindo que participem, que mandem “tchau” para o celular e até que gritem. A postura, porém, não é a mesma apresentada dentro da Câmara. Não há vídeos que reproduzam, por exemplo, discursos seus na tribuna. Há, sim, um único pronunciamento realizado da sua mesa, durante sessão, no qual fala sobre a votação do projeto de lei que institui no calendário de Belém a agregação de datas alusivas à promoção da comunidade LGBTI+. Essa também foi a única manifestação da vereadora do MDB sobre a questão de gênero, mais especificamente de sexualidade.

Sobre as causas das mulheres, em específico, não há vídeos que referentes a projetos de autoria da vereadora sobre demandas femininas ou discursos em defesa dessas causas. As mulheres fazem parte do conteúdo audiovisual postado no perfil pessoal de Blenda, porém pouco como sujeitos políticos. Elas são chamadas em propagandas de salão de beleza; e em datas comemorativas como o Dia Internacional da Mulher. Porém, ressalta-se que, em um vídeo em particular, há esforço no reconhecimento da experiência de luta da mulher “comum”, quando em sessão solene na CMB, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, “dona Edilena”, recebe os agradecimentos pelo trabalho social desenvolvido, e é chamada de “guerreira”. Nesse vídeo pós-finalizado, há imagens de apoio de dona Edilena e a

narração da história de vida dela realizada pela própria Blenda. No mais, o debate sobre as demandas femininas, ou sobre o feminismo ficaram de fora.

Outro detalhe a se ressaltar é que Blenda costuma aparecer em seus vídeos sempre muito bem maquiada e bem vestida. Também costuma participar de uma grande variedade de eventos, desde festas até reuniões religiosas. Sua fala direciona-se tanto para homens quanto para mulheres, referindo-se a si própria como “amiga”, e chama outras mulheres de “amigas”. Além disso, costuma utilizar algumas expressões religiosas (“deus abençoe”, “fiquem com deus”), mas não se mostra praticante frequente de religião específica. Além disso, há duas postagens que chamam a atenção por fazerem a vereadora sair do *lugar comum*, pois ela dança *brega* com um homem numa festa de aparelhagem e, em outro momento, dança *brega* com o noivo.

4.2.2.2 Marinor Brito, PSOL - Belém

No perfil pessoal de Marinor Brito, líder do PSOL na Câmara Municipal de Belém, há informações básicas sobre o trabalho (“trabalha na empresa Câmara Municipal de Belém”), educação, gênero, nascimento, lugar onde mora e de onde vem (Alenquer⁸³). Em seu espaço de informações pessoais, não consta nada. Na capa do perfil do Facebook também houve mudanças. Antes, Marinor utilizava o slogan “Marinor Brito. Eu confio, eu voto”. Posteriormente, mudou para “Marinor. PSOL. Deputada Estadual eleita”. Nesse perfil pessoal, 166 vídeos foram explorados de forma preliminar, sendo que apenas 158 foram classificados como analisáveis. Oito eram repetidos e ficaram de fora. A primeira postagem dela foi realizada no dia 10.09.2015, e a última a ser incluída no nosso recorte foi do dia 02.03.2018. Não houve postagem até o dia 08.03.2018, apenas depois dessa data.

Há semelhanças em relação à forma de produzir o conteúdo, tal qual o perfil de Blenda Quaresma: a utilização do celular. No entanto, no caso de Marinor, houve maior preocupação na pós-finalização dos materiais. Isto é, ainda que filmados pelo celular, a maioria dos vídeos passou por processo de edição de imagens, com utilização de aplicativos para essa finalidade, como o *Power Director* e o *Freemaker*. Além disso, os vídeos que retratam a rotina de trabalho da vereadora do PSOL sempre estão acompanhados de logo, seja do partido ou da própria Marinor, com o slogan “Marinor Brito, mandato atuante e necessário”.

⁸³ Município paraense localizado na região do Baixo Amazonas.

O vídeo mais visualizado foi o do dia 22.10.2016, com 33 mil visualizações. Nele, são exibidas imagens da infiltração e do alagamento no estádio Mangueirinho, recém-inaugurado, durante uma chuva na capital paraense. Na legenda, Marinor escreve: “Isso sim é obra de 1,99. Mangueirinho no dia da inauguração”. O menos visualizado é referente a uma montagem de foto de nossa senhora de Nazaré e a legenda “Bom dia”.

Há, sim, também a reprodução de vários vídeos voltados para a campanha eleitoral de 2016⁸⁴. Marinor não utiliza um termo específico para falar com os seguidores. Nos discursos, costuma referir-se aos mais variados grupos sociais: servidores públicos, trabalhadores da iniciativa privada, mulheres, negros, povos indígenas, quilombolas, LGBTI+. Nesse sentido, foi a única das três vereadoras de Belém a citar diretamente a Amazônia, criticou Jair Bolsonaro, falou em “golpe” no governo Temer, sobre Estado laico, intolerância religiosa e sobre a importância da Comunicação. São temas progressistas associados à postura partidária da vereadora, que é de extrema-esquerda, e também forte opositora da gestão municipal. Costuma fazer muitas críticas diretas, e indiretas, ao prefeito de Belém Zenaldo Coutinho (PSDB). Ainda nesse sentido, Marinor Brito dá grande ênfase ao partido do qual é presidente, o PSOL e, por diversas vezes, em pronunciamento, dentro e fora da CMB, referiu-se à “bancada forte de esquerda” ou “bancada do PSOL”.

Entretanto, existe também, no conteúdo audiovisual de Marinor Brito, uma figura masculina que surge com frequência, principalmente, durante o período de campanha eleitoral para prefeito de Belém, em 2016: o deputado federal Edmilson Rodrigues (PSOL). Ele é citado ou aparece nas imagens e fotos dos vídeos, pelo menos, 44 vezes entre 02.08.2016 a 30.10.2016. Após esse período, o deputado deixa de ser recorrente nas postagens.

Também foi a única das três vereadoras a tratar de raça; e futebol, expondo, inclusive o time favorito; apareceu em evento de comemoração a sua eleição como vereadora bebendo cerveja, dançando *carimbó* e samba de casal com um homem; foi também a única que falou, explicitamente, sobre o feminismo. Em vídeo, Marinor referiu-se à “pauta feminista” do PSOL, e que se trata de “um partido feminista”. Todavia, do total de vídeos, foi a única citação direta ao movimento feminista, ainda que ela tenha abordado amplamente diversas

⁸⁴ Em conversa informal pelo do *Whatsapp*, com o assessor de Marinor Brito, Michel Jorge, no dia 09.08.2018, fui informada que foram produzidos apenas quatro vídeos para o Horário de Propaganda Gratuita Eleitoral os quais foram repetidos ao longo do período. Isso ocorreu devido à falta de recursos para a produção de novos conteúdos. Para compensar, o assessor informou ainda, que houve produção de vídeos veiculados apenas na página pessoal da vereadora e/ou na *fanpage* no Facebook. De 2015 a 2018, a assessoria disse ainda que conseguiu triplicar o número de seguidores, mesmo com pouca ajuda de patrocinadores (foram apenas 5 publicações patrocinadas, nesse período), e com recursos e equipe reduzidos (apenas um jornalista é responsável pelas fotos, edições de vídeos, divulgação de conteúdo e produção de reportagens). O Twitter também é outra ferramenta muito utilizada, porém, mais pela própria Marinor

questões relacionadas às mulheres como: violência; resistência feminina; participação política feminina; luta por direitos das mulheres; cultura do estupro; filiação feminina ao PSOL; e a Marcha das Mulheres.

Outro ponto que relevante na postura de Marinor é a sua capacidade de oratória e de argumentação. Os discursos dela costumam apresentar refinamento e indícios de capital político, na medida em que a vereadora demonstra conhecimento da legislação municipal, de outras leis específicas, de definições sobre democracia – que é uma palavra bastante citada –, da Constituição Federal de 1988 e das experiências/vivências das comunidades. Possui diversos vídeos em pronunciamento na tribuna da CMB e, durante esses discursos, tende a aumentar o tom da voz a ponto de, algumas vezes, gritar. São alguns sinais de postura que a aproximam do modelo “masculino” da política.

A vereadora do PSOL trabalha fortemente com o tema da cultura, seja durante sessões na CMB, ou na participação em eventos de rua. Mas Marinor Brito também aborda assuntos como cidades (problemas urbanos como tarifa de ônibus, saúde, transporte coletivo, abastecimento de água, coleta de lixo, conta de energia elétrica). Em uma postagem, em particular, Marinor gravou um vídeo com o celular em que, ao passar por um ponto de descarte irregular de lixo, durante uma caminhada, no bairro do Telégrafo, mostrou o problema e denunciou em estilo telejornalístico. Isto é, ela surge no local descrevendo o que está acontecendo e mostrando a situação de forma narrada.

De modo geral, a vereadora utiliza roupas formais para o trabalho, porém pouca maquiagem. Quando os vídeos são fora da CMB, as vestimentas são mais casuais, praticamente sem uso de maquiagem e, não raras vezes, com o rosto natural. Também utiliza bastantes acessórios como colar, muitos de miçangas, que remetem à cultura amazônica. Não vimos nos vídeos ações comunitárias. O investimento maior da vereadora foi em passeatas, comícios e eventos (culturais, principalmente).

4.2.2.3 Simone Kahwage, PRB - Belém

Em relação ao perfil pessoal de Simone Kahwage no Facebook, constam informações básicas sobre o trabalho (vereadora na empresa Câmara Municipal de Belém e Coordenadora do PRB Mulher Pará), além de temas envolvendo: educação, lugar onde mora, gênero, religião (cristã/evangélica), idiomas (inglês), estado civil e vínculos familiares. No espaço de descrição pessoal, durante a primeira pesquisa exploratória realizada, aparecia: “FELIZ COM MEU ESPOSO E COM O MEU DEUS...” e na capa do perfil “Sim, Nós

Podemos! Vereadora de Belém do Pará 2017” – esse, inclusive, era o slogan da campanha da vereadora. Na segunda pesquisa exploratória realizada, houve mudanças na capa do perfil, que possui agora uma arte com a legenda “Vem aí. Campanha Parede Limpa”, além de ter sido adicionado *link* para o “Espaço Simone e Alexandre⁸⁵”, no Instagram. Também foram colocadas informações como “Presidente da Comissão Feminina na Câmara Municipal de Belém · De 2017 até o momento” e “Estudou na instituição de ensino Anhanguera Educacional”.

Uma curiosidade é que a sua primeira postagem foi uma filmagem de celular da tela da TV, na qual está sendo exibida uma propaganda eleitoral sobre a sua campanha. Nesse momento, seu nome de campanha era “Simone Carole”, e os cabelos estavam ruivos. Somente a partir de 30.08.2016, ela adotou o “Kahwage” como sobrenome oficial, passando a ter os cabelos pretos.

Foram explorados, de forma preliminar, 54 vídeos postados no perfil pessoal da vereadora, entre 04.08.2015 e 02.03.2018. Não houve postagens repetidas, tampouco publicações no Dia Internacional da Mulher. A postagem mais visualizada foi do dia 23.10.2016, em que Simone Kahwage canta um louvor evangélico ao lado do irmão tecladista⁸⁶. Foram 4.100 visualizações. Já o que teve menos visualizações foi do dia 29.06.2017, que se trata de um vídeo-montagem⁸⁷, com fotos da vereadora com o marido, amigas, na igreja, em caminhadas, etc. Foram apenas 48 visualizações.

Assim como Blenda e Marinor, grande parte dos vídeos foi feita com o uso de celular e, percebem-se tais fatos, por elementos já mencionados anteriormente. Observamos, porém, no conteúdo, grande preocupação com a pós-finalização dos vídeos. Houve a reprodução de produções da campanha eleitoral, mas houve também vídeos bem produzidos para serem veiculados nas mídias digitais⁸⁸. Por *bem produzidos*, refere-se a vídeos com roteirização, com utilização de recursos de edição de imagem, efeitos visuais, sonoras e arte. Há vídeos estilo reportagem de TV, com uma repórter entrevistando várias pessoas, inclusive, a própria Simone. Em outros exemplos, Simone é entrevistada pela pessoa gravando as imagens; e

⁸⁵ Trata-se do marido de Simone.

⁸⁶ Disponível em:
https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1271928856172533/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 10.01.2018.

⁸⁷ Disponível em:
https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1543732835658799/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 10.01.2018.

⁸⁸ Em conversa informal pelo *Whatsapp*, com a assessora de Simone Kahwage, Brenda Melo, no dia 07.03.2018, fui informada que apenas um dos vídeos pós-finalizados que estavam até essa data no perfil da Simone era para a TV. Os demais foram voltados para as mídias digitais.

também uma transmissão ao vivo⁸⁹ pelo Facebook, em que se porta como repórter de TV, mostrando a pavimentação de uma rua, em Belém. Ela comenta o que está acontecendo no momento, e diz que o problema foi solucionado após iniciativas dela junto à Prefeitura. Em seguida, entrevista um morador da área.

Para Simone, as ações nas ruas fazem parte do que chama de “Mandato nas Ruas” e que engloba também um projeto maior de autoria dela: “Gente da Gente”. Em relação aos seguidores, Simone fala diretamente com as pessoas das mídias digitais: “Me acompanhe nas redes sociais”; “Curta, comente, compartilhe”; “Dá um like”. Simone também utiliza, com frequência, expressões religiosas ou faz menções à religião, especificamente, a evangélica: “Deus abençoe”, “Fica com deus”; “(...) que a benção de deus nos acompanhe”; “(...) orando, só Jesus”. A vereadora do PRB também canta louvor na Igreja Universal do Reino de Deus, e participa de casamentos coletivos do programa *Terapia do Amor*, também da IURD.

No conteúdo do perfil pessoal do Facebook, não há uma figura masculina em específico associada à imagem de Simone. Porém, observou-se que, além do marido dela aparecendo ocasionalmente, há também, durante o período da campanha eleitoral para vereadora, em 2016, vários homens que gravaram vídeos com ou para ela, pedindo voto para a então candidata à vereadora do PRB: pastor, deputado estadual, o presidente estadual do PRB, bispos, além de outras personalidades políticas e religiosas. Foram pelo menos seis homens diferentes, nesse período. No entanto, após a campanha eleitoral, Simone assume protagonismo nos vídeos.

Vale destacar a grande ênfase que foi dada ao partido, tal qual observamos com Marinor. A vereadora referiu-se bastante ao PRB Mulher. Da mesma forma, das três vereadoras de Belém, foi a que mais abordou a temática *mulheres*. Há postagens que trataram da filiação partidária feminina, na qual, em publicação voltada para as mulheres, havia a frase “No PRB, você tem vez, você tem voz”; e ainda, de empoderamento; da Lei Maria da Penha e de um projeto de autoria de Simone sobre a legislação nas escolas; luta contra o câncer de mama; dia das mães; postagens em que Simone diz que “lugar de mulher também é na política”, quando, durante depoimento pessoal, falou das dificuldades de ser mulher; quando mencionou da “força da mulher na Câmara Municipal de Belém”; entre outros trechos de discursos e de depoimentos de mesmo teor que merecem destaque pela forma em que o lugar

⁸⁹Disponível em: https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1552823018083114/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 10.01.2018.

dessa mulher na política é traçado. Afinal, Simone, que se deteve fortemente de assuntos sobre as mulheres, não tratou de feminismo ou mencionou esse termo, pelo contrário.

Simone Kahwage afirmou em vídeo, durante campanha eleitoral, que quer “cuidar de você, mulher, e da nossa juventude”, que quer “servir as pessoas”, “mulher tem que cuidar da saúde”, e que “mulher saudável tem família saudável”. Todas essas declarações remetem ao espaço privado/doméstico e às atividades de cuidado tradicionalmente associadas à mulher. Isto é, traços de discurso conservador sobre a mulher na política: de submissão e docilidades. Simone não abordou a questão de gênero em sua amplitude, e muito menos a diversidade sexual. No entanto, o discurso, em alguns vídeos de Simone, refere-se a uma “nova política”, para “fazer a diferença”.

Cabe mencionar que Simone chegou a discursar algumas vezes na tribuna, diferente de Blenda, como visto anteriormente. Demonstrou conhecimento sobre a legislação, no caso, sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e também gravou vídeo com um balanço do primeiro ano de mandato como vereadora. Trabalhou a temática esporte, lutando jiu-jitsu de *kimono* rosa, participando de partida de futebol e treinando em uma bicicleta ergométrica. Sobre a aparência, Simone Kahwage vestiu bastante rosa e usa batom vermelho com frequência.

4.2.2.4 Glória Carratte, PRP- Manaus

Glória Carratte possui três perfis pessoais⁹⁰ no Facebook. O perfil I possui 10 vídeos postados. Entretanto, nenhum deles foi no período indicado no recorte desta pesquisa. O primeiro foi publicado no dia 30.08.2018, e o mais recente no dia 25.10.2018. Esse perfil não foi utilizado. Já no perfil II não constam vídeos postados. Por fim, no perfil III da vereadora do PRP, há 4 postagens de conteúdo audiovisual. Nesse sentido, utilizamos os vídeos do perfil III, somados aos vídeos da *fanpage*⁹¹, no qual constam mais quatro vídeos, porém apenas dois estão dentro da data do nosso recorte. Sendo assim, foram explorados preliminarmente o total de seis vídeos.

Na apresentação dos perfis pessoais, consta que é “Vereadora na empresa Câmara Municipal de Manaus”, estudou na “instituição de ensino Nilton Lins”, frequentou o “I.E.E. Paulo Saldanha”, mora em Manaus, mas é natural de Guajará-Mirim, em Rondônia. Além

⁹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/gloria.carratte>; <https://www.facebook.com/gloriacarratte.perfilii/> e <https://www.facebook.com/gloria.carratte.9>. Acesso em: 19.01.2019.

⁹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/gloriacarrattemanus/>. Acesso em: 19.01.2019.

disso, informa que é casada com Miguel Carratte, médico candidato ao cargo de Deputado Estadual no Amazonas, pelo PV, nas Eleições 2018, mas não se elegeu.

A foto de capa do perfil e da *fanpage* é a vereadora na mesa da Câmara Municipal de Manaus, assinando um documento. Na página, há mais informações sobre Glória, como gênero (feminino) e interesses (mulheres), além de outros dados pessoais já citados acima no perfil. Vale destacar a descrição que ela mesma faz no espaço “Detalhe sobre Glória”: “Sou uma mulher simples, guerreira e amiga, conhecida pelo meu eleitorado como a ‘Glória do Povo’ por isso, busco ser politicamente correta dentro e fora da CMM. Sou casada há 25 anos com o ex-deputado e médico Miguel Carratte, ele é o meu chão e o meu tudo e dessa união nasceram meu maior tesouro Mishelly e Michell. Sempre afirmo que já nasci com a política inserida no meu DNA... Gosto de ser Política, por isso me empenhei bastante para conquistar esse meu 4º mandato. Como representante do povo busco atender o clamor dos menos favorecidos. Acredito que o parlamentar não deve se ater só à tribuna, mas também tem o dever de atender as pessoas, visitar os bairros, fiscalizar as obras do Executivo Municipal e sempre que possível realizar trabalhos sociais em prol das comunidades carentes. Como cidadã prezo pela ética moral e profissional. Sou religiosa e acredito que nossas vidas são movidas e direcionadas pelo Senhor do Universo: Deus, amigo incondicional de todas as horas.”

A quantidade de vídeos postada pela vereadora Glória Carratte é bastante inferior a todas as outras vereadoras aqui pesquisadas. Somadas as postagens de um dos perfis pessoais e as da *fanpage*, constam apenas seis vídeos. No perfil pessoal, a primeira postagem foi no dia 14.05.2016, e a última no dia 01.10.2016. Já na página, a primeira postagem é do dia 08.07.2017, e a última de 08.03.2017. Sendo assim, é difícil fazer uma pré-análise mais longa, em virtude dos poucos elementos apresentados dentro do limitado conteúdo audiovisual produzido. Cabe apuração junto à própria vereadora ou à assessoria para identificar o motivo do Facebook não ser tão utilizado como divulgador do trabalho da parlamentar ou como ferramenta de interação com seguidores.

Diante do restrito conteúdo audiovisual, nossa análise se baseará no pouco que foi possível apreender. Os vídeos de Glória Carratte também indicam ter sido realizados com o uso de celular devido à baixa qualidade da imagem. Nenhuma transmissão ao vivo foi feita, nem gravação no estilo *selfie*. Todas foram realizadas em ambiente externo, fora da Câmara Municipal de Manaus. Em dois vídeos, Glória está em uma rua que está sendo asfaltada, após requerimento realizado por ela. A vereadora diz “meu dever como vereadora é acompanhar e fiscalizar o serviço feito pela prefeitura”. Ainda assim, mostra tendência a ser da base aliada

da gestão municipal ao se referir como “nosso prefeito”. Diz ainda que os problemas da comunidade podem ser resolvidos com “força e vontade e perseverança”.

Não foi identificada nenhuma figura masculina associada à imagem de Glória no recorte realizado. Também não foi citado pela parlamentar, em nenhum momento, o partido do qual faz parte. O vídeo⁹² mais visualizado foi do dia 01.10.2016, em que constam 1,8 mil visualizações. Nele, a vereadora do PRP faz campanha para reeleição, chamando o seguidor de “meu amigo, minha amiga”, e pede o voto para continuar trabalhando e “ajudando as pessoas menos favorecidas”. O vídeo⁹³ menos visualizado foi no dia 08.07.2017, com 133 visualizações, e mostra Glória com roupa de treino, correndo.

Quanto às referências sobre as mulheres, apenas um vídeo abordou a temática, lembrando o Dia Internacional da Mulher. São montagens de fotos da vereadora com outras mulheres, durante trabalho externo da CMM, em que apenas diz “Feliz dia das mulheres”. Sobre a aparência física, os vídeos indicam que Glória Carratte é vaidosa, está sempre bem vestida e maquiada, além de aparentar ter realizado procedimentos estéticos no rosto.

4.2.2.5 Joana D’arc, PR – Manaus

Joana D’arc do PR de Manaus não possui perfil pessoal no Facebook. Por isso, para os fins desta pesquisa, a *fanpage*⁹⁴ dela foi utilizada. Nela, as atualizações são realizadas com frequência, quase que diariamente. Há informações básicas sobre: endereço, contatos telefônicos, de e-mail, do site pessoal e das mídias digitais (*Instagram* e *Youtube*). Constam, ainda, informações sobre a filiação partidária (PR), prêmios, gênero (feminino), além de descrição pessoal “Protetora dos Animais e das Pessoas, vereadora mais jovem de toda história de Manaus, eleita Deputada Estadual mandato 2019-2022”. Na opção *temas*, diz “Sou vereadora eleita para representar a causa animal no mandato 2017/2020 e por isso honro diariamente meu compromisso com a causa.”. A foto da *fanpage* é de Joana segurando um cartaz escrito “Compromisso com a causa animal. Hospital público veterinário. Castrações em massa. Bem estar animal. Somos a voz dos animais!”. Já na foto da capa, Joana está na plenária da Câmara Municipal de Manaus.

⁹²Disponível em: https://www.facebook.com/gloria.carratte.9/videos/vb.100005631163598/556536021210765/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 28.01.2019.

⁹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/gloriacarrattemanaus/videos/202589686935266/> (Acessado em: 28.01.2019)

⁹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/>. Acesso em: 19.01.2019.

A pesquisa exploratória foi realizada em 234 vídeos postados na *fanpage*, entre os dias 22.02.2016 e 08.03.2018. Dos 234 vídeos, quatro foram desconsiderados, pois eram postagens repetidas. A primeira publicação foi no dia 22.02.19 e a última foi no dia 08.03.2018. A postagem mais visualizada foi a do dia 30.05.2017, com 192 mil visualizações, e correspondeu a uma transmissão ao vivo pelo Facebook, em que Joana foi vítima de assédio moral dentro da Câmara Municipal de Manaus. A postagem menos visualizada foi a do dia 24.10.2016, com 54 visualizações, e trata-se de um vídeo em que a vereadora parabeniza Manaus pelos 347 anos e os eleitores que votaram nela.

De maneira geral, o celular foi bastante utilizado para produzir conteúdo para a página. Observou-se que essa produção, além de frequente, passou ainda por transformações significativas no formato, durante o período analisado preliminarmente. Antes de assumir o mandato, e logo nos primeiros meses como vereadora, os vídeos de Joana Darc tinham um perfil mais amador, “caseiro”, com uso de recursos de edição, mas nada muito sofisticado. Depois que assumiu como vereadora, em poucos meses (seis meses, sendo mais específica), mudou a qualidade do conteúdo produzido. A transformação é perceptível pela imagem mais nítida e de melhor resolução, indicando a utilização de dispositivo tecnológico avançado, além da roteirização do material. Há vídeos com trilhas sonoras, som, arte e legendas, efeitos de transição de imagem, *insert* em sonoras, *takes* e ângulos diferenciados (indicando a presença de um profissional com noções de cinegrafia) e até imagens aéreas feitas com *drone*.

Um elemento que se manteve, independente das transformações tecnológicas e de formato de conteúdo, foi a transmissão ao vivo pelo Facebook. Os vídeos indicam que esse recurso foi utilizado bastante durante o resgate de animais, as fiscalizações de espaços públicos e, principalmente, durante os pronunciamentos de Joana na Câmara Municipal de Manaus. Em uma das sessões, a transmissão serviu para divulgar ao vivo para os seguidores aqueles vereadores que assinaram ou não o documento, de autoria de Joana, requerendo a instauração de uma CPI do transporte público. Outra constante foi o uso de *hashtags* das mais variadas: #compartilhe, #juntospelacausaanimal, #JoanaFaz, #PromessasQueSaemdoPapel, #NasRuas, etc.

É interessante como a vereadora tem as mídias digitais como fortes ferramentas de atuação parlamentar e de ativismo da causa animal. Solicita, com frequência, a participação dos seguidores para realizar denúncias “Tire foto, filme, me mande”, “Denuncie na minha página. Eu vou cobrar da Prefeitura”; utiliza como ambiente de sorteios; de prestação de contas, no qual frequentemente divulga o balanço do mandato. Destacam-se duas iniciativas

curiosas da agente política, que foram as enquetes online⁹⁵ (nas quais fez votação para saber a opinião dos seguidores a respeito de possíveis projetos de lei) e o programa “Vereador por um dia”⁹⁶, em que sorteou, entre vários interessados, o nome de uma pessoa para que passasse o dia com ela e conhecesse o trabalho de um vereador, dentro e fora da Câmara. Também costuma responder em tempo real às perguntas dos seguidores nas transmissões ao vivo, ou respondia posteriormente pelos comentários. Joana disse acreditar em um “mandato compartilhado” de “total transparência”.

Os temas abordados por Joana são, principalmente, os que envolvem os direitos dos animais: cães e gatos, principalmente, e também toda a fauna (há manifestações sobre maus tratos a cavalos, porcos e até à onça Juma, morta durante a passagem da Tocha Olímpica pelo Brasil). Joana D’arc é protetora dos animais, presidente da ONG PATA, membra da Comissão de Meio Ambiente da CMM e sempre reitera essa frente. No entanto, relembra que é uma “vereadora de todos”, que “não exclui as causas”, é representante da “causa animal, das pessoas e do meio ambiente”. Portanto, foi possível identificar outras temáticas trabalhadas pela vereadora nos vídeos: preservação de espaços públicos, direitos dos estudantes, *Uber*, tarifa de ônibus, abastecimento de água.

É integrante do Partido Republicano, e cita a legenda no recorte realizado por esta pesquisa, porém são citações pontuais. Não muito frequentes. Joana assumiu postura de forte oposição na CMM frente à administração municipal do prefeito Arthur Virgílio Neto (PSDB). Fez críticas diretas e apelos à atual gestão durante as sessões, e fora delas, fiscalizando por meio de *blitz* o transporte público, o Centro de Controle de Zoonoses, as comunidades periféricas e as obras paradas. Destacam-se algumas situações conflituosas que Joana fez parte: confusão entre a guarda municipal e estudantes dentro da CMM, durante sessão sobre a tarifa de ônibus; recebeu ameaça de agressão física por militantes do PSDB; também foi ameaçada por taxistas durante sessão sobre o *Uber*; teve o carro arranhado; e foi ainda vítima de assédio moral por parte do presidente da Casa, Wilker Barreto (PHS).

Essa situação de violência de gênero sofrida pela parlamentar, em especial, foi a que mais chamou a atenção em todo o material analisado. Foi também o vídeo mais visualizado⁹⁷. É um exemplo claro das dificuldades enfrentadas pelas mulheres na vida política institucional, e que dificilmente são divulgadas. Porém, dessa vez, ocorreu ao vivo e para centenas de seguidores assistirem. Na situação, ocorrida no dia 30.05.2017, Joana D’arc havia combinado

⁹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/794803487334583/>. Acesso em: 23.01.2019.

⁹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/807906439357621/>. Acesso em: 23.01.2019.

⁹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/858758304272434/>. Acesso em: 25.01.2017.

com o presidente da CMM que subiria na tribuna para se pronunciar por 3 minutos. Ao chegar no local, foi avisada que teria apenas 2 minutos. Ela contestou, e disse que o presidente deveria cumprir com o acordo entre ambos. Nesse mesmo momento, sem mais discussões, o vereador Wilker Barreto encerra a sessão, o microfone da vereadora é cortado, e Wilker se levanta da mesa. Vários vereadores fazem o mesmo, deixam o local e Joana fica parada na tribuna, com semblante de perplexidade, observando o espaço se esvaziar. Tudo está sendo transmitido ao vivo para os seguidores. Em determinado momento, ainda parada na tribuna, Joana chora, depois tentar conter a emoção. Outros seis vereadores sobem na tribuna ao lado dela em apoio. Joana diz que vai continuar com o pronunciamento para os seguidores que a assistem, e diz que se sentiu num “papel de palhaça”; “Wilker Barreto me ofendeu (...), cerceou meu direito de falar”; “atitude de presidente que não respeita mulher, não respeita uma jovem de 27 anos”, “faz assédio psicológico com mulher”. E complementa: “Toda a vez que eu tenho ameaças de uma presidência que sempre que a gente fala diz que vai enquadrar na Comissão de Ética”; “toda vez que eu venho na tribuna eu sou perseguida”.

É interessante observar que, mesmo frente a duras ameaças e violências de gênero, Joana manteve postura firme e de resistência nos vídeos. Nesse mesmo discurso sobre o assédio na CMM, a vereadora do PR falou que iria fazer boletim de ocorrência por assédio e finalizou dizendo: “Eu não tenho medo de perder nada. Eu tô aqui pelo povo. Eu tenho profissão”. Outras situações semelhantes ocorreram, como o já citado vídeo sobre a agressão verbal de taxistas⁹⁸. Nele, Joana contou que foi xingada, dentro da plenária, de “puta”, “pilantra”, “mercenária”, “safada” e “filha da puta”, além disso, recebeu gestos obscenos e outros alusivos à “dar porrada” e “dar um tiro”. Em resposta, a parlamentar disse “sou uma pessoa digna de respeito”, “sou uma autoridade”. Em outros vídeos, há outros sinais da postura firme enquanto vereadora de oposição e como mulher: “Vocês não vão me calar”; (*vídeo 308*), “vou tomar as providências legais”, “tenho dito”, “5 minutos é a única coisa que não podem me tirar aqui dentro do parlamento, de palavra”.

São obstáculos e preconceitos do espaço político institucional, reconhecidos por Joana D’arc por outros vieses. Em um vídeo⁹⁹, ela falou sobre a baixa representação feminina no parlamento: “Mulher tem que ocupar seu espaço. Aqui na Câmara Municipal, nós somos 41 vereadores e 4 mulheres”, “estamos na 17ª legislatura, mas só teve mulher a partir da 10ª”. Tratou, ainda, de outras temáticas referentes às mulheres: a violência obstétrica; o estupro; o assédio em transporte coletivo; o Dia Internacional da Mulher, lembrando dados sobre a

⁹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/921262498022014/>. Acesso em: 25.01.2017.

⁹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/811345949013670/>. Acesso em 23.01.2019.

violência contra a mulher. Apesar da pluralidade no tratamento de temas de interesse feminino, Joana afirmou, paradoxalmente, em outra postagem: “eu defendo a bandeira das mulheres, mas não sou feminista”.

Quanto à existência de figura masculina associada a sua, identificamos apenas, por um breve período, durante a campanha eleitoral para vereadora, que Joana apareceu ou citou o nome de Marcelo Ramos como o candidato para a Prefeitura de Manaus. Isso ocorreu cinco vezes. No restante do conteúdo analisado preliminarmente, não foi identificada outra figura masculina proeminente. Houve nomes citados ou que apareceram com ela, mas não de forma frequente e nem como protagonistas, e sim como parceiros políticos, como no caso os vereadores: Sassá da construção civil, o Chico Preto e o deputado estadual Luiz Castro. De maneira geral, Joana D’arc conseguiu manter o protagonismo enquanto sujeito político nos vídeos em questão.

Ainda referente a sua postura, Joana D’arc mostrou-se bastante articulada, conhecedora das leis, informada e participativa. Esteve com frequência discursando na tribuna. Manteve postura respeitosa ao discursar, sem utilizar de ofensas, mas não mostrou inibição ao expor suas convicções morais, políticas, valores e emoções. Há uma postagem em que rasga um documento de um ato da gestão municipal que considera ilegal e, em outra, durante fiscalização no Centro de Controle de Zoonoses, ficou bastante indignada com a situação do local, e falou um palavrão: “essa merda aqui”. Enfatizou, com frequência, a sua origem não vinculada à política institucional como “sinal de honestidade”: “nunca tive nenhum envolvimento político”; “sem apadrinhamento e sem recurso eu pude mostrar para as pessoas que existe sim uma nova forma de fazer política”. E vai além, reconhecendo-se como uma pessoa com habilidades para ocupar o espaço onde está, e para alcançar suas indicações: “em reconhecimento a minha competência técnica e legal”, “me convocou para ser a voz da prefeitura e conseguir os recursos”.

Nesse momento de pré-análise, lança-se a hipótese de que Joana D’arc se empodera como sujeito político, tendo como suporte dois elementos: 1) o conhecimento jurídico e legal enquanto advogada e servidora pública municipal; 2) a experiência com o uso das mídias digitais que indica, nesse recorte levantado preliminarmente, ter sido adquirido, em certa medida, pela militância – o que rende a parlamentar um certo “respaldo popular” para suas ações que ficam registradas no ambiente online (e em aparelhos eletrônicos).

No conteúdo audiovisual postado na *fanpage*, Joana D’arc falou, ainda, dos principais projetos no primeiro semestre como parlamentar, que foram promessas de campanha e se tornaram realidade. Segundo a vereadora, foram 21 projetos de lei e 4 leis

aprovadas. Entre eles: a Equipe Vet; Equipe Pet; Hospital Público Veterinário; agendamento da castração por meio do Disk Saúde; Carona Animal; implementação do aplicativo “Se Liga”; construção do Parcão; Programa Jovem Empreendedor. Não há projetos ou leis aprovados especificamente para as mulheres.

Outros assuntos tratados pela vereadora no conteúdo postado na página do Facebook foram: Síndrome de Down; homenagem ao Dia do Veterinário; posicionamento contrário à Reforma da Previdência e à Reforma Trabalhista; crítica ao Presidente dos EUA, Donald Trump. Além disso, postou vídeos informando que, mesmo durante o recesso parlamentar, continuaria trabalhando e recebendo demandas da população. Nesse período, realizou ações comunitária aos moradores de rua.

Sobre a aparência, Joana D’arc, logo no início do mandato, se vestia de maneira bem simples, sem maquiagem (ou pouca) e com cabelo ao natural, isto é, sem escova. Mesmo na CMM, ainda que com roupa formal, não era extravagante ou chamativa. Após o primeiro semestre de mandato, a formalidade se manteve, assim como um certo grau de simplicidade na vestimenta e na aparência do rosto. No entanto, foi perceptível que a vereadora passou a se “vestir melhor” e principalmente, a adotar mais maquiagem (ainda que leve), a fazer escova e *babyliss* nos cabelos.

4.2.2.6 Professora Jacqueline, PHS – Manaus

Professora Jacqueline, do PHS de Manaus, não possui perfil pessoal no Facebook. Por isso, a *fanpage*¹⁰⁰ dela foi analisada. As atualizações são realizadas com certa frequência. Na capa da página, durante a realização da pesquisa exploratória, constava a foto da vereadora com fundo vermelho escrito “Feliz Natal”. Há informações básicas sobre: endereço, contatos telefônicos, do *Messenger* e do site pessoal. Constavam, ainda, informações sobre a cidade natal (Russas, Ceará) e uma breve descrição: “Vereadora de Manaus, casada, mãe, bacharel em direito e em pedagogia. É também presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher”.

Passaram por pesquisa exploratória 74 vídeos postados na *fanpage* entre os dias 13.10.2015 e 26.12.2017. Não houve publicações repetidas. A postagem mais visualizada¹⁰¹ foi a do dia 03.10.2016, com 1.700 mil visualizações, e referiu-se a uma entrevista concedida

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/>. Acesso em: 29.01.2019.

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/videos/1282900138401133/>. Acesso em: 29.01.2019.

pela vereadora do PHS a jornais locais sobre o resultado das urnas das eleições municipais 2016, e a redução da representação feminina na Câmara Municipal de Manaus. Já a menos visualizada¹⁰² foi do dia 24.10.2017, com 23 visualizações, e versou sobre uma montagem de fotos com a legenda “Parabéns, Manaus, pelos 384 anos de fundação.”.

Em relação à produção dos vídeos, Professora Jacqueline utilizou também o celular como principal ferramenta de captação das imagens. Porém, em comparação às demais vereadoras previamente analisadas, os vídeos não foram pré-finalizados com frequência, nem por produtora especializada, tampouco por meio de aplicativos de edição para celular. Isso ocorre, principalmente, nos registros da vereadora em pronunciamento na tribuna da CMM. Porém, houve produções com edição não tão sofisticada, de cortes secos e com recursos visuais mais simples. São vídeos que, pela qualidade de produção e do certo amadorismo na edição, indicaram ter sido realizados para veiculação nas mídias digitais. Ao mesmo passo que houve produções de qualidade que, ao que indicaram os elementos visuais e de pós-finalização, foram de veiculação em TV aberta, durante o período eleitoral, em que a vereadora concorreu como vice-governadora ao lado de Wilker Barreto, também do PHS.

Outro ponto que chamou a atenção foi o fato da Professora Jacqueline ter realizado, dentro desse recorte analisado, apenas uma transmissão ao vivo pelo Facebook. De maneira geral, as postagens na página pessoal da parlamentar possuíam legenda. Aquelas que são mais descritivas, com textos mais longos e criteriosas na norma culta são referentes, principalmente, aos vídeos de pronunciamento na Câmara. A vereadora utilizou também de *hashtags* como: #LeiMariadaPenha; #PorUmNovoAmazonas; #VereadoraProfessoraJacqueline; #PrefeituradeManaus; #emendasparlamentares; etc. No entanto, não notaram-se, em discurso nos vídeos, chamamentos para os seguidores interagirem por meio das mídias digitais. Referiu-se a quem assiste como “amigo e amiga”.

Os principais temas abordados por Professora Jacqueline foram, em primeiro lugar, a educação, mas também assuntos relacionados às mulheres, à prática de exercício físico e ao turismo. As temáticas femininas, em especial, foram: Dia Internacional das Mulheres; Lei Maria da Penha; combate à violência doméstica e familiar contra a mulher; Delegacia especializada em crimes contra a mulher; perda da representação feminina no âmbito municipal; Outubro Rosa; Campanha “16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher”; participação política feminina; direito ao voto feminino. No entanto, os assuntos não foram aprofundados na perspectiva de gênero, omitindo sobre a causa da opressão feminina

¹⁰² Disponível em: <https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/videos/1679569858734157/>. Acesso em: 29.01.2019.

ou refletindo sobre questões relacionadas ao corpo e à sexualidade. Uma contradição, já que a vereadora faz parte da Comissão de Direitos Humanos, Povos Indígenas e Minorias da Câmara Municipal de Manaus.

Aliás, os povos indígenas não foram mencionados no conteúdo audiovisual analisado. Há uma referência à Amazônia em que a parlamentar diz “A Amazônia é uma das maiores marcas do planeta”. A frase foi referente à necessidade de investimento no turismo para o Amazonas. Ainda dentro da questão temática, houve assuntos relacionados à criança e juventude, que também foram tratados pela vereadora: Lei Maria da Penha nas escolas; abuso sexual de crianças e adolescentes nas escolas; dados sobre a melhoria do ensino básico municipal; a criação da Frente Parlamentar de Enfrentamento à Violência contra a Criança e o Adolescente; e o apelo que fez às mulheres para que participassem da política, pois “nós mulheres, temos nossa responsabilidade com nossos filhos, nossa família, nossa cidade”.

Não houve menção específica ao partido do qual é integrante, o PHS, Partido Humanista da Solidariedade. Houve referências a duas figuras masculinas que foram proeminentes, em períodos distintos. A primeira delas foi o presidente da Câmara Municipal de Manaus, que concorreu como governador do Amazonas, tendo Professora Jacqueline como candidata à vice, nas eleições de 2018. Wilker Barreto (PHS) apareceu ou foi citado em, pelo menos, 10 vídeos. Outra figura masculina que também foi citada, não com tanta frequência, mas pontualmente, foi o prefeito de Manaus, Arthur Virgílio Neto (PSDB). Em pelo menos três vídeos, a parlamentar apoiou as ações do gestor municipal: “O prefeito de Manaus, Arthur Virgílio Neto, sancionou o nosso programa”; “O prefeito nos abençoou com essa oportunidade”; e o terceiro vídeo, nessa linha, foi uma propaganda eleitoral de quando o prefeito ainda era candidato.

Outro ponto enfatizado pela Professora Jacqueline foram as suas habilidades profissionais pelo fato de ser educadora e pedagoga, além de suas qualificações curriculares de ensino superior na graduação e pós-graduação, inclusive, em Portugal. Sobre a aparência da parlamentar, essa se mostrou formal, sem exageros: com maquiagem leve e cabelo sempre alinhado.

4.2.2.7 Professora Therezinha, Democratas – Manaus

Durante a pesquisa exploratória no perfil pessoal¹⁰³ e na *fanpage*¹⁰⁴ da Professora Therezina Ruiz, a capa de fundo era a foto da vereadora e uma ilustração com a legenda “Feliz 2019”. Havia informações básicas sobre: data de nascimento; contato telefônico; cidade natal (Manaus); afiliação (Democratas). Houve, ainda, breve descrição sobre ela: “Professora por formação, atua na área da Educação há mais de 30 anos. Foi eleita vereadora em 2012 para o mandato de 2013-2016.”. Na biografia do Facebook, um longo texto informava o nome completo (Therezinha Ruiz de Oliveira); naturalidade (Manaus); Estado Civil (viúva); formação (Letras); e um histórico de sua atuação como educadora¹⁰⁵, como agente política¹⁰⁶, os projetos de lei apresentados¹⁰⁷, as comissões¹⁰⁸ das quais faz parte e outras iniciativas¹⁰⁹.

Para esta pesquisa exploratória, foi utilizado o conteúdo audiovisual (vídeos) postado na página pessoal por corresponder ao ambiente com maior frequência e quantidade de vídeos

¹⁰³ Disponível em: <https://www.facebook.com/therezinha.ruiz>. Acesso em 29.01.2019.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/professoratherezinha.ruiz>. Acesso em 29.01.2019.

¹⁰⁵ “É formada em Letras, com habilitação em Línguas Portuguesa e Inglesa, com especialização em Gestão Escolar, ambas pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Atuando há 32 anos na Educação Pública, iniciou sua carreira no Magistério como professora na Escola Barão do Rio Branco. Após concurso público, assumiu a cadeira de Língua Inglesa na Rede Estadual de Ensino, no Instituto de Educação do Amazonas (IEA), onde foi coordenadora da Área de Comunicação e Expressão em Línguas Portuguesa e Inglesa. Foi professora para teenagers no Instituto Cultural Brasil Estados Unidos (ICBEU). Assumiu, em 1986, a direção da Creche da Portobrás, Tocaiazinha, que transformou de Creche em Escola de Ensino Fundamental atendendo, inicialmente, uma clientela de quase 70 crianças, em horário integral. Em seu último ano de administração, aumentou para 230 o número de crianças atendidas, integração social aos filhos dos funcionários do Porto. Na Secretaria Municipal de Educação (Semed) foi professora, técnica de acompanhamento pedagógico, coordenadora pedagógica do Ensino de 1º Grau, assessora de Departamento de Ensino e Diretora de Departamento de Ensino.”. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/professoratherezinha.ruiz/about/?ref=page_internal. Acesso em 29.01.2019.

¹⁰⁶ “Mandatos: Foi eleita vereadora em 2012, com 5.308 votos para o mandato 2013/2016. Já foi deputada estadual entre 2008/2001. Atividades Partidárias: É filiada ao Democratas (DEM) e líder do partido na Câmara Municipal de Manaus.”. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/professoratherezinha.ruiz/about/?ref=page_internal. Acesso em 29.01.2019.

¹⁰⁷ “Leis em vigor de sua autoria: Como deputada estadual, Professora Therezinha Ruiz idealizou os seguintes projetos que se transformaram em Lei: Resolução Legislativa 419/2007 – Criou o Núcleo de Atendimento aos Profissionais da Educação (Nape), com apoio jurídico, psicológico e fonoaudiológico; Lei Ordinária 3.183/2007 – Institui a Semana Estadual de Valorização do Educador; Lei Ordinária 3.209/2007 – Institui no âmbito do Estado do Amazonas o programa de ação interdisciplinar e de participação comunitária, denominado “Escolas sem drogas”; Lei Ordinária 3.165/2007 – Considera de utilidade pública a entidade ‘Jovens com uma Missão – Manaus’.”. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/professoratherezinha.ruiz/about/?ref=page_internal. Acesso em 29.01.2019.

¹⁰⁸ “Comissões em que atua: Presidente da Comissão de Educação da Câmara Municipal de Manaus (COMED/CMM); vice-presidente da Comissão de Ética (COMET); vice-presidente da Comissão de Defesa e Proteção dos Direitos da Mulher (COMDPDM); membro suplente da Comissão de Constituição, Justiça e Redação (CCJR); membro suplente da Comissão de Serviço Público (COMSERP); membro titular d Comissão de Direitos Humanos (COMDIH); membro suplente da Comissão de Implementação e Acompanhamento de Leis (COMIAL) e membro titular da Comissão de Direito da Criança, Adolescente e Idoso (COMDCAI).” Disponível em: https://www.facebook.com/pg/professoratherezinha.ruiz/about/?ref=page_internal. Acesso em 29.01.2019.

¹⁰⁹ Em 1995 assumiu como subsecretária municipal de Educação, ficando no cargo até 2002, quando tomou posse no cargo de Secretária Municipal de Educação e Cultura. Em 2009, na administração do prefeito Amazonino Armando Mendes, assumiu a Secretaria Municipal de Educação, ficando de 1º de janeiro a 05 de abril de 2009.”. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/professoratherezinha.ruiz/about/?ref=page_internal. Acesso em 29.01.2019.

atualizados. No perfil da parlamentar do Democratas, foram 49 vídeos contra 94 contabilizados na *fanpage* dentro do recorte cronológico estabelecido. O primeiro vídeo foi postado no dia 25.12.2015 e o último no dia 14.12.2018 (após essa data só foi publicado novamente no dia 24.04.2018).

Um aspecto a se ressaltar no tipo de vídeo produzido pela Professora Therezinha foi o fato de serem vídeos pós-finalizados, em sua grande maioria. Aparentemente, houve tanto o uso de celular para a captação de imagens como também de aparelhos com resolução de imagem mais avançada. Porém, independente do dispositivo, o produto final postado foi de vídeo “editado”, com, no mínimo, a introdução de legenda com o nome da vereadora e/ou logo. Foi difícil, inclusive, distinguir aqueles que foram produzidos para veiculação em TV daqueles de exibição apenas nas mídias digitais. As postagens, como um todo, apresentaram legenda de identificação, mas foram mais detalhadas nos vídeos em que a vereadora estava na Câmara Municipal de Manaus.

Sobre o vídeo mais visualizado, foi postado no dia 26.09.2017 e tratou de uma breve animação sobre o Prêmio Professor Inovador¹¹⁰. Foram 5.300 visualizações. Já o menos visualizado teve 22 visualizações, e foi no dia 08.03.2017, e correspondeu a outra animação de vídeo (sem autor definido) que abordou o empoderamento da mulher. Ao referir-se ao seguidor, a vereadora do Democratas utilizou as palavras “amigo” e “amiga”. A vereadora também fez uso das *hashtags* em algumas postagens, de forma pontual: #opartidodasnovasideias; #maismulheresnapolítica; #20anosdemunicipíadas. Fez poucas transmissões ao vivo pelo Facebook e apenas um vídeo no estilo *selfie*.

A principal temática abordada pela Professora Therezinha foi a educação, tenha sido ela central ou periférica nas abordagens. Ela discorreu de forma prioritária sobre o tema, tanto durante a campanha eleitoral, quanto ao longo do mandato, conforme o recorte preliminar desta pesquisa: reajuste salarial de servidores municipais da educação; pronunciamentos de valorização do educador; elogio ao desempenho da educação municipal; incentivo à leitura; Prêmio Professor Inovador 2017 e “defendendo a educação e as famílias de Manaus”. Nesse sentido, apresentou vídeos com formato pergunta x resposta num quadro chamado “Professora Therezinha Responde”¹¹¹, em que pessoas comuns gravavam perguntas que, posteriormente, eram respondidas pela parlamentar.

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/professoratherezinha.ruiz/videos/1268164569996237/>. Acesso em 30.01.2019.

¹¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/professoratherezinha.ruiz/videos/968596193286411/>. Acesso em 30.01.2019.

Nessa mesma linha, portanto, referiu-se com frequência a crianças e jovens: homenagem aos estudantes da rede pública de ensino; parabéns aos alunos das escolas públicas. E ainda, de forma mais específica: o Dia Internacional de Luta contra o Câncer Infantil; e a prevenção de casos relacionados à brincadeira “Baleia Azul”.

De todas as vereadoras analisadas, Professora Therezinha foi a que mais abordou assuntos relacionados às pessoas com deficiência. Foi a segunda temática mais observada no conteúdo audiovisual selecionado: os Jogos Adaptados para Alunos com Deficiência - um projeto de sua autoria; pronunciamento a favor da luta pelos direitos da pessoa com deficiência; a criação de Centro Especializado para jovens e crianças com deficiência; o programa de acesso ao emprego; e a lembrança sobre o Dia de Luta das Pessoas com Deficiência.

Outros assuntos da parlamentar envolveram: inauguração de praça; de academia ao ar livre; o Dia Nacional de Combate ao Fumo; o Dia do Músico. Vale ressaltar que a vereadora postou alguns vídeos, em diferentes apresentações musicais e culturais. Além disso, fez menção à religião ao lembrar da Sexta-Feira Santa e da Páscoa. Mencionou ainda temáticas amazônidas: Tribuna Popular sobre Educação indígena; e Dia da Amazônia.

Já sobre a temática relacionada às mulheres, houve algumas abordagens relacionadas: proposta de criação de creches; Dia das Mães; homenagem a lutadora de UFC Ketlen Vieira “Fenômeno”; proposta de geração de emprego e renda às mulheres como prioridade do partido do qual faz parte; no Dia Internacional da Mulher, utilizou o espaço para falar sobre igualdade de gênero ao dizer “toda mulher tem competência de alcançar um sonho (...) a luta é de todas nós mulheres para que a sociedade nos veja como pessoas produtivas e competentes tanto quanto os homens”. Por fim, lembrou ainda, do Dia Internacional da Igualdade da Mulher, afirmando que a data era de “reflexão”, pois “nós ainda vivemos numa sociedade masculina onde o homem tem prioridades e muitas outras coisas a mais do que a mulher”. Ao final, reiterou que “antigamente a mulher nasceu com a função do lar, cuidar do lar, dos filhos, da casa, do seu marido, mas nós podemos fazer tudo isso, mas precisamos ser respeitadas na profissão, no lar, na vida pessoal”.

Como visto no parágrafo acima, Professora Therezinha, ao abordar a temática sobre mulheres, a introduziu dentro do contexto partidário. Além dessa menção, o partido não foi tão destacado pela parlamentar. A outra situação foi em propaganda partidária de filiação à legenda. O alinhamento partidário da parlamentar, pelo que foi possível observar, preliminarmente, na pesquisa exploratória do objeto, era de apoio à gestão municipal, que tem a frente o prefeito Arthur Virgílio Neto do PSDB. A vereadora do Democratas lembrou, em

algumas postagens, da Prefeitura ao tratar de reajuste salarial: “a Prefeitura disponibilizou todos os recursos para poder dar 9,9% (...) o prefeito Arthur Neto já anunciou”. Em outro vídeo, ao abordar a mesma temática, disse: “O prefeito Arthur Neto tem buscado soluções”. Ao discursar sobre educação na tribuna da CMM, mais uma vez mencionou que “o próprio prefeito tem se preocupado com isso”. Já no vídeo que falou sobre uma audiência pública para pagamento de empresas terceirizadas, lembrou: “a prefeitura já pagou por ordem do senhor prefeito”. Vale ressaltar que, nessa postagem, também notou-se algo inédito entre todas as vereadoras analisadas: foi o único *post* em que duas vereadoras apareceram juntas, atuando como parlamentares. Nesse exemplo, a Professora Therezinha estava ao lado da Professora Jacqueline, e durante o pronunciamento cita o nome dela. Em nenhum outro vídeo, notamos parcerias ou alianças entre as – poucas - vereadoras. Houve apenas um vídeo em que Professora Jacqueline, ao discursar na tribuna, relembra o nome de Professora Therezinha, que não apareceu nas imagens.

Como visto acima, as citações nos vídeos por parte da parlamentar em relação ao prefeito de Manaus se referiram também à única associação à figura masculina constatada, nesse material empírico. Não foi possível afirmar que essa relação se configurou por questões de gênero, ou pelo fato de se tratar de uma autoridade que reflete apoio partidário e ideológico. De maneira geral, Professora Therezinha se apoiou na própria experiência como educadora para legitimar a competência como agente política, já que o assunto é frequentemente lembrado por ela nos vídeos. Além disso, houve vídeos que reuniram depoimentos de eleitores/simpatizantes elogiando a experiência profissional e o trabalho dela como agente política, e isto foi identificado como fator de inspiração, de confiança no voto.

Por fim, a oratória não se apresentou tão desenvolvida como a observada em outras vereadoras, a exemplo de Marinor Brito e Joana D’arc. Mostrou-se com estilo mais discreto. Na tribuna, onde apareceu algumas vezes, contou com a ajuda de papéis na leitura do discurso; além disso, não gesticulou bruscamente ou emitiu gritos. Sua aparência é formal e conservadora, preponderando tons neutros da vestimenta. Usou pouca maquiagem, acessórios discretos e cabelos variando entre natural e alinhados.

4.2.3 Formulário de análise de conteúdo

Depois da pesquisa exploratória e da revisão bibliográfica sobre o tema gênero, política e comunicação, desenvolvemos o primeiro formulário por meio do aplicativo de administração de pesquisas *Google forms*, e que serviu de base para a análise do material

coletado: 210 vídeos das sete vereadoras analisadas das Câmaras de Belém e de Manaus. O modelo final consta no Apêndice B deste projeto. Inicialmente, haviam sido definidas 19 categorias de análise dos vídeos. Entretanto, algumas mudanças ocorreram durante o percurso de aplicação e de verificação dos dados, e o número de categorias foi reduzido para amplificar a capacidade analítica dos resultados. Assim, as 13 categorias, que surgiram após a aplicação do *formulário* da análise de conteúdo, foram organizadas conforme o esquema abaixo. No livro de códigos, estão as justificativas para a criação de cada uma delas:

- **Informações gerais:** entraram nessa categoria dados sobre a autora do vídeo; a data da postagem; a duração do vídeo; o tempo do vídeo; e o número de visualizações.
- **Formato de vídeo:** constam as opções de gravação de celular; gravação de celular com recursos de edição de vídeo; transmissão ao vivo pelo Facebook; produção técnica (pós-finalizada com auxílio de recursos de edição de vídeo e roteirização); reprodução de reportagens de TV (na qual as vereadoras aparecem); reprodução de reportagens institucionais das Câmaras; e não se enquadra. São informações que puderam sinalizar sobre questões financeiras (dinheiro disponível para investimento na carreira); e até mesmo estratégias políticas de contato com o público.
- **Função do vídeo (o que mostra?):** estão inclusos os tópicos sobre rotina de trabalho interna (nas Câmaras Municipais); apresentação de projeto de lei ou indicação; fiscalização (de obras e serviços municipais); inauguração de obras; capacitação profissional (cursos e palestras); ações comunitárias e beneficentes (promovidas pelas vereadoras ou pelos partidos); comícios e passeatas; cotidiano (em casa, na academia, no salão, etc.); eventos sociais (festas e inaugurações sem teor político-institucional); eventos religiosos (missas, reuniões evangélicas, encontros de teor religioso, etc); interação com o seguidor (lembrança de homenagens, datas comemorativas e cumprimentos); apoio a candidatos; outros; não se enquadra. Após o exame dos resultados da análise de conteúdo, foram criados ainda os tópicos: trabalhos externos à vida parlamentar; propaganda eleitoral pessoal; reuniões e encontros partidários e trabalhos externos à Câmara Municipal. São elementos que ajudaram a indicar o que as vereadoras querem expor como atividade parlamentar, quais são elas e que frequência dedicaram atenção a cada uma. Vale ressaltar alterações ocorridas no percurso metodológico, já que alguns vídeos analisados não se encaixaram nas primeiras funções delimitadas nessa categoria e previstas durante a criação do formulário de análise de conteúdo. Dessa forma, durante a aplicação do método, as produções audiovisuais foram incluídas na opção **outras**. Houve também a necessidade de incluir, durante a análise dos

dados, no tópico “interação com o seguidor”, aqueles vídeos com as parlamentares em situações como: manifestação de opinião política; balanço dos mandatos; prestação de contas das atividades parlamentares e de situações vividas enquanto parlamentares

- **No caso de projetos de autoria própria, de que se trata?** Essa categoria foi criada para identificar quais os projetos de lei elaborados pelas vereadoras, e que foram motivo de exposição para o conhecimento comum no Facebook, além de identificar a relação deles com quais áreas. Após a exploração dos resultados com a aplicação do formulário, criamos a categoria atividade parlamentar, dividida em dois tópicos: 1) projetos de lei de autoria própria e 2) Indicações, requerimentos e solicitações.

- **Onde está a vereadora?** As opções nessa categoria foram: tribuna; mesa da plenária; gabinete; espaços públicos; em casa; instituições públicas; instituições privadas; comunidades; outros; não se enquadra. Percebeu-se que o lugar onde se apresenta essa vereadora ajuda a entender a sua ação política e a sua postura, dentro e fora da Câmara. Isto é, a atividade parlamentar visibilizada no Facebook se concentra mais internamente no âmbito institucional ou enfatiza o contato externo com fiscalização, comícios, contato com a população? Ademais, essa vereadora assume o seu protagonismo e toma o poder da fala na tribuna e na mesa da plenária? Ademais, como houve grande incidência na opção não se enquadra, a partir dela, foram criados, posteriormente, dois novos tópicos: outros espaços das Câmaras Municipais e ONGs e associações. A opção “casa” foi retirada da categoria, prevista no formulário de análise de conteúdo, foi retirada da categoria. Não foi possível mantê-la, pois os elementos disponíveis nos vídeos não eram suficientes para identificarmos se se tratava das casas das parlamentares. As ocorrências deste tópico foram incorporadas ao item “não se enquadra” que, por sua vez, abarcou os espaços não identificados, ou aqueles que se enquadraram como estúdio de gravação (em especial, nas campanhas eleitorais).

- **Sobre a atual gestão municipal:** apoio; crítica; neutro (cita, mas não emite juízo de valor); não se enquadra. É uma categoria interessante para observar em que medida as parlamentares demonstram discursivamente o apoio ou a crítica às Prefeituras Municipais, sinalizando possíveis bancadas de apoio ou oposição

- **Sobre o Governo do Estado:** apoio; crítica; neutro (cita, mas não emite juízo de valor); não se enquadra. Tem a mesma função que a categoria acima, porém sob a perspectiva da gestão estadual.

- **Temática central do vídeo (Fala sobre o que?)** Categoria importante para observarmos quais as ‘especialidades’ das vereadoras nos vídeos postados, se enquadram-se mais em temáticas *hard politics*; *middle politics* ou *soft politics* (MIGUEL; FEITOSA, 2009).

Isto é, sobre o que elas escolhem falar sobre. Inclui: Assistência social; Cidade (problemas de infraestrutura e saneamento; transporte, funcionalismo público); Cultura; Deficientes físicos; Economia; Educação; Esporte e Lazer; Família e Crianças e Adolescentes; LGBTI+; Meio Ambiente; Mercado de trabalho (empreendedorismo); Mulheres; Negros e comunidades quilombolas; Política institucional (conjuntura política); Povos indígenas e comunidades tradicionais; Saúde; Segurança pública; outros; não se enquadra. O tópico mercado de trabalho (empreendedorismo), por exemplo, previsto no formulário da análise de conteúdo preliminar, foi retirado do quadro geral por se mostrar desnecessário, neste momento. Além disso, durante o exame das ocorrências nos vídeos, optou-se por criar mais 8 novos tópicos complementares aos já previstos, totalizando assim, 25 opções de enquadramento dos vídeos e um **não se enquadra**, os quais já foram listados acima.

- **Menciona o partido?** As vereadoras carregam a representação do partido também? Dessa forma, é possível observar se elas se expõem como sujeitos políticos agindo individualmente ou se levantam a bandeira partidária – isto é, as ideologias do partido. Além disso, segundo Panke (2016), as mulheres integram a base de vários partidos, mas não estão na tomada de decisões. Por isso, para que se façam presentes na política institucional, muitas vezes, recorrem a referências masculinas ou um “padrinho” para que legitimem suas candidaturas e/ou atuação, além de possibilitar que se sintam “valorizadas”

- **Estereótipos da candidata:** essa categoria está embasada nas tipologias identificadas para mulheres na política na América Latina, pela autora Luciana Panke (2016). São elas: a Guerreira; a Mãe; a Profissional ou nenhuma (esta acrescentada por nós). Segundo as premissas elaboradas pela autora, e dispostas no *Quadro Metodológico 2*, o objetivo é identificar quais as características observáveis nos vídeos (discursos) que direcionam o enquadramento de cada vereadora em um estereótipo, levando em consideração aspectos centrais tipificadores e marcas textuais perceptíveis nas imagens e na linguagem. Vale ressaltar que, de acordo com Panke (2016), nenhuma representante política se encaixa apenas em uma categoria. Um segundo tópico, com mesma temática, foi elaborado, mas apontando a tipologia com segundo maior peso.

- **Outro tipo de estereótipo identificado que não está acima? Qual?** É possível que um estereótipo não posto acima seja tão marcante que não é possível deixar de fora. Para tanto, esse tópico foi criado, para incluir e identificar essa tipologia extra, que pode ser utilizada como dado a ser cruzado na análise final – o que, de fato, foi feito.

- **Relações de poder: Qual a principal?** Com base nas formulações de Danila Cal (2016) e Amy Allen (1998, 2013) sobre poder, objetiva-se identificar as seguintes definições

para o termo: *Power over* (dominação); *Power to* (resistência e empoderamento); *Power with* (solidariedade). São aspectos perceptíveis por aspectos discursivos e elementos visuais, cuja orientação metodológica a respeito das marcas textuais identificáveis nos vídeos estão organizadas no *Quadro metodológico I*. Assim como na categoria acima, esta também leva em consideração mais de um tipo de poder nas relações.

4.2.4 Quadro metodológico

De maneira a direcionar a análise, no preenchimento do formulário da análise de conteúdo, foram elaborados dois quadros metodológicos baseados nos modelos já propostos por Cal (2016), para guiar a análise do objeto. Apesar de tratarmos o gênero como categoria de análise, a opção foi observar apenas marcas textuais relacionadas, especificamente, sobre as mulheres. Nesta pesquisa, os grupos minoritários também foram incluídos, como comunidades periféricas, animais, deficientes físicos, crianças e adolescentes, negros, indígenas, comunidade LGBTI+, etc. O recorte de gênero foi realizado nas categorias, levando em conta as especificidades do grupo Mulheres.

O primeiro quadro metodológico (*Quadro 1*) envolve as marcas discursivas para a identificação de relações de poder em produtos audiovisuais, incluindo o tipo de relação de poder (*power over, power to, power with*); o aspecto central (dominação, resistência e subversão, solidariedade); as ideias norteadoras (CAL, 2016, p. 153); as marcas nos produtos audiovisuais; as marcas simbólicas (nos atributos físicos, vestimenta, gesticular, tom de voz, oratória).

Quadro 1 - Marcas textuais para identificação das relações de poder nos vídeos e nas entrevistas

Relação de poder	Aspectos central	Ideias norteadoras	Marcas nos vídeos
<i>Power over</i>	Dominação	<p>a) Habilidade de um ator ou grupo de atores constringer as escolhas disponíveis para outro ator ou grupos de atores (ALLEN, 1998; 2013)</p> <p>b) Dominação baseada na crença e nos costumes, a exemplo da dominação patriarcal (WEBER <i>apud</i> CAL, 2016)</p> <p>c) Adesão dos dominados aos valores dos dominantes, de modo que a dominação seja percebida como um acordo tácito. (CAL, 2016)</p>	<p>a) Referência explícita ou implícita à sujeição da mulher na política; ou a outros tipos de sujeição enquanto ator social;</p> <p>b) Uso de pontuação ou de recursos da oratória, retórica para demonstrar “dominação” nas falas das mulheres;</p> <p>c) Referência à subordinação da mulher ou de outros grupos sociais;</p> <p>d) Concordância com acepções naturalizadas da marginalização da mulher na esfera pública ou de outras desigualdades sociais;</p> <p>e) Justificação ou reforço a situações ou formas de dominação;</p> <p>f) Dificuldade de perceber ou visualizar outras perspectivas de mudança no cenário político de marginalização das mulheres; ou na subalternização de grupos minoritários;</p>
<i>Power to</i>	Resistência e subversão	<p>a) Construção e perseguição de projetos de vida que incluem a carreira política; ou que tenham sido desenvolvidos dentro da candidatura;</p> <p>b) Valorização de formas de transformação e de empoderamento de si e de outros; (ALLEN, 1998; 2013)</p> <p>c) Capacidade de um sujeito alcançar um ou mais objetivos com a finalidade de colocar em xeque situações de dominação; (ALLEN, 1998)</p> <p>d) Exemplos de sabotagem, relutância, pequenos furtos, dissimulação, difamação, simulação de ignorância, entre outras. (SCOTT <i>apud</i> CAL, 2016)</p>	<p>a) Consideração dos objetivos de vida das vereadoras (e de outras na carreira política) para além desse tipo de atividade;</p> <p>b) Referência a situações ou casos de questionamento da marginalização da mulher na política institucional ou de questionamento de outros tipos de injustiça social.</p> <p>c) Referência à resistência a situações ocorridas na carreira política, ou, ainda, resistência e questionamento à condição de mulher marginalizada na política, ou de outros tipos de marginalização;</p> <p>d) Referência a situações ou casos de superação dentro da carreira política ou da militância;</p> <p>e) Análise de promessas relacionadas à carreira política como falsas;</p>

			<p>f) Tensionamento de acepções naturalizadas da carreira política feminina;</p> <p>g) Questionamentos de situações ou formas de dominação;</p> <p>h) Referência à resistência a situações ocorridas na carreira política, ou ainda, resistência e questionamento à condição de agente política marginalizada; ou de sujeito político marginalizado;</p> <p>i) Referência à superação, à perseguição de projetos de vida (que incluem a carreira política)</p>
<i>Power with</i>	Solidariedade	<p>a) Capacidade de atuar em conjunto;</p> <p>b) Identificação de problemas comuns e construção de contexto de ação. (ALLEN <i>apud</i> CAL, 2016)</p>	<p>a) Consideração da participação (ou do interesse de participação) de vereadoras ou ex-vereadoras na carreira política e no enfrentamento à marginalização feminina, ou de outros grupos sociais;</p> <p>b) Consideração da marginalização da mulher na política (ou de outros grupos sociais) como um problema concernente a uma coletividade, e não apenas individual;</p> <p>c) Indicações de ações e projetos políticos que podem ser realizados para combater essa discriminação/problema;</p> <p>d) Envolvimento no enfrentamento desse tipo de desigualdade de gênero ou social na política institucional.</p>

Fonte: Quadro desenvolvido a partir de Cal (2016, p. 153-155) com adaptações para nossa pesquisa.

O segundo quadro dispõe das tipologias femininas mais frequentes, em campanhas eleitorais, de candidatas à Presidência da República, na América Latina, e que foram formuladas por Panke (2016). O aspecto central, as ideias norteadoras e as marcas nos vídeos, dispostos abaixo, foram propostas da teoria da autora, cujas formulações foram adaptadas, nesta pesquisa, para mulheres já eleitas, em âmbito do legislativo municipal, do contexto amazônico. Vale ressaltar que, reconhecemos também, o caráter problemático da categoria **Mãe**, em especial, por ser marcada pelo papel feminino hegemônico em que o cuidado, a solidariedade, o apoio, o carinho, por exemplo, são fortemente ligados à figura maternal. Claro, que não são características intrinsecamente e exclusivamente associadas às mães, mas serão levadas em conta, no contexto de análise desta pesquisa, para a tipologia **Mãe**. As premissas da teórica foram escolhidas, metodologicamente, após revisão bibliográfica que identificou número reduzido de trabalhos centrados em tipologias de mulheres na política formal. O trabalho desenvolvido por nós auxilia na ampliação dos estudos dessa temática, buscando ainda contribuir para novas operacionalizações metodológicas sobre estereótipos de mulheres, em nível institucional.

Quadro 2 - Tipologias femininas mais frequentes em campanhas eleitorais

Tipologia (estereótipo)	Aspecto central	Ideias norteadoras	Marcas nos vídeos
Guerreira	Liderança e luta	a) É a que se destaca por tomar iniciativas e atuar politicamente para mudanças sociais; b) Lutam e, muitas vezes, rompem as regras sociais; c) São porta-vozes de determinados grupos e ideias (dizem o que os outros não podem ou não querem dizer); d) Expõem-se na política, aproximando-se demasiadamente de modelos masculinos; e) Surge, em especial, nas campanhas de oposição,	a) Mulheres realizando diferentes tarefas; carregando objetos pesados; b) Mulheres em cargos de liderança; c) Mulheres posicionadas em primeiro plano no cenário; d) Características marcantes no gestual, discursos, tom de voz e conteúdo dos discursos; e) Olhar determinado e direto para a câmera;

		<p>juntamente com estratégias de ataque;</p> <p>f) Atitude contestadora</p> <p>g) Maior tendência a preconceitos por parte da sociedade;</p>	<p>f) Poucos sorrisos;</p> <p>g) Dedos apontados para as pessoas em sinal de autoridade;</p> <p>h) Agressividade; expressão facial fechada;</p> <p>i) Contestadoras na maioria das aparições públicas;</p> <p>j) Dura, às vezes, inflexível e aparentando dificuldades de negociar;</p> <p>k) Associa-se aos instintos maternos; em defesa dos seus descendentes (força e sororidade nos discursos)</p>
Mãe	Principal papel da mulher latino-americana	<p>a) No século XVIII começou a sacralização da mulher na função de mãe, de uma maneira contraditória, casta e pura; (LIPOVETSKY,2012)</p> <p>b) Na América Latina, a figura da “supermãe” é valorizada;</p> <p>c) Numa sociedade machista, a maternidade é a única coisa que dá a mulher <i>status</i> de respeito, a enaltece aos olhos dos homens, como não o fazem a sua inteligência nem seu sucesso profissional (CASTAÑEDA, 2013)</p> <p>d) A supervalorização do papel de mãe é favorável às candidaturas femininas (“a outra cara do paternalismo”) – na perspectiva dos latinos. Para os europeus, esse aspecto feminino deve ser avaliado com mais atenção antes de ser utilizado nas campanhas.</p> <p>e) Nas campanhas eleitorais, tem características de “mãe social”.</p> <p>f) Para Panke (2016), a principal diferença entre uma campanha masculina/feminina é no aspecto que enfatiza a sensibilidade.</p>	<p>a) Mulheres que falam em nome da família; na proteção das crianças;</p> <p>b) Enaltecem o papel da mãe, e diminuem importância do papel do pai;</p> <p>c) Cuidado com o ser humano; e atenção com os outros ao seu redor;</p> <p>d) Ato de escutar (para gerenciar situações);</p> <p>e) Aquela que abraça;</p> <p>f) Manifestação de empatia; sensibilidade para ver o mundo e reagir; (para gerenciar situações)</p> <p>g) O tom de voz suave, a maneira de se dirigir às pessoas em termos de proximidade corporal faz com que se pareça mais uma mãe;</p> <p>h) Trilha sonora com ênfase em emoções positivas;</p> <p>i) Mulheres no cotidiano, como donas de casa; na correria do</p>

		<p>g) No entanto, sensibilidade às vezes, se relaciona à fraqueza.</p>	<p>dia a dia; cozinhando; fazendo compras;</p> <p>j) Cuidadora e amorosa; conciliadora;</p> <p>k) Aparições públicas com os filhos;</p> <p>l) Discurso solidário; “estar atentas ao que a população precisa”; discurso cuidador (maternalismo)</p> <p>m) Imagens com crianças;</p> <p>n) Demonstração de cumplicidade;</p> <p>o) Defensora;</p> <p>p) Mulheres conversando com pessoas de múltiplas características, em locais públicos e privados, aparentando escutar e dedicar 100% de atenção;</p> <p>q) Contato com a câmera, valorizando “olhos nos olhos”;</p> <p>r) Tons das cores utilizadas nos vídeos, na composição do cenário; personagens presentes e discurso social (foco no sensível);</p> <p>s) Musicalização constante; imagens de natureza; iluminação suave; cores de roupa associadas à feminilidade (sensibilidade)</p> <p>t) Mulheres participando de eventos populares, em encontros com grupos específicos;</p> <p>u) Mulheres dando depoimentos pessoais; tom de confiança;</p>
		<p>a) Foi a tipologia menos evidenciada nas campanhas latinas pesquisadas por Panke (2016);</p>	<p>a) Mulheres com sucesso profissional, mas que se destacam também pela forte relação com uma figura masculina na política que as impulsiona;</p>

Profissional	Contradição	<p>b) É aquela que trabalha, mas é questionada pela profissão; e se não trabalha, não se sustenta ou não sustenta os filhos. Usualmente é a categoria na qual as mulheres coadjuvantes aparecem com bastante frequência, juntamente com o papel de mãe.</p> <p>c) Apresenta duas tendências: valorização do êxito das candidatas, e também o caso das mulheres subordinadas, levadas ao poder pela mão de um padrinho;</p> <p>d) Não se enfatiza a formação profissional, mas a aptidão para o trabalho;</p>	<p>b) Mulheres contando história da carreira profissional; atitude inovadora;</p> <p>c) Mostra-se como trabalhadora; capaz de gerar resultados; disposição para um mundo melhor;</p> <p>d) Atitude otimista que demonstra pelo trabalho, o que é necessário no governo;</p> <p>e) Mostram-se como incansáveis;</p> <p>f) Relação com o êxito, com o preparo profissional; aos conhecimentos técnicos; independência;</p> <p>g) Mulheres que realizam várias tarefas ao mesmo tempo;</p> <p>h) Tom de voz mais suave, modelo conversacional; mostrando mais proximidade com o outro.</p> <p>i) Mulheres que se mostram sempre prontas para estudar, aprender e compartilhar;</p> <p>j) Destaque às atividades realizadas antes da política, e os resultados alcançados;</p> <p>k) Mulheres que se mostram preparadas em diversas maneiras de comunicar e que estão disponíveis para o trabalho político; possuem preparo e energia;</p> <p>l) Relação da preparação profissional com posicionamento de honestidade;</p>
--------------	-------------	--	--

Fonte: Produção própria a partir das proposições de Panke (2016).

5 ANÁLISE DE RESULTADOS

Nesse capítulo analítico, serão apresentados os resultados obtidos com a análise dos 210 vídeos postados nos perfis pessoais e *fanpages* das vereadoras de Belém e de Manaus, no período de 04.08.2015 (data da primeira postagem que foi a da vereadora Simone Kahwage do PRB) até o dia 08.03.2018 (Dia Internacional da Mulher). O grupo de Belém obteve 86 vídeos (40,5%) analisados, e o grupo de Manaus 124 vídeos (59,5%). Para melhor compreensão, os resultados obtidos foram divididos em dois grandes grupos: **1) Formatos e Conteúdos; 2) Estereótipos e Relações de Poder.**

No primeiro grupo, *Formatos e Conteúdos*, serão apresentadas informações gerais sobre os vídeos que incluem as seguintes categorias: **legenda de descrição presente na postagem; a data da publicação; o número de visualizações do vídeo; o formato do vídeo; a função do vídeo; o tipo de atividade parlamentar; qual o lugar onde está a vereadora; o posicionamento sobre as Prefeituras Municipais e Governos do Estado** (a favor; crítica; neutra); **o tema central do vídeo; e se menciona o partido.**

Em algumas categorias desse tópico, além de mostrar os dados gerais e por grupo, foi realizado o cruzamento de variáveis. Em **data da publicação**, cruzamos com a categoria **tema central**; em **número de visualizações**, a variável foi o **tempo do vídeo**; em **atividade parlamentar**, a categoria foi dividida em duas subcategorias: a) os projetos de autoria própria de cada vereadora; e b) as indicações, requerimentos e solicitações. As subcategorias foram organizadas nos *quadros 5 e 6* desse capítulo, e apresentam, ainda, os **grandes temas** encontrados especificamente para essa categoria, além de detalhes sobre o projeto ou indicação, a vereadora proponente e qual município representa; na categoria **tema central**, desenvolvemos variável específica referente à **categorização do tema político** (*soft, middle e hard politics*), fundamentada em Miguel e Feitosa (2009), e na ideia de “nichos temáticos” por gênero na política formal.

No segundo grande grupo de análise dos resultados está o cerne de discussão desta pesquisa, com as seguintes categorias: **estereótipos e relações de poder**. Além da apresentação os dados encontrados, em termos quantitativos, para as sete vereadoras e para cada grupo especificamente, levantamos discussões com base no aporte teórico já debatido, e recorre-se a exemplos com trechos transcritos dos vídeos. Na categoria **estereótipos** o cruzamento foi realizado com a categoria **tema central**; já em **relações de poder**, as variáveis foram **tema central e estereótipos**.

Antes de iniciar a discussão sobre os dois grandes grupos de análise, serão apresentados os dados gerais referentes à quantidade de vídeos analisados no Facebook das sete vereadoras somadas, e ainda os vídeos explorados por cada parlamentar, conforme o quadro disposto abaixo:

Tabela 3 - Vídeos analisados

	BELÉM			MANAUS			
	Blenda Quaresma (MDB)	Marinor Brito (PSOL)	Simone Kahwage (PRB)	Glória Carratte (PRP)	Joana D'arc (PR)	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Prof. ^a Therezinha (DEM)
Nº total	18	51	17	2	69	25	28
% total	8,6%	24,3%	8,1%	1%	32,9%	11,9%	13,3%
GERAL	86 (40,9%)			124 (59,1%)			

Em termos de produção de conteúdo, as vereadoras de Manaus obtiveram mais vídeos postados nos perfis pessoais e nas *fanpages* do Facebook do que as vereadoras de Belém, durante o período de análise desta pesquisa. No grupo de Belém, Marinor Brito foi a mais produtiva; e no grupo Manaus, destaque para Joana D'arc.

5.1 Formatos e conteúdos

A primeira categoria desse grupo de análise é a de **legenda de descrição** do vídeo postado, criada para identificar o nível de detalhamento das publicações das vereadoras. Faremos uma breve exposição sobre os achados nos perfis sociais e *fanpages* de cada uma das parlamentares.

Muitas postagens de Blenda Quaresma não possuem legenda de identificação. Quando sim, são curtas e informais, escritas pela própria Blenda, aparentemente sem grandes preocupações com a norma culta, com o estilo de redação formal ou próxima do jornalístico. Sobre o conteúdo audiovisual, no perfil pessoal de Marinor Brito, há dois tipos de postagens identificadas: 1) aquelas que indicam terem sido feitas por ela mesma, em momentos de espontaneidade, incluem vídeos sem legenda de texto ou com texto sem grandes preocupações

com a norma culta¹¹² e 2) aquelas com o padrão de redação no estilo jornalístico, inclusive, com manchetes que chamam a atenção para o principal conteúdo do vídeo¹¹³ (a maior parte das postagens é nesse padrão). Já no perfil pessoal de Simone Kahwage, há a presença de legendas dos vídeos, e em alguns deles *hashtags* do tipo #SimNósPodemos, #maismulheresnapolítica, #mandatonasruas.

No caso das vereadoras de Manaus, Glória Carrate não possui em todas as postagens legenda de identificação dos vídeos. Enquanto Joana D'arc, de maneira geral, utilizou a legenda. Há a presença daquelas mais descritivas, com textos longos e criteriosas na norma culta, sendo relacionadas, principalmente, aos vídeos de pronunciamento na Câmara Municipal. A vereadora Professora Jacqueline utilizou, também, legendas e *hashtags* como: #LeiMariadaPenha; #PorUmNovoAmazonas; #VereadoraProfessoraJacqueline; #PrefeituradeManaus; #emendasparlamentares; etc. Por fim, as postagens de Professora Therezinha, como um todo, apresentaram legenda de identificação, porém, foram mais detalhadas nos vídeos em que a vereadora estava na Câmara Municipal de Manaus. A vereadora também fez uso das *hashtags* em algumas postagens, de forma pontual: #opartidodasnovasideias; #maismulheresnapolítica; #20anosdemunicipiadas, etc.

A análise do *corpus* mostrou que, do total de 210 vídeos, 177 (84,3%) apresentaram texto informativo sobre o conteúdo, isto é, a **legenda de descrição**. Esse recurso auxilia o seguidor a compreender o conteúdo dos vídeos e também antecipa o teor do vídeo, indicando do que se trata. Além disso, indica zelo e organização pelo conteúdo postado nos perfis, elevando a qualidade dos mesmos. Representa também, compromisso informativo com os seguidores, e acessibilidade visto que pessoas surdas não poderiam ouvir os áudios, mas poderiam recorrer a recursos de leitura da legenda. Em 33 vídeos (15,7%) **não constava legenda**, ou seja, não havia nada escrito sobre o vídeo. Em comparação com as parlamentares de Belém, as parlamentares de Manaus tiveram maior preocupação em descrever - ainda que brevemente -, ou em comentar algo sobre o que postavam. Abaixo a descrição mais detalhada sobre o quantitativo de vídeos legendados por vereadora:

¹¹²Disponível em:
https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1780050578935384/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 02.01.2019.

¹¹³Disponível em:
https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1717654338508342/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 02.01.2019.

Tabela 4 - Vídeos com legenda

	BELÉM			MANAUS			
	Blenda Quaresma (MDB)	Marinor Brito (PSOI)	Simone Kahwage (PRB)	Glória Carratte (PRP)	Joana D'arc (PR)	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Prof. ^a Therezinha (DEM)
Nº total	10	41	13	1	62	24	26
% total	55,5%	80,3%	76,4%	50%	89,8%	96%	92,8%
GERAL	64 (36,1%)			113 (63,9%)			

Assim, no grupo de Belém, Marinor Brito foi a vereadora mais preocupada em detalhar informações sobre os vídeos na descrição da publicação, ou seja, em colocar legenda descritiva. Já no grupo de Manaus, foi Joana D'arc, que também, na comparação geral, foi a parlamentar que mais utilizou legenda nos vídeos postados.

A **categoria data de postagem** corresponde a uma informação geral básica, uma guia dentro do recorte analítico, e identifica as vereadoras que mais realizaram postagens de vídeos, em determinado período. De maneira geral, o período de maior postagem foi o mês de setembro de 2016, com 35 vídeos dos 210 analisados. O período também coincidiu como o principal, em termos quantitativos, para as parlamentares de Belém, que postaram em setembro 15 vídeos e ainda, as de Manaus, 20 vídeos.

De maneira específica, uma vereadora de Belém apresentou o maior número de vídeos postados, no mesmo período: Marinor Brito com 13 vídeos. As postagens de Blenda Quaresma se concentraram em maio de 2017, com quatro vídeos; e as de Simone, em agosto de 2017, com três. Percebe-se que, em Blenda e Simone, os números são baixos, indicando uma “pulverização” das postagens em diferentes períodos, e não apenas um.

Já entre as vereadoras de Manaus, Professora Jacqueline e Professora Therezinha coincidiram com o recorte geral. A primeira teve seis publicações em setembro de 2016, e a segunda, 13 vídeos no mesmo período. No caso de Joana D'arc, as postagens foram mais frequentes no mês de julho de 2017, com 10 vídeos; já Glória Carratte se concentrou tanto em maio quanto em outubro de 2016, ambos os períodos com apenas um vídeo.

A realização do cruzamento **quantidade de vídeos e data de postagem** nos revelou, então, o mês de setembro de 2016 como o período de maior frequência nas postagens das

vereadoras de maneira geral, e também de forma específica em Belém e em Manaus. Uma hipótese levantada sobre a maior incidência nesse período é o fato de coincidir com o período de campanha eleitoral, para a candidatura de vereadores, já que a ida às urnas foi em outubro daquele ano.

Mas a hipótese não poderia ser confirmada ainda que houvesse dados indicativos da associação entre o aumento da frequência de postagem e o período de campanha eleitoral. Realizou-se o cruzamento do período de maior número de postagem dos vídeos com o **tema central** (a ser percorridos, em detalhes, mais a frente) para, assim, identificar possíveis causas da maior incidência das postagens em determinado mês do ano. Os dados mostraram que, de maneira geral, o **tema Eleições** foi o principal no mês de setembro de 2016. Foram nove vídeos. Porém, por ser um número muito baixo comparado ao total de 210 analisados, não é possível afirmar que o período eleitoral foi um incentivo para o aumento de postagens.

Entre o grupo de Belém, nenhuma das parlamentares, nesse período, concentrou-se no debate do **tema Eleições**. Já em Manaus, Professora Jacqueline se destacou, nesse cruzamento, com seis vídeos de cunho eleitoral; seguida de Glória Carratte, com apenas um. As demais se concentraram em outras temáticas.

A categoria **número de visualizações** indica os vídeos com maior repercussão entre os seguidores das vereadoras. A média geral de visualizações, consideradas as sete vereadoras e os 210 vídeos, foi de 2.184. Ao utilizar a variável **tempo de vídeo**, obteve-se a média geral de duração de um vídeo, de 2 minutos e 12 segundos. Os resultados foram impulsionados, principalmente, pelas vereadoras de Manaus, pois as de Belém mantiveram baixos números em um comparativo. A média de visualizações do grupo de Belém foi de 556, e o tempo médio do vídeo de 1 minuto e 30 segundos; enquanto que o grupo de Manaus obteve média de 3.314 visualizações, e o tempo de 2 minutos e 42 segundos. Em outras palavras, os vídeos das parlamentares de Manaus repercutiram quase seis vezes mais do que os das parlamentares de Belém e, ainda, os vídeos produzidos foram quase duas vezes mais longos, ou seja, produziu-se mais conteúdo com maior tempo de duração.

No grupo de Belém, Marinor Brito foi a que produziu vídeos mais longos, com média de 1 minuto e 40 segundos; seguida de Simone Kahwage, com 1 min e 21 segundos; e Blenda Quaresma, com 1 minuto e 9 segundos. Apesar de Blenda ter apresentado vídeos com menor tempo de produção, ela foi a parlamentar no grupo com maior repercussão entre os seguidores, obtendo média de visualizações de 869. Simone teve média de 626 visualizações; e Marinor, que produziu vídeos mais longos, teve menos visualizações: 422, em média.

No grupo de Manaus, Joana D'arc obteve o maior tempo médio de duração dos vídeos postados no Facebook: 3 minutos e 54 segundos. Ao contrário das parlamentares de Belém, nesse grupo, em específico, a vereadora que produziu mais conteúdo, em termos de duração, foi a que obteve também maior repercussão entre os seguidores. Foram 5.654 visualizações, em média, dos vídeos de Joana. Seguida de Joana na repercussão dos vídeos, está Glória Carratte, com média de 1081 visualizações, mas vale a pena lembrar que apenas dois vídeos da parlamentar do PRP foram analisados nesta pesquisa. Os vídeos de Glória foram ainda os mais curtos em duração, com média de 26 segundos. Professora Jacqueline segue em terceiro lugar em relação à média de visualizações (498), e de tempo de duração (1 minuto e 16 segundos); seguida de Professora Therezinha, com 221 visualizações, e tempo de duração de 1 minuto e 8 segundos, em média.

De maneira bem específica, o maior **número de visualizações** dos 210 vídeos postados pelos dois grupos corresponde ao vídeo de Joana D'arc, que mostrou, ao vivo, durante transmissão pelo Facebook, quando foi vítima de violência política sexista pelo presidente da Câmara Municipal de Manaus, Wilker Barreto, durante sessão na Câmara Municipal de Manaus. Foram 165 mil visualizações. Já o vídeo com menor número teve quatro visualizações, e refere-se a uma postagem de Marinor Brito, no dia 03.06.2016, em que ela participava de evento cultural popular (Arrastão do Pavulagem).

Também entre as sete vereadoras e os 210 vídeos analisado, o **tempo de duração** mais longo, com 38 minutos e 12 segundos, foi o vídeo da vereadora Joana D'arc, no dia 13.01.2016. Ela realizou uma transmissão ao vivo pelo Facebook para tirar dúvidas de seguidores sobre os direitos dos animais. Enquanto que o vídeo com menor **tempo de duração** foi o da vereadora Marinor Brito, do dia 14.01.2018. O vídeo tem 2 segundos de duração, e tratou da chegada da vereadora ao estádio do Mangueirão, em Belém, durante um jogo do Clube do Remo, do qual é torcedora.

Os vídeos postados nos perfis pessoais e *fanpages* das vereadoras no Facebook correspondem ao nosso objeto de pesquisa. Pensar em uma categoria que pudesse explorar, ainda que brevemente, os **formatos de conteúdo** se faz relevante, pois é uma forma de identificar os tipos de vídeo escolhidos pelas parlamentares para se comunicar. Afinal, o formato de conteúdo escolhido tem como objetivo final promover interações com os seguidores. Não é nosso objetivo detectar quais os formatos mais adequados, e se representam ou não estratégias de comunicação eficazes com o público. Mas sim constatar, por meio das ocorrências, se existe um padrão de produção dos vídeos das parlamentares, isto é, se há um formato preferencial entre elas.

Nesse sentido, os resultados demonstram que a maior parte dos 210 vídeos analisados, 82 do total, o equivalente a 39%, é de **gravações realizadas com a utilização de celular**. São vídeos assim enquadrados, pois não possuem alta qualidade de imagem, ao contrário, têm elementos de uma produção amadora, se comparados a produções audiovisuais com recursos de pós-finalização e também com dispositivos mais avançados para captação de imagem. Os vídeos inseridos nessa categoria são, na maior parte, sem cortes, de média ou de baixa qualidade de resolução, com imagens tremidas ou balançando, sem efeitos de edição, sem legenda, iluminação ou áudio. Em seguida, a segunda maior ocorrência foi a de **produção técnica no estilo pós-finalizada**: 51 vídeos, ou 24,3% do total. Já em outros 45 vídeos analisados, as vereadoras realizaram **transmissões ao vivo pelo Facebook**, o correspondente a 21,4%. Foram classificadas, ainda, aquelas produções com o celular na captação de imagens, e que receberam tratamento posterior, com algum tipo de recurso de edição de imagem. É o formato **gravação de celular + recursos de edição de imagem**: 26 vídeos se encaixam nessa categoria, ou 12,4% do total. Os outros formatos tiveram pouca incidência: somados chegam a cinco. Isto é, foram três **reproduções (reportagens de TV aberta na qual as vereadoras aparecem)** e duas **reproduções de reportagens realizadas pelas Câmaras Municipais**, ou 1,4%, e 1%, respectivamente. Apenas um vídeo (0,5%) **não se enquadrou** em nenhum formato dessa categoria.

Um quadro comparativo foi produzido para a visualização das diferenças das ocorrências existentes entre as vereadoras de Belém e as de Manaus, e de todas entre si, conforme a tabela a seguir:

Tabela 5 - Formato do vídeo utilizado por vereadora

FORMATO	BELÉM			MANAUS			
	Blenda Quaresma (MDB)	Marinor Brito (PSOL)	Simone Kahwage (PRB)	Glória Carratte (PRP)	Joana D'arc (PR):	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Prof. ^a Therezinha (Democratas)
Gravação de celular	9	30	5	2	15	14	7
Gravação de celular + edição de imagem	0	7	1	0	5	7	6
Transmissão ao vivo	6	7	4	0	26	1	1
Produção técnica	3	7	5	0	21	2	13
Reprodução	0	0	1	0	2	0	0

(TV aberta)							
Reprodução (reportagens CMB)	0	0	1	0	0	1	0
Não se enquadra	0	0	0	0	0	0	1
Nº total	18	51	17	2	69	25	28
% total	8,5	24,2	8	0,9	32,8	11,9	13,3
GERAL		86 (40,5%)			124 (59,5%)		

Nesse sentido, de maneira geral, a **gravação com a utilização do celular** foi o principal formato utilizado pelas sete vereadoras. É o formato livre, sem edição, mais informal e que obteve 82 ocorrências (39%); seguido da **produção técnica**, com pós-finalização, com 51 vídeos (24,2%); e a **transmissão ao vivo**, com 45 ocorrências (21,4%). O resultado indica a preferência geral pelo estilo “filmou, postou”, como reflexo do imediatismo de veicular determinado conteúdo o quanto antes. Ainda assim, como já visto, as produções mais elaboradas, com maior exigência de tempo para preparação, também foram bem utilizadas pelas parlamentares, indicando que tão importante quanto comunicar é comunicar com conteúdo aperfeiçoado, provido de elementos visuais, sonoros e linguísticos que valorizem ainda mais a narrativa. Além disso, indica que o ambiente *online* também é um espaço de produções de qualidade, e não apenas a TV, por exemplo.

De maneira específica, as vereadoras de Belém também optaram por **vídeos gravados com o celular**. Resultado puxado por Marinor Brito, com 30 ocorrências, ou 34,8% do total do grupo; o segundo principal formato das parlamentares da capital paraense foi a **transmissão ao vivo**, cujas incidências ficaram bem distribuídas entre as três, como indica a tabela. A terceira preferência foi pelo formato **produção técnica**, com 15 vídeos (17,4%), cujas ocorrências também ficaram diluídas entre as vereadoras.

Já os vídeos das vereadoras de Manaus seguiram a mesma tendência de **gravação com celular**: 38 ocorrências (30,6%). Joana D’arc e Professora Jacqueline foram as que mais utilizaram esse formato. O segundo principal formato foi diferente do de Belém: **produção técnica** com 36 vídeos (29%). O achado foi mobilizado, principalmente, por Joana D’arc e Professora Therezinha. Por fim, a **transmissão ao vivo** foi a terceira principal opção para as parlamentares de Manaus.

A próxima categoria a discutida foi desenvolvida com elementos que ajudaram a indicar o que as vereadoras mais expuseram como atividade parlamentar, quais são elas e com que frequência dedicaram atenção a cada uma: a **função do vídeo**. Em termos gerais, 45

vídeos (21,43%), dos 210 analisados das sete vereadoras de Belém e de Manaus, retrataram a **rotina interna de trabalho**. Isto é, parlamentares em pronunciamento na tribuna, na mesa da plenária, trabalhando no gabinete ou atuando em outros espaços das Câmaras Municipais. Em segundo lugar, em 22 vídeos (10,48%), as parlamentares estavam **apresentando projeto de lei ou fazendo indicação** para o Poder Executivo Municipal. Já a ocorrência no terceiro lugar é a de **interação com seguidores**: 21 vídeos (10%) mostraram as vereadoras lembrando datas comemorativas; realizando homenagens a grupos específicos ou cumprimentando os seguidores. Foram inclusos nesse tópico, aqueles vídeos com as parlamentares em situações como: manifestação de opinião política; balanço dos mandatos; prestação de contas das atividades parlamentares e de situações vividas como parlamentares - foi o caso de um vídeo em que Joana D'arc deu esclarecimentos aos seguidores sobre as ameaças sofridas de um grupo de taxistas, durante sessão na Câmara Municipal de Manaus.

Do exame dos resultados, surgiram mais funções organizadas em novos tópicos da categoria **função do vídeo**, no panorama final de análise. Foram elas: **trabalhos externos à vida parlamentar; propaganda eleitoral pessoal; reuniões e encontros partidários e trabalhos externos à Câmara Municipal**.

Logo, a quarta função de vídeo mais recorrente foi a da nova função encontrada na categoria, a **propaganda eleitoral pessoal**, com 19 ocorrências (9%), e diz respeito às produções voltadas para o Horário de Propaganda Eleitoral Gratuito, na TV aberta ou aquelas realizadas para a divulgação nas mídias digitais. Estão inclusas aqui, ainda, as propagandas referentes à eleição, à reeleição ao cargo de vereadora e/ou a outros cargos como o de vice-governadora, no caso da Professora Jacqueline. A quinta função é a de **cotidiano**, e incluiu 17 vídeos (8,1%), que abordaram a participação das vereadoras em atividades da rotina da parlamentar fora da Câmara Municipal, e que não estão relacionadas diretamente ao exercício do cargo de vereadora, ou seja, elas aparecem em casa, na academia, no salão de beleza, praticando esportes, em eventos culturais, etc. Em seguida, foi identificada a função **trabalhos externos à vida parlamentar**, com 16 vídeos (7,6%). Destaca-se que, neste tópico, todas as produções audiovisuais foram de uma única vereadora: Joana D'arc (PR). Nelas, a parlamentar mostrou o trabalho de ativista da causa animal, realizando resgates, doações, visitas a clínicas, eventos, protestos e caravanas.

Em se tratando de **ações comunitárias e beneficentes** (promovidas pelas vereadoras ou pelos partidos), 14 vídeos (6,6%) se enquadraram nessa função, mesmo número identificado para a função de vídeo **comícios e passeatas**. Na sequência, obteve-se a função **fiscalização** de obras das Prefeituras e dos serviços municipais, com 10 (4,7%), e a de **apoio**

a candidato: nove (4,2%). Nessa função, em especial, fez-se referência a candidato no masculino, pois em todos os casos de apoio a terceiros, esses agentes políticos eram homens. Na décima colocação, **reuniões e encontros partidários**, com seis vídeos (2,8%); seguida de **eventos sociais** (festas e inaugurações sem objetivo político-institucional), com cinco vídeos (2,3%). Mesmo percentual encontrado para aqueles que mostraram **os trabalhos externos à Câmara Municipal**. Nesse tópico, foram selecionados os vídeos das vereadoras presentes como parlamentares (representando tal figura), porém, não estão nas Câmaras Municipais. Há reuniões com grupos específicos, em local não identificado (nesse caso, é um encontro da Professora Therezinha com trabalhadores de empresas terceirizadas da Prefeitura de Manaus); a participação da vereadora Professora Jacqueline em um programa de rádio; e também a concessão de entrevista coletiva da vereadora do PHS a várias emissoras de telejornal local da capital amazonense; e ainda, a viagem em uma caravana pela Transamazônica da vereadora Joana D'arc.

Ainda dentro da categoria **função do vídeo**, há os tópicos: **inauguração de obras**, com dois vídeos (0,9%); **capacitação profissional** em cursos e palestras, com duas ocorrências (0,9%), e **eventos religiosos**, com duas (0,9%). Uma ocorrência (0,4%) não **se enquadrou** em nenhuma das opções dessa categoria. Para melhor visualização, organizamos um gráfico com os resultados gerais, incluindo a somatória das ocorrências de todas as vereadoras:

Gráfico 1 - Função do vídeo (resultado geral)

De forma mais específica, fizemos também a divisão das **funções dos vídeos**, de acordo com a ocorrência para cada uma das vereadoras, conforme tabela abaixo:

Tabela 6 - Função do vídeo por vereadora

FUNÇÃO	BELÉM			MANAUS			
	Blenda Quaresma (MDB)	Marinor Brito (PSOL)	Simone Kahwage (PRB)	Glória Carratte (PRP)	Joana D'arc (PR)	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Prof. ^a Therezinha (Democratas)
Ações comunitárias	7	0	1	0	6	0	0
Apoio a candidato	0	4	0	0	2	3	0
Capacitação profissional	1	0	1	0	0	0	0
Comícios e passeatas	2	4	2	0	2	4	0
Cotidiano	2	9	3	0	1	0	1
Eventos religiosos	1	0	1	0	0	0	0
Eventos sociais	2	3	0	0	0	0	0
Fiscalização	0	3	1	1	5	0	0

Inauguração de obras	0	0	0	0	0	1	1
Interação com seguidores	0	4	1	0	7	0	9
Projeto de lei ou indicação	0	0	0	0	11	5	6
Propaganda eleitoral pessoal	0	7	2	1	2	4	0
Reuniões e encontros partidários	1	1	3	0	0	0	1
Rotina de trabalho interna	2	14	0	2	14	7	6
Trabalhos externos à vida parlamentar	0	0	0	0	16	0	0
Trabalhos externos à Câmara Municipal	0	1	0	0	2	1	1
Não se enquadra	0	1	0	0	0	0	0
Nº total	18	51	17	2	69	25	28
% total	8,5	24,2	8	0,9	32,8	11,9	13,3
GERAL		86 (40,5%)				124 (59,5%)	

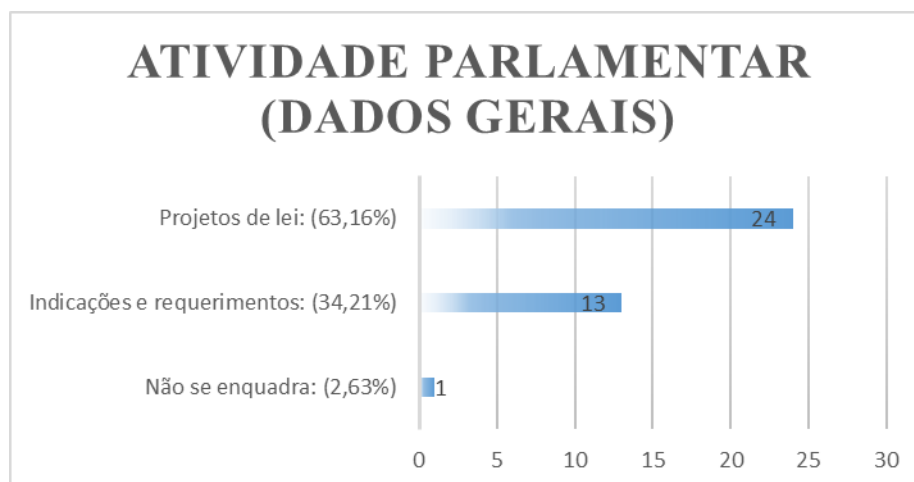
Pelo quadro acima, percebe-se que, as vereadoras de Belém mobilizaram como principal **função de vídeo** a **rotina interna de trabalho**, ou seja, 18,6% dos vídeos postados eram com o intuito de mostrar o trabalho como parlamentares nas Câmaras Municipais: na tribuna, na plenária ou no gabinete. Em segundo lugar, os vídeos com objetivo de mostrar o **cotidiano**, com 16,2%, isto é, a vida como cidadãs comuns. Há exemplos de idas a festas, a rodas de carimbó, a prática de esportes. Em terceiro lugar, com 10,4% das ocorrências, a **propaganda eleitoral pessoal**, na qual as parlamentares aproveitaram o ambiente comunicacional para realizar campanha para si mesmas.

No que se refere às vereadoras de Manaus, o primeiro lugar para a **função de vídeo** mais frequente foi a mesma das parlamentares de Belém: **rotina interna de trabalho interna**, com 23,3% das ocorrências. A segunda principal foi a **apresentação de projetos de lei**, com 17,7% de incidência; seguida de **trabalhos externos à Câmara** e **interação com os seguidores**, ambas representando 12,9% dos vídeos cada.

Também há outros apontamentos mais específicos. Entre as parlamentares de Belém, Marinor Brito e Simone Kahwage utilizaram, cada uma, nove funções distintas (56,2%) das 11 identificadas nos vídeos postados no Facebook. Uma a mais que Blenda Quaresma, a qual teve oito funções (50%) de vídeo diferentes. Já Joana D'arc foi a que mais recorreu a funções diferentes para postar os vídeos, tanto entre o grupo de Manaus quanto no quadro geral. Foram 11 funções diferentes (68,7%), as quais a parlamentar do PR recorreu das 16 categorizadas na pesquisa: **ações comunitárias; apoio a candidatos; comícios e passeatas; cotidiano; fiscalização; interação com seguidores; apresentação de projetos de lei e indicações; propaganda eleitoral pessoal; rotina de trabalho interna; trabalhos externos à vida parlamentar; e trabalhos externos à Câmara Municipal.**

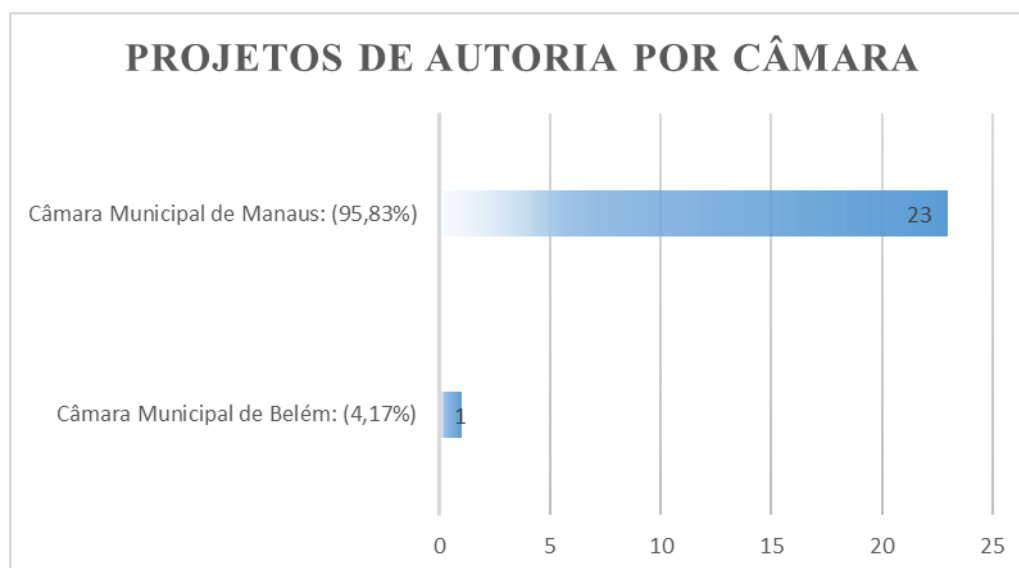
Em comparação geral, entre as vereadoras de Belém e as vereadoras de Manaus, as parlamentares da capital paraense tiveram maior diversificação dos vídeos ao explorarem quantidade maior de possibilidades de função. Das 16 funções citadas no quadro acima, três não foram abordadas pelo grupo de Belém: **inauguração de obras; apresentação de projetos de lei e indicações e trabalhos externos à vida parlamentar.** No grupo de Manaus, ficaram de fora quatro funções: **capacitação profissional; eventos religiosos; eventos sociais e reuniões e encontros partidários.**

A sétima categoria, pertencente ao grupo de análise *Formatos e Conteúdos*, é a **atividade parlamentar**. Nela, são detalhados, mais especificamente, os principais projetos de lei, indicações ou ações realizadas/propostas pelas vereadoras, e que foram citadas nos vídeos publicados. No total, foram 38 vídeos (18%) com essa proposta. Após a análise dos resultados, foram criadas novas categorias para organizar os dados: a) **Projeto de autoria própria** das vereadoras e b) **Indicações, requerimentos e solicitações**. Em termos quantitativos, foram identificados:

Gráfico 2 - Atividade parlamentar em quantitativo das vereadoras de Belém e Manaus

Ao analisar a **atividade parlamentar**, foram identificadas as vereadoras que propuseram ou aprovaram projetos de lei, e que citaram os mesmos nos vídeos. Os dados gerais indicaram que, entre as sete parlamentares, Joana D'arc (PR) obteve maior incidência de **projetos de lei** nos vídeos postados: 11 (45,8%); seguida de Professora Therezinha (Democratas), com oito (33,3%); Professora Jacqueline (PHS), com quatro (16,6%); Marinor Brito, com apenas um vídeo (4,1%). Blenda Quaresma (MDB), Simone Kahwage (PRB) e Glória Carratte (PRP) não apresentaram projetos de lei nos vídeos analisados.

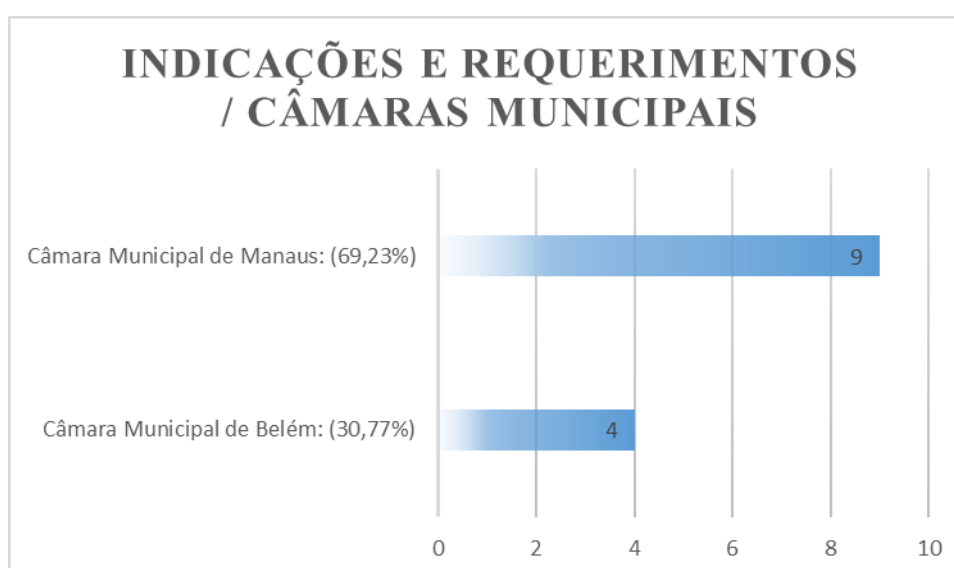
Já a análise comparativa dos projetos de lei, apresentados nos vídeos do Facebook entre parlamentares da capital belenense e da capital amazonense, ficou assim:

Gráfico 3 - Projetos de lei por Câmara Municipal

O gráfico acima expõe a diferença gritante entre a visibilidade ofertada por vereadoras de Belém e de Manaus a respeito do mesmo aspecto: os **projetos de lei**. Como debatido no *tópico 3.2* desta pesquisa, uma das funções constitucionais do vereador é legislar – papel esse que é o mais conhecido popularmente. São responsáveis por criar e extinguir leis e resoluções de interesse da população de um município. No recorte realizado nos 210 vídeos, os projetos de lei não foram tratados pelas parlamentares de Belém como assunto prioritário na divulgação da **atividade parlamentar**. Não significa dizer que as vereadoras da capital paraense não debateram ou apresentaram internamente tal pauta, e sim que a questão não foi publicizada nos vídeos do Facebook postados por elas.

O segundo tópico da **atividade parlamentar** corresponde às **indicações, requerimentos e solicitações** realizadas pelas parlamentares ao Poder Executivo Municipal. As ocorrências obtidas foram dispostas em gráfico que ilustra o quantitativo geral obtido por Câmara Municipal:

Gráfico 4 - Indicações, requerimentos e solicitações realizados pelas vereadoras de Belém em comparação com as de Manaus



Diferentemente do apresentado nos projetos de lei, as vereadoras de Belém apresentaram maior ocorrência na segunda forma de atividade parlamentar - as **indicações e requerimentos** – do que na primeira. Ainda assim, o resultado do grupo de Belém ficou abaixo novamente do de Manaus. Ao analisar as ocorrências, individualmente, por cada vereadora, percebeu-se que, entre as parlamentares da capital paraense, o destaque é para Marinor Brito, com três vídeos (23%) sobre o assunto; seguida de Simone Kahwage, com um

(7,6%). Nos vídeos postados pelas vereadoras de Manaus, cinco (38,4%) foram de autoria de Joana D'arc; dois (15,3%) de Professora Therezinha; um (7,6%) de Professora Jacqueline; e um (7,6%) de Glória Carratte. Blenda Quaresma não possuiu ocorrências sobre **indicações e requerimentos**.

Também foram divididos em categorias os principais assuntos dos **projetos de lei** apresentados nos vídeos das vereadoras. Esse material foi disposto em grandes temáticas, elaborado por nós, para fins de melhor visualização, conforme o quadro detalhado abaixo:

Quadro 3 - Projetos de lei das vereadoras

Temas	Do que se trata?	Vereadoras proponentes	Município
<i>Educação</i>	1. Projeto-piloto de educação financeira.	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Manaus
	2. Emenda de inclusão da atuação de psicólogos e assistentes sociais no processo de ensino e aprendizagem das escolas.	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Manaus
	3. Regulamenta o estágio obrigatório remunerado para alunos do nível médio e superior.	Prof. ^a Therezinha (Democratas)	Manaus
	4. Reajuste salarial; cartilha de valorização do educador; Prêmio Professor Inovador.	Prof. ^a Therezinha (Democratas)	Manaus
	5. Prêmio Professor Inovador.	Prof. ^a Therezinha (Democratas)	Manaus
<i>Cidadania</i>	1. Programa Vereador por um dia.	Joana D'arc (PR)	Manaus
	2. Programa Vereador por um dia.	Joana D'arc (PR)	Manaus
	3. Implementação do aplicativo para celular "Se Liga".	Joana D'arc (PR)	Manaus
<i>Deficientes</i>	1. Inclusão dos Jogos Adaptados para alunos com deficiência, no calendário escolar da rede municipal.	Prof. ^a Therezinha (Democratas)	Manaus
	2. Proposta de construção de dois centros de educação especial.	Prof. ^a Therezinha (Democratas)	Manaus
	3. Projeto de lei que garante o acesso ao emprego para pessoas com deficiências em Manaus	Prof. ^a Therezinha (Democratas)	Manaus
<i>Direitos dos animais e meio ambiente</i>	1. Trata sobre a disponibilização de alimento e água para animais em espaços públicos pelos cidadãos, no município de Manaus.	Joana D'arc (PR)	Manaus
	2. Não especifica.	Joana D'arc (PR)	Manaus
	1. Implementação do Parcão.	Joana D'arc (PR)	Manaus

<i>Lazer</i>	2. Revitalização de praça por meio de emenda parlamentar.	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Manaus
<i>Mulheres</i>	1. Projeto de lei 146/2017 que dispõe sobre parto humanizado e elaboração de plano de parto individual.	Joana D'arc (PR)	Manaus
	2. Proposta de inserção da Lei Maria da Penha como tema transversal nas escolas públicas municipais.	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Manaus
<i>Serviço público</i>	1. Proposta de agendamento de castração de animais de forma online no site da Prefeitura de Manaus.	Joana D'arc (PR)	Manaus
	2. Projeto de agendamento de castração de animais pelo Disk Saúde 0800; mutirão de castração em parceria com as faculdades.	Joana D'arc (PR)	Manaus
<i>Crianças e adolescentes</i>	1. Programa Frente Parlamentar de enfrentamento à violência contra a criança e ao adolescente.	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Manaus
<i>Cultura</i>	1. Projeto que promove a apresentação de peças teatrais e de peças musicais, dentro das escolas municipais de Manaus.	Prof. ^a Therezinha (Democratas)	Manaus
<i>Direitos LGBTI+</i>	1. Lei Babette que prevê diretrizes para combater a discriminação e preconceito às pessoas pela sua orientação sexual.	Marinor Brito (PSOL)	Belém
<i>Funcionalismo público municipal</i>	1. Aprovação do reajuste dos professores de educação e saúde.	Prof. ^a Therezinha (Democratas)	Manaus
<i>Orçamento municipal</i>	1. Apresentação da destinação das verbas das emendas parlamentares	Joana D'arc (PR)	Manaus
TOTAL 12	TOTAL 24	TOTAL 5	TOTAL MANAUS 23
			TOTAL BELÉM 1

Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se, pelo quadro acima, que as vereadoras de Manaus, além de terem apresentado quantitativamente mais **projetos de lei** nos vídeos postados no Facebook, foram as que mais tiveram diversidade de temas. Das 15 temáticas identificadas, 14 (93,3%) foram abordadas pelas parlamentares de Manaus. No recorte de pesquisa, a temática LGBTI+ foi a única de fora da Câmara Municipal de Manaus, ao passo que também foi a única temática apresentada pela Câmara Municipal de Belém. Isto é, dos 24 projetos de lei trazidos pelas vereadoras em vídeos, apenas um (4,16%) foi de uma vereadora da capital paraense: Marinor Brito (PSOL). Um resultado que nos permite observar a pouca utilização das mídias sociais para dar espaço à produção legislativa municipal. Não deixa de ser uma contradição, pois o perfil social e/ou *fanpage* do Facebook das vereadoras é um espaço *online* de teor pessoal e profissional sobre o qual as parlamentares têm controle e domínio a respeito das postagens,

uma vez que podem decidir o que vai ser publicado ou não, sem filtros, como no caso das mídias tradicionais ou canais institucionais.

As vereadoras de Belém não expuseram aos seguidores assuntos relacionados às principais atribuições do poder legislativo municipal: criar, aprovar ou rejeitar projetos de lei que regem a vida dos cidadãos. Reiteramos que não significa inferir que as parlamentares não apresentaram os projetos ou indicações internamente na Câmara, e sim que não se utilizaram do ambiente digital para divulgar aquele que é o papel mais conhecido do parlamentar: o de legislador.

Destacam-se, ainda, nos resultados da categoria **atividade parlamentar**, um conceito importante debatido neste trabalho: o gênero - utilizado como elemento de análise. Portanto, é necessário lançar luz sobre os assuntos que envolvem as mulheres – tratadas de forma prioritária nesta pesquisa – mas também, reconhecendo o debate ampliado sobre a diversidade de formas de expressão, baseadas no gênero e na identidade sexual. O enfrentamento de questões como a violência contra a mulher, a própria sub-representação feminina na política formal e a homofobia, são exemplos de abordagens sobre a questão de gênero que têm de estar inseridos em um contexto de debate ampliado, capaz de envolver todos os âmbitos da política institucional. Ao parlamentar, cabe fiscalizar serviços públicos e ditar as leis necessárias para melhorias na vida dos cidadãos, em especial, aqueles que são de grupos marginalizados. No entanto, observamos que os **projetos de lei**, sobre os temas *mulheres* (dois vídeos) e *LGBTI+* (um vídeo), foram mencionados em apenas três (1,4%) do total de 210 vídeos analisados. Isto é, no ambiente comunicacional *online* do Facebook, as temáticas não tiveram espaço nos perfis e *fanpages* das vereadoras, no período que analisamos os vídeos postados. A troca de opiniões, razões e de julgamentos, elementos importantes do processo comunicacional (GARCÉZ, 2017), pode, de certa forma, ser dificultada pela não exposição de assuntos que poderiam ser abordados discursivamente nas mídias digitais.

A ausência de citação desses temas em vídeos do Facebook, não necessariamente significa que não haja projetos de lei sobre os mesmos, ou ainda que não tenham sido debatidos nas Câmaras Municipais. No entanto, as ocorrências aqui encontradas revelam um cenário de invisibilização de projetos debatidos internamente no parlamento pelas próprias vereadoras, principalmente, as da Câmara Municipal de Belém. Ora, se as mídias digitais são compreendidas como um dos quatro canais principais de participação política contemporânea para cidadãos e agentes políticos (SILVA, 2018), por que não são aproveitadas para tanto? Além disso, é uma forma mais barata e mais rápida do que as mídias tradicionais pelas quais o

conteúdo é produzido e controlado pelos próprios agentes políticos (ainda que haja uma equipe para isso). Existem constrangimentos que esbarram na exploração do ambiente *online* por parte das parlamentares e, por sua vez, impedem a ampliação do potencial discursivo da representação política. São barreiras não possíveis de serem identificadas, nesta investigação, e ficam como lacunas abertas para novas pesquisas.

Seguem na mesma linha de baixa visibilidade *online*, os dados organizados por temática sobre as indicações, requerimentos e solicitações realizadas pelas parlamentares junto às prefeituras municipais. Ver quadro abaixo:

Quadro 4 - Indicações e requerimentos das vereadoras

Temas	Do que se trata?	Vereadoras proponentes	Município
<i>Cidade</i>	1. Requerimento de congelamento da tarifa de ônibus.	Marinor Brito (PSOL)	Belém
	2. Proposta de sessão especial para discutir problemas de consumidores com as contas de luz da rede Celpa.	Marinor Brito (PSOL)	Belém
	3. Solicitação de criação de comissão especial sobre o lixo.	Marinor Brito (PSOL)	Belém
	4. Blitz do transporte público municipal.	Joana D'arc (PR)	Manaus
<i>Obras e serviços de reforma</i>	1. Solicitação de pavimentação de duas ruas em um bairro de Belém.	Simone Kahwage (PRB)	Belém
	2. Requerimento para mutirão de tapa-buracos em uma rua de Manaus.	Glória Carratte (PRP)	Manaus
	3. A melhoria da estrutura das duas pontes da Zona Oeste; o mutirão de limpeza no bairro da Chapada; indicação da reforma da feira modelo da Compensa; solicitação da reforma da escola municipal Tereza Cordovil.	Prof. ^a Therezinha (Democratas)	Manaus
	4. Solicitação de serviço de iluminação; indicação de reforma do Centro de Capacitação do Atleta; solicitação e acompanhamento do serviço de tapa-buracos; indicação para a construção de uma parada de ônibus.	Prof. ^a Therezinha (Democratas)	Manaus
<i>Direitos dos animais e meio ambiente</i>	1. 1ª ação de cuidados dos animais da Câmara Municipal de Manaus.	Joana D'arc (PR)	Manaus
	2. Indicação de Hospital Público Veterinário.	Joana D'arc (PR)	Manaus
	3. Indicação de Hospital Público Veterinário.	Joana D'arc (PR)	Manaus
<i>Educação</i>	1. Sessão especial referente ao Dia do Professor.	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Manaus
	1. Sugestão de preservação de espaços públicos ociosos	Joana D'arc	Manaus

<i>Lazer</i>	para práticas de outras atividades.	(PR)	
TOTAL 5	TOTAL 13	TOTAL 6	TOTAL MANAUS 9
			TOTAL BELÉM 4

Fonte: Elaborado pela autora.

Observou-se que as vereadoras de Manaus abordaram todos os cinco grandes temas do quesito **indicações e requerimentos**, em uma maior quantidade de vídeos postados. Enquanto que as vereadoras de Belém se detiveram em apenas dois: *idades e obras e serviços de reforma*. Ressalta-se que, em nenhum dos 38 vídeos sobre **projetos de lei e requerimentos**, houve registro de atividade parlamentar de Blenda Quaresma (MDB).

A oitava categoria, de *Formatos e Linguagens*, refere-se ao **lugar** onde está a vereadora. Percebeu-se que o local onde elas se apresentam pode ajudar a entender a sua ação política e a sua postura dentro e fora da Câmara Municipal. É possível observar se a atividade parlamentar, visibilizada no Facebook, concentra-se mais internamente no âmbito institucional ou enfatiza o contato externo com fiscalização, comícios, contato com a população. Ou ainda, se a vereadora assume o seu protagonismo, e toma o poder da fala na tribuna, e na mesa da plenária. Nesse sentido, para entender melhor o contexto simbólico da comunicação em um produto audiovisual, pontuou-se o **lugar** onde estavam essas parlamentares. Os lugares de onde elas falam, ou aqueles que mostram, são pano de fundo e cenário, mas também constituem elementos cheios de significados componentes de uma cena ou situação, e auxiliam na compreensão do contexto geral. A proposta inicial no formulário de análise de conteúdo era de nove itens passíveis de escolha nessa categoria. Porém, como houve grande incidência na opção **não se enquadra**, a partir dela, foram criados dois novos tópicos: **outros espaços das Câmaras Municipais e ONGs e associações**.

O item **espaços públicos**, o mais incidente nos vídeos, corresponde a aqueles espaços como ruas, praças, ou ainda, vereadoras dentro de carro andando pela cidade, de ônibus pela estrada, ou no barco andando pelo rio. O tópico **comunidades** se refere a espaços, sejam residenciais, comunitários ou públicos, em áreas periféricas das cidades. Foram incluídas em **instituições privadas**, empresas de caráter comercial ou da iniciativa privada, como igrejas, por exemplo. As **instituições públicas** correspondem aos locais de propriedade ou de responsabilidade dos poderes públicos municipal, estadual ou federal. Em **Câmaras**

Municipais, foram identificadas situações nas quais as parlamentares estavam na mesa diretora da Câmara, na plenária (e não necessariamente na mesa ou na tribuna), e em outros locais dos prédios (corredores, fachada, estacionamento, recepção, etc.). A opção **ONGs e Associações** tratou, especificamente, de visitas a ONGs (duas delas de propriedade de Joana D'arc; uma é a Associação Comercial e Industrial de Parauapebas) e a um abrigo de animais de propriedade de terceiros.

Desse modo, os dados gerais dos 210 vídeos analisados das vereadoras de Belém e de Manaus, dispostos em ordem crescente de ocorrências, são: 1) Espaços públicos: 48 (23,3%); 2) Tribuna: 41 (19,5%); 3) Comunidades: 14 (6,6%); 4) Câmaras Municipais: 14 (6,6%); 5) Instituições privadas: 11 (5,2%); 6) Instituições públicas: 10 (4,7%); 7) Gabinete: 8 (3,8%); 8) Mesa da plenária: 6 (2,8%); 9) ONGs e Associações: 3 (1,4%); 10) Não se enquadra: 55 (26,1%). Os dados foram organizados e distribuídos conforme o número de ocorrências da categoria **lugar**, por vereadora e por município, ficando as informações dispostas em quadro:

Tabela 7 - Onde estão as vereadoras? (Por vereadora)

LUGAR	BELÉM			MANAUS			
	Blenda Quaresma (MDB)	Marinor Brito (PSOL)	Simone Kahwage (PRB)	Glória Carratte (PRP)	Joana D'arc (PR):	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Prof. ^a Therezinha (Democratas)
Comunidades	6	1	1	0	4	3	0
Câmaras municipais	2	1	2	0	3	1	5
Espaços públicos	4	17	5	2	11	5	7
Gabinete	0	2	0	0	6	0	0
Instituições privadas	3	2	2	0	2	1	0
Instituições públicas	0	0	0	0	8	0	1
Mesa da plenária	0	0	0	0	3	2	1
ONGs e Associações	0	0	1	0	2	0	0
Tribuna	0	13	0	0	15	10	3
Não se enquadra	3	15	6	0	13	7	11
Nº total	18	51	17	2	69	25	28
% total	8,5	24,2	8	0,9	32,8	11,9	13,3

GERAL	86 (40,5%)	124 (59,5%)
--------------	---------------	----------------

Assim, observou-se que as vereadoras de Belém surgiram nos vídeos ocupando, principalmente, os **espaços públicos**, com 26 ocorrências (30,2%) do total registrado entre as parlamentares da capital paraense. O segundo lugar mais ocupado pelas belenenses nos vídeos foi a **tribuna**, com 13 ocorrências (15,1%). Já as vereadoras de Manaus tiveram um comportamento inverso. A **tribuna** foi o principal lugar ocupado por elas em 28 vídeos (22,5%), seguida dos **espaços públicos**, com 26 ocorrências (20,9%).

Já a categoria **Sobre as Prefeituras Municipais** é importante identificar indícios do alinhamento político das parlamentares pelos graus de apoio ou crítica expressos nos vídeos. Em outras palavras, se os discursos continham elementos que as apontavam como integrantes da bancada da situação ou da oposição do Poder Executivo Municipal. Começaremos pelos dados gerais, incluindo todas as vereadoras estudadas. Do total de 210 vídeos analisados, em 43 vídeos (20,4%), explicitamente ou sutilmente, as parlamentares fizeram **críticas** aos prefeitos Zenaldo Coutinho de Belém (PSDB) e Arthur Virgílio Neto de Manaus (PSDB), às prefeituras, de maneira geral, ou a algum serviço de competência municipal. Em 19 vídeos (9%), houve **apoio** direto ou de forma sutil à gestão municipal. Ressalta-se que, durante a análise dos resultados, observando as ocorrências, foram identificadas diferenças em como as vereadoras se referiam às prefeituras, ou seja, não em tom de condenação, e sim uma fala de alerta, como para chamar a atenção, ou para lembrar os gestores acerca de suas responsabilidades. Assim, mais um tópico foi criado para essa categoria: em **chama a atenção**, nove vídeos (4,2%) foram inclusos. Outros resultados indicaram 137 vídeos (65,2%) que **não se enquadram**, pois não houve qualquer menção aos prefeitos, às prefeituras ou aos serviços públicos; e ainda, dois vídeos (0,95%) foram considerados **neutros**, já que houve referência à prefeitura, ao prefeito e às secretarias municipais, no entanto, em um contexto meramente informativo.

Um adendo é necessário sobre dois tópicos: **neutro** e **não se enquadram**. A somatória de ambos corresponde a um número elevado de vídeos em que as parlamentares de Belém e de Manaus não se posicionaram sobre a gestão municipal. Isto é, 57 vídeos (66,2%) das vereadoras de Belém, do total de 86 desse grupo, **não se enquadraram** na categoria **Sobre as Prefeituras Municipais**; enquanto que, 80 vídeos das vereadoras de Manaus, do total de 124 para esse grupo, **não se enquadraram**, e dois foram **neutros**. Somando ambos de Manaus (82 vídeos), chega-se a um percentual próximo ao de Belém: 66,1%. Os resultados

inferem que, tanto as parlamentares da capital paraense quanto as vereadoras da capital amazonense, omitiu-se sobre o desempenho das funções do Poder Executivo Municipal, em mais da metade dos vídeos analisados na amostra de pesquisa, ou seja, em 139 vídeos (66,1%) dos 210 postados por elas no Facebook.

Ainda no quesito **neutro**, apenas dois vídeos (2,7%), dos 73 que no total se enquadraram nos três principais tópicos (crítica, apoio, neutro), dessa categoria foram registrados, e são de Glória Carratte (PRP)¹¹⁴. São situações em que o poder municipal foi citado, porém apenas de forma informativa. Não houve posicionamento qualitativo frente à atuação das prefeituras. Além disso, do total de 210, 137 vídeos (65,2%) **não se enquadram**, pois não fizeram qualquer menção à gestão municipal.

Aprofundando nos demais tópicos dessa categoria (apoio e crítica), foram levantados os dados específicos de vereadora, município e onde se enquadram nas opções disponíveis. Ver quadro abaixo:

Tabela 8 - Sobre a gestão municipal / Vereadora

Gestão municipal	BELÉM			MANAUS			
	Blenda Quaresma (MDB)	Marinor Brito (PSOL)	Simone Kahwage (PRB)	Glória Carratte (PRP)	Joana D'arc (PR):	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Prof. ^a Therezinha (Democratas)
Apoio	0	0	2	0	3	9	5
Crítica	0	24	1	0	18	0	0
Chama a atenção	0	2	0	0	3	2	2
Neutro	0	0	0	1	1	0	0
Não se enquadra	18	25	14	1	44	14	21
Nº total	18	51	17	2	69	25	28
% total	8,5	24,2	8	0,9	32,8	11,9	13,3
GERAL	86 (40,5%)			124 (59,5%)			

¹¹⁴ No caso de Glória Carratte (PRP), o *corpus* final de pesquisa para a análise de conteúdo, por meio de amostragem, não abarcou o único vídeo em que a parlamentar demonstra simpatia pela gestão municipal. Nessa postagem, Glória utiliza um tom que gera certa intimidade com a figura do gestor municipal. Ela diz, durante um trabalho externo à Câmara onde fiscaliza uma obra: “hoje é sábado e nós também estamos trabalhando com o serviço da Secretaria Municipal de Obras a pedido do **nosso** prefeito” (grifo nosso).

Por meio desses novos cruzamentos, observou-se que os **vídeos mais críticos à gestão municipal** foram os das vereadoras de Belém: 25 ocorrências (29%) do total postado. Já os **vídeos mais simpáticos ao Poder Executivo Municipal** foram os das vereadoras de Manaus: 17 ocorrências (13%) do total postado. Constate-se, então, nos vídeos publicados no Facebook, uma postura mais contida das parlamentares de Manaus em questionar o Executivo Municipal. Houve críticas, sim. Porém, apenas uma das quatro vereadoras se manifestou, publicamente, contrária às ações da Prefeitura de Manaus. Como visto acima, foi a vereadora Joana D'arc (PR), que em 18 vídeos (14,5%), posicionou-se criticamente. Com exceção de Joana D'arc e de Glória Carratte (PRP) - que apenas citou em caráter informativo a prefeitura uma única vez -, Professora Jacqueline (PHS) e Professora Therezinha (Democratas), quando não apoiaram a gestão municipal, mencionaram a mesma se limitando apenas a **chamar a atenção**: sete vídeos (5,6%). Um exemplo é o vídeo 159¹¹⁵, no qual Professora Jacqueline está na tribuna discursando sobre o profissional de Educação Física e alerta:

(...) a gente tem que começar já com essa preocupação com o prefeito, o executivo, a começar a elaborar uma forma de a gente oferecer também isto, futuramente, o acompanhamento desses profissionais nas academias, mesmo que seja estagiário (Professora Jacqueline, 26.07.2016)¹¹⁶

Em outro vídeo (172), Professora Jacqueline também fez um chamamento de todos os órgãos, incluindo, por lógica, indiretamente a Prefeitura, ao falar sobre a necessidade de uma cultura de paz capaz de ser fomentada por meio da “(...) ação conjunta de todos nós, educação, Câmara Municipal, todos os órgãos que podem contribuir para a melhoria de convivência de todos nós”¹¹⁷. Já Professora Therezinha também adota esse padrão de apoio, porém, em uma perspectiva de “aviso” à Prefeitura sobre ações necessárias, e que terão como ponto de partida a atitude da própria parlamentar: “Por isso, vou continuar lutando para que a Prefeitura construa mais creches, nos vários bairros de Manaus que precisam (...)”¹¹⁸. Outro exemplo: “(...) solicitamos ainda, para a Prefeitura de Manaus, o mutirão de limpeza no bairro da Chapada, indicamos a reforma da Feira Modelo da Compensa e solicitamos a reforma da Escola Municipal Tereza Cordovil”¹¹⁹.

¹¹⁵ Para facilitar a organização dos dados analisados, organizamos os 210 vídeos dos perfis pessoais e *fanpages* das vereadoras de Belém e de Manaus em uma lista de vídeos que está no Apêndice C desta pesquisa. Os vídeos foram numerados de 1 a 210 e estão acompanhados dos devidos *links* que levam até a página referida no Facebook.

¹¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1225484147476066>. Acesso em: 29.01.2019.

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1290470540977426>. Acesso em: 29.01.2019.

¹¹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=959881027491261>. Acesso em: 20.01.2019.

¹¹⁹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/professortherezinha.ruiz/videos/975925852553445/?v=975925852553445>. Acesso em: 20.01.2019.

Por fim, a vereadora Joana D'arc também teve duas ocorrências no tópico **chamar a atenção**. Em um dos vídeos, a parlamentar do PR adverte a Prefeitura de Manaus (vídeo 95), e apresenta sugestões sobre como o Poder Executivo Municipal deveria agir, em se tratando de maus tratos de animais no município:

(...) é a conscientização, a castração e a punição dos crimes de maus tratos e abandono. A partir do momento que o poder público conseguir combinar essas três situações, ele vai conseguir reduzir, efetivamente, o quantitativo de animais nas ruas (Joana D'arc, 19.01.2017)¹²⁰.

No vídeo 122, ao esclarecer dúvidas de um seguidor na *fanpage* pessoal no Facebook, durante uma transmissão ao vivo, Joana atribuiu a responsabilidade de resolução do problema em questão (a construção do Hospital Público Veterinário) para quem tem a atribuição para tanto: “(...) como vereadora, eu já fiz a minha parte fazendo a indicação, estou acompanhando”, “depende da Prefeitura e do prefeito Arthur Neto”¹²¹. No entanto, ainda que haja ocorrências de vídeos com alertas mais amenos à Prefeitura de Manaus, nessa categoria, Joana se destacou, na verdade, por ser a única entre as parlamentares de Manaus a mostrar, publicamente, desaprovação com a gestão municipal e a questionar, em diferentes níveis, a atuação do prefeito Arthur Neto ou da Prefeitura.

Alguns exemplos da conduta **crítica à gestão municipal** da parlamentar do PR são: o vídeo 103, em que, durante pronunciamento na tribuna da Câmara Municipal de Manaus, Joana desaprova, indiretamente, a gestão municipal ao falar da ineficiência das escolas para crianças especiais: “(...) escolas municipais que não têm o suporte, a estrutura e a qualificação pra receber essas crianças, que tem uma porcentagem muito grande desse tipo de criança nas periferias”¹²². A mesma parlamentar também fez críticas se dirigindo diretamente ao Prefeito de Manaus para reclamar da gestão de um órgão de competência municipal, o Centro de Controle de Zoonoses. Ela fez uma gravação, no local da denúncia, e pediu ainda aos seguidores que compartilhassem para que chegasse até o prefeito, como mostra o vídeo 150:

Prefeito Arthur, eu tô aqui no CCZ. Ontem animais saudáveis foram capturados, com ordem da diretora Martha Thereza que não conversa com as ONGs, que não encontra soluções, que nos suporta. E esses animais (...) estavam sendo maltratados, em condições precárias (Joana Darc, 09.02.2018, grifo nosso)¹²³

É válido ressaltar que, de maneira geral, as críticas de Joana foram direcionadas, principalmente, à gestão municipal (como um sistema), e se concentraram no questionamento

¹²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=782524761895789>. Acesso em: 23.01.2019.

¹²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/888354121312852/>. Acesso em 19.01.2019.

¹²² Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/818925708255694/>. Acesso em: 19.01.2019.

¹²³ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/997913857023544/?v=997913857023544>. Acesso em: 19.01.2019.

da qualidade ou da ausência de serviços públicos oferecidos pelo poder municipal à população.

Atestou-se como um padrão um pouco distinto de Marinor Brito, a mais crítica de todas as parlamentares de Belém, e também no contexto geral, das sete vereadoras pesquisadas. No caso da parlamentar do PSOL, as críticas foram mais diretas, duras e, em alguns momentos, colocaram em xeque a competência e as qualidades pessoais do Prefeito da capital paraense, Zenaldo Coutinho. Citam-se dois exemplos. O primeiro é o vídeo 43, a parlamentar está em um carro, à noite, em uma das principais avenidas de Belém, a Augusto Montenegro, e filma, do banco do carona, as condições da via diante da execução das obras do sistema de transporte público BRT (*Bus Rapid Transit*):

Augusto Montenegro. Não tem absolutamente nada a ver com a **propaganda mentirosa do prefeito Zenaldo**. Augusto Montenegro esburacada, sem sinalização, sem sinalização vertical, escura, absolutamente escura. E olha só, a situação das paradas de ônibus. Essa é a situação da nova Augusto Montenegro. **Chega de mentira!** (Marinor Brito, 24.09.2016, grifo nosso)¹²⁴

Já o segundo exemplo é o vídeo 62, Marinor está em um dos corredores da Câmara Municipal de Belém, momentos após o término de uma sessão que tratava do reajuste salarial dos servidores públicos municipais. A parlamentar do PSOL grava para o perfil pessoal do Facebook um pronunciamento com o balanço da reunião, tendo em mãos, o resultado da votação:

Por 15 a 8, a Câmara Municipal de Belém acaba de rejeitar a possibilidade de fazer a discussão sobre a campanha salarial para os servidores públicos municipais. A Câmara se alia ao **prefeito Zenaldo que mente, que trata as contas públicas com obscuridade, que engana a população** sobre o real salário dos servidores municipais. (Marinor Brito, 12.06.2017, grifo nosso)

Algumas reprovações à gestão municipal também foram realizadas de forma mais velada, durante o período de campanha eleitoral para a Prefeitura de Belém, em 2016. No vídeo 20, Marinor está em um encontro com artistas paraenses, na Praça da República e, em discurso no microfone, diz “(...) eu me sinto muito contemplada na bela fala do companheiro cabano, Edmilson Rodrigues, que foi um dos poucos que passou por essa cidade e honrou a história da resistência negra, indígena e cabana”¹²⁵. A frase, por inferência, revela que nenhum gestor depois de Edmilson, até o momento presente da gravação do vídeo,

¹²⁴Disponível em: https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1785122825094826/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 29.12.2018.

¹²⁵Disponível em: https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1675927082681068/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

implementou políticas de incentivo à cultura popular e aos povos tradicionais. Assim, incluíse, nesse grupo de prefeitos “negligentes” à causa, o então Prefeito de Belém, Zenaldo Coutinho.

Junto à Marinor Brito, outra vereadora belenense crítica à gestão atual foi Simone Kahwage. O questionamento foi mais indireto, e relacionado à ausência de serviços públicos municipais e estaduais, em horário de funcionamento adequado à rotina e à demanda da população das periferias quanto à emissão de documentos e outros serviços. Para compensar o desfalque, a vereadora realizou uma ação, no bairro de Canudos, na capital paraense, conforme mostra trecho do discurso no vídeo 80:

Então, a gente sabe que todos os bairros, quando a gente chega, **uma das dificuldades que as pessoas tem é de chegar até os órgãos públicos, e muitas das vezes, não dá tempo.** A mãe trabalha, o pai tá trabalhando, o filho tá na escola e, muitas das vezes, não dá tempo. O mandato nas ruas, o nosso projeto é esse, é que as ações que a gente faz *venha* nos bairros, através dos bairros **a gente possa levar essa demanda que as pessoas precisam** do serviço de corte de cabelo, tirar o RG, foto ³/₄, atendimento médico, inclusive, nós aqui, nós hoje estamos oferecendo aqui, no bairro da Cabanagem, essa ação (Simone Kahwage, 01.05.2017, grifo nosso) ¹²⁶

Já os vídeos de **apoio à gestão municipal**, conforme demonstra o *quadro 8*, foram os das vereadoras de Manaus. Destaque para Professora Jacqueline, com nove vídeos (52,9%), seguida da Professora Therezinha, com cinco vídeos (29,4%). Alguns vídeos foram bem diretos na expressão de aprovação à Prefeitura de Manaus, como é o caso da Professora Jacqueline. Dentro do recorte analítico de pesquisa, a maior parte dos vídeos na *fanpage* dela, em que o prefeito ou a Prefeitura de Manaus foram mencionados, teve tom de aprovação à gestão municipal. O apoio foi expresso em forma de palavras, por meio de imagens do gestor municipal ou com a presença da vereadora ao lado dele ¹²⁷.

As manifestações de apoio da parlamentar do PHS começaram durante a campanha eleitoral para vereadores e para prefeito (a) de Manaus, em 2016. No vídeo 171, Professora Jacqueline está acompanhada de várias pessoas, em locais diferentes, fazendo campanha para, o então candidato, Arthur Virgílio Neto. São várias cenas do grupo no qual a parlamentar está, e grita “Sou 45. Somos todos uma só Manaus. Vai, Arthuzão!”. Todos estão com panfletos e

¹²⁶Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1582970125068403/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 30.12.2018.

¹²⁷ Para fins de contextualização, na época, o então candidato do PSDB à Prefeitura de Manaus, Arthur Virgílio, concorreu no segundo turno das eleições municipais com o candidato do PR, Marcelo Ramos. Segundo reportagem do Portal G1 de Manaus, do dia 30.10.2016, Arthur Neto fez alianças com dez legendas: PMDB, PP, PTB, PPS, PV, PRP, PTN e PHS (partido ao qual pertence a vereadora Professora Jacqueline). Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/eleicoes/noticia/2016/10/artur-neto-do-psdb-e-reeleito-prefeito-de-manau.html>. Acesso em 22.02.2019.

cartazes com o número “45”, e ao som do jingle “Eu vou votar, eu vou votar 45. Arthur e Rota é trabalho com afinco”. Ao final do vídeo, há uma foto de Arthur Neto.

Quando saiu o resultado das urnas, Professora Jacqueline aproveitou o momento para lembrar do então candidato que iria à disputa no segundo turno do pleito¹²⁸. É o vídeo 173, a vereadora está reunida com um grupo de educadores e discursa no microfone, já se referindo ao ainda candidato naquele momento como “prefeito”:

Vocês sabem que eu sou quase aliada do prefeito. Eu sempre estive em todas as reuniões, pedindo pra mim o voto e pro prefeito Arthur; (...) continuo na militância porque eu acredito ser o melhor prefeito pra Manaus; (...) o prefeito tem essa sensibilidade para nos ouvir (Professora Jacqueline, 17.10.2016)¹²⁹

No vídeo 166, Professora Jacqueline está em pronunciamento na tribuna da Câmara Municipal de Manaus, tratando a respeito da festa de comemoração na Secretaria Municipal de Educação, por conta dos índices positivos da educação da capital manauara no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). A parlamentar, por cinco vezes, refere-se à gestão municipal em tom perceptível de apoio, já que além da parabenização por determinadas ações municipais na educação, há elogios da conduta:

Hoje eu vim a esta tribuna para falar da festa da comemoração que tivemos ontem (...) na **secretaria municipal de educação**; (...) há tempo, a gente vem querendo dar salto de qualidade e que hoje, **na gestão do prefeito Arthur**, com investimento, com parceria, com crença que dá pra fazer diferença; (...) **a prefeitura de Manaus** vai injetar também 4 milhões da economia local até 2016, por conta do pagamento do 14º e 15º pagamento do salário dos professores; (...) **eu parabenizo (...) o prefeito** por compreender a necessidade de investimento na educação, **a secretária** porque está fazendo um trabalho técnico, mostrando a sua competência técnica (...) (Professora Jacqueline, 17.10.2016, grifo nosso)¹³⁰

Com exceção apenas de duas ocorrências, já mencionadas acima em que Professora Jacqueline apenas **chama a atenção** da Prefeitura de Manaus, no mais, não houve nenhuma crítica ao prefeito de Manaus, Arthur Neto (PMDB), nos vídeos do Facebook.

Já a Professora Therezinha (Democratas), apresenta-se nos vídeos como se fosse porta-voz da Prefeitura, e com o objetivo de conciliação entre as partes, justificando atos que não foram realizados dentro do esperado, e imprimindo confiabilidade às promessas da gestão

¹²⁸Disponível em: <https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/videos/1288014924556321/?v=1288014924556321>. Acesso em: 28.01.2019.

¹²⁹Disponível em: <https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/videos/1296393673718446/?v=1296393673718446>. Acesso em: 28.01.2019.

¹³⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/videos/1265901490100998/>. Acesso em: 28.01.2019.

municipal. No vídeo 181, ela aborda a aprovação do reajuste dos professores municipais de educação e saúde:

(...) Foi uma manhã de muitas discussões, muitas avaliações onde nós identificamos que a **prefeitura** disponibiliza todos os seus recursos para poder dar 9,9%; (...) nós sabemos que esse reajuste não é o ideal para os professores; (...) em julho, já sai o décimo terceiro, a metade do décimo, o **prefeito Arthur Neto** já anunciou; (...) portanto, meu amigo, hoje dou essa satisfação a vocês pra dizer que estamos sempre lá em defesa dos professores, dos nossos servidores da educação. Mas é importante que a **prefeitura** avalie a sua saúde financeira para que no futuro, se não for levado tão a sério o recurso que é suficiente, ela possa vir a atrasar, como muitos Estados estão fazendo; (...) nós desejamos que, todos os meses, os nossos servidores tenham seu salário garantido; (...) muito obrigada pela compreensão (Professora Therezinha, 08.06.2016, grifo nosso)¹³¹

No caso da Professora Therezinha, apenas um vídeo foi analisado nessa categoria, pois era o que constava no recorte amostral desta pesquisa. Porém, ressalta-se que o apoio à Prefeitura Municipal de Manaus foi ainda mais perceptível ao analisar, no primeiro momento, de forma exploratória, o *corpus* na fase inicial com 659 vídeos, previstos no período cronológico de 08.03.2018 a 04.08.2015. Houve três vídeos em que a vereadora do Democratas teve o mesmo posicionamento favorável, durante suas falas: “o prefeito Arthur Neto tem buscado soluções”¹³²; “(...) o próprio prefeito tem se preocupado com isso”¹³³; e “a Prefeitura já pagou por ordem do senhor prefeito”¹³⁴. São frases com intuito de reafirmar ações da Prefeitura ou justificá-las.

Ainda no critério **apoio** das vereadoras de Manaus à **Administração Municipal**, cita-se, mais uma vez, Joana D’arc com posicionamento um pouco distinto em relação às demais vereadoras de Manaus apresentadas acima. Há duas ocorrências do tipo nos vídeos postados por ela na *fanpage* do Facebook. Ambas trataram de apoio no sentido de parabenizar as ações realizadas pela Prefeitura, em resposta às solicitações da parlamentar. Em outras palavras, como uma forma de reconhecimento pelo pedido atendido em prol de uma “causa maior”, deixando possíveis diferenças político-partidárias de lado. Cita-se um dos exemplos, o vídeo 128, no qual Joana comemorou a aprovação do projeto para a construção do primeiro Hospital Veterinário Público de Manaus:

(...) resolvi ir com o **prefeito Arthur neto**, pedir e explicar como funcionaria esse hospital. Dizer pra ele que era possível fazer isso. Bastava a vontade política; (...) eu

¹³¹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/professoratherezinha.ruiz/videos/906424186170279/?v=906424186170279>. Acesso em: 29.01.2019.

¹³² Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=909436452535719>. Acesso em: 29.01.2019.

¹³³ Disponível em: <https://www.facebook.com/professoratherezinha.ruiz/videos/1312886102190750/>. Acesso em: 29.01.2019.

¹³⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1129279177218111>. Acesso em: 29.01.2019.

saí da reunião muito feliz. Por quê? Porque **o prefeito** aceitou a ideia de forma muito tranquila, entendeu, concordou. Eu mostrei todos os benefícios (...) na questão da saúde pública; (...) uma resposta positiva, uma resposta do **prefeito** que se comprometeu publicamente; (...) eu sou uma vereadora na Câmara de oposição, mas eu hoje tive uma resposta muito grande; (...) porque, quando se trata de animais, a nossa a bandeira política, as nossas diferenças ficam de lado. E hoje foi a maior prova disso (Joana D'arc, 18.08.2017, grifo nosso)¹³⁵

Já entre as vereadoras de Belém, houve também expressão de **apoio à gestão municipal**, nos vídeos do Facebook, mas em índice bem inferior aos de Manaus, e sendo referente a apenas uma parlamentar. Simone Kahwage foi a única belenense a expor, publicamente, o possível alinhamento com a Prefeitura da capital paraense: duas ocorrências, o que representa 2,3% do total de vídeos postados pelas 3 vereadoras de Belém. As características de expressão de apoio de Simone se aproximam as da Professora Jacqueline, ou seja, são declarações abertas, sem rodeios. No vídeo 79, durante transmissão ao vivo pelo Facebook, com 4 minutos 30 segundos de duração, a vereadora do PRB citou oito vezes a Secretaria Municipal de Saneamento e o prefeito de Belém, agradecendo por terem atendido a um requerimento realizado por ela para que ruas de um bairro da capital paraense fossem asfaltadas. São os seguintes trechos:

Boa tarde, pessoal! Tudo bem? Nós estamos aqui agora, no bairro Castanheira, na rua Canaã, pelo o que vocês estão vendo aqui uma obra, um pedido que nós fizemos, um requerimento junto à **Sesan**. Também quero **agradecer ao secretário** Tales que nos recebeu com muito carinho, nessa tarde, e eles estão fazendo agora uma revitalização aqui da rua (...); Nós estamos aqui para **parabenizar também o prefeito, que nos deu essa oportunidade** de chegar até o **secretário e revitalizar essa rua aqui**; (...) Esse é o mandato nas ruas, né, da vereadora Simone Kahwage. Eu... estamos aqui agora, e juntamente com a **secretaria**. Quero agradecer a **secretaria**. (...) Mando um abraço agora para o **secretário** também né? O **secretário** Tales que nos deu essa.. ajudou né? (Simone Kahwage, 07.07.2017, grifo nosso)¹³⁶

No vídeo 80, Simone está na plenária da Câmara Municipal de Belém, gravando o vídeo para os seguidores sobre a Lei Maria da Penha, que completava 11 anos. A parlamentar demonstra, no discurso, aprovação quanto à gestão da Prefeitura e do Governo do Estado que, em sua visão, estão trabalhando para combater a violência doméstica. Ou seja, para Simone, o poder público oferece condições para auxiliar as mulheres e para punir os agressores. O problema em si, segundo ainda a fala da parlamentar, está relacionado, principalmente, a atitudes individuais das vítimas de agressão, e não à ausência de políticas públicas:

¹³⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/905121972969400/>. Acesso em: 22.01.2019.

¹³⁶ Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1552823018083114/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 30.12.2018.

Nós sabemos que **muitas políticas públicas tem sido feitas para as mulheres**. Mas a gente sabe que um dos maiores fatores que impede as mulheres, muitas das vezes, de denunciar é a parte emocional. (...) O que nós temos que fazer é empoderar cada vez mais essa mulher, motivá-la, todas as vezes que ela for agredida, pra ela não ter medo, denunciar, e principalmente, nós estamos aqui, aqui **na nossa cidade de Belém, com vários avanços, no Estado do Pará**, com órgãos públicos, fazendo essas sessões, essas campanhas importantes para as mulheres (Simone Kahwage, 07.08.2017, grifo nosso)

Entre os achados da análise do objeto, alguns pontos chamaram a atenção na categoria **sobre a gestão municipal**. A vereadora Blenda Quaresma foi a única a não se enquadrar nos tópicos, ou seja, não expressou nenhum tipo de posicionamento sobre a Prefeitura de Belém, seja nos vídeos da amostra da análise de conteúdo, ou nos verificados na pesquisa exploratória. Os vídeos dela não se enquadraram na categoria, pois trataram de situações ou ações envolvendo apenas a vereadora do MDB, sem mencionar terceiros. Aliás, a única manifestação de apoio – intenso - foi em relação ao próprio pai, o deputado estadual Wanderlan Quaresma (MDB), que com frequência apareceu nos vídeos.

Sendo assim, nessa categoria, vários resultados pertinentes foram encontrados, e o cruzamento das informações levaria a mais caminhos possíveis de análise. No entanto, centramo-nos naqueles de maior evidência - e, portanto, foram considerados os principais. Reitera-se, então, que, na categoria **gestão municipal**, as vereadoras de Belém foram mais **críticas** nos vídeos postados, tanto em termos de quantidade de vídeos quanto em número de vereadoras críticas. Apesar do registro de duas parlamentares, nesse quesito, Marinor Brito foi a principal responsável pelos vídeos com conteúdo reprovando ou questionando ações da Prefeitura de Belém, levando-nos, assim, a inferir sobre como o posicionamento discursivo da vereadora, na amostra de vídeos analisados, se alinha à ideologia do partido, o PSOL, legenda de extrema esquerda, ou seja, de oposição. Além disso, também evidencia que a parlamentar, nos vídeos analisados, cumpre, em certa medida, o papel de legisladora, pois fiscaliza as atividades da Administração Municipal.

Em oposição, as vereadoras de Manaus se destacaram no **apoio** à Prefeitura de Manaus, tanto em relação à quantidade de vídeos quanto em número de vereadoras em demonstração de aprovação. A constatação possibilitou mais clareza na identificação das vereadoras que podem ser consideradas da bancada de apoio da CMM: Professora Therezinha e Professora Jacqueline. Isto não significa dizer que parlamentares de Belém não demonstraram simpatia pelo Poder Executivo Municipal. Houve, de forma muito reduzida, esse tipo de posicionamento, tanto em número de vídeos quanto em quantidade. Diferentemente, das parlamentares de Manaus que não apresentaram posicionamento crítico

em relação à Prefeitura do município. Assim, as críticas existiram dentro do recorte analítico da pesquisa, como visto anteriormente nos dados explicitados acima, mas foram realizadas por apenas uma vereadora da capital amazonense, no entanto, não são menos válidas do que as realizadas pelas vereadoras de Belém.

Foi evidenciado, por meio dos dados encontrados, a existência de um *desequilíbrio* nas ocorrências de crítica/apoio expressas, publicamente, sobre as Prefeituras pelas vereadoras nas suas páginas pessoais e/ou *fanpages* do Facebook. O fato direciona a questionamentos pertinentes ao problema de pesquisa, que investiga a configuração da representação discursiva das vereadoras de Belém e de Manaus num ambiente comunicacional como o Facebook, onde as parlamentares podem construir os próprios discursos e o conteúdo. Ora, se o vereador, como representante político, tem as funções de fiscalizar e julgar o Poder Executivo Municipal e, para além disso, representa a ligação mais próxima entre o povo e o governo, está esse vereador cumprindo o seu papel quando é omissos ou excessivamente simpático à gestão municipal nas declarações públicas, ainda que no ambiente *online*? Nesse sentido, a compreensão é de que há um ruído nessa relação, pois os seguidores das vereadoras ficam, de certa forma, privados de informações sobre a atuação parlamentar, com as quais poderiam fomentar a troca de opiniões, de julgamentos e a fiscalização dos representantes da política formal. Afinal, investiga-se neste trabalho a representação política como um processo comunicacional, legitimado discursivamente entre representantes e representados, ou seja, abordando, mais especificamente, as mídias digitais, e o seu uso pelas vereadoras.

A próxima categoria, **Sobre o Governo do Estado**, assemelha-se a debatida, anteriormente, mas, desta vez, com base na relação com a Administração Pública Estadual. O objetivo é detectar o posicionamento das vereadoras frente o Poder Executivo, seja nas falas, ou em outros aspectos simbólicos nos vídeos. Os aspectos gerais serão os primeiros detalhados, levando em consideração os vídeos das sete vereadoras analisadas. Do total de 210 vídeos da amostra analisada, 188 (89,5%) **não se enquadram**, já que não houve citações sobre a gestão estadual. Em apenas um vídeo (0,4%) houve manifestação de **apoio** ao Poder Estadual. Já as **críticas** ao governo do Estado estiveram presentes em 18 vídeos (8,5%). A conduta de **chamar a atenção** foi identificada em três vídeos (1,4%). Não houve vídeos que se enquadrassem na opção **neutro**.

Abaixo, em quadro, as informações foram organizadas, detalhadamente, com os resultados divididos por vereadora e por município:

Tabela 9 - Sobre o Governo do Estado / vereadora

Gestão estadual	BELÉM				MANAUS		
	Blenda Quaresma (MDB)	Marinor Brito (PSOL)	Simone Kahwage (PRB)	Glória Carratte (PRP)	Joana D'arc (PR):	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Prof. ^a Therezinha (Democratas)
Apoio	0	0	1	0	0	0	0
Crítica	0	8	2	0	4	4	0
Chama a atenção	0	1	0	0	1	1	0
Neutro	0	0	0	0	0	0	0
Não se enquadra	14	41	14	2	64	20	28
Nº total	18	51	17	2	69	25	28
% total	8,5	24,2	8	0,9	32,8	11,9	13,3
GERAL	86 (40,5%)				124 (59,5%)		

Por meio desses cruzamentos, verificou-se que os **vídeos mais críticos** à gestão estadual foram, novamente, os das vereadoras de Belém: 10 (11,6%) do total de 86 vídeos postados pelo grupo. Marinor Brito foi a autora de oito deles (9,3%), seguida de Simone Kahwage, com dois (2,3%). Assim como observado na categoria anterior sobre a **gestão municipal**, nesse caso, os **vídeos mais simpáticos ao Governo do Estado** foram também os das parlamentares de Belém: 1,1%, o equivalente a apenas um vídeo postado pela vereadora do PRB, Simone Kahwage. Em outras palavras, foi baixo o conteúdo audiovisual crítico sobre a gestão estadual para ambas as Câmaras Municipais. No caso das parlamentares de Belém, apenas um vídeo (1,1%) se enquadrou na opção **chamar a atenção**, e foi de autoria de Marinor Brito.

Já as vereadoras de Manaus, dentro do recorte de pesquisa, não produziram vídeos com a manifestação de **apoio** à Administração Pública Estadual. Em relação aos vídeos com **críticas**, as parlamentares postaram oito vídeos (6,45%) com esse perfil, os quais são correspondentes a duas vereadoras: Joana D'arc, com quatro (3,2%) e Professora Jacqueline, também com quatro (3,2%). Assim como na categoria anterior, também foi criado mais um tópico na categoria **Sobre o Governo do Estado**, trata-se do **chamar atenção**. As vereadoras de Manaus possuem mais vídeos nesse quesito, são dois (1,6%) do total de 124 postados pelo grupo no Facebook. Um vídeo foi da Joana D'arc, e outro da Professora Jacqueline.

Citam-se, então, exemplos, das vereadoras de Belém, em vídeo com **crítica** ao Governo do Estado. Marinor Brito teve seis dos oito vídeos postados com críticas diretas à gestão estadual, como no vídeo 61, em que, ao discursar na tribuna contra as condições de trabalho dos educadores, diz: “Fora também governo Jatene, que massacra os trabalhadores da educação nesse Pará”¹³⁷. No vídeo 48, tratando de temática semelhante, fala que a “categoria (de educadores) vem sofrendo ataques brutais”¹³⁸, isso porque as ações do poder público estão “(...) congelando por 20 anos os recursos da educação, o não cumprimento do piso nacional obrigatório aqui no governo do Estado”. Ou ainda no vídeo 49, durante manifestação no Mercado de São Brás, em Belém: “(...) o nosso protesto pelo governo que abandonou a educação”¹³⁹.

Os três vídeos, citados acima, abordaram a **temática educação**, porém, três vídeos trataram de assuntos distintos e tiveram discurso mais ríspido, em tom de denúncia e total desaprovação das ações estaduais. No vídeo 51, em pronunciamento na tribuna, o tema era a cobrança abusiva nas contas de energia elétrica da concessionária Rede Celpa, com valores extremamente altos e não condizentes com os salários dos trabalhadores. Marinor questiona a ausência de representantes do Estado na sessão, e faz acusações: “(...) mais um crime de lesa a pátria como foi a privatização da Rede Celpa. Talvez os dirigentes da Celpa hoje não tenham tanta culpa e tanta responsabilidade como teve o governo criminoso”. Há, ainda, mais acusações sobre a conduta do Governo do Estado, desta vez, relacionadas à questão do aterro sanitário de Marituba, na Região Metropolitana de Belém. A vereadora do PSOL questiona a liberação do terreno para funcionamento como aterro:

(...) é por isso que está liberado... **O governo do Estado, pelas suas razões políticas que constam no relatório**, a fazer com que uma área que é uma área de proteção ambiental (...) onde está o quilombolo do Abacatal, é uma área de segurança aeroportuária fosse liberada para se tornar um lixão¹⁴⁰ (Marinor Brito, 13.03.2017, grifo nosso)

Assim como nos casos de alguns vídeos da categoria **gestão municipal**, em que Marinor questiona a competência e a negligência do poder público, ocorreu situação

¹³⁷Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1901393880134386/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

¹³⁸Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1794622207478221/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

¹³⁹Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1794642720809503/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

¹⁴⁰Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1816680235272418/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

semelhante, quando a parlamentar, durante uma gravação em local não identificado, no vídeo 54, reclama da situação da segurança pública no Pará, em tom de indignação:

Não é possível continuar vivendo com um Estado paralelo, enquanto isso o governo, que deveria estruturar o Estado para garantir as políticas sociais, pra garantir segurança, qualidade vida para as pessoas, **acaba sendo conivente** porque sabe dos dados, sabe onde estão os focos exatamente da violência que assusta, que apavora, que deixa milhares de famílias, pais de família, de mães de famílias, de jovens vulneráveis a essa violência. **O PSDB não tem competência mais para governar esse Estado.** É preciso que tropas federais. É preciso que a Polícia Federal assuma as investigações desses crimes, sobre pena da gente continuar assustado... da gente continuar vivendo esse clima de insegurança e de desespero que o povo do Pará tá vivendo. Ninguém merece. É preciso dar um basta nisso.¹⁴¹ (Marinor Brito, 22.01.2017, grifo nosso)

Os outros dois vídeos de Marinor contêm críticas indiretas ao Governo do Estado. De forma geral, são queixas sobre problemas sociais em municípios do Pará, portanto, decorrentes de falhas na Administração Pública Estadual, como o vídeo 19, no qual a vereadora do PSOL concede entrevista à equipe de reportagem da RBA (afiliada à Band), durante reunião da legenda, em Bragança, no nordeste paraense. Ela faz uma crítica à política institucional, no geral, porém, por se tratar de evento em que menciona ser de reunião partidária dos núcleos nacional e estadual do PSOL, subentende-se que os questionamentos são direcionados para as duas esferas em especial: municipal e estadual. Segue trecho do vídeo: “(...) desse partido novo, de uma nova política que é necessária para enfrentar muitos problemas que o povo brasileiro está passando (...) problemas de ética, de corrupção, de desmando na política”¹⁴².

A mesma linha de crítica indireta é identificada no vídeo 57, no qual Marinor está na tribuna da Câmara Municipal de Belém, e se refere ao Pará: “é preciso menos cadeia, mais cultura (...) pra que o povo respire mais perspectiva de um futuro digno, do que sangue, do que ódio, do que violência”¹⁴³.

As **críticas** indiretas ao **poder público estadual** estiveram presentes também nos dois vídeos de Simone Kahwage. O vídeo 77 já foi citado na categoria anterior. Nele, a vereadora do PRB, sutilmente, desaprova o horário de funcionamento de órgãos públicos (de

¹⁴¹Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1841430019464106/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

¹⁴²Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1666698200270623/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

¹⁴³Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1879948228945618/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

maneira geral), o que acaba dificultando o acesso, em especial, das comunidades das periferias. Infere-se ser um apontamento negativo, tanto à Prefeitura de Belém quanto ao Governo do Estado. Já no vídeo 209, Simone tem conduta semelhante, porém utiliza argumentos verbais e manifestações simbólicas para condenar o cenário de violência na capital paraense e no Pará. Durante uma caminhada, no Ver-o-Peso, a parlamentar distribui bandeiras e balões brancos alusivos à paz:

Vamos aqui andar comigo. Vem junto comigo. Mostrando para a população o quanto é importante pedir paz. A cidade de Belém ela está violenta. **Não se tem paz entre as famílias, entre as crianças, violência contra a mulher** (...) Vem acompanhando. Dá um OK aí. Qual o seu comentário? **Fale o que é importante, do que precisa de paz aqui no nosso Brasil, no nosso Pará** e em Belém do Pará¹⁴⁴(Simone Kahwage, 20.01.2018, grifo nosso)

Em relação às **críticas** das vereadoras de Manaus ao Governo do Amazonas, como visto, representam oito vídeos, sendo quatro da vereadora Joana D’arc. Em todos, criticou, indiretamente, a gestão municipal, por meio de apontamentos sobre falhas ou ineficiências de serviços, ações ou instituições ligadas ao Estado. No vídeo 88, ao mencionar a Delegacia do Meio Ambiente (Dema), diz que “(...) infelizmente, apesar da boa vontade, é um órgão sem estrutura nenhuma”¹⁴⁵. Assim como, segundo ainda a parlamentar do PR, a Polícia Militar, corporação vinculada também ao Estado, agiu de maneira equivocada, durante diligência. O vídeo 109 mostra a situação em que policiais detiveram uma mulher que deu água para um cachorro em uma praça pública de Manaus. Nele, Joana e outros manifestantes protestam contra a ação: “A ideia surgiu como uma forma de repúdio ao ato da gestora do largo São Sebastião de conduzir, pedir pra polícia conduzir de forma coercitiva uma cidadã de bem (...) está completamente ilegal, sem embasamento jurídico”¹⁴⁶. Nos outros dois vídeos, a vereadora do PR critica, de forma sutil, a ausência do Estado para preservar espaços públicos da capital manauara (vídeo 90) ao dizer que são locais “esquecidos pelo poder público”¹⁴⁷; e, ainda, a ausência para implementar políticas públicas para pessoas com Síndrome de Down e que, por isso, deve acionar a Assembleia Legislativa do Estado (vídeo 103): “eu juntamente com o vereador Sassá (...) nós estaremos cobrando a bancada dos deputados pra ter uma decisão a favor do povo”¹⁴⁸.

¹⁴⁴Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1740098822688865/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/671464829668450/>. Acesso em: 25.01.2019.

¹⁴⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=852937084854556>. Acesso em: 26.01.2019.

¹⁴⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=696390827175850>. Acesso em: 25.01.2019.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/818925708255694/>. Acesso em: 26.01.2019.

Já Professora Jacqueline, nos quatro vídeos com **críticas** ao Governo do Amazonas, diferiu-se de Joana D'arc, pois metade deles possuía críticas diretas. O vídeo 156 mostra a vereadora do PHS, na tribuna da Câmara Municipal de Manaus, em desacordo com as ações do Estado sobre a saúde pública: “Ninguém pode sair fechando hospitais, nem ficar silenciando com relação a esse problema (...) a gente tem que pensar em cortar cargos comissionados, se fechar algumas coisas que podem se fechar”¹⁴⁹. O descontento com a gestão estadual é expresso, claramente, no vídeo 173, já foi citado anteriormente, mas que, nessa categoria, destacam-se outros trechos. Professora Jacqueline, em momento pós-vitória nas urnas como vereadora, relembra experiências profissionais para criticar o Estado sobre as condições de trabalho dos servidores públicos da educação: “Eu sempre quis ser vereadora do município. Só pra dizer que eu nunca fiz concurso do Estado (...) o município tem um respeito diferenciado por nós”¹⁵⁰.

Nos demais vídeos, as **críticas** são subentendidas, pois, no vídeo 179, não há fala da vereadora, é uma propaganda eleitoral de apoio ao candidato ao governo, Wilker Barreto (PHS), de partido diferente do então Governador do Amazonas, Amazonino Mendes (PDT), o qual também disputava votos, porém para reeleição. O *jingle* do vídeo tem na letra “Novo Amazonas” e “Chega de corrupção”¹⁵¹. Assim, infere-se que há insatisfação com o quadro político estadual na época. Por fim, o vídeo 174 traz também crítica indireta, uma vez que a vereadora do PHS, em discurso na tribuna da CMM, aborda a campanha Outubro Rosa. Nele, há um velado apoio à Prefeitura de Manaus, visto que o problema do câncer de mama não é apontado pela vereadora como decorrente da falta de políticas públicas municipais, e sim de causa comportamental das jovens manauaras. Assim, se a Prefeitura faz o seu papel e os números da doença são altos, o próximo nível de responsabilidade pela saúde é o estadual: “Em Manaus, a doença ocupa o 2º lugar no ranking das causa de câncer (...) dada a vida sexual muito ativa das nossas adolescentes (...) A Secretaria Municipal de Saúde disponibiliza os exames de prevenção (...) e as atividades educativas”¹⁵².

O único vídeo considerado manifestação de **apoio** ao Governo do Estado foi da vereadora Simone Kahwage. É o vídeo 80, também citado na categoria anterior, e abordou os 11 anos da Lei Maria da Penha, durante sessão na Câmara Municipal de Belém, atribuindo a fatores “emocionais” da mulher o combate à violência doméstica, pois, segundo a

¹⁴⁹Disponível em:

<https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/videos/1183875088303639/?v=1183875088303639>. Acesso em 29.01.2019.

¹⁵⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1296393673718446>. Acesso em 29.01.2019.

¹⁵¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1603383446352799>. Acesso em 29.01.2019.

¹⁵² Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1297043290320151>. Acesso em 29.01.2019.

parlamentar, os poderes municipal e estadual desenvolvem políticas públicas suficientes para atender as vítimas e para a punição dos agressores.

No que diz respeito aos vídeos que, de alguma maneira, tinham em seu conteúdo elementos com o objetivo de **chamar a atenção** do Governo do Estado, temos Marinor Brito (PSOL) da CMB, a única a assim fazê-lo. É no vídeo 59, quando abordou as enchentes no município de Alenquer, no Baixo Amazonas, no Pará, e disse, em forma de apelo “(...) que o braço do Estado chegue para socorrer, pra ancorar a possibilidade de vida digna, mesmo numa situação de elevação dos rios”¹⁵³.

No caso das vereadoras de Manaus, o tópico **chamar a atenção** abrangeu dois vídeos, sendo o primeiro deles (vídeo 139) o de Joana D’arc, sobre a campanha Dezembro Vermelho de prevenção à AIDS, em que faz um alerta de saúde pública sobre Manaus, que é a “(...) quarta no ranking de capitais com a maior taxa de pessoas com AIDS”¹⁵⁴; já o segundo (vídeo 172), é o de Professora Jacqueline abordando, em sessão na CMM, sobre a necessidade de se implantar uma “cultura de paz”, por meio da “ação conjunta de todos nós, educação, Câmara Municipal, todos os órgãos que podem contribuir para a melhoria de convivência de todos nós”¹⁵⁵.

Ainda dentro dessa categoria, lança-se luz sobre alguns pontos que despertaram curiosidade, como o fato de três vereadoras, Blenda Quaresma (MDB), Glória Carratte (PRP) e Professora Therezinha (Democratas), não terem se manifestado sobre o Governo do Estado em nenhum dos vídeos analisados dentro do recorte. Todos foram assinalados como **não se enquadra**. Além disso, chama a atenção que, assim como na categoria anterior, nessa houve grande incidência de vídeos que não se aplicaram aos tópicos delimitados. Foram 69 vídeos (80,2%) de Belém, e 114 (91,3%) de Manaus, o que demonstra também alto índice de omissão no posicionamento sobre a atuação das gestões estaduais. No geral, somando vídeos das sete vereadoras analisadas, o percentual é de 87,1% da produção audiovisual geral que **não se enquadrou**.

À vista disso, reforçam-se os principais achados da categoria. Em linhas gerais, as **críticas** de todas as sete vereadoras analisadas foram menos numerosas para os Governos do Estado do que para as Prefeituras. Os questionamentos sobre o Poder Público Municipal foram três vezes maiores. O que é compreensível, em certo aspecto, já que faz parte das

¹⁵³ Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1897254617214979/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=959608834187380>. Acesso em 26.01.2019.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1290470540977426>. Acesso em 29.01.2019.

funções do parlamentar monitorar de perto as ações municipais. Ainda assim, não isenta de assumir postura crítica também sobre o contexto estadual, pois o vereador é um agente político que deve estar atualizado – e mostrar publicamente que o está - sobre os acontecimentos nos Estados de origem. A forma de organização institucional no Brasil é o federalismo tridimensional, previsto no artigo 1º da Constituição Federal do Brasil: “A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal (...)”¹⁵⁶. Existe união e complementariedade entre as esferas políticas no país (União, Estados e Municípios), ainda que todas tenham autonomia administrativa, legislativa e política entre si. É interessante que representantes políticos, como vereadores que são legisladores de um ente federativo, tenham postura condizente com o cargo que assumiram, interseccionando seus conhecimentos e ações, assim como dando transparência a eles. A *atividade* de representar é uma combinação do que o representante faz (*acting for*) e do que o representante é (*standing for*) (PITKIN, 1984), ou seja, do conjunto de ações realizadas, durante determinado período de tempo. Estar no poder significa exercer contestação repetida (URBINATI, 2006).

Já em linhas mais específicas, essa categoria revelou que as vereadoras de Belém são as autoras dos vídeos mais **críticos**, tanto quantitativamente (número de postagens) quanto qualitativamente, pelo teor mais direto e ríspido dos questionamentos sobre o Governo do Estado - boa parte em razão de Marinor Brito (PSOL). Além disso, as parlamentares da capital paraense possuem, em seu grupo, a única parlamentar a se manifestar, pelo Facebook, em **apoio** à gestão estadual: Simone Kahwage (PRB).

As vereadoras de Manaus, no recorte de vídeos analisados, buscaram mais **chamar a atenção** da gestão estadual sobre suas responsabilidades e emitir críticas de caráter mais sutil.

Nesse sentido, os vídeos postados no Facebook, forneceram indícios para traçar aproximações sobre o posicionamento político-partidário do grupo parlamentar feminino de Belém e de Manaus. Nessa categoria, Marinor Brito (PSOL) foi identificada como de *oposição* frente ao então Governo de Simão Jatene (PSDB). Porém, os vídeos postados por Simone Kahwage (PRB), analisados nesta pesquisa, não forneceram elementos suficientes para tal inferência. No caso das parlamentares de Manaus, a análise dos vídeos mostrou que a Professora Jacqueline (PHS) era uma vereadora de oposição frente ao anterior Governo de Amazonino Mendes (PDT). Entretanto, devido à postura fundamentalmente indireta de Joana

¹⁵⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 09.03.2019.

D'arc (PR), não ficou claro qual era o seu posicionamento político-partidário junto ao então Poder Público Estadual.

Inicia-se, então, a apresentação dos resultados da 11ª categoria do grupo de análise *Formatos e Conteúdos*. Em **tema central**, o intuito é de compreender os principais assuntos e bandeiras com mais destaque entre as vereadoras, nos vídeos analisados, indicando o nível de visibilidade concedido a certas temáticas, bem como investigando se há resultados que direcionem a “nichos temáticos específicos” (MIGUEL; FEITOSA, 2009) nos quais elas se concentram. A preocupação se alinha a trabalhos desenvolvidos por Miguel e Feitosa (2009), que já identificaram, por meio de pesquisa sobre a Câmara de Deputados, os efeitos do gênero no discurso parlamentar. Segundo os autores, dinâmicas sociais como a socialização de gênero possuem “posição central na conformação das práticas políticas femininas” (2009, p. 216) e, por isso, ainda que as mulheres adentrem na política institucional, o ranço dos estereótipos e papéis sociais as perseguem. Ainda de acordo com a pesquisa realizada pelos autores, mulheres na política escolhem temáticas condizentes com o papel tradicional que têm na sociedade. Sendo assim, essa categoria objetiva examinar se tais premissas encontradas para as parlamentares, em nível federal, aproximam-se da realidade das parlamentares das Câmaras Municipais de Belém e de Manaus.

Os resultados obtidos, nesse quesito, da análise dos 210 vídeos postados pelas vereadoras de Belém e de Manaus no Facebook, serão expostos a começar pelos dados gerais, seguidos dos dados por Câmara Municipal e, por fim, pelos dados detalhados de cada parlamentar. A somatória dos achados sobre o **tema central** das sete vereadoras em questão, tanto da capital paraense quanto da amazonense, revelou: **1) Meio Ambiente: 38 (18%)**; **2) Cidade: 25 (11,9%)**; **3) Eleições: 21 (10%)**; **4) Cultura: 17 (8%)**; **5) Educação: 15 (7,1%)**; **6) Mulheres: 14 (6,6%)**; **7) Assistencialismo: 10 (4,7%)**; **8) Esporte e lazer: 10 (4,7%)**; **9) Família, infância e adolescência: 8 (3,8%)**; **10) Câmara Municipal: 7 (3,3%)**; **11) Política institucional: 7 (3,3%)**; **12) Rotina: 6 (2,8%)**; **13) Saúde: 6 (2,8%)**; **14) Deficientes: 5 (2,3%)**; **15) Partido: 4 (1,9%)**; **16) Prestação de contas: 4 (1,9%)**; **17) Violência política sexista: 4 (1,9%)**; **18) Propaganda comercial: 3 (1,4%)**; **19) Religião: 2 (0,95%)**; **20) Assistência social: 1 (0,4%)**; **21) Economia: 1 (0,4%)**; **22) LGBTI+: 1 (0,4%)**; **23) Segurança Pública: 1 (0,4%)**; **24) Negros e quilombolas: 0**; **25) Povos indígenas: 0**; **26) Não se enquadra: 0**.

Houve a predominância do tema Meio Ambiente, fortemente alavancado pela vereadora Joana D'arc (PR); seguido de Cidade, que, nesse caso, foi impulsionado por

Marinor Brito (PSOL); e, em terceiro lugar, Eleições, com destaque para as vereadoras Professora Jacqueline (PHS) e Professora Therezinha (Democratas).

Alguns esclarecimentos sobre determinados tópicos dessa categoria são necessários. Em **Assistencialismo**, enquadraram-se aqueles vídeos nos quais as vereadoras realizaram ações beneficentes ou solidárias, em comunidades, sejam elas relacionadas à prestação de serviços ou em comemoração a datas específicas como Dia das Mães, Páscoa, etc. Em **Câmara Municipal**, entraram os vídeos com situações diretamente ligadas à rotina das Casas ou a seus espaços como, por exemplo, sessões onde houve confusão na plenária; lançamento de serviços da Câmara; ou sessões especiais. **Deficientes** inclui abordagens sobre pessoas com necessidades especiais. **Eleições** constaram os vídeos com referências ao período eleitoral, seja com propaganda pessoal ou de apoio a outros candidatos. No tópico **Partido**, englobam-se as ocorrências relacionadas a propagandas partidárias, reuniões de partidos ou outras temáticas envolvendo a legenda. Os vídeos em que as parlamentares fazem análise, comentário ou dão opinião sobre a conjuntura, fatos ou quaisquer aspectos da política formal no Brasil, reúnem-se em **Política Institucional**. Os vídeos das parlamentares sobre o balanço do mandato ou comentários da própria atuação como parlamentar se encontram em **Prestação de contas**. Em **Propaganda comercial**, as vereadoras divulgam um serviço ou produto, agradecem empresas ou simplesmente falam o nome de alguma marca/empresa. Em **Rotina**, as parlamentares estão em atividades não ligadas diretamente à vida como vereadora. Por fim, o item **Violência Política Sexista** envolve vídeos com essa forma de violência baseada no gênero e associada à manutenção de privilégios masculinos, no campo da política formal - conceito trabalhado por Marlise Matos (2018), e exposto no capítulo teórico da pesquisa.

Foram divididos ainda, os dados por grupos: das vereadoras da Câmara Municipal de Belém e da Câmara Municipal de Manaus. Isto é, o panorama geral envolvendo a temática principal de cada Câmara Municipal. Ambos estão dispostos a seguir:

Gráfico 5 - Tema central (Câmara Municipal de Belém)

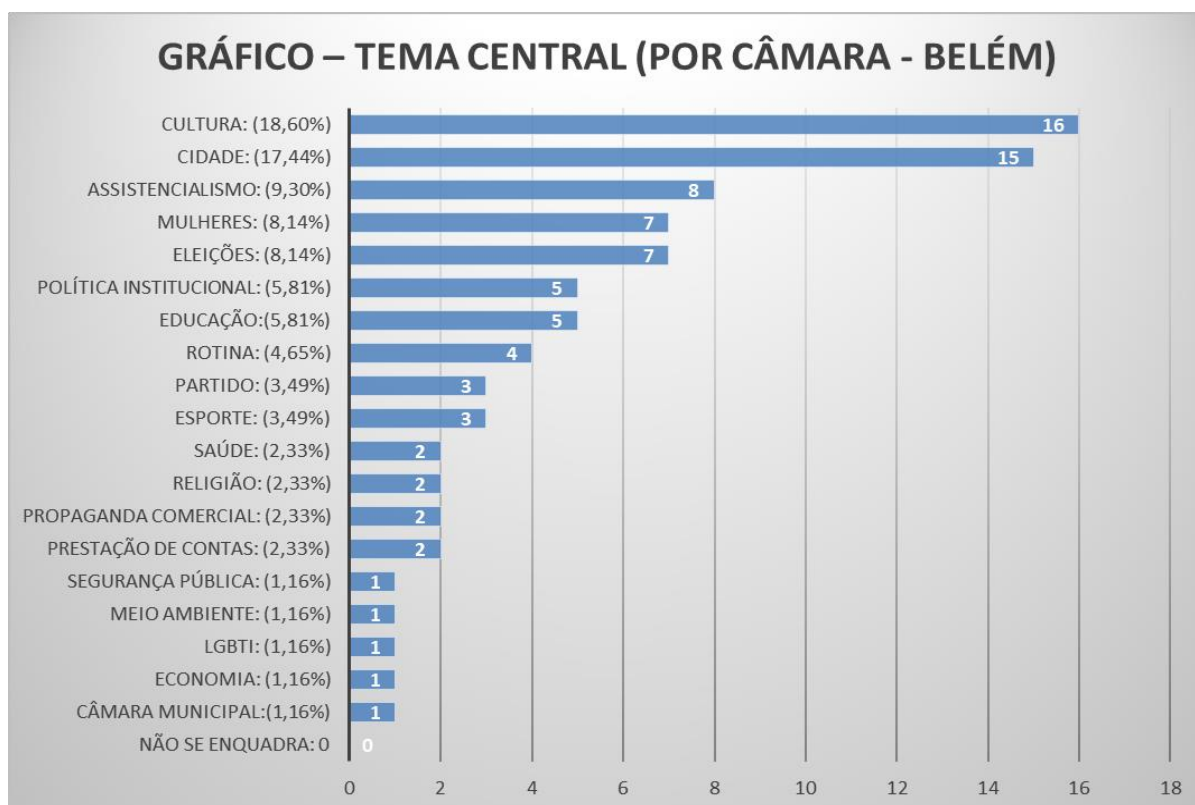
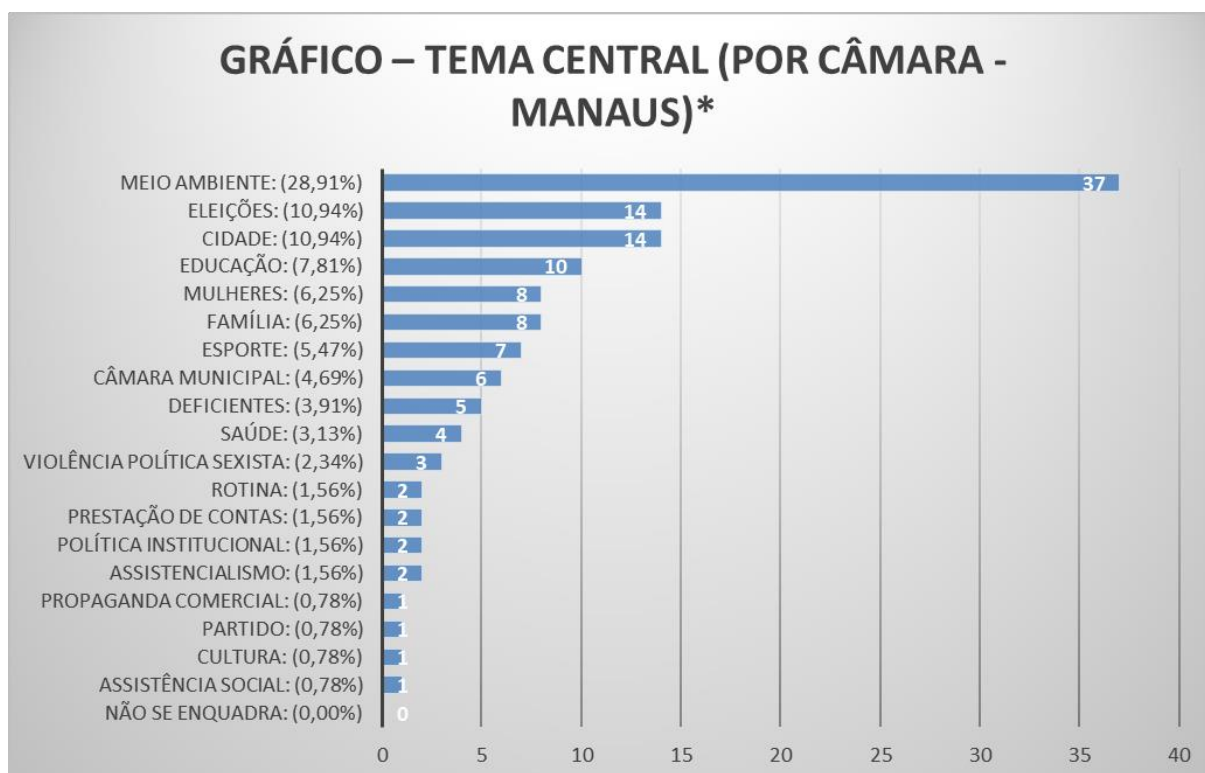


Gráfico 6 - Tema central da Câmara Municipal de Manaus



Com a ajuda dos gráficos apresentados, foi possível traçar apontamentos sobre possíveis “nichos temáticos”, nos quais se enquadram os vídeos das vereadoras analisados. Retomando o marco de Miguel e Feitosa (2009), os assuntos abordados no Parlamento foram categorizados de acordo com os preceitos da Ciência Política norte-americana: *hard politics*, *middle politics* e *soft politics*. A categorização teórica será utilizada aqui para auxiliar a identificar se há efeitos do gênero no discurso parlamentar das vereadoras de Belém e de Manaus pelos vídeos. Isto é, se o fato de serem mulheres, as direciona a se concentrarem em temáticas menos prestigiadas, no debate político, ainda que o debate não seja dentro do parlamento (como é o caso da análise realizada pelos autores), e sim no ambiente do Facebook. Para tanto, os autores detalharam as três categorias:

Por *hard politics* considera-se o núcleo do processo político, em especial o exercício do poder de Estado e a gestão da economia; *soft politics*, assuntos mais voltados para o social; *middle politics*, temas que permitiam abordagens mistas, como “previdência social”, que inclui tanto preocupações com os pensionistas quanto com as contas públicas (MIGUEL; FEITOSA, 2009, p. 207)

Dessa forma, foram organizados os principais temas abordados por cada uma das sete vereadoras, nos vídeos postados em seus perfis sociais e/ou *fanpage*, no Facebook, conforme o recorte de pesquisa, e enquadrando tais temáticas nas categorias propostas pelos autores citados acima. A organização foi realizada por meio de quadro, com marcações em

azul sobre o tema mais frequente, em termos quantitativos, e que cada uma das parlamentares debateu nos vídeos:

Tabela 10 - Tema central por vereadora x Categorização do tema político

TEMA	BELÉM				MANAUS			
	Categoria do tema político	Blenda Quaresma (MDB)	Marinor Brito (PSOL)	Simone Kahwage (PRB)	Glória Carratte (PRP)	Joana D'arc (PR)	Prof. ^a Jacqueline (PHS)	Prof. ^a Therezinha (Democratas)
Assistência social	<i>SOFT</i>	0	0	0	0	1	0	0
Assistência-lismo	<i>SOFT</i>	7	0	1	0	2	0	0
Câmara Municipal	<i>HARD</i>	1	0	0	0	5	0	1
Cidade	<i>HARD</i>	0	13	2	1	5	4	4
Cultura	<i>SOFT</i>	2	13	1	0	0	0	1
Deficientes	<i>SOFT</i>	0	0	0	0	1	0	4
Economia	<i>HARD</i>	0	1	0	0	0	0	0
Educação	<i>SOFT</i>	0	5	0	0	0	4	6
Eleições	NÃO SE ENQUADRA	2	4	1	1	2	9	2
Esporte e Lazer	<i>SOFT</i>	0	1	2	0	2	2	3
Família, infância e adolescência	<i>SOFT</i>	0	0	0	0	1	2	5
LGBTI+	<i>SOFT</i>	0	1	0	0	0	0	0
Meio Ambiente	<i>SOFT</i>	0	1	0	0	38	0	0
Mulheres	<i>SOFT</i>	0	1	6	0	1	5	1
Negros e quilombolas	<i>SOFT</i>	0	0	0	0	0	0	0
Partido	<i>HARD</i>	1	1	1	0	0	0	1
Política institucional	<i>HARD</i>	1	4	0	0	2	0	0
Povos indígenas	MIDDLE	0	0	0	0	0	0	0
Prestação de contas	NÃO SE ENQUADRA	0	0	2	0	2	0	0
Propaganda comercial	NÃO SE ENQUADRA	2	0	0	0	1	0	0
Religião	MIDDLE	1	0	1	0	0	0	0
Rotina	NÃO SE	1	3	0	0	2	0	0

ENQUADRA								
Saúde	<i>SOFT</i>	0	2	0	0	1	3	0
Segurança pública	<i>HARD</i>	0	1	0	0	0	0	0
Violência política sexista	<i>SOFT</i>	0	0	0	0	4	0	0
Não enquadra-se	0	0	0	0	0	0	0	0
Nº total		18	51	17	2	69	25	28
% total		8,5	24,2	8	0,9	32,8	11,9	13,3
GERAL		86 (40,5%)			124 (59,5%)			

Tema principal abordado pela vereadora.

A análise geral do *quadro 10* mostra que todos os 210 vídeos se encaixaram em alguma temática listada, e que há pluralidade na escolha dos assuntos abordados pelas vereadoras. O fato evidenciou-se, também, como já mencionado, pela expansão do número de opções dessa categoria para que os vídeos excedentes fossem contemplados nas novas temáticas. Outro aspecto geral trata de que poucos **temas** tiveram 10 ocorrências ou mais. Apenas cinco temas (18,5%) dos 27 possuíam essa quantidade de vídeos: **Cidade; Cultura; Educação; Eleições; e Meio Ambiente**. Dos cinco assuntos de maior incidência, dois eram de Belém, e quatro de Manaus, revelando outro ponto sobre o objeto: os temas abordados pelas vereadoras da capital paraense ocorreram de forma mais dispersa, isto é, pulverizada, do que os das vereadoras da capital amazonense. Em outras palavras, houve maior incidência de temas com poucas ocorrências do que grande número de ocorrências em apenas uma temática.

No item **categoria do tema político**, nem todos os assuntos foram contemplados com a sistematização teórica de Miguel e Feitosa (2009): **Rotina; Propaganda comercial; Prestação de contas; e Eleições não se enquadraram** nas definições propostas pelos autores. No entanto, dos 21 temas restantes, 13 foram identificados como *soft politics*; seis como *hard politics*; e dois como *middle politics*. Já os vídeos das vereadoras de Belém e das vereadoras de Manaus foram agrupados da seguinte forma: 129 delimitados como *soft politics* (61,4%); 45 como *hard politics* (21,4%); e dois como *middle politics* (0,9%). Do total de 210, 34 vídeos **não se enquadraram**. Os detalhes deste tópico poderão ser vistos mais à frente, nesse capítulo, após, primeiramente, a divulgação dos resultados da categoria **tema**.

Sendo assim, tratando ainda de maneira específica sobre os resultados do *corpus* analisado, as vereadoras da Câmara Municipal de Belém centraram-se em três principais

temas: 1) **Cultura**, com 16 vídeos (18,6%); 2) **Cidade**, com 15 (17,4%); e 3) **Assistencialismo**, com 8 (9,3%). Outro achado importante foi que o tema **Mulheres** teve baixa incidência, em ambos os grupos, com percentual de 3,3% do total de vídeos postados pelas sete vereadoras. No entanto, ao analisarmos a categoria individualmente, identificou-se a temática como a principal abordagem dos vídeos de uma vereadora da capital paraense: Simone Kahwage (PRB). O destaque é necessário, pois a pesquisa tem recorte de gênero. Busca-se, com o tópico especificamente, compreender com que frequência (e como) as representantes políticas femininas se comunicam, em um ambiente *online*, a respeito de assuntos pertinentes às mulheres. Sobre o que elas falam, e que mulher é essa a quem se dirigem?

No caso específico da parlamentar do PRB, o tema **Mulheres** envolveu quatro assuntos específicos nos vídeos: filiação partidária feminina; sub-representação política feminina; propaganda eleitoral voltada para o público feminino; e violência doméstica. Nos dois vídeos sobre filiação partidária feminina (vídeos 83 e 69), Simone faz um chamamento para que as mulheres integrem a política institucional, por meio do Partido Republicano Brasileiro. Em especial, no vídeo 83, a convocação se mostra com o intuito de “empoderar” mulheres, pois é nessa legenda que elas podem se capacitar para a vida política, e ter ainda lugar de destaque. A base discursiva do vídeo demonstra argumentos feministas, conforme descrição abaixo do vídeo 83:

Muito se fala no **empoderamento da mulher** na sociedade, mas são poucos os partidos que efetivamente investem na preparação e na capacitação feminina. No PRB Mulher, **as mulheres participam das decisões mais importantes e ocupam posições de comando com liberdade para atuar**. O objetivo é bastante claro. **Mulheres e homens devem trabalhar juntos, em igualdade**, por um Brasil melhor, mais justo, integrado e participativo. Filie-se ao PRB (Simone Kahwage, 20.10.2018, grifo nosso)¹⁵⁷

É um posicionamento progressista presente no discurso do partido na busca de maior participação política da mulher. O PRB possui quatro “movimentos” de militância dentro da legenda, um deles é o PRB Mulher, cuja missão é “aumentar a participação feminina na política, bem como no número de candidatas a cargos eletivos”, e também “promover cursos de capacitação política e lideranças femininas, em todo o Brasil”. As informações estão no próprio site do partido, que reitera, no fim do texto, o motivo da criação de grupos específicos na legenda: “O PRB considera a participação da mulher na política um dos pilares da

¹⁵⁷Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1648479401850808/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

democracia e o caminho para uma sociedade mais justa e igualitária”¹⁵⁸. São perspectivas que se alinham estreitamente com premissas do feminismo enquanto filosofia, teoria e/ou prática. Entretanto, a palavra “feminismo”, “feminista” ou “gênero” não foram mencionados no texto ou no vídeo citados acima.

Os vídeos 71 e 76 versam sobre a representação política feminina no Brasil. No primeiro citado, é uma reprodução de uma reportagem para a equipe da TV RBA (afiliada a Band no Pará), a parlamentar do PRB é entrevistada como coordenadora estadual do PRB Mulher. Simone discorre sobre a necessidade de mais mulheres para lutar por mais direitos, em contrapartida, não explica causas ou consequências da sub-representação feminina, no trecho que foi ao ar. Simone entra, por dois momentos, na reportagem:

Hoje, principalmente as mulheres estão precisando muito de representantes. Já existe uma cota para que essas mulheres venham representar os direitos, políticas para mulher, mas a gente precisa avançar. A gente precisa de um número específico até porque o número de eleitoras, de eleitores é o das mulheres. E o PRB Mulher vem lutando no Brasil e aqui no estado do Pará em todos os municípios para que políticas públicas para a mulher sejam efetivas e executadas (Simone Kahwage, 01.02.2016)

Elas precisam entender de política. Conscientizar. Quando o PRB vem, entra no município, faz uma palestra, um seminário ou algo assim parecido, ela aprende sobre política, ela entende que ela tem que lutar pelos seus direitos. Ela entende que ela precisa estar lá, no poder executivo, no parlamento, para que ela possa lutar pelos direitos da mulher (Simone Kahwage, 01.02.2016)¹⁵⁹

No vídeo 76, a vereadora do PRB está em um auditório onde ocorre um evento, aparentemente, de cunho partidário, e aproveita a ocasião para explanar sobre a sub-representação política feminina para os seguidores das mídias digitais:

Olá, meu amigos do Facebook. Nós acabamos de receber aqui na (?) a cantora Idila Brito que fez uma explanação do **empoderamento**, das dificuldades que as mulheres tem nas eleições, e também passou pra nós ... (*inaudível) a deputada federal Angela Gomes, e atual presidente do PRB nacional, está aqui para ver juntamente com o PRB que permitiu que estivéssemos aqui hoje pra receber esse conhecimento, esse **empoderamento** né, para que nós pudéssemos passar às mulheres paraenses. Precisamos colocar mais mulheres na política para que a gente possa ter mais políticas públicas para a mulher. Precisamos **empoderar**, precisamos colocar mais mulheres na política. Um abraço (Simone Kahwage, 31.08.2017, grifo nosso).

Observou-se que Simone se utiliza, nos vídeos citados e em outros vídeos que não entraram na amostra da análise de conteúdo, uma palavra que passou a ser bastante mencionada, nos últimos anos: *empoderamento*. Algumas fontes jornalísticas, com base em

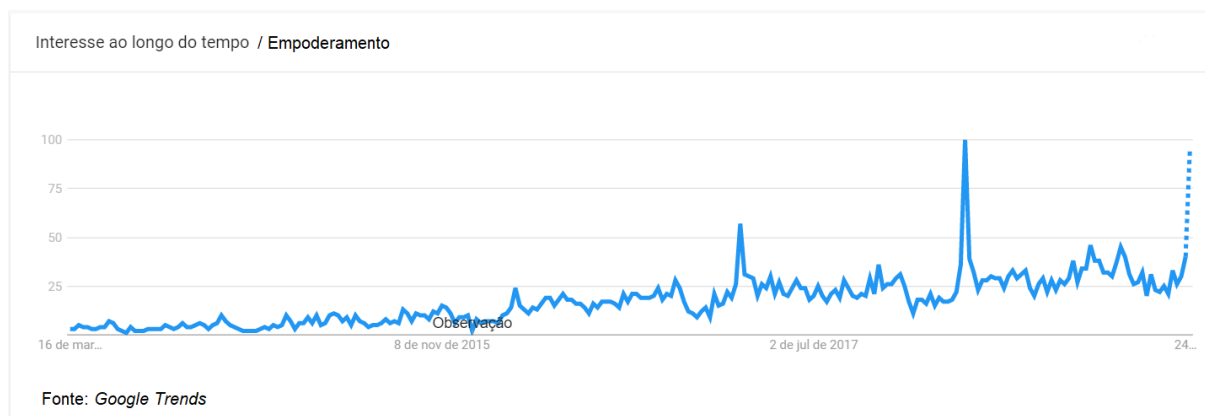
¹⁵⁸ Disponível em: <https://www.prb10.org.br/movimentos/>. Acesso em: 11.03.2019.

¹⁵⁹ Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1079719585393462/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

dados do *Google Trends*¹⁶⁰, identificaram o crescimento do termo na internet de 2011 para cá, e os primeiros “picos de busca”, nos sites, ocorreram em 2013 devido aos protestos de junho daquele ano¹⁶¹. Ao realizar nova pesquisa por meio da ferramenta, obtive-se a seguinte figura:

Gráfico 7 – Crescimento em buscas pelo termo *empoderamento*



Houve um grande “pico de busca”, entre 04 e 08 de março de 2018, período referente ao Dia Internacional da Mulher, o principal assunto relacionado a busca. Os números do lado esquerdo do gráfico representam o interesse de pesquisa, relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região, em um dado período. Um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Uma pontuação de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo.

Outros detalhes fornecidos pela ferramenta indicam que o Pará é o 3º Estado do país com maior interesse de pesquisa sobre o “empoderamento”, configurando-se, assim, como um termo “famoso”, dada a proporção de consultas na internet, pelo site de busca. O Estado do Amazonas ocupou a 16ª posição, nesse mesmo quesito. Já Belém ficou com a 3ª posição entre as capitais brasileiras, e Manaus com a 5ª.

Especificamente na abordagem do recorte de vídeos de Simone Kahwage, o “empoderamento” está associado a filiar-se ao PRB, e a adentrar na política formal com o objetivo de conquistar “direitos”. Há alguns indicativos de proximidade com os conceitos trabalhados nesta pesquisa, mas de forma bem limitada. Faltam explicações mais sólidas debatidas entre as teóricas feministas, conforme abordado no capítulo teórico deste trabalho, em que observou-se o empoderamento como um dos três focos principais dos estudos sobre

¹⁶⁰ É uma ferramenta do *Google* desenvolvida em 2006 que apresenta por meio de gráficos de frequência, região e idioma quais foram os termos mais populares buscados na guia de navegação, em um período recente.

¹⁶¹ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>. Acesso em: 11.03.2019.

poder (CAL, 2016; ALLEN, 2013). Relaciona-se, centralmente, à resistência e à subversão, à construção ou à busca de projetos que levem à transformação pessoal, ou de terceiros, mas, sobretudo, em um contexto marcado por quebra de estruturas dominantes.

A popularização, em meio ao senso comum, de um conceito tão caro à teoria política feminista é um risco para o esvaziamento do mesmo. Uma pesquisa encomendada por uma companhia biofarmacêutica global realizou levantamento com homens e mulheres com mais de 18 anos, no fim de 2018, nas cinco regiões do Brasil e revelou que, para um terço dos brasileiros (31,6%), uma vida *empoderada* tem relação direta com realizações pessoais. Na região Norte, o *empoderamento* tem relação direta com “conquistar objetivos” e “crescer na vida”, mas, sobretudo com “estar com a saúde em dia” - opção escolhida por 62,9% dos entrevistados. Percebe-se que, o termo assume um viés individualista, e baseado em valores liberais.

Ainda que o discurso de Simone Kahwage, nos vídeos analisados, tenha alguns aspectos marginais com os conceitos de empoderamento¹⁶² feministas, não há desenvolvimento crítico acerca da definição em si, ou a complexificação das ideias por trás dele. O termo foi usado de forma superficial e, de certa maneira, por estar “na moda”, e torna-se, então, um atrativo para filiar novas integrantes à legenda. Os apontamentos são feitos, pois em outras ocasiões, a vereadora do PRB, referiu-se às mulheres, tendo como recurso, os estereótipos e papéis de gênero associados à feminilidade, como visto acima no vídeo 69, situação que se repetiu no vídeo 73 - o qual logo será discorrido a respeito. Além disso, associou à mulher, a responsabilidade central no combate de graves problemas como a violência doméstica, deixando de lado, aspectos fundamentais na compreensão da temática, atravessados pela existência de estruturas naturalizadas como a divisão sexual do trabalho, opressora de mulheres e produtora de papéis de gênero, que posiciona as mulheres, de forma desigual, nas relações de poder (BIROLI, 2018). Ademais, omitiu-se a responsabilidade do homem, e de um padrão de masculinidade associado à dominação e à violência como gatilhos para a violência contra a mulher. A vereadora do PRB demonstrou atitude passiva em relação às demandas das mulheres, ao dizer que políticas públicas existem, legislação também, mas falta à mulher “empoderar-se” e “ser empoderada” por terceiros, o que é incongruente, pois empoderamento está relacionado a uma atitude individual, de reconhecer o poder em si mesmo, e de tomar decisões individuais cuja consequência são mudanças coletivas. O vídeo

¹⁶² Outro conceito interessante de empoderamento que complementa a perspectiva nesta pesquisa é o cunhado por Joice Berth (2018), no livro *O que é empoderamento*: “O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases de relação de poder” (p. 16)

80 já foi citado, em outra categoria, e agora é novamente explanado com transcrição na íntegra para investigarmos elementos distintos:

Olá, meus amigos das redes sociais. Quero falar hoje especialmente aqui na CMB, juntamente com nossos parlamentares sobre a Lei Maria da Penha que faz hoje 11 anos. Nós sabemos **que muitas políticas públicas tem sido feitas para as mulheres**. Mas a gente sabe que **um dos maiores fatores que impede que as mulheres, muitas das vezes, de denunciar é a parte emocional**. Então, juntamente com órgãos públicos, agora à frente da presidência da Comissão das Mulheres aqui na CMB, vamos fazer várias audiências públicas, sessões especiais, chamando a população, e principalmente, principalmente, os homens porque a nossa luta não é contra os homens. A nossa luta é contra o agressor. A agressão às mulheres. **O que nós temos que fazer é empoderar cada vez mais essa mulher**, motivá-la, todas as vezes que ela for agredida, pra ela não ter medo, denunciar, e principalmente nós estamos aqui, aqui na nossa cidade de Belém com vários avanços, no estado do Pará, com órgãos públicos, fazendo essas sessões, essas campanhas importantes para as mulheres. Eu convido você, mulher, compartilhar esse vídeo, conversar cada vez mais, fazer rodas de amigos, chamar suas lideranças do bairro, as mulheres, as mães, principalmente. E principalmente, aquela mulher que é vítima de agressão física, emocional, psicológica, enfim. **Nós damos agora as mãos juntas as mulheres, pra que a gente possa cada vez mais, dar força para essa mulher e que ela possa sair sim dessa situação e ter uma nova vida**. Um abraço a todas as mulheres. Vamos nos juntar! Porque essa é a força das mulheres! (Simone Kahwage, 07.08.2017, grifo nosso)¹⁶³

O gênero produz papéis simbólicos e estereótipos que organizam as relações de poder hierarquicamente (MIGUEL; BIROLI, 2011), sendo uma dinâmica operacionalizada no espaço privado e expandida, ainda, para os espaços públicos como o da política formal. Aspectos relacionados ao doméstico como o cuidado, o afeto, o carinho são incorporados por representantes políticas na política formal, aproximando-as de seus papéis tradicionais e, de certa maneira, criando uma identificação com outras mulheres. É uma forma de “cativar” o público feminino, em especial durante as campanhas eleitorais. É o que Panke (2016) chama de “sensibilidade social”, muito utilizada na forma de gestão feminina, e vista no discurso linguístico de Simone Kahwage, no vídeo 73, do dia 12.09.2016, a respeito das **Mulheres**. Refere-se a uma propaganda eleitoral de Simone para vereadora: “Quero ser sua representante na Câmara Municipal, **cuidar de você, mulher, e da nossa juventude** que tanto precisa, Simone Kahwage 10123”¹⁶⁴.

O **tema Mulheres** também esteve presente, de forma tímida, em outros vídeos das vereadoras de Belém, dentro da amostra analisada. Marinor Brito (PSOL) debateu a temática apenas uma vez ao discorrer também sobre a sub-representação feminina na política formal. O

¹⁶³Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1582970125068403/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 29.12.2018.

¹⁶⁴Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1236084703090282/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

vídeo 32 é de campanha eleitoral para vereadora na TV aberta, em que Marinor diz: “Nós mulheres somos a maioria da população e do eleitorado. Temos que construir a representação necessária e justa. Voto de confiança é Marinor 50123”¹⁶⁵. O discurso linguístico assemelha-se ao de Simone por não se aprofundar na problemática da sub-representação feminina. Porém, para tanto, leva-se em consideração o fato de que o tempo de vídeo na TV aberta é curto e caro, segundo a assessoria de comunicação da parlamentar¹⁶⁶. De fato, durante a pesquisa exploratória dos vídeos, foram identificadas postagens com a mesma linha de propaganda eleitoral para TV aberta com o tempo de 17 ou 18 segundos de duração, o que torna impossível se aprofundar em qualquer temática. No entanto, por se referir a um ambiente *online*, como os perfis pessoais e *fanpages* do Facebook, em que os vídeos postados, são de domínio e autorizados pelas vereadoras, a reflexão é válida: qual o motivo da parlamentar do PSOL não ter aproveitado o espaço para se aprofundar em temáticas relacionadas às mulheres? Ainda mais levando em consideração que Marinor foi a única das sete parlamentares analisadas a falar explicitamente sobre feminismo.

Há vídeos não contemplados pela amostra sorteada na pesquisa, mas nos quais a vereadora refere-se, em discurso linguístico, à “pauta feminista” do PSOL, que seria “um partido feminista”. Todavia, foram as únicas citações diretas ao movimento feminista, dentro do período cronológico levantado. Ainda assim, a líder do PSOL na Câmara Municipal abordou, amplamente, diversas questões progressistas relacionadas às mulheres como: violência doméstica; resistência feminina; participação política feminina; luta por direitos das mulheres; cultura do estupro; filiação feminina ao PSOL; e a Marcha das Mulheres. Qual seria, então, a causa da omissão da palavra “feminismo”? Ou de dizer-se feminista? Algumas hipóteses são levantadas, mas ficam em aberto para futuras pesquisas em que, talvez, a vereadora possa responder. Assim, Marinor pôde ter escolhido, de forma proposital, como estratégia política, não utilizar a palavra feminismo, já bastante estigmatizada pelo senso comum, evitando assim o peso dos estereótipos¹⁶⁷ negativos, vinculados às feministas, e prejudiciais à carreira política feminina. Pode ter sido uma decisão da parlamentar, ou ela pode não ter se sentido autorizada a falar pelo partido do qual faz parte.

¹⁶⁵Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1236084703090282/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 29.12.2018.

¹⁶⁶ O panorama de dificuldade de espaço em TV aberta foi compartilhado, durante conversa informal no *Whastapp*, em fevereiro de 2018.

¹⁶⁷ Algumas associações de estereótipos a mulheres feministas incluem: mal amadas, frígidas, ostras, lésbicas, desleixadas, peludas, etc.

Já entre as vereadoras de Manaus, a ocorrência do **tema** sobre **Mulheres**, nos vídeos, foi maior para a Professora Jacqueline (PHS), expondo também sobre sub-representação política feminina (três vídeos) e violência doméstica (dois vídeos). No caso do primeiro item, os três vídeos (170, 177 e 178) se assemelham à semântica dos já apresentados por Simone Kahwage e Marinor Brito, ou seja, atestam o problema da baixa participação feminina na política institucional, fazem apelo para que mais mulheres se integrem e, de forma superficial, definem como uma necessidade a mudança desse cenário para garantir mais direitos às mulheres. Porém, os tensionamentos sobre as dinâmicas de gênero não entram no debate. A diferença mais pontual entre os três vídeos da vereadora do PHS está no de número 170, em que, durante entrevista à BNC Notícias, Professora Jacqueline, como candidata à vice-governadora do Amazonas naquele momento, atribuiu apenas à mulher o fato de poucas representantes femininas se elegerem para cargos de poder e decisão:

Nós somos mais de 50% do eleitorado. **Infelizmente mulheres não votam em mulher**. Mas eu tive apoio, eu tive muito apoio das minhas amigas. Eu trabalhei muito em cima de políticas. Se a gente não tem voz, a gente não tem vez. Um parlamento que não tem representatividade, não tem voz pra que possamos fazer políticas públicas para mulher (Professora Jacqueline, 27.06.2017, grifo nosso)¹⁶⁸

O DataSenado, em parceria com a Procuradoria Especial da Mulher, apresentou os resultados da pesquisa de opinião “Mulheres na Política”¹⁶⁹, referente às eleições de 2014, no Brasil, que identificou que, para 83% dos entrevistados, não faz diferença o sexo do candidato. Além disso, 79% deles afirmaram já ter votado em uma mulher. Então, a declaração de Professora Jacqueline não está congruente com os dados. Ademais, a sub-representação feminina atua como consequência de um contexto mais complexo, e não simplesmente a causa dele. Biroli (2018) aponta três principais fatores para a baixa participação feminina: ideológicos, materiais e assimetria no acesso a recursos. Assim, quando Professora Jacqueline limita-se a dizer que “infelizmente, mulheres não votam em mulheres”, sem aprofundar-se ou contextualizar a afirmação, o entendimento nos direciona para causas comportamentais e individualizadas de um problema que é, na verdade, estrutural na sociedade.

¹⁶⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1282900138401133>. Acesso em: 29.01.2019.

¹⁶⁹ A pesquisa do DataSenado sobre a participação e a representação da mulher na política brasileira foi realizada entre os dias 12 de agosto e 3 de setembro de 2014, com abrangência nacional e margem de erro de 3 pontos percentuais. No total, foram feitas entrevistas telefônicas com 1091 cidadãos de 16 anos ou mais, em todos os estados brasileiros. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/pesquisa-aponta-que-para-83-da-populacao-o-sexo-do-candidato-nao-faz-diferenca-na-hora-de-escolher-candidatos>. Acesso em: 06.04.2019.

Os outros dois vídeos de Professora Jacqueline são sobre violência doméstica, mais especificamente sobre a Lei Maria da Penha. No vídeo 160, a vereadora do PHS está na mesa da plenária, e fala sobre o caráter punitivo e preventivo da legislação no combate à violência contra a mulher: “A pena existe hoje com mais força. A pena ela é hoje mais severa com o homem. Isso é uma medida também pedagógica porque é uma forma de inibir essa vontade, esse *modus operandi* dos homens tratar as mulheres hoje com violência”¹⁷⁰. Já no vídeo 157, durante outro pronunciamento na Câmara Municipal de Manaus, fez apontamentos condizentes com premissas progressistas, ampliando o debate, e não se limitando apenas ao contexto de punição da legislação em questão, e sim o associando à educação:

Eu acredito que quando a gente trabalha pela proteção da Lei Maria da Penha, violência doméstica, questão da sexualidade nas escolas já tá previsto (...) Não existe trabalhar um tema só com relação a estupro. Isso é violência doméstica, também como é violência sexual, e já tá sendo abordado dentro dos temas da Secretaria Municipal de Educação (...) Divulgação para melhorar o fazer pedagógico, melhorar a conscientização da população, eu acho importante, mas com certeza a gente tá precisando fazer campanha (Professora Jacqueline, 31.05.2016)¹⁷¹

As demais vereadoras de Manaus a discutir o **tema Mulheres**, Joana D’arc (PR) e Professora Therezinha (Democratas), têm em comum o fato de que os vídeos postados são, fundamentalmente, sobre maternidade. Joana, no vídeo 118, durante pronunciamento na tribuna da CMM, em tom de indignação, demonstrou empatia em relação às experiências negativas de mães vítimas de violência obstétrica e, para tanto, pontuou um caso ocorrido, em Manaus. Seguem alguns trechos do pronunciamento:

(...) Uma mulher que tinha acabado de ter o seu filho, infelizmente, o marido que tava presente alegou um **suposto estupro ou assédio** por parte dos funcionários (...) Trago esse assunto à tribuna porque, como uma mulher vereadora, não posso me omitir ou deixar de trazer isso pra que a Câmara possa se posicionar sobre esse assunto (...) Eu peço o apoio de todos os colegas porque eu vou levar hoje (...) a **Comissão das Mulheres a qual eu faço parte** (...) Eu levanto aqui dentro dessa casa a bandeira de defesa e enfrentamento da violência obstétrica. É uma das bandeiras que eu abracei com muito carinho (...) **Eu ainda não sou mãe**, mas eu acredito ser o momento em que a mulher está mais frágil do que ela pode estar na vida toda ela, é um momento único, é um momento que realmente precisa de apoio (...) **O projeto de lei 146/2017** eu protocolei (...) dispõe sobre parto humanizado e elaboração de plano de parto individual (Joana D’arc, 10.07.2017, grifo nosso)¹⁷²

Alguns pontos pertinentes são levantados, um deles é sobre a falta de definição sobre o crime de violência obstétrica, se foi estupro ou assédio. Ou Joana não sabe a diferença entre ambos (o que é pouco provável, já que é advogada), ou não dispõe de informações suficientes para realizar a tipificação. De qualquer forma, a falta de clareza pode confundir quem está

¹⁷⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1236449606379520>. Acesso em 29.01.2019.

¹⁷¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1188568637834284> (Acesso em: 29.01.2019).

¹⁷² Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/882641761884088/> (Acesso em: 25.01.2019)

assistindo o vídeo e suscitar dúvidas a respeito da credibilidade da denúncia da vítima. Além disso, a vereadora do PR lembra-nos que é integrante da Comissão de Defesa e Proteção de Direitos da Mulher da Câmara Municipal de Manaus, no entanto, esse foi o único vídeo, dentro da amostra da pesquisa, a tratar de demandas femininas. Houve outras abordagens em vídeos que ficaram de fora da análise, e que passaram apenas por pesquisa exploratória. Nessas outras postagens, especificamente, Joana chegou a debater sobre estupro; assédio em transporte coletivo; o Dia Internacional da Mulher, trazendo dados sobre a violência contra a mulher. Porém, atendo-se ao discurso do vídeo transcrito acima, apesar de ter sido o único da amostra pesquisada da parlamentar, percebe-se que, nele, a temática violência obstétrica não foi reduzida à exposição verbal na tribuna. Joana tomou medidas para solucionar o problema quando se referiu ao protocolamento de lei sobre parto humanizado, e sobre plano de parto individual.

Apesar de ser integrante da Comissão de Defesa e Proteção de Direitos da Mulher da CMM, de ter discutido em outros vídeos demandas femininas, e de também agir como representante política, no parlamento municipal, em defesa dos direitos da mulher, Joana teve posicionamento contraditório em uma das postagens não incluídas na amostra pesquisada: “Eu defendo a bandeira das mulheres, mas não sou feminista”¹⁷³. O paradoxo entre as ações – perceptivelmente, feministas – e o discurso direciona a duas hipóteses: 1) Joana desconhece a teoria política feminista e, portanto, não quer se associar aos estereótipos relacionados à imagem da mulher feminista; 2) Joana conhece a teoria política feminista e, ainda assim, optou por não se intitular feminista, como uma estratégia, para atuar sem mais esse “constrangimento” na vida política.

Por fim, Professora Therezinha abordou, no único vídeo postado, também sobre a data comemorativa mais representativa para o papel tradicional da mulher: o Dia das Mães. Como vice-coordenadora da Comissão de Defesa e Proteção de Direitos da Mulher da Câmara Municipal de Manaus, não se utilizou da data para levantar questões caras relacionadas à maternidade, relacionadas à divisão sexual do trabalho, os efeitos da romantização do papel de mãe ou, de forma mais prática, a insuficiência no número de creches. O discurso foi fundamentalmente de parabenização pela data, e com expressões religiosas, como mostra o **vídeo 203**:

(...) mais uma data que nós reunimos para comemorar, para abraçar e para receber o carinho dos nossos filhos. Como eu sou uma mãe e uma avó muito feliz eu quero

¹⁷³ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/804748456340086/>. Acesso em: 28.01.2019.

transferir essa felicidade pra todas as mães. Que deus abençoe. Deus lhe de saúde e lhe de muito amor dentro da sua família (Professora Therezinha, 14.05.2017) ¹⁷⁴

Expostos os dados específicos sobre os itens da categoria **tema**, retoma-se a discussão sobre os achados da **categoria do debate político**, cujos dados gerais foram apresentados no início do *tópico 5.1*. Se, de forma geral, os temas trabalhados por todas as vereadoras foram, majoritariamente, aqueles voltados para a área social, reunindo-se apenas os vídeos das vereadoras de Belém, observa-se a mesma tendência: 43 vídeos, ou seja, metade deles, foram sobre *soft politics*; 26 vídeos (30,2%) foram de *hard politics*; e dois de *middle politics* (2,3%). São discursos sobre **Assistencialismo; Cultura; Educação; Esporte; LGBTI+; Meio Ambiente; Mulheres e Saúde**. Ainda no caso das parlamentares da capital paraense, destacam-se os temas considerados de maior prestígio no campo político, em sua maioria, os vídeos postados por Marinor Brito do PSOL, registrando 20 vídeos (23,2%) do total do grupo de Belém; as demais vereadoras, Blenda Quaresma do MDB e Simone Kahwage do PRB, tiveram baixa incidência, no quesito, em comparação a Marinor, com três vídeos cada (3,4%), e maior incidência em *soft politics*, com cada uma registrando nove (10,4%) e 10 vídeos (11,6%), respectivamente. O resultado alinha-se, em certa medida, com a perspectiva de Miguel e Feitosa (2009), quando argumentam que “há uma associação entre os temas considerados mais “masculinos” e as posições de maior prestígio e influência no campo político” e a aqueles assuntos de teor social, mais comuns ao discurso de novatos, ou em “posições periféricas” da política institucional (MIGUEL; FEITOSA, 2009, p. 215). Isso porque Marinor Brito tem carreira mais longa do que as demais colegas, iniciando na vida política em 1996, eleita vereadora pelo PT, além de ser líder da bancada do PSOL na Câmara Municipal de Belém, durante o período de recorte da pesquisa. Já Blenda e Simone estão nos primeiros mandatos na vida política, iniciados com o cargo de vereadora, em 2016.

Ainda assim, outro apontamento faz-se válido, uma vez que, embora Marinor Brito tenha sido a que obteve o domínio do assunto *hard politics*, nos vídeos postados no Facebook, foi a que, entre as vereadoras belenenses, também dominou o *soft politics* com 24 vídeos (27,9%). Há três aspectos sobre isso a serem levantados: 1) a quantidade de vídeos de Marinor é mais do que o dobro que a das demais colegas parlamentares da CMB, aumentando as ocorrências de ambos os assuntos; 2) Ainda que uma parlamentar, como Marinor, transite em temas de domínio “masculino”, a questão de gênero possui centralidade na “conformação das práticas políticas femininas” (MIGUEL; FEITOSA, 2009, p. 216), mantendo viva a ligação

¹⁷⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1167674146711947>. Acesso em: 30.01.2019.

entre mulheres e esfera doméstica, ainda que se esteja no campo político institucional; 3) A afiliação partidária não tem efeito significativo na “predisposição” de mulheres políticas abordarem política *hard* ou *soft*, ou seja, o fato de Marinor ser de uma legenda de esquerda não exerce grande impacto para que tenha abordado, mais ou menos, determinada categoria de debate político.

Em relação aos vídeos das vereadoras de Manaus, 11 temas foram de *soft politics*; quatro de *hard politics* e nenhum de *middle politics*; quatro temas **não se enquadraram**. Já a média dos vídeos do grupo manauara supera a média geral e a média do grupo de Belém, tratando-se da abordagem sobre temas da área social: 86 vídeos (69,3) foram de *soft politics*; 23 (18,5%) de *hard politics*; nenhum de *middle politics*; 19 vídeos (15,3%) **não enquadraram-se**. São discursos sobre **Assistencialismo; Assistência social; Cultura; Deficientes; Educação; Esporte; Família; Meio Ambiente; Mulheres; Saúde; e Violência Política Sexista**. Destaque para Joana D’arc (PR), entre as da capital amazonense, como a com mais vídeos de *hard politics* 12 (9,6%), do total postado pelo grupo. É a parlamentar que também se destaca no *soft politics*, com 41 vídeos (33,%), acima também da colega da capital paraense, Marinor Brito. Mais um resultado que também possibilita proximidades com o marco de Miguel e Feitosa (2009), sobre a não relação entre um partido de oposição e a “predisposição” para uma categoria específica do debate político; e também, no caso da vereadora do PR, há outro determinante no número de ocorrências, que é a quantidade expressiva de vídeos analisados, a maior entre todas as parlamentares da pesquisa.

Sobre **Meio ambiente**, foi o principal assunto discutido, de maneira geral, levando em conta vereadoras de Belém e de Manaus. Porém, lembrando que, apenas a vereadora Joana D’arc (PR), foi a responsável por 97,4% de todos os vídeos, indicando que ela levou para dentro da Câmara Municipal de Manaus a bandeira de ativista da causa animal, função que exercia antes de assumir o mandato e que permanece exercendo. A parlamentar mostrou, pelos vídeos postados, dar visibilidade no Facebook a essa que é sua principal proposta como representante. Seguindo do tema **Meio Ambiente**, em dados gerais, houve também os temas **Cidade e Cultura** como principais assuntos da CMM.

Em relação às vereadoras de Belém, especificamente, foi registrada maior pluralidade de temas do que as de Manaus, ou seja, as parlamentares da capital paraense abordaram um número maior de vídeos, com assuntos diferentes entre si. Em termos quantitativos, a **temática central** dos vídeos da CMB foi: **Cultura; Cidade e Assistencialismo**. Sendo que os dois primeiros assuntos foram fortemente impulsionados por Marinor Brito (PSOL), e o último por Blenda Quaresma (MDB). De forma específica, ao

trabalhar os temas dos vídeos por vereadora, foram obtidas as maiores ocorrências temáticas de **Assistencialismo**, no caso de Blenda Quaresma; **Cidade e Cultura** para Marinor Brito; **Mulheres** para Simone Kahwage; **Cidade e Eleições** para Glória Carratte; **Meio Ambiente** para Joana D'arc; **Eleições** para Professora Jacqueline; e **Educação** para Professora Therezinha.

O panorama de **tema central versus** vereador conduz a algumas reflexões trazidas por Pitkin (1984) quando versa que “a *atividade* de representar é uma combinação do que o representante faz (*acting for*) e do que o representante é (*standing for*)”. Ora, é possível, de certa maneira, observar como as experiências e as vivências das mulheres, fora das Câmaras Municipais (ou seja, o que elas *são*), têm efeitos sobre as ações (isto é, o que elas *fazem*) dentro do parlamento. Isto claro, dentro do limite do que as vereadoras permitem ser publicizado, nas páginas e perfis pessoais do Facebook. De qualquer forma, observa-se como o tema central pode se aproximar das principais propostas de mandato das vereadoras, na maior parte dos casos analisados. Há uma aproximação, ainda, com as premissas de Almeida (2018) sobre a representação política discursiva, que também se legitima não apenas sob viés eleitoral, mas, principalmente, devido os sujeitos agirem em nome de causas, temas, ideias e interesses de coletividades os quais representam.

O **Assistencialismo** de Blenda Quaresma, por exemplo, envolve ações beneficentes em comunidades periféricas. A análise de conteúdo e a pesquisa exploratória mostram-na como uma representante que parece ter herdado a “forma de ser política” com o pai, o deputado estadual Wanderlan Quaresma (MDB), figura com mais experiência política. Dessa forma, a vereadora do MDB aparenta ter aprendido o “modo antigo” de se fazer política - baseado na caridade - pela figura paterna e, portanto, incorporou-o na atividade de representar. Ao olhar novamente para a categoria **Onde está a vereadora**, percebe-se que, na maioria dos vídeos postados por Blenda, ela estava nas comunidades.

A mesma inferência pode ser realizada com Marinor Brito (PSOL) e os temas mais fortes, como **Cultura** e **Cidade**. Marinor tem histórico de militância junto a artistas e produtores culturais de Belém. A pesquisa exploratória mostrou também grande frequência de vídeos com abordagem cultural no perfil pessoal do Facebook. A parlamentar do PSOL mostra ter levado as preferências pessoais para a atuação na Câmara Municipal de Belém, quando se observa o principal lugar onde se apresenta nos vídeos para os seguidores: os **espaços públicos** (praças, ruas, etc.). Além disso, outro ponto a corroborar essa ideia consiste no fato de que os três únicos requerimentos solicitados por ela, conforme vimos na categoria **atividade parlamentar**, versam sobre **Cidade**.

O **tema Meio Ambiente**, destaque nos vídeos de Joana D'arc (PR), é outro exemplo. A experiência como ativista dos direitos dos animais é um dos aspectos verificados a impulsionar a temática nos vídeos analisados. Não obstante, Joana surge, principalmente, nos vídeos, em **espaços públicos** e **instituições públicas**, participando de manifestações, eventos de adoção de cães e gatos, resgates de animais e fiscalizando serviços municipais. Para além disso, outro aspecto corrobora a relação entre o conjunto de ações realizadas pelo representante político, levantando ainda determinadas bandeiras: a maior parte dos projetos e indicações da vereadora do PR foi voltada para essa temática.

Leitura semelhante pode ser realizada com a Professora Therezinha (Democratas), cujo **tema central** foi **Educação**. A parlamentar, líder regional do Democratas, tem vasta experiência como educadora e já foi, inclusive, Secretária Municipal de Educação. São aspectos que, de certa forma, foram incorporados no seu *agir* como representante, pois a maior parte dos projetos de lei apresentados sobre a temática **Educação** foi proposta por ela.

Foi dado destaque ao tópico **Mulheres**, dentre os itens da categoria **temas**, pelo recorte de gênero na análise deste trabalho. Dessa forma, em termos gerais, o exame do *corpus* revelou baixo índice de ocorrências para o tema **Mulheres**, tanto entre as vereadoras de Belém quanto as de Manaus, ainda que quatro dessas parlamentares sejam integrantes de comissões específicas voltadas para os interesses femininos nas Câmaras: Simone Kahwage (PRB); Joana D'arc (PR); Professora Jacqueline (PHS) e Professora Therezinha (Democratas). Das sete vereadoras, nenhuma mencionou o movimento feminista, ou se intitulou feminista dentro os assuntos debatidos no tópico **Mulheres**. Apenas Marinor Brito (PSOL) abordou temática relacionada à identidade de gênero e sexualidade em um vídeo sobre cidadania LGBTI+; e também foi a única a se reconhecer como parte de um “partido feminista” – o vídeo ficou de fora da amostra analítica, porém contemplou a pesquisa exploratória. Joana D'arc chegou a falar sobre feminismo, mas pontuando que não era feminista. No mais, há uma contradição entre o que é dito (no caso de Joana D'arc), o não-dito verbalmente (no caso de outras vereadoras, como Marinor, Professora Jacqueline, Professora Therezinha e Simone Kahwage, em especial), e entre as ações das parlamentares. Em outras palavras, não debateram sobre feminismo, sobre a questão de gênero e não se intitulam feministas na amostra de vídeos analisada na pesquisa; todavia, apresentaram, em determinados momentos, falas e atitudes progressistas.

Ora, Miguel e Biroli (2015) argumentam que o número de mulheres na política formal não tem relação com a centralidade da pauta feminista. Os autores referiram-se, particularmente, ao ambiente institucional. Porém, através dos vídeos postados no ambiente

online do Facebook - o objeto de pesquisa deste trabalho - observaram-se elementos indicativos de que isso, também torna-se possível no ambiente digital, pois, ainda que tenhamos sete representantes femininas, em dois parlamentos municipais, o gênero não mostrou ter tido impacto na visibilidade dada por elas às demandas femininas. Não significa dizer que as parlamentares não trabalharam a pauta das mulheres no exercício do cargo, nas Câmaras, e sim que elas deixaram de utilizar o ambiente *online* para dar maior destaque e fomentar o debate sobre a temática.

É instigante, pois existem restrições a respeito da representação feminina em canais institucionalizados, como os portais oficiais das Câmaras Municipais. O trabalho desenvolvido por Kahwage *et al* (2019), por exemplo, apontou que a primeira restrição é a do conteúdo jornalístico¹⁷⁵, produzido sobre assuntos de interesse das mulheres, no Portal da Câmara Municipal de Belém, particularmente, e é muito reduzido. Além disso, há outros empecilhos, como o baixo número de referências à mulher nas reportagens; as reduzidas ocorrências de abordagens sobre a mulher nas matérias (a maior parte é apenas informativa); e a pequena quantidade de fontes femininas, ou seja, de mulheres entrevistadas nas reportagens. Tais fatos mostram-se como um “agravante da atividade de representar demandas femininas” (KAHWAGE; CAL; LEAL, 2019, p. 16). Ainda assim, tendo como base a nossa amostra analítica, identificou-se que as vereadoras de Belém (e tampouco as de Manaus) não se utilizaram do espaço comunicativo do Facebook para postar vídeos que pudessem dar mais publicidade à agenda feminista e, de alguma forma, compensar a baixa representação na fonte oficial da CMB.

Destrinchando a limitada ocorrência de vídeos com o **tema Mulheres**, verificaram-se quatro principais abordagens. A mais recorrente foi sobre a sub-representação política feminina; seguida da violência doméstica; maternidade e propaganda partidária de filiação feminina; e, por fim, propaganda eleitoral. Dentro das abordagens, as vereadoras de Belém apresentaram discurso voltado para o apontamento dos problemas, em sentido informativo. Já as vereadoras de Manaus também utilizaram um pouco do formato, porém se diferenciaram por, em alguns vídeos, terem ampliado o debate sobre as demandas femininas, complexificando e até propondo soluções.

O item **Mulheres** - assim como outras temáticas envolvendo grupos minoritários - seguiu o mesmo padrão de baixa visibilidade nos vídeos postados no Facebook das

¹⁷⁵ As autoras pesquisaram 45 matérias publicadas no Portal oficial da CMB que citavam os nomes das vereadoras e que foram publicadas desde o início do mandato, em janeiro de 2017 até fevereiro de 2018.

vereadoras de Belém e de Manaus. Particularmente, os **temas Negros e quilombolas, e Povos indígenas** não tiveram nenhuma ocorrência nos 210 vídeos analisados. Já os assuntos da causa LGBTI+ foram citados em apenas um dos vídeos (mesmo durante a pesquisa exploratória, a pauta teve duas ocorrências apenas: Marinor Brito e Blenda Quaresma). Aqui, há outra contradição para refletir: Belém e Manaus são as duas maiores capitais da Região Norte do Brasil, no entanto, em nenhum vídeo houve divulgação sobre indígenas e quilombolas, sendo que ambos os municípios fazem parte do território onde há maior concentração de terras indígenas demarcadas e de comunidades quilombolas. A baixa visibilidade dos assuntos, nestse sentido, leva-nos a caminhos como a importância da *política de presença* (PHILLIPS, 2003) para tentar corrigir aspectos da representação política que comprometem a pluralidade dos grupos sociais.

Por fim, a **categoria do discurso político** mostrou-nos que as vereadoras de Belém e de Manaus possuem “nichos temáticos específicos” (MIGUEL; FEITOSA, 2009, p. 202), nos quais se enquadram os vídeos mais postados por elas no Facebook. São assuntos particularmente voltados à área social e que, portanto, indicam vínculo das parlamentares com os papéis sociais da mulher na sociedade. Isto é, aspectos da vida doméstica atribuídos à feminilidade operacionalizados também na política formal. A questão está relacionada com o observado por Miguel e Feitosa (2009) ao examinar o gênero no discurso parlamentar na Câmara dos Deputados, e constatarem a prioridade concedida a assuntos sobre *soft politics* por parte das mulheres. Os resultados sobre a **categoria do discurso político**, nos vídeos das vereadoras de Belém e de Manaus, aproximam-se das premissas dos autores, já que em ambos os grupos o destaque foi para *soft politics*. Além disso, os dados indicam que o partido das parlamentares não teve interferência significativa nas escolhas temáticas, já que há representantes nas duas Câmaras Municipais com as maiores ocorrências de vídeos tanto para *hard politics* quanto para *soft politics*.

Entretanto, a diferença entre as vereadoras de Belém e as de Manaus foi que o conteúdo das parlamentares da capital paraense se aproximou mais da conclusão de Miguel e Feitosa (2009), de que os assuntos com maior prestígio na política formal são direcionados aqueles com mais anos de carreira (Marinor Brito), enquanto que, os da área social tendem a ser voltados para iniciantes (Blenda Quaresma e Simone Kahwage). Já Manaus, difere-se porque, apesar de ser “novata” na vida política, Joana D’arc possui frequência elevada na abordagem tanto de *hard politics* quanto em *soft politics*.

Para além desses apontamentos, conseguimos observar, por meio da análise dos vídeos das vereadoras pelo Facebook, que o discurso parlamentar nesse espaço comunicativo

não tradicional (assim como no tradicional), também é afetado, em certa medida, pelos “mecanismos de socialização de gênero” (2009, p. 216), que agem na configuração das escolhas das parlamentares sobre os temas que irão debater. Seja na média geral de todas as vereadoras, na média por município ou no resultado total de cada parlamentar, os temas que orientaram o discurso, nos vídeos, foram dentro da categoria *soft politics*. De outra forma, correspondem aos assuntos referentes à existência de uma “divisão atual do trabalho político” (MIGUEL; BIROLI, 2015).

5.2 Estereótipos e relações de poder

Entra-se agora no segundo grupo de análise das categorias, no qual iremos debater sobre as categorias de estereótipos e relações de poder, expondo os resultados quantitativos encontrados na análise de conteúdo dos 210 vídeos dos perfis e *fanpages* do Facebook, das sete vereadoras de Belém e de Manaus. A discussão será enriquecida com auxílio do aporte teórico já exposto nos capítulos 2 e 3 deste trabalho.

Nessa categoria, foram estabelecidas as três principais tipologias associadas à “imagem ideal” da mulher na política, e que foram baseadas no marco de Panke (2016). Segundo a autora, há uma centralização, na área de comunicação política e eleitoral, de estudos voltados para configurar, principalmente, o perfil ideal de candidatos homens em campanhas eleitorais¹⁷⁶. Portanto, a teórica sistematizou as principais imagens das candidatas à presidência na América Latina, com base na análise de *spots* de campanhas eleitorais, e traçou as três tipologias femininas: **a guerreira, a maternal e a profissional**. A análise das tipologias das mulheres na política revelou, em Panke, que “os estereótipos relacionados com os papéis da mulher na sociedade são muito parecidos em todos os países analisados” (2017, p. 115). Utilizamos a sistematização da tipologia feminina de Panke para campanhas eleitorais das presidenciais, por se tratar da melhor opção disponível, após revisão bibliográfica a respeito da temática comunicação política e estereótipos. É um trabalho precursor na organização de categorias sobre mulheres na política formal, ainda que careça de melhor operacionalização desses enquadramentos. Esta pesquisa objetiva ajudar na construção de um caminho metodológico, nesse sentido. Por isso, as premissas da autora foram adaptadas ao

¹⁷⁶ Panke (2017) apontou algumas das pesquisas que identificaram os perfis simbólicos relacionados a homens políticos. Uma delas foi realizada nos Estados Unidos, entre 1952 e 1988, por Beaudoux, D’Adamo e Slavinsky (2005) e traçou os dez tipos presidenciais ideais. No entanto, ainda segundo a teórica, não há referência a candidaturas femininas. Ausência que também repete-se em outro estudo citado de Schwartzberg realizado na década de 70 e que aponta as categorias mais utilizadas nas campanhas masculinas.

contexto local amazônico e analisando a fala pública das vereadoras em vídeos do Facebook. Desse modo, é possível construir sentidos regionalizados, mais próximos da realidade da Amazônia, e tendo como referências não candidatas em campanha, mas mulheres eleitas das Câmaras Municipais.

É importante examinar, nessa categoria, qual o estereótipo que as vereadoras de Belém e de Manaus acionam, com mais frequência, nos vídeos postados nos perfis e *fanpages* do Facebook, e como o posicionamento das parlamentares combate, neutraliza ou reforça os estereótipos de gênero. Isto porque estereótipos associam-se com as relações de poder baseadas na hierarquia de gênero, já que possuem uma “dimensão moral” (CAL *et al*, 2018) e, portanto, costumam ter impacto negativo na imagem das mulheres na política formal.

Ainda no marco de Panke (2016), normalmente, há a mistura dos três elementos tipificadores, em maior ou menor grau. Por isso, os estereótipos foram observados em dois momentos nessa categoria: como a *principal tipologia* e, ainda, como a *tipologia secundária*. A primeira refere-se ao estereótipo mais marcante à primeira vista, cujas características logo são percebidas; já a secundária, é aquela tipologia também presente, mas de forma mais discreta, nos vídeos. Além disso, foi criada a opção **nenhum**, caso as características apresentadas nos vídeos não fossem suficientes para enquadrar as vereadoras nas configurações estabelecidas. As marcas identificáveis nos vídeos para fazer a classificação estão disponíveis no *quadro 2*, no *capítulo 4* desta pesquisa.

Assim, começamos pelos dados gerais das sete vereadoras, dentro do *corpus* de 210 vídeos, que apontaram o **estereótipo central** recorrido pelas parlamentares, nas postagens do Facebook. O *principal* entre todas as vereadoras é o de **mãe**, com 96 ocorrências (45,7%); seguido do **profissional**, com 65 (31%); e **guerreira**, com 44 (21%). **Não se enquadram** na categoria cinco vídeos (2,4%). Já a *tipologia secundária* mais recorrente nos vídeos foi a **profissional**, com 51 ocorrências (25%); **mãe**, com 39 (19,1%) e **guerreira**, com 22 (10,8%).

Em termos comparativos entre as Câmaras Municipais, os resultados de 86 vídeos, apenas de Belém, sobre a *principal tipologia* são: **mãe** 39 vídeos (44,3%); **guerreira** 28 (31,8%); **profissional** 18 (20,4%); **nenhum** três (3,4%). Já para os 124 vídeos apenas de Manaus, as ocorrências são: **mãe** 57 (45,9%); **profissional** 49 (39,5%) e **guerreira** 16 (12,9%). Além disso, 98 (46,6%) vídeos **não se enquadram** em nenhum estereótipo.

Já a análise comparativa, entre cada vereadora, foi organizada no formato de quadro. Para facilitar a compreensão, organizamos os resultados, já acrescentando a primeira e a segunda tipologias encontradas nos vídeos:

Tabela 11 - Estereótipos principal e secundário de cada vereadora

ESTEREO- TIPO	BELÉM						MANAUS							
	Blenda Quaresma (MDB)		Marinor Brito (PSOL)		Simone Kahwage (PRB)		Glória Carratte (PRP)		Joana D'arc (PR):		Prof. ^a Jacqueline (PHS)		Prof. ^a Therezinha (Democratas)	
	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º
Guerreira	0	2	23	10	5	1	0	0	14	9	1	0	1	0
Mãe	12	1	18	5	9	4	0	0	30	18	13	4	14	4
Profissional	3	0	10	8	3	6	2	0	25	26	11	6	11	8
Nenhum	3	15	0	28	0	6	0	2	0	16	0	15	2	16
Nº total	18	18	51	51	17	17	2	2	69	69	25	25	28	28
% total	8,5	8,5	24,2	24,2	8	8	0,9	0,9	32,8	32,8	11,9	11,9	13,3	13,3
Geral	86 (40,5%)						124 (59,5%)							

Nota-se que, seis das sete vereadoras em questão, tiveram os vídeos classificados na tipologia **Mãe**, a que mais se destacou entre as três. A constatação demonstra similaridades com os resultados encontrados por Panke (2017), que identificou que apenas dois papéis estão em todos os países analisados da América Latina por ela analisados: **Mãe** e **Guerreira**. Panorama que se aproxima, também, dos dados obtidos apenas com as vereadoras de Belém, e com a soma de todos 86 os vídeos postados pelo grupo. A **principal tipologia** foi a de **Mãe**, com 39 ocorrências (44,3%); seguida da **Guerreira**, com 28 vídeos (31,8%); e da **Profissional**, com 18 (20,4%). Três vídeos (3,4%) **não se enquadraram** em nenhum estereótipo principal. No caso das vereadoras de Manaus, a análise é um pouco distinta. Dos 124 postados pelo grupo, 57 vídeos (45,9%) foram identificados com a tipologia central de **Mãe**; seguida de **Profissional**, com 49 ocorrências (39,5%); e **Guerreira**, com 16 (12,9%). Já 98 vídeos (46,6%) **não se enquadraram** nos itens dispostos na categoria.

A discussão a seguir é sobre a tipologia mais frequente, a da imagem maternal. Foi o estereótipo mais comum entre as vereadoras de Belém, e também entre as vereadoras de Manaus, de maneira geral. Para chegar a esse resultado, a análise baseou-se em 21 “marcas” possíveis de serem identificadas nos vídeos, associáveis à tipologia de **Mãe**, e apresentadas anteriormente, no tópico 4.2.4 *Quadro metodológico*, do capítulo Percurso Metodológico. Enquadraram-se, nesse tópico, todos os vídeos com ao menos uma marca identificável.

Referindo-se, ainda, apenas ao grupo belenense, duas das três vereadoras possuem a tipologia **Mãe** como a principal entre os vídeos analisados: Blenda Quaresma (MDB) e Simone Kahwage (PR). Marinor Brito (PSOL) teve resultado diferente, o de **Guerreira**, que será comentado logo mais. As vereadoras de Belém com o estereótipo materno possuem em comum o forte discurso social, a proximidade com pessoas de comunidades, além da existência de um cenário, nos vídeos, agindo como componente fundamental do conjunto de “marcas” a guiar quem assiste, levando ao entendimento de determinados aspectos ou estruturas cognitivas de expectativas sobre o grupo **Mãe**. Ambas as parlamentares possuem, ainda, semelhanças em elementos da “feminilidade”, como o uso frequente de maquiagem, de roupas com estampas floridas e em tons de rosa. Todavia, a tipologia **Mãe** se manifesta com algumas peculiaridades para cada uma: Blenda, apesar de ser mãe, não mostrou o lado maternal em si como uma característica pessoal, isto é, surgindo com a filha, ou abraçando e cuidando de crianças. O “maternar” veio como uma característica fundamental na constituição de uma narrativa sobre si mesma como “boa moça”, que faz ações sociais e “ouve” a comunidade, ou seja, a mãe que “cativa”. A principal temática, abordada nos vídeos postados no perfil social do Facebook dela, foi o **Assistencialismo**. Apresentou, ainda, grande

simpatia, desenvoltura para lidar com o público e se mostrou também expansiva nos gestos e demonstrações de afeto. Traços que não são marcantes em Simone Kahwage, já que seus atributos envolvem mais a discrição e o tom de voz suave e calmo, mas que ainda assim, buscam transmitir liderança. A vereadora do PRB recorre à tipologia **Mãe**, para “contar histórias”, nos vídeos analisados no Facebook, sobretudo, aquelas emotivas, tentando marcar postura como aquela que “lidera”, e representa os interesses das mulheres. Uma perspectiva alinhada com a principal temática debatida nos vídeos: **Mulheres**. Algumas produções são roteirizadas e pós-finalizadas, agregando mais elementos à narrativa maternal como a trilha sonora, as imagens de *insert* com mães e crianças; os depoimentos, etc.

Já entre as vereadoras de Manaus, três das quatro parlamentares recorrem à tipologia **Mãe** como a principal entre os vídeos analisados: Joana D’arc (PR); Professora Jacqueline (PHS); Professora Therezinha (Democratas). Glória Carratte (PRP) teve resultado distinto, o de **Profissional**, que comentaremos mais à frente. De maneira geral, os vídeos apostam na pós-produção e, portanto, possuem melhor “acabamento” visual, principalmente o conteúdo de Joana D’arc e Professora Therezinha. As parlamentares de Manaus apresentam similaridades quanto ao discurso social, a “marca” mais básica relacionada ao estereótipo materno, mas também características como o cuidado, a defesa de determinados grupos e a postura atenciosa. Possuem ainda em comum o enaltecimento da própria experiência como qualidade presente na tipologia e, conseqüentemente, no agir político. No entanto, mobilizar a imagem de **Mãe** se configurou com nuances próprias a cada candidata. Joana D’arc (PR) focou na experiência como ativista para compor a figura materna que “cuida”, principalmente dos animais e do meio ambiente, e, portanto, devido à militância, carrega no conteúdo divulgado nos vídeos analisados aspectos progressistas da representação política; Professora Jacqueline (PHS) ressalta a experiência como educadora e pedagoga para simbolizar a mãe que “educa”, utilizando-se desse “combo” **Mãe x Educação**, principalmente, em um contexto eleitoral; por fim, Professora Therezinha (Democratas) recorre ao estereótipo materno para reforçar o quanto é experiente e apta para “gerenciar”, principalmente, tratando-se de Educação. É válido ressaltar que, de forma complementar ao discurso social, as vereadoras da capital amazonense também recorreram a elementos sonoros e visuais, que estimulam a subjetividade por se associarem ao universo “feminino”.

Na comparação dos vídeos analisados das vereadoras de Belém e os das vereadoras de Manaus, que utilizam a tipologia **Mãe**, percebeu-se que os elementos sonoros e visuais, relacionados à “feminilidade”, estão mais presentes nas postagens das vereadoras de Manaus (que realizaram produções audiovisuais mais sofisticadas). Os casos mais marcantes, ou seja,

aqueles verbalizados em palavras ou na vestimenta, por exemplo, são pontuais. É o contrário do observado nas parlamentares de Belém, que apresentaram traços mais marcantes visualmente, tanto no uso de palavras como “empoderamento”, “minha amiga”, “fora da mulher”, “lugar de mulher também é na política” etc., quanto na simbologia da roupa (florida, justa, cor de rosa) e na aparência (batom vermelho, maquiagem pesada, cabelos escovados). Claro que, as parlamentares de Belém fizeram uso de elementos sonoros e visuais nos vídeos, porém, não de forma tão enfática quanto a verbalizada. Além disso, as vereadoras de Belém também foram as que, sob a tipologia **Mãe**, mostraram mais proximidade corporal com a população, na participação de eventos com as comunidades e na “ajuda” a esses grupos. Já as vereadoras de Manaus investiram mais na atuação institucional, dentro da Câmara, defendendo maior diversidade de temas e apresentando propostas e soluções. Outro aspecto é que as duas únicas ocorrências do **tema Religião** foram associadas à figura de **Mãe**, e em vídeos das parlamentares de Belém, que surgiram em eventos evangélicos: Blenda Quaresma e Simone Kahwage.

Por fim, é interessante pontuar ainda, todas as vereadoras a apresentarem o estereótipo de **Mãe**, como tipologia principal dos vídeos analisados, apresentaram temas majoritariamente de cunho social. Isto é, do total de 18 temas, em associação à imagem materna, 10 relacionaram-se às mais recorrentes atuações femininas na política formal, conforme já apontado por Miguel e Feitosa (2009). Os “nichos temáticos”, nos quais determinados grupos enquadram-se e, no caso específico das mulheres, são voltados para a área social considerada de “menor prestígio”, ou voltada para iniciantes no campo. São as *soft politics* que, dentro da amostra desta categoria, envolveram principalmente os temas: **Meio Ambiente; Cultura e Mulheres**. As vereadoras de Belém, associadas ao estereótipo materno, especificamente, destacaram a **Cultura** e o **Assistencialismo**, enquanto que as vereadoras de Manaus, o **Meio Ambiente** e a **Educação**. Não significa dizer que a atuação parlamentar dessas mulheres se restringe apenas a essas temáticas ao recorrerem à figura materna, e sim que, mesmo no ambiente comunicacional do Facebook, no qual possuem maior autonomia do que o institucional, há indícios de que as parlamentares mantêm narrativa semelhante sobre as mulheres. Isto é, o conteúdo postado, baseado no estereótipo de **Mãe** - a principal imagem associada à mulher na América Latina (PANKE, 2019) -, não foi deixado de lado, assim como os temas da área social associados a ele e à “feminilidade”.

Ao apresentar, de maneira mais detalhada, os dados obtidos, em especial, com cada vereadora, percebeu-se que Blenda Quaresma (MDB) se mostrou maternal ao utilizar, principalmente, o discurso social, de explorar, com frequência, cenários nos vídeos, na

presença de crianças e de mães de comunidades periféricas, da capital paraense e de, ao discursar, desenvolver linguagem verbal e gestual afetivas, vigorosas e cheias de emoção (de todas, foi a que mais expôs simpatia e carinho ao dirigir-se a terceiros presentes nos vídeos ou aos seguidores). Nesse sentido, Blenda explorou a tipologia **Mãe**, principalmente apresentando, de maneira geral, as seguintes marcas, organizadas no **Quadro Metodológico II**: o cuidado com o ser humano; a atenção com os outros ao seu redor; aquela que abraça e é atenciosa com as pessoas; o tom de voz suave, e a maneira de se dirigir às pessoas, em termos de proximidade corporal, faz com que se pareça mais uma mãe; cuidadora e amorosa; conciliadora; discursos solidário; imagens com crianças; demonstração de cumplicidade; contato com a câmera, valorizando “olhos nos olhos”; discurso social (foco no sensível); participando de eventos populares, em encontros com grupos específicos; dando depoimentos pessoais; tom de confiança.

Porém, a particularidade é que a parlamentar do MDB não seguiu tanto a linha de “cuidadora” como sujeito praticante da ação de cuidar do outro diretamente, e sim no contexto subjetivo expresso no entendimento de “cuidar”. Isto é, foi mais maternal por aprofundar-se na imagem de “caridosa”, de fazer uma “boa ação”, do que efetivamente assistir alguém com as próprias mãos. E isso pode ser percebido ao cruzar a categoria estereótipo de **Mãe** com a de **Temas**. Dos seis temas de Blenda relacionados com a tipologia em questão, o que teve mais ocorrências foi o tema **Assistencialismo**, no qual ela realizou ações beneficentes e solidárias. Em outras palavras, Blenda ocupou-se da imagem de **Mãe**, principalmente, para apresentar, nos vídeos, temáticas sociais assistencialistas.

O forte traço assistencialista foi identificado, inicialmente, durante a pesquisa exploratória do material. Naquele momento, foram observadas que as ações comunitárias de promoção de serviços, ou os projetos voltados para o esporte (como o projeto Geração Saúde de autoria dela e do pai), foram as principais temáticas das postagens de Blenda Quaresma. O slogan “Saúde e Trabalho”, da campanha da vereadora do MDB, também remete a essa ideia. Posteriormente, foi substituído por “Saúde e Humanismo”. A análise efetiva da amostra de vídeos confirmou as informações preliminares sobre a parlamentar. Alguns exemplos do papel maternal, voltado para o assistencialismo, podem ser vistos no vídeo 17, uma produção com pós-finalização e recursos de edição, e que abordou uma ação de natal no bairro da Pedreira, em Belém. Blenda está acompanhada do pai, deputado estadual Wanderlan Quaresma e, em um dos momentos, ambos juntos com o papai Noel, dizem “Feliz Natal!” para a câmera. Ao final, Blenda, em cima do trio elétrico, segurando o microfone, e olhando diretamente para a câmera, diz:

E quem quiser conferir tudo o que aconteceu aqui, no nosso natal solidário da Pedreira, confira no Youtube, confira no Instagram, Facebook, nossas redes sociais. Tanto a minha, da vereadora Blenda Quaresma, quanto do deputado Dr. Wanderlan. Tchau, galera. (Blenda Quaresma, 24.12.2017)¹⁷⁷

É um vídeo com trilha sonora de ênfase em emoções positivas; mostra mulheres no cotidiano, presentes com os filhos e participando da ação; imagens de várias crianças compondo o vídeo; musicalização constante com a trilha musical *Jingle Bell*; além da imagem da própria Blenda como mulher participante de eventos populares, em encontros com grupos específicos. Todos os elementos que configuram o estereótipo de **Mãe**, segundo Panke (2016). Ainda no tom assistencialista, o vídeo 13 demonstra, de forma mais pulsante, a característica peculiar de Blenda, que é a simpatia, nesse caso, acompanhada de desenvoltura também. Na produção audiovisual, ela está em um palco, com microfone na mão, e fala com a plateia “Boa Noite!”. Quase ninguém responde. Então, ela diz “Tão com fome, né? Eu sinto isso. Bora ouvir de novo? Boa noite, gente!”. Daí todos respondem a ela. Por ser uma postagem sem legenda, não é possível identificar, claramente, do que se trata especificamente. Pelo discurso da vereadora do MDB é que se compreendeu ser uma ação voltada para adolescentes debutantes, e a cerimônia realizada, na sede da escola de samba Rancho Não Posso Me Amofiná, no bairro do Jurunas, na capital paraense. Blenda recorreu à emotividade, durante o pronunciamento:

Eu quero agradecer a presença de todos, em nome aqui dessa diretoria **maravilhosa**, ao qual fui convidada a participar. Eu quero agradecer às debutantes que me agradeceram, fizeram um **vídeo tão lindo**, e que muito **me emocionou**. Eu quero dizer para elas é que são elas que são as pessoas que reconhecem o trabalho e o esforço de todo mundo, de cada familiar aqui presente é que faz, eu acho, o rancho ser o que é hoje no Jurunas (...) Eu quero desejar a cada debutante, que **o sonho** de vocês, que **o sonho da família de vocês** possa ser muito mais...” (vídeo acaba) (Blenda Quaresma, 04.06.2017, grifo nosso)¹⁷⁸

É um vídeo que mostra Blenda como mulher falando em nome da família, sobre os jovens; é atenciosa com as pessoas; o tom de voz, a maneira de se dirigir aos outros, em termos de proximidade corporal, fazem com que se pareça mais uma “mãe”. Isto é, muito simpática. São elementos adicionais que também a identificam como recorrendo à tipologia de **Mãe**, conforme a sistematização de Panke (2016). Há ainda situações em que ela recorre ao mesmo estereótipo, mas em um contexto religioso, no qual surge em uma Igreja (vídeo 7);

¹⁷⁷Disponível em:

https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1985202091753567/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 28.12.2018.

¹⁷⁸Disponível

em:

https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1985202091753567/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 28.12.2018.

no período pós-eleições, em que Blenda surge em trio elétrico para agradecer quem votou nela, no bairro do Jurunas; e até em situações de propaganda comercial, como é o caso vídeo 2¹⁷⁹, identificado, nesta pesquisa, como o que mais reúne palavras e gestos de muito afeto. Nele, Blenda faz uma transmissão ao vivo, no estilo *selfie*, e olha, a maior parte do tempo, para a câmera, "olho no olho". A parlamentar demonstra tom de voz suave, e dirige-se aos seguidores dizendo "Oi, gente", apresenta as pessoas que estão com ela, em clima de proximidade, e utiliza palavras carinhosas, como "meu irmão do coração", "minha mãe do coração", e ainda coloca a mão no peito ao falar tais expressões. Mostra-se amorosa ao agradecer quem votou nela para vereadora dizendo "todos aqui me amam, me adoram que eu sei. São pessoas amigas, do meu coração". Nesse meio tempo, pede que o homem ao lado dela discorra com mais detalhes sobre a academia onde estão. Ao final, manda beijo com a mão nos lábios. Em outras palavras, utiliza muitos gestos com a mão para expressar, principalmente, alegria e emoção, mexendo vigorosamente a mão, colocando-a no coração, mandando beijo. A fala, em alguns momentos é hesitante, e as expressões "irmão", "mãe" e "do coração" demonstram uso de linguagem figurativa (metáfora). Um vídeo carregado de emoções.

Já a vereadora do PRB, Simone Kahwage, também segue a linha "boa moça", utilizando-se da tipologia de **Mãe**, em seus vídeos postados no Facebook. A parlamentar vale-se de elementos do estereótipo maternal, não apenas na linguagem verbal, na gestual e na aparência (uma vez que vestiu bastantes roupas na cor rosa, e usou batom vermelho), mas também na composição dos cenários das produções visuais. Desde a pesquisa exploratória, foi observado que o conteúdo do perfil pessoal dela tem grande preocupação com a pós-finalização dos vídeos. Houve, sim, a reprodução de produções realizadas por terceiros, mas houve também vídeos bem produzidos para serem veiculados nas mídias digitais¹⁸⁰. Por *bem produzidos*, entende-se que são vídeos com roteirização, com utilização de recursos de edição de imagem, efeitos visuais, sonoras e arte. Isto é, são produções que combinam acentuadamente, cenário e narrativa com grande apelo social.

O principal exemplo, nesse sentido, é o vídeo 77, com temática central **Assistencialismo**, que mostra uma ação social, no bairro da Cabanagem, em Belém. É uma produção audiovisual, estilo reportagem de TV, com a presença de uma repórter chamada

¹⁷⁹Disponível em:

https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1775729902700788/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 28.12.2018.

¹⁸⁰ Em conversa informal, pelo *Whatsapp*, com a assessora de Simone Kahwage, Brenda Melo, no dia 07.03.2018, fui informada que apenas um dos vídeos pós-finalizados que estavam até essa data, no perfil da Simone, era para a TV. Os demais foram voltados para as mídias digitais.

Brenda Melo que, inclusive, é uma das assessoras de Simone. Existe a roteirização, também no padrão de texto telejornalístico, bem como a utilização de trilha sonora, *inserts*¹⁸¹ de imagens e entrevistas. Um detalhe é que, para dar mais dinamismo à reportagem, e destaque ao que o entrevistado está falando, são colocados *inserts* de imagens da ação social ao longo da entrevista. A parlamentar do PRB é uma das entrevistadas, e possui forte discurso social e cuidador (maternalismo), destacados no trecho abaixo:

Então, a gente sabe que todos os bairros quando a gente chega, uma das dificuldades que as pessoas têm de chegar até os órgãos públicos e muitas das vezes, não dá tempo. A mãe trabalha, o pai tá trabalhando, o filho tá na escola e muitas das vezes não dá tempo. O mandato nas ruas, o nosso projeto é esse, é que as ações que a gente faz venha nos bairros... através dos bairros **a gente possa levar essa demanda que as pessoas precisam** do serviço de corte de cabelo, tirar o RG, foto ¾, atendimento médico, inclusive, nós aqui, nós hoje estamos oferecendo aqui no bairro da Cabanagem essa ação. Esse projeto que tá junto com a gente, com o Mandato nas Ruas, é o projeto Gente da Gente. E esse projeto é justamente para que ele venha crescer cada vez mais em cada bairro, cada mês a gente vai tá num bairro, trazendo esse serviço. E na verdade, **isso é até um clamor da população** que muitas das vezes, por causa do trabalho e 'n' situações não podem chegar na semana, e as vezes nem tem condições financeiras para isso. **A população espera que o vereador não esteja somente na CM, mas também nos bairros, fazendo o que é preciso fazer que é ajudar a população**¹⁸² (Simone Kahwage, 01.05.2017, grifo nosso)

Relembrando Panke (2016), agrupam-se também, nesse vídeo, outras características de **Mãe**, pois demonstra Simone como mulher falando em nome da família; na proteção das crianças; o cuidado com o ser humano, e a atenção com os outros ao seu redor; o ato de escutar, que demonstra postura para gerenciar situações (uma vez que Simone aparece em *inserts*, durante a entrevista dela, ao redor de várias pessoas, as ouvindo). Além disso, é atenciosa com as pessoas; apresenta tom de voz suave; demonstra cumplicidade; surge conversando com pessoas de múltiplas características, aparentando escutar e dedicar 100% de atenção; é um vídeo que possui ainda trilha sonora com ênfase em emoções positivas; imagens com crianças, enfim. O próprio fato de tratar-se de um evento popular, de encontro com grupos específicos, também é uma característica determinante para a tipologia maternal.

São sete temáticas associadas à tipologia **Mãe** nos 17 vídeos analisados de Simone, no total, e nos quais as ocorrências estão bem dispersas. Por isso, dois temas acabaram apresentando maior incidência: **Mulher** e **Cidade**, com dois vídeos cada. Abordando, inicialmente, o estereótipo de **Mãe**, cruzado com o assunto **Mulheres**, identificou-se uma contradição. Enquanto um dos vídeos enaltece a postura de união e liderança das mulheres

¹⁸¹ Significa colocar imagem ou áudio na matéria através de edição eletrônica.

¹⁸² Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1482290688469681/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

para entrar na política formal, ou seja, mulheres como sujeito políticos, no outro, Simone coloca-se como a responsável por “cuidar” dessas mulheres, delegadas a uma postura passiva. O primeiro vídeo, em questão, é o de número 69, refere-se a uma campanha eleitoral para TV. Simone está com uma camisa do PRB, em um ambiente externo, e há mulheres atrás dela:

O PRB Mulher tem lutado por mais espaço no cenário político. Nós mulheres, temos muitos afazeres: somos trabalhadoras, mães e donas de casa. **Lugar de mulher também é na política.** No PRB, não somos apenas cota. Somos necessárias na luta pela mudança do país. **Mulher, faça parte dessa luta você também.** Venha com a gente. Filie-se ao PRB¹⁸³ (Simone Kahwage, 04.08.2015, grifo nosso)

Atenta-se também para o reforço de papéis de gênero, no discurso de Simone, quando se refere às mulheres de forma essencialista: “somos trabalhadoras, mães e donas de casa”. O que, por si só, é também uma contradição, mas específica do vídeo em si. Afinal, como mulheres, com “muitos afazeres”, vão encontrar mais tempo para agir na política se é essa organização das relações de poder, e o aprisionamento em estereótipos, como os citados no trecho acima, que impossibilitam também essa atuação?

Já o segundo vídeo, em questão, é o de número 73, e também é uma propaganda eleitoral para TV. Nele, a parlamentar do PRB está de camisa rosa, com o cabelo ruivo e fala para a câmera: “Quero ser sua representante na Câmara Municipal, cuidar de você, mulher, e da nossa juventude que tanto precisa, Simone Kahwage 10123”¹⁸⁴. Isto é, ainda que os dois vídeos citados tenham o mesmo estereótipo, o mesmo tema, o mesmo propósito (campanha eleitoral), possuem enquadramentos diferentes a respeito do lugar da mulher na política. Percebe-se ainda a diferença de data de postagem de ambos que é de um ano, o que talvez possa vir a indicar mudança na estratégia política de campanha, ao aproximar o discurso de elementos mais marcantes do maternalismo, como o ato de “cuidar” e de tratar sobre crianças e “jovens”, mais especificamente.

São vídeos a acrescentar algumas características adicionais ao estereótipo de **Mãe**, algumas diferentes das já descritas acima, como o enaltecimento do papel de mãe; a presença de mulheres no cotidiano; Simone como defensora, conversando com pessoas de múltiplas características; demonstração de cumplicidade; o contato com a câmera, valorizando “olhos nos olhos”; os tons das cores utilizadas nos vídeos, na composição do cenário; personagens presentes e discurso social (foco no sensível); a musicalização constante; as imagens de

¹⁸³Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/988794127819342/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

¹⁸⁴Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1236084703090282/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

natureza; a iluminação suave; e as cores de roupa associadas à feminilidade (sensibilidade) como, por exemplo, os tons de branco e rosa, e o ambiente com plantas verdes.

Juntamente à temática **Mulheres, Cidade** também foi abordada com duas ocorrências na tipologia **Mãe**. Ambos os vídeos mostram um elemento interessante em Simone Kahwage, o espírito de liderança, ainda que tímido e, às vezes, hesitante - talvez devido à inexperiência política -, mas ainda assim uma postura perceptível. Os vídeos expõem ainda, questões urbanas em que a vereadora fica mais próxima à população, conversa, escuta e entrevista, ao vivo, como foi o caso do vídeo 79, no qual a vereadora do PRB está em uma rua de um bairro de Belém, fiscalizando uma obra de pavimentação ao lado de um morador da área. Ela diz: “Eu vou falar agora com o morador daqui agora. Qual teu nome? (...) Felipe, com o Felipe, só fala a situação da rua, na verdade, qual o problema que tá tendo nessa rua no Castanheira?”¹⁸⁵.

Porém, o vídeo em que a tipologia **Mãe** foi mais amplamente explorada, em termos de “marcas” metodológicas nas imagens, foi o de número 209. Pelo menos 12 dos 21 marcadores do estereótipo maternal foram identificados nessa que foi uma transmissão, ao vivo, pelo Facebook, na qual Simone está no Ver-o-peso, na capital paraense, com blusa de estampa de Belém do Pará, vestindo calça e tênis. Ela está junto a um grupo que faz a distribuição de bandeiras brancas e balões alusivos à paz. Ao longo de 3 minutos e 15 segundos de duração, a parlamentar interage com os seguidores que a assistem, caminhando pela feira, explicando motivações, distribuindo bandeiras e abordando algumas pessoas. Segue um trecho transcrito:

Olá, pessoal. Nós estamos aqui na caminhada da paz, entregando essas bandeirinhas e mostrando para a população aqui que nós precisamos de paz. Belém precisa de paz e nós estamos fazendo uma mobilização. Vamos aqui andar comigo. Vem junto comigo. Mostrando para a população o quanto é importante pedir paz. A cidade de Belém ela está violenta. Não se tem paz entre as famílias, entre as crianças, violência contra a mulher. Então, nós estamos aqui hoje no Ver-o-peso, no principal ponto turístico de Belém. Vou até dar uma bandeirinha da paz aqui pra esse senhor. Já pegou né? Tá bom. Precisamos de paz (ela ri). Bora andando com a gente. Vem andando com a gente aqui¹⁸⁶ (Simone Kahwage, 20.01.2018)

Assim, acrescenta-se, ainda, mais alguns elementos sistematizados por Panke (2016) para a tipologia **Mãe** de Simone como: o cuidado com o ser humano e a atenção com os outros ao seu redor; Simone como aquela que abraça e é atenciosa com as pessoas; a

¹⁸⁵Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1552823018083114/?type=2&video_source=user_video_tab (Acesso em: 29.12.2018).

¹⁸⁶Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1740098822688865/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

manifestação de empatia; a sensibilidade para ver o mundo e reagir (a mobilização é uma reação à violência); mulheres no cotidiano, já que Simone está na feira fazendo a caminhada; e o discurso social que, nesse caso, é o discurso pela paz.

É instigante realizar, nesse momento, um adendo sobre outro ponto importante na representação política discursiva de Simone Kahwage. Ela e Blenda Quaresma (MDB) foram as únicas a discutirem, nos vídeos analisados, temas relacionados à **Religião**. Entretanto, Simone distingue-se de Blenda por identificar-se como integrante de uma Igreja Evangélica, a Universal do Reino de Deus, e por expressar explicitamente, e com mais frequência, esse viés religioso. Está presente no espaço de descrição pessoal, do perfil da vereadora no Facebook: “FELIZ COM MEU ESPOSO E COM O MEU DEUS...” e, na postagem mais visualizada do dia 23.10.2016, quando Simone canta um louvor evangélico, ao lado do irmão tecladista¹⁸⁷. Foram 4.100 visualizações no vídeo, analisado apenas durante a pesquisa exploratória.

Relembrou-se esse elemento sobre Simone Kahwage, pois na tipologia **Mãe** existe uma associação com o tema **Religião**. O vídeo 78 expõe a vereadora do PRB na Igreja Universal, cantando louvor, ao lado do pastor, no palco¹⁸⁸. É um vídeo em tom de emoção, pois discorre sobre um encontro religioso com música, além de mostrar Simone no cotidiano. Foram os itens a enquadrar esse vídeo no estereótipo maternal. Porém, foi o único vídeo de todos os postados por ela a fazer essa menção direta, que tem como aspecto central a religião. Foi possível identificar a vertente religiosa, como um elemento importante da representação política discursiva, que se fez presente por meio tanto de alguns vídeos do cotidiano na Igreja, mas, sobretudo, nas expressões religiosas contidas ao longo de vários vídeos, moldando trechos do discurso e o tratamento dado a algumas pessoas. Recorre-se a um exemplo já citado para mostrar a articulação entre **Mãe x Cidade x Religião**. É o vídeo 79 sobre a fiscalização do serviço de pavimentação asfáltica:

Eu tô aqui com o morador, rapaz aqui da rua, inclusive da igreja aqui também. **Qual o nome da igreja? Assembleia de Deus**. Assembleia de Deus, templo Castanheira, **um abraço aos pastores, aos membros da igreja, que deus abençoe vocês**. Isso aqui foi uma melhoria daqui da cidade. Nós estamos aqui para parabenizar também o prefeito, que nos deu essa oportunidade de chegar até o secretário e revitalizar essa rua aqui. **Deus abençoe vocês**. (Simone Kahwage, 07.07.2017, grifo nosso)

¹⁸⁷Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1271928856172533/?type=2&video_source=user_video_tab. Acessado em 10.01.2018.

¹⁸⁸Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1510947285604021/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

Durante a pesquisa exploratória do objeto, Simone também utilizou, em outras situações, expressões religiosas como: “fica com deus”; “que a benção de deus nos acompanhe”; “orando, só Jesus”. A vereadora do PRB também participou de casamentos coletivos do programa *Terapia do Amor* da IURD. Já Blenda Quaresma, em contrapartida, discorreu sobre religião, mas não pareceu ser algo central como aspecto da representação política discursiva. Isto porque, a vereadora do MDB utilizou poucas expressões, e não se apresentou como frequentadora ou integrante de alguma Igreja, embora tenha vídeos em espaços religiosos, no entanto, são locais nos quais era convidada de um evento, em específico.

Adentrando na Câmara Municipal de Manaus, e nos vídeos das vereadoras com principal tipologia **Mãe**, parte-se inicialmente pela qual apresentou maior número de ocorrências. Foram 30 vídeos de Joana D’arc (PR), e isso pode ser atribuído pelo fato de possuir a maior amostra de análise entre todas, 69. Porém, também há, em certa medida, relação com o principal **Tema** abordado nos vídeos, quando se recorreu ao estereótipo materno. Das 13 temáticas centrais distintas, classificadas nos vídeos, e que tinham associação com a tipologia **Mãe**, houve larga predominância do **Meio Ambiente**. Foram 14 vídeos, nesse quesito, enquanto os demais ficaram na média de duas ocorrências. A relação é possível pelo fato da parlamentar ter um histórico como ativista pelos direitos dos animais, atividade que continuou a exercer como vereadora, e cujos aspectos passaram a ser inseridos na representação política discursiva da parlamentar, tanto dos vídeos postados por ela quanto na página inicial da *fanpage*. Na opção *temas*, por exemplo, diz “Sou vereadora eleita para representar a causa animal no mandato 2017/2020 e, por isso, honro diariamente meu compromisso com a causa.”. Além disso, a foto da *fanpage* é de Joana segurando um cartaz escrito “Compromisso com a causa animal. Hospital público veterinário. Castrações em massa. Bem-estar animal. Somos a voz dos animais!”. Já na foto da capa, é Joana na plenária da Câmara Municipal de Manaus¹⁸⁹. Somado a isso, o próprio ato de resgatar e “cuidar” de animais, de seres mais frágeis, indefesos é uma característica significativa do padrão maternal estereotipado, nesta pesquisa.

Assim como Blenda Quaresma e Simone Kahwage, quem utiliza a tipologia **Mãe**, apela para o discurso social, conforme as premissas de Panke (2016). Não foi diferente com Joana D’arc. Porém, de maneira geral, o discurso não é emotivo em excesso, na linha da Blenda, e nem tão discreto, ao nível de Simone. É uma fala mais energética, mais apaixonada,

¹⁸⁹ As informações citadas foram coletadas, durante a pesquisa exploratória em 234 vídeos postados na *fanpage* de Joana D’arc, entre os dias 22.02.2016 e 08.03.2018.

mais vibrante, em especial, ao discutir sobre a causa animal, a principal temática abordada no uso de **Mãe**. Por isso, o conteúdo de cunho social, nos 30 vídeos da parlamentar do PR, ainda que recorra ao mesmo estereótipo, apresenta nuances diferentes, a depender da temática. Falar sobre **Meio Ambiente** para Joana, nos vídeos, é discursar de forma mais enfática e mais emotiva, tanto explorando emoções positivas quanto negativas. Aos demais vídeos com outros assuntos, a postura é mais racional e formal.

A maior parte dos vídeos do cruzamento **Mãe x Meio Ambiente** é de um padrão emotivo, composto por um conjunto de elementos apresentados nas imagens, na trilha sonora, que costuma ser alegre e até infantil, em alguns momentos, e claro, nos animais no colo, sendo acariciados, recebendo tratamento veterinário ou brincando. Como por exemplo, o vídeo 91 é uma produção mais simples, na qual Joana está na rua, com um cachorro no colo, e diz: “Hoje eu quero mostrar pra vocês a Mocoquinha que, inclusive, está disponível para adoção”¹⁹⁰. Outras produções têm melhor finalização técnica, como o vídeo 142, no qual Joana está em uma clínica veterinária de Manaus, maquiada, vestindo uniforme e touca de veterinária na cor rosa, carregando os animais no colo. O vídeo tem trilha e edição de imagens. A parlamentar do PR diz para a câmera: “É com muita felicidade tanto pro meu mandato quanto pra causa animal porque a gente conseguiu fazer a primeira ação de castração solidária”¹⁹¹.

Mas o vídeo 137 se destaca pela grande produção realizada na constituição da imagem de Joana como forte representante da causa animal, quase como uma “salvadora”, ou uma “comandante”, nas imagens de uma ação de bem-estar animal promovida por ela, no interior do Amazonas. A parlamentar surge no carro, utilizando *walktalk*, e diz: “Atenção, comboio e todos os motoristas. É a vereadora Joana Darc. Cuidado com os animais na estrada. Atenção redobrada”¹⁹². A narrativa é construída com o auxílio de imagens de *drone*, de Joana interagindo com a comunidade, às margens da BR-319, entregando panfletos, entrando nas casas e com animais no colo.

Nota-se que os casos citados têm “marcas” importantes da tipologia **Mãe**: a manifestação de empatia; a sensibilidade para ver o mundo e reagir (e assim, gerenciar situações); o tom de voz, a maneira de se dirigir às pessoas, em termos de proximidade corporal, faz com que se pareça mais uma mãe; a trilha sonora com ênfase em emoções positivas; Joana mostrando-se como cuidadora e amorosa; como defensora (nessa situação,

¹⁹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=699607020187564>. Acesso em: 20.01.2019.

¹⁹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=968045140010416>. Acesso em: 22.01.2019.

¹⁹² Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=954315148050082>. Acesso em: 22.01.2019.

em específico, da causa animal); o contato com a câmera, valorizando “olhos nos olhos”; a musicalização constante; as imagens de natureza; a presença de Joana como mulher participando de eventos populares, em encontros com grupos específicos; e o cuidado e a atenção que, para Panke (2016), foram direcionados apenas à figura humana, mas que, nesta pesquisa, foram ampliados para a fauna e a flora. São exemplos de vídeos baseados em emoções positivas como alegria, admiração, adoração, diversão.

Por outro lado, há vídeos que exploram outras emoções negativas como raiva, nojo, horror, medo e até ansiedade. De maneira geral, o acervo digital dos vídeos de Joana possui produções audiovisuais muito chocantes, mostram restos mortais de cachorros e de cavalos, de filhotes dilacerados, atropelados ou animais adultos com feridas enormes na cabeça. Já no que diz respeito à associação **Mãe x Meio Ambiente**, destaca-se o vídeo 97, sobre um regaste de cães em uma casa abandonada. Joana está de cabelo preso, cara lavada, e com a trilha sonora triste ao fundo, explora o terreno, conversa com quem assiste ao vídeo, e detalha o que encontrou no local, em um estilo próximo ao telejornalístico: “Nós chegamos aqui e já há corpos de cachorro no terreno já em processo de deterioração (...) “já é um cachorro deteriorado aqui, só os pêlos e os tapurus que estão comendo as carcaças”¹⁹³.

Outro caso é o do vídeo 133, Joana está em uma clínica veterinária, falando sobre uma cadela ao fundo, em recuperação. Ela se aproxima do animal e mostra a ferida recém-costurada: “A gente pede pra que as pessoas que se comoveram possam ajudar diretamente na clínica. Eu vou colocar os dados na nossa legenda”¹⁹⁴. Os dois vídeos expõem o sofrimento e o estado debilitado dos animais como uma estratégia de chamar atenção pra causa, e conseguir ajuda mais rapidamente.

Todavia, Joana D’arc debate nos seus vídeos sobre outros grupos minoritários, como jovens (estudantes), pessoas com Síndrome de Down, moradores em situação de rua e também mulheres. No caso desse grupo, houve tanta emotividade positiva quanto os relacionados aos animais. Existe, na verdade, uma postura de empatia, de união, e de defensora dos direitos, porém não agindo como militante, como faz na causa animal, e sim tomando medidas mais relacionadas ao nível institucional, como indicações ou projetos de lei. Isto é, adotou postura mais formal e racional. Não que a vereadora apresente um grupo como mais importante do que o outro, e sim que há distinções tanto na frequência de abordagem das temáticas quanto no tom com que discorre sobre o assunto.

¹⁹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=803493543132244>. Acesso em: 20.01.2019.

¹⁹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/944737799007817/>. Acesso em: 22.01.2019.

Por exemplo, no vídeo 127, Joana está na tribuna da Câmara Municipal de Manaus, pronunciando-se sobre sua primeira tribuna popular voltada a uma instituição de atenção à juventude, o Pró-Menor Dom Bosco. Ela diz: “Comigo, na vereadora Joana D’arc vocês podem encontrar uma pessoa que vai caminhar em busca de todas as soluções possíveis e eu acredito que todos os vereadores também”, e acrescenta ainda “por que não a gente não se unir e destinar uma parte das nossas emendas pra instituição?”¹⁹⁵. É um discurso formal, seguindo uma linha de raciocínio lógica, mobilizando a participação e a união dos presentes na CMM. Não recorreu a gestos ou palavras afetivas, ou então a experiências pessoais que pudessem provocar emoções, como o fato de se trataram de jovens que, por exemplo, poderiam ser os filhos de algum dos parlamentares.

Até em temas já conhecidos por serem bastante sensíveis e instigarem produções mais apelativas, como os moradores em situação de rua, o tom de Joana foi mais para a formalidade do que para a aproximação corporal, a amorosidade e outros traços de afetividade. A sensibilidade existe, e está no próprio tema do vídeo **Assistencialismo** e no “ajudar” quem precisa, principalmente, em uma data quando a maior parte das pessoas está confraternizando. A cena ocorre no vídeo 144, e foi uma ação de Ano Novo da vereadora do PR:

Último dia do ano, perto da virada, nós estamos aqui no centro da nossa cidade, distribuindo sopa para os moradores de rua e ração para os animais (...) fazer um pouquinho faz a diferença na vida de muitas pessoas, e a gente compartilha pra que outras pessoas possam participar das nossas próximas ações¹⁹⁶ (Joana D’arc, 31.12.2017)

Já no cruzamento entre o estereótipo de **Mãe** com o **tema Mulheres**, Joana apresenta apenas um vídeo. As “marcas” no vídeo também não são tão fortes quanto em outras temáticas. Nessa postagem, a vereadora do PR, ao pronunciar-se na tribuna da Câmara Municipal de Manaus, apresentou um discurso solidário, manifestou empatia, cumplicidade e sensibilidade para ver o mundo e reagir, além de mostrar-se como defensora das mulheres. Percebeu-se, também, o uso de palavras afetivas como “carinho”, a mobilização de emoções ao valorizar a experiência feminina como mãe, além de demonstrar empatia ao tentar colocar-se no lugar do outro. O vídeo 118 abordou um crime em uma maternidade da capital amazonense, um dos funcionários estava sendo acusado de estuprar uma mulher que havia acabado de dar à luz:

¹⁹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=896382507176680>. Acesso em: 21.01.2019.

¹⁹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/974272489387681/>. Acesso em: 23.01.2019.

Trago esse assunto à tribuna porque, como uma mulher vereadora, não posso me omitir ou deixar de trazer isso pra que a Câmara possa se posicionar sobre esse assunto (...) Eu peço o apoio de todos os colegas porque eu vou levar hoje (...) a comissão das mulheres a qual eu faço parte (...) Eu levanto aqui, dentro dessa casa, a bandeira de defesa e enfrentamento da violência obstétrica. É uma das bandeiras que eu abracei com muito carinho (...) São casos realmente horríveis (...) Eu ainda não sou mãe, mas eu acredito ser o momento em que a mulher está mais frágil do que ela pode estar na vida toda ela, é um momento único, é um momento que realmente precisa de apoio¹⁹⁷ (Joana D'arc, 10.07.2017).

Ainda versando sobre a tipologia **Mãe**, apresentam-se os resultados da análise de conteúdo da vereadora do PHS, Professora Jacqueline, que registrou 13 vídeos com esse estereótipo. Houve cinco temas debatidos pela parlamentar ao mobilizar essa tipologia, sendo o **Eleições** o mais frequente. O curioso foi que, nele, Professora Jacqueline explorou bastante a feminilidade associada ao papel materno nos vídeos, ou seja, a presença de diversos aspectos subjetivos referentes ao tradicional universo feminino, mas que não são expostos diretamente como centrais, e sim compõem a narrativa. Por exemplo, o vídeo 158¹⁹⁸ é curto, são poucos os elementos fornecidos para análise, porém o contexto geral direciona até o estereótipo materno, pois mostra Jacqueline rodeada por várias pessoas, militantes, acenando e felizes, com o cartaz “Professora Jacqueline”, em alusão à campanha eleitoral da vereadora, promovida no Facebook, com a *hashtag* #tôcomaJac. Percebem-se características da tipologia, como a atenção e a proximidade corporal com as pessoas no vídeo; a presença ao lado de pessoas de múltiplas características, em locais públicos e privados; o contato com a câmera, valorizando “olhos nos olhos”; e até mesmo a utilização do apelido “Jac” para referir a si mesma, gerando mais intimidade.

O ambiente “feminino” também se mostrou presente no vídeo 164, de cunho eleitoral. A composição da arte da logo é em tons de rosa, e a fonte das palavras em estilo delicado. Várias pessoas dão depoimento em apoio à Jacqueline. Ao final, ela surge em um grupo de pessoas, de frente pra câmera, e todos gritam “Somos professores e apoiamos a professora Jacqueline 31300”¹⁹⁹. O vídeo 163 segue o mesmo padrão, no tom de cores e na proximidade com diversos grupos, porém, explora um pouco mais da tipologia **Mãe**. A vereadora do PHS está panfletando, andando pelas comunidades, beijando crianças, cumprimentando o povo, batendo fotos, conversando com diferentes pessoas, inclusive com mães e bebês. Tudo isso com uma trilha sonora animada ao fundo. São mais elementos a

¹⁹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/882641761884088/>. Acesso em: 20.01.2019.

¹⁹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/videos/1223581154333032/?v=1223581154333032>. Acesso em: 30.01.2019.

¹⁹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1257252067632607>. Acesso em: 31.01.2019.

englobarem o contexto da campanha de Jacqueline: o cuidado com o ser humano; a atenção com os outros ao seu redor; aquela que abraça e é atenciosa com as pessoas.

Já a postagem posterior às citadas acima consegue ser ainda mais emblemática na campanha eleitoral de Professora Jacqueline, em se tratando de “feminilidade”. No vídeo 168, Jacqueline está em uma caminhada acompanhada de militantes, com bandeira em tons cor de rosa. Jacqueline não fala no vídeo, surge caminhando pelas ruas, panfletando, conversando com diferentes grupos de pessoas, e o que mais chama atenção é a trilha sonora, um *jingle* inspirado na música “Poderosas”, da cantora Anitta: “Prepara que agora é hora de dar a resposta. 31300. Vote em quem tem proposta. A escolha da mudança”²⁰⁰. Neste sentido, observa-se que, no **tema Eleições**, o estereótipo **Mãe** foi mais explorado na composição do roteiro do vídeo, elementos sonoros, textuais e visuais, do que, propriamente, no discurso da vereadora do PHS. Contexto diferente do identificado em vídeos com outras temáticas.

No **tema Mulheres**, a tipologia materna se fez presente tanto nos recursos visuais e textuais do vídeo quanto no discurso da parlamentar. O estereótipo **Mãe** foi utilizado, nesse caso, como uma visível estratégia de propaganda eleitoral de Professora Jacqueline, que concorria, na época, como vice-governadora do Amazonas. Segundo Panke (2016), essa costuma ser a ferramenta utilizada com mais frequência pelas candidatas, durante as campanhas eleitorais. O vídeo 178 é uma produção audiovisual com o objetivo de gerar proximidade com o público feminino, o qual se gostaria de atingir como eleitorado. Nele, fala-se diretamente com aquelas mulheres que assumem o papel “tradicional” - e quase indissociável – de mulher-mãe, o mais comum na América Latina, conforme a pesquisa de Panke (2016). No início do vídeo, tem a palavra “MULHER” na cor rosa, e o perfil de uma mulher em fusão com um coração rosa. Professora Jacqueline veste tons neutros, que remetem à feminilidade, e apresenta discurso pautado na sensibilidade como forma de fazer política:

Olá! **Quero falar diretamente para todas as mulheres do Amazonas.** Somos 52% de eleitores, porém nossa representatividade nas assembleias estaduais e nas câmaras municipais é insignificante, por volta de 10% (ênfatisa com a voz e faz um gesto vigoroso com as mãos). Por isso, não temos voz, ou quem defenda nossos direitos, ou quem faça políticas públicas para as mulheres. Isso precisa mudar! **Eu sei, minha amiga, você que é dona de casa, profissional liberal, não tem tempo,** e agora com tanta corrupção, talvez não tenha nem disposição pra prestar atenção em política. **Mas nós, mulheres, temos nossas responsabilidades com nossos filhos, nossa família, nossa cidade e nosso Estado.** Quando os bons cruzam os braços é que os maus tomam conta. No atual momento, **nossa sensibilidade e nossa responsabilidade de mãe nos chama para a construção de um novo Amazonas para os nossos filhos.** (...) Vote 31, Wilker Barreto governador, professora Jacqueline vice²⁰¹ (Professora Jacqueline, 26.07.2017, grifo nosso)

²⁰⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1275778779113269>. Acesso em: 31.01.2019.

²⁰¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1596837310340746>. Acesso em: 31.01.2019.

Foi identificada mais da metade das “marcas” da tipologia **Mãe** no vídeo acima: Jacqueline como mulher que fala em nome da família; na proteção das crianças; enaltece o papel da mãe e diminui a importância do papel do pai; o cuidado da vereadora com o ser humano; a atenção com os outros ao seu redor; a manifestação de empatia; a sensibilidade para ver o mundo e reagir; o tom de voz, a maneira de se dirigir às pessoas, em termos de proximidade corporal, o que faz com que se pareça mais uma mãe; a trilha sonora com ênfase em emoções positivas; o discurso solidário e cuidador (maternalismo); o tom de voz suave; a demonstração de cumplicidade; a imagem de defensora das mulheres; o contato com a câmera, valorizando “olhos nos olhos”; o discurso social (foco no sensível); o depoimento pessoal; e o tom de confiança.

Quando o discurso é em outro contexto, que não o de campanha eleitoral, o cruzamento **Mãe x Mulheres** é pautado por diferentes características. O discurso continua a ser social, porém os aspectos centrais giram em torno de tom mais empático, exalta a sensibilidade como forma de gerenciar situações, e propõe a defesa de determinados grupos, com argumentos mais técnicos e racionais. É o caso do vídeo 157, no qual o ambiente é o interno, na Câmara Municipal de Manaus (e não mais em um estúdio gravando), na mesa da plenária, e a vereadora do PHS debate sobre a Lei Maria da Penha nas escolas municipais. É uma fala bastante coerente, Professora Jacqueline enfatiza a importância da educação sexual nas escolas para trabalhar diversos problemas de violência. É uma imagem forte de mãe que educa e repreende, ainda O público ouvinte na CMM seja adulto:

Eu acredito que quando a gente trabalha pela proteção Lei Maria da Penha, violência doméstica, questão da sexualidade nas escolas já tá previsto (...) Não existe trabalhar um tema só com relação a estupro. Isso é violência doméstica, também como é violência sexual e já tá sendo abordado dentro dos temas da Secretaria Municipal de Educação (...) para melhorar o fazer pedagógico, melhorar a conscientização da população eu acho importante, mas com certeza a gente tá precisando fazer campanha (...) ²⁰² (Professora Jacqueline, 31.05.2016)

O padrão linguístico se aproxima do abordado no **tema Família, Crianças e Adolescentes**. “Não é novidade a gente ouvir falar do abuso sexual de criança e adolescente, do abuso sexual, nas escolas como um todo”²⁰³, ela diz no vídeo 163, em discurso na tribuna da CMM. O discurso é mais formal, e menos emotivo, dentro do ambiente institucionalizado, mesmo tratando de um tema considerado maternal, como o família: “Parabéns a todos que tem filhos. As nossas crianças do Brasil todo. Eu quero que elas tenham realmente seus

²⁰² Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1188568637834284>. Acesso em: 30.01.2019.

²⁰³ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1253335598024254>. Acesso em 31.01.2019.

direitos respeitados e ampliados também (...) Quero que nossas crianças sejam crianças felizes”, relembrou Professora Jacqueline, dirigindo-se aos colegas parlamentares.

Já a imagem de **Mãe** da Professora Jacqueline, ao versar sobre **Educação** no vídeo 161, é assemelha-se a de “mãe dando bronca”. Nele, ela está em pronunciamento na tribuna, na Câmara Municipal de Manaus, explicando sobre o projeto-piloto de educação financeira de autoria própria:

Aí vocês me perguntam: qual a importância da educação financeira para os nossos alunos? Porque o Brasil ainda é um dos países mais endividados. Um país que ainda a população, não sabe trabalhar de forma coerente, com eficiência (...) as suas finanças. E a gente vem aí, em um momento de crise, onde as pessoas não sabem como resolver, como fazer ajustes financeiros. Pessoas que extrapolam o cartão de crédito, pessoas que se endividam de várias formas²⁰⁴ (Professora Jacqueline, 23.08.2016).

Durante a pesquisa exploratória do objeto, relembra-se que as habilidades profissionais de Professora Jacqueline foram pontuadas nos vídeos postados no Facebook, devido ao fato de ser educadora e pedagoga, além de suas qualificações curriculares de ensino superior na graduação e pós-graduação, inclusive, realizadas em Portugal.

Outra vereadora, também é educadora de carreira, é a Professora Therezinha (Democratas), e registrou 14 vídeos com a tipologia de **Mãe**. Ela também utilizou, de forma central, o discurso social, conforme marco de Panke (2016) e, de maneira geral, enalteceu seu histórico como educadora e figura pública experiente. Há alguns vídeos, analisados previamente, que são depoimentos de eleitores/simpatizantes, elogiando a experiência profissional da vereadora, além do trabalho como agente política, é o que inspiraria a confiança no voto. Os principais aspectos sobre os vídeos com o estereótipo **Mãe** incluem como se expressa com calma (não costuma gesticular bruscamente ou gritar), fala em tom apaziguador e conciliador, apesar de não possuir a oratória tão desenvolvida quanto as outras vereadoras, a exemplo de Marinor Brito (PSOL) e Joana D'arc (PR). Na tribuna, onde apareceu algumas vezes, Professora Therezinha teve a ajuda de papéis para ler o discurso. É possível dizer que a parlamentar simboliza aquela mãe experiente (histórico na vida pública e na Educação), e que vai gerenciar os problemas da cidade da melhor forma por conta disso. São estratégias de comunicação nos vídeos de Therezinha, que ficaram perceptíveis, durante a análise da amostra.

No cruzamento com a categoria **tema**, oito fazem referência ao estereótipo materno. O destaque é para **Família, Crianças e Adolescentes**, com quatro ocorrências; seguido de

²⁰⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1247113991979748> . Acesso em: 31.01.2019.

Deficientes, com três. Therezinha apresentou, nos vídeos analisados em sua *fanpage* do Facebook, grande valorização pela família, e expressa esse sentimento pelas linguagens verbal e visual. O vídeo 184 é um exemplo, a parlamentar do Democratas utiliza-se, ainda, da formação como professora como estratégia de comunicação. É um dos exemplos do quadro “Therezinha Responde”, no formato pergunta x resposta, em que pessoas comuns gravam perguntas que, posteriormente, são respondidas pela parlamentar. No início do vídeo, surgem, em arte, as palavras: formação, lazer, educação, cultura, segurança, cidadania, legislação, esporte. Rodam imagens de creches municipais, e Therezinha surge ao ar livre, em cenário de boa iluminação e com plantas ao fundo. Em seguida, entra nova arte com a seguinte pergunta: “Qual o desafio para as mães que trabalham?”. A vereadora reaparece, no mesmo cenário, e responde:

(...) é um grande desafio e uma preocupação muito grande. Muitas mães precisam sair pra trabalhar cedo, deixar seu filho num local seguro pra poder manter todo o seu trabalho fora de casa (...) as crianças têm que ter um lugar também onde elas aprendam, onde elas estejam bem guardadas e onde as mães possam sentir essa segurança. E este lugar é a creche. Por isso, vou continuar lutando para que a prefeitura construa mais creches, nos vários bairros de Manaus que precisam, que tem uma demanda muito grande de 1 a 3 anos. Com isso, nós teremos as mães preparadas para o mercado de trabalho, e em condições normais de deixar suas crianças, em um lugar onde sejam bem cuidadas²⁰⁵ (Professora Therezinha, 25.08.2016).

Nota-se, o estereótipo **Mãe** está presente nos seguintes elementos descritos por Panke (2016): fala em nome da família; na proteção das crianças; demonstra cuidado com o ser humano; atenção com os outros ao seu redor; se mostra disposta a escutar (ao responder as perguntas de pessoas comuns); manifesta empatia pelas mães que precisam trabalhar; sensibilidade para ver o mundo e reagir; é conciliadora ao dizer que vai “continuar lutando para que a prefeitura construa mais creches”; adota discurso solidário e cuidador (maternalismo); tom de voz suave; além do vídeo possuir trilha sonora, com ênfase em emoções positivas; tons das cores utilizadas, na composição do cenário e personagens presentes (foco no sensível); a musicalização constante; imagens de natureza; iluminação suave; cores de roupa associadas à feminilidade (sensibilidade).

Acima, a parlamentar da capital amazonense combina vários elementos verbais, visuais e sonoros para produzir conteúdo focado na **Família**, e recorrendo à tipologia **Mãe**. Há casos em que Therezinha versa sobre a valorização da família, explicitamente, pelo discurso, como no vídeo 196: “Vocês sabem o quanto me importa a família, e o quanto eu trabalhei pelas famílias (...) quero pedir seu voto de confiança. O voto da sua família para que

²⁰⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=959881027491261>. Acesso em: 29.01.2019.

nós possamos continuar defendendo a educação e as famílias de Manaus”²⁰⁶. Surgem, ainda, no vídeo, durante a fala da vereadora, fotos de *insert*, com famílias “tradicionais”, ou seja, homem, mulher e filho. É um elemento que revela de qual família a vereadora está se referindo, ainda mais quando se leva em consideração que, em nenhum outro vídeo da amostra ou da pesquisa exploratória, houve menção à diversidade sexual ou às famílias homoafetivas. É um aspecto conservador de sua postura como representante política.

O lado mais técnico e formal da vereadora do Democratas também foi explorado no vídeo 192, gravado na Câmara Municipal de Manaus. Nele, Therezinha discorre sobre o Dia de Combate ao Câncer Infanto-Juvenil, explicando que “(...) de acordo com as pesquisas, se nos cuidarmos antecipadamente (...) nós combatemos e evitamos o câncer porque 80% dos casos que são detectados com antecedência são curáveis”. Em seguida, completa o pronunciamento, retomando as características maternalistas ao pedir: “Vamos cuidar das nossas crianças. Elas são o futuro do nosso país. É o nosso futuro”²⁰⁷.

As datas comemorativas também são motivações para a gravação de vídeos com a associação **Família x Mãe** (estereótipo). O de número 182 é referente ao Dia dos Pais, figura descrita por Professora Therezinha como “aquela pessoa que nos orienta, nos abraça, que nos traz toda essa formação de família”. Aqui, há novamente menção à família tradicional (ora, não pode haver famílias de duas mães?), e até aspectos religiosos na descrição paterna, pois em religiões de base cristã, o papel do pai está relacionado ao de autoridade (cabeça), garantidora da formação e do equilíbrio da família, que estabelece limites e tem a missão de ser o primeiro educador e modelo para o filho do próprio deus²⁰⁸. O maternalismo mostra-se presente tanto na descrição do pai na família (o que revela indícios de submissão), como também nos aspectos “femininos” componentes do cenário do vídeo, como a trilha emotiva, o cenário com flores, o retrato de família e, no final, a frase “nosso abraço, nosso carinho, muita união, muita saúde na sua família”²⁰⁹.

Outro tema de forte apelo social, trazido por Professora Therezinha, quase que exclusivamente, é o **Deficientes** – já a outra vereadora a tratar do assunto, uma vez, foi Joana D’arc. Assim, foram três ocorrências, nas quais a parlamentar do Democratas relembra a experiência de educadora para legitimar a competência como agente política. O vídeo 183 mostrou a abertura dos Jogos Adaptados para Alunos com Deficiência, incluídos no calendário escolar da rede municipal, por meio de um projeto de autoria dela. No vídeo 194,

²⁰⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=985260501619980>. Acesso em: 30.01.2019.

²⁰⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1096770497135646>. Acesso em: 30.01.2019.

²⁰⁸ Disponível em: <https://cleofas.com.br/a-importancia-do-pai-na-construcao-da-familia/>. Acesso em 19.03.2019.

²⁰⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=951284205017610>. Acesso em 29.01.2019.

Professora Therezinha debateu, durante pronunciamento na tribuna da Câmara Municipal de Manaus, sobre o Dia de Luta da Pessoa com Deficiência: “Já tem muitos anos que eu tenho esse olhar para as crianças e jovens com deficiência. Desde a secretaria, eu já tinha uma proposta, e nós conseguimos alocar recursos para o complexo (...)” Já no vídeo 192, há uma mistura das linguagens formal verbalizada e da gestual, com os demais códigos linguísticos existentes na gravação. O vídeo começa com a arte em forma de selo, com a legenda “Meu compromisso”, Therezinha está em ambiente externo e, ao mesmo tempo em que começa a falar, há *insert* de imagens de pessoas com deficiência. O discurso é racional, demonstra, mais uma vez, a experiência parlamentar na elaboração de leis, e, ao final, mostra gestualmente os aspectos maternais: “Por isso, criei o projeto de lei que garante o acesso ao emprego para pessoas com deficiências em Manaus. Isso é compromisso”²¹⁰. Therezinha coloca a mão no peito e sorri.

Por fim, como esta pesquisa aborda o gênero como categoria de análise, examinaremos, ainda, a relação entre a tipologia **Mãe** e o **tema Mulheres**. Na coletânea analisada de Professora Therezinha, há apenas um vídeo com esse enquadramento, o qual lembra o Dia das Mães. Não é possível identificar o local onde a vereadora está, mas é um ambiente fechado, com barulho de pessoas conversando ao fundo. No entanto, foi aplicado um efeito de edição, sobre as imagens, de feixes de luz. Therezinha diz no vídeo 203:

Mais uma data que nos reunimos para comemorar, para abraçar e para receber o carinho dos nossos filhos. Como eu sou uma mãe, e uma avó, muito feliz eu quero transferir essa felicidade pra todas as mães. Que deus abençoe. Deus lhe dê saúde, e lhe dê muito amor, dentro da sua família²¹¹ (Professora Therezinha, 14.05.2017)

É um vídeo com conteúdo dentro do senso comum atual, no mundo Ocidental, de mensagens de homenagem às mães, quase que, exclusivamente, com foco no sensível, nas palavras de afeto e nas emoções positivas relacionadas à data. Alguns portais na internet²¹² associam a origem do Dia das Mães à história de uma americana que promoveu uma ação de valorização da figura materna pelo viés religioso, no início do século XX. Com o tempo, a iniciativa foi bem vista, e implementada no Brasil também, durante a década de 30, mas também associada a instituições religiosas e, posteriormente, foi adicionado o valor mercadológico. Mas, de maneira geral, manteve-se como um hábito, todo segundo domingo do mês de maio, remeter apenas a coisas boas, à expressão de palavras carinhosas e à entrega de presentes. Não se condena aqui tais comportamentos, e sim questiona-se quando eles não

²¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=975132272632803>. Acesso em 30.01.2019.

²¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1167674146711947>. Acesso em 30.01.2019.

²¹² Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-das-maes.htm>. Acesso em 20.03.2019.

são ampliados para outras possibilidades de pensamento, ou seja, não vêm acompanhados de reflexões críticas da própria realidade do país, ainda mais por se tratar de um estereótipo feminino tão marcante, e que romantiza a maternidade, em todos os aspectos.

A “maternidade real”, como muito tem sido apresentada até por manifestações nas mídias digitais²¹³, não tem nada de romance, e sim uma sobrecarga física, mental e emocional para as mulheres como resultado de padrões sociais de comportamento baseado no gênero, ou seja, um sistema patriarcal que aprisiona, em um estereótipo. Nos últimos 15 anos, houve um aumento expressivo de mais de 100% do número de lares sendo chefiados apenas por mulheres²¹⁴, lares esses onde a maioria das mulheres vive sozinha com os filhos. Isto é, mais mulheres chefiando significa mais mulheres no mercado de trabalho. Vale lembrar que, segundo pesquisa²¹⁵ de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, as mulheres brasileiras trabalham, em média, oito horas a mais, por semana, no cuidado de familiares ou nas tarefas domésticas, quando comparadas aos homens. A realidade é ainda pior ao olhar para as mulheres negras e periféricas. Sem mencionar as famílias que não têm a figura materna, ou aquelas mulheres que optam não ter como destino irrevogável a maternidade. São questões que poderiam ter sido citadas por Professora Therezinha, uma representante política formalmente eleita, integrante da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara Municipal de Manaus, mas que foram omitidas, nesse vídeo em particular, para destacar no discurso aspectos superficiais, românticos e cristãos, sob o estereótipo de **Mãe** como benevolente.

É um cenário semelhante ao que ocorre, por exemplo, no Dia Internacional da Mulher e na circulação de mensagens que enfatizam, primordialmente, traços ligados à “feminilidade” convencional, além da simbologia da rosa vermelha. Obscurece-se o significado real por trás da data, e a possibilidade de pensamento crítico que o estabelecimento do 8 março tem como objetivo. Destarte, movimentos feministas, seja nas mídias digitais ou em mobilizações sociais nas ruas, realizam o resgate da semântica principal da data, e ampliam o debate para demandas femininas urgentes, como os direitos reprodutivos, o aborto e a autonomia sobre os próprios corpos.

Apesar da grande incidência da tipologia **Mãe**, duas vereadoras não se enquadraram no estereótipo como o principal: Marinor Brito (PSOL) e Glória Carratte (PRP). A primeira

²¹³Disponível em: <https://www.instagram.com/maternidadeereal/?hl=pt-br>. Acesso em 20.03.2019.

²¹⁴Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2018/03/em-15-anos-numero-de-familias-chefiadas-por-mulheres-mais-que-dobra.html>. Acesso em: 20.03.2019.

²¹⁵Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/mulheres-trabalham-73-a-mais-do-que-homens-em-tarefas-domesticas/>. Acesso em: 20.03.2019.

teve a maior parte dos vídeos, 23 de 51, ou 45%, voltados para o estereótipo de **Guerreira**; enquanto que a segunda apresentou os dois únicos vídeos postados, ou 100%, com a imagem de **Profissional**. Começa-se, então, expondo os resultados da vereadora de Belém do PSOL, Marinor Brito, e dos principais elementos linguísticos dos vídeos analisados com o estereótipo de **Guerreira** que, segundo Panke (2016), relaciona-se com a mulher que se destaca por tomar iniciativas e atuar politicamente para mudanças sociais; lutam e, muitas vezes, rompem as regras sociais; são porta-vozes de determinados grupos e ideias (dizem o que os outros não podem ou não querem dizer); expõem-se na política, se aproximando demasiadamente de modelos masculinos; surge em especial, nas campanhas de oposição, juntamente com estratégias de ataque; possui atitude contestadora, e maior tendência a preconceitos por parte da sociedade. Marinor apresenta, nos vídeos dessa tipologia, 10 das 11 ideias norteadoras sistematizadas pela autora.

Durante a pesquisa exploratória dos vídeos da parlamentar do PSOL, já eram perceptíveis indícios dessa semântica, presentes na representação política discursiva, pois Marinor se referiu a variados grupos sociais: servidores públicos, trabalhadores da iniciativa privada, mulheres, negros, povos indígenas, quilombolas, LGBTI+. Nesse sentido, foi a única, das três vereadoras de Belém, a citar diretamente a Amazônia, a criticar Jair Bolsonaro, a falar em golpe no governo Temer, sobre Estado laico, sobre intolerância religiosa e sobre a importância da Comunicação. São temas progressistas, associados à postura ideológica e partidária da vereadora, de extrema-esquerda, e também forte opositora da gestão municipal.

Também foi a única das três vereadoras a tratar sobre raça; sobre futebol, expondo, inclusive o time favorito; aparece em evento de comemoração a sua eleição como vereadora bebendo cerveja; dança carimbo; e samba de casal com um homem. Outro ponto que chama a atenção, na postura de Marinor, é a capacidade de oratória e de argumentação. Os discursos dela costumam apresentar refinamento linguístico e indícios de capital político, na medida em que a vereadora demonstra conhecimento da legislação municipal, de leis específicas, de definições sobre democracia – que é uma palavra bastante citada –, da Constituição Federal de 1988 e das experiências/vivências das comunidades. Possui diversos vídeos, em pronunciamento na tribuna da CMB e, durante os discursos, tende a aumentar o tom da voz a ponto de, algumas vezes, gritar. A baixa qualidade dos vídeos, em termos técnicos de pós-finalização, é um contraponto ao poder de oratória da vereadora. É como se, nos vídeos postados, o mais importante fosse o conteúdo verbalizado por Marinor, e detalhado nas legendas.

Agora, explorando mais especificamente os resultados da tipologia **Guerreira**, nos vídeos analisados da vereadora do PSOL, houve a ocorrência de oito temas distintos relacionados ao estereótipo. Os três principais foram: **Cidade; Cultura e Política Institucional**. Um detalhe interessante é que todos os vídeos do cruzamento **Guerreira x Cidade** são de críticas à gestão municipal do Prefeito Zenaldo Coutinho (PSDB), e possuem, como principal **função**, a atividade parlamentar de Marinor, na Câmara Municipal de Belém (pronunciamento na tribuna); a fiscalização de obras da Prefeitura; e a participação em comícios e passeatas. O primeiro exemplo é de um dia da rotina interna da vereadora na CMB, em discurso na tribuna, questiona o alto custo da energia elétrica. No vídeo 51, é possível ver a Câmara lotada (participação popular), e atenta ao discurso cujo trecho segue abaixo:

(...) os problemas levantados e identificados de possíveis irregularidades.. mas quero também dizer que é impossível que a gente saia de uma audiência como essa e não tenha uma sinalização para amenizar o sofrimento dessas pessoas (...) Eu tô aqui com uma conta de luz (...) Essa conta aqui é de um servidor público municipal que ganha um pouco acima, uma besteirinha de um salário mínimo. Ele recebeu, como muitos de vocês, uma cobrança pra ser quitada em 15 dias sujeito a um monte de letrinhas, um monte de artigos, um monte de incisos, de leis que o povo não domina, infelizmente (...) e se não pagar em 15 dias, estão submetidos à Serasa e à corte de energia. Alguma coisa tá errada. (...) Cadê a tarifa social? O que a prefeitura tá fazendo? (...) Nós temos que questionar. Nós temos que ir pra cima, vereador Fernando²¹⁶ (Marinor Brito, 30.11.2016)

As principais “marcas textuais” presentes no vídeo, como o discurso apaixonado e de força; o tom elevado de voz; os gestos vigorosos e a mensagem de revolta; o olhar determinado; poucos sorrisos; os dedos apontados para as pessoas, em sinal de autoridade; a agressividade; a expressão facial fechada; Marinor “dura”, às vezes, inflexível; contestadora; em primeiro plano no cenário; e em cargo de liderança, já que a vereadora discursa enquanto líder do partido na Casa. Outra característica pode ser acrescentada a esse grupo pela análise do vídeo 43, que versa ainda sobre **Cidade**, mas com função de vídeo distinta, o **Cotidiano**: o surgimento de mulheres como Marinor, em especial nas campanhas de oposição, juntamente com estratégias de ataque, uma vez que o vídeo em questão foi gravado em período de campanha eleitoral para a Prefeitura de Belém. Nele, já foi citado, anteriormente, na categoria **Crítica à gestão municipal**, Marinor está no carro, à noite, na Avenida Augusto Montenegro, em Belém, e questiona o cenário que vê: “Não tem absolutamente nada a ver com a

²¹⁶Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1816680235272418/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

propaganda mentirosa do prefeito Zenaldo. Augusto Montenegro esburacada, sem sinalização, sem sinalização vertical, escura, absolutamente escura”²¹⁷

A vereadora do PSOL trabalha fortemente com o **tema Cultura**, e tal fato também foi notado, durante a análise preliminar dos vídeos, apesar de ser a segunda maior incidência da tipologia **Guerreira**. Marinor abordava o assunto, em sessões na CMB, ou na participação em eventos de rua. No **vídeo 50**, a parlamentar, por meio do estereótipo de **Guerreira**, trata do assunto **Cultura**, em um contexto de eleições, no qual a **função** é apoiar, o então candidato à Prefeitura de Belém pelo PSOL, Edmilson Rodrigues. Ela está em militância partidária, e diz “(...) deste Prefeito que não tem amor ao povo, virou ruína, como virou o Chalé Tavares Cardoso, como virou o Palacete Pinho, como viraram os patrimônios históricos dessa cidade”²¹⁸.

Tão recorrente quanto a **Cultura** foi a **Política Institucional**, tema mobilizado pelo estereótipo **Guerreira**, e com principal função de vídeo o **Cotidiano**. No vídeo 53, Marinor está de cara lavada, cabelo preso e blusa do Clube do Remo, em um ambiente aparentemente doméstico, e fala diretamente para a câmera, com a TV ligada ao fundo, e imagens do ex-presidente da Câmara de Deputados, Eduardo Cunha:

Os ‘coxinhas’, as elites, golpistas celebram a aprovação da PEC 155, a PEC da desgraça, da maldade, da desigualdade social entre o povo brasileiro e do aumento do desemprego, da miséria e desespero do povo mais pobre. Vamos ter que resistir. A luta não poder parar. Passamos uma ditadura. É hora de avançar na luta e na resistência do povo²¹⁹ (Marinor Brito, 13.12.2016).

Um aspecto instigante, enquanto pesquisa que leva em consideração a questão de gênero, foi que nenhum dos vídeos da tipologia **Guerreira** abordou o tema **Mulheres**. Uma das marcas textuais sistematizadas por Panke (2016), explica ser um estereótipo que se associa, também, aos instintos maternos, quando da defesa dos seus descendentes (força e sororidade nos discursos). Entretanto, em nenhum vídeo de **Guerreira** essa sororidade foi expressada para falar sobre o grupo politicamente minoritário “mulheres”. Na verdade, há apenas um vídeo com a temática **Mulheres**, e que tem como principais aspectos cognitivos aqueles associados à tipologia **Mãe**. Foi postado no perfil pessoal de Marinor, durante período

²¹⁷Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1785122825094826/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

²¹⁸Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1799883376952104/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

²¹⁹Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1823546974585744/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

de campanha eleitoral, indicando que Marinor também se utilizou do papel mais comum à mulher, como forma de estratégia de campanha, não apenas com elementos discursivos, mas também com subjetivos à feminilidade. No vídeo 32, os tons do cenário, e da camisa da parlamentar do PSOL, são rosa e roxo. Ela diz “olho no olho”: “Nós mulheres somos a maioria da população e do eleitorado. Temos que construir a representação necessária e justa. Voto de confiança é Marinor 50123”²²⁰.

Porém, reitera-se que, durante a análise exploratória, Marinor Brito foi a única da CMB a falar explicitamente sobre o feminismo. Em um dos vídeos, não contemplados pela amostra analisada, Marinor refere-se à “pauta feminista” do PSOL, e que se trata de “um partido feminista”. Todavia, do total de vídeos, foi a única citação direta ao movimento feminista, ainda que ela tenha abordado, amplamente, diversas questões relacionadas às mulheres como: violência; resistência feminina; participação política feminina; luta por direitos das mulheres; cultura do estupro; filiação feminina no PSOL; e a Marcha das Mulheres. Isto é, há um ponto a ser levantado nessa contradição: as temáticas femininas, embora citadas, não foram suficientemente (em termos quantitativos) abordadas, de maneira central.

Já Glória Carratte (PRP) apresentou como principal tipologia a **Profissional**, a qual se associou com os temas **Eleições** e **Cidade**. Porém, frisa-se que foram apenas dois vídeos analisados da parlamentar, pois a quantidade de vídeos postada é bastante inferior a todas as outras vereadoras aqui pesquisadas. Foi, inclusive, difícil fazer uma pré-análise mais longa, em razão dos poucos elementos apresentados do limitado conteúdo audiovisual produzido. Cabe apuração junto à própria vereadora, ou à assessoria para identificar o motivo do Facebook não ser tão utilizado como divulgador do trabalho parlamentar ou como ferramenta de interação com seguidores.

Diante do restrito conteúdo audiovisual, a breve análise, do que foi possível apreender, é de que os vídeos de Glória Carratte indicam ter sido realizados com o uso de celular devido à baixa qualidade da imagem. Nenhuma transmissão ao vivo foi feita, nem gravação no estilo *selfie*. Todas foram realizadas em ambiente externo, fora da Câmara Municipal de Manaus. É o caso dos dois vídeos da tipologia **Profissional**. Para esse estereótipo, Panke (2016) define como aquelas mulheres que apresentam duas tendências: a valorização do êxito enquanto candidata, e também o caso de mulheres subordinadas levadas

²²⁰Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1774471762826599/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

ao poder pela mão de um padrinho; é uma mulher que trabalha, mas é questionada pela profissão; e se não trabalha, não se sustenta ou não sustenta os filhos; é uma narrativa em que não se enfatiza, necessariamente, a formação profissional, mas a aptidão para o trabalho; e por fim, é apontada pela autora como a tipologia menos evidenciada, nas campanhas latinas pesquisadas.

Devido à quantidade limitada de vídeos, foi possível identificar apenas alguns aspectos do estereótipo **Profissional** como: mostra-se como trabalhadora; capaz de gerar resultados; disposição para um mundo melhor; atitude otimista pelo trabalho, o que é necessário em um governo; mostram-se como incansáveis; relação com o êxito, preparo profissional. No vídeo 153, de tema **Cidade**, e **função Fiscalização de obras**, está em uma rua de Manaus em obras, vestida com blusa e boné na cor rosa (“feminilidade”) e diz, olhando para a câmera:

Eu e o vereador (?) solicitei através de requerimento à Prefeitura Municipal, o senhor prefeito, Secretaria Municipal de Obras, o recapeamento, o mutirão de tapaburacos (...) meu dever como vereadora é acompanhar e fiscalizar o serviço feito pela Prefeitura Municipal de Manaus²²¹ (Glória Carratte, 01.10.2016).

Já no vídeo 154, de cruzamento **Profissional x Eleições**, Glória está na rua, ao lado de um carro com a propaganda dela no vidro traseiro, faz gestos vigorosos e discursa:

Meu amigo, minha amiga, chegamos ao final de uma grande batalha. Para eu continuar trabalhando, ajudando as pessoas menos favorecidas, eu conto com o seu voto. Não esqueça que você é responsável pelos 41 vereadores que você coloca no parlamento. Ajude a reeleger uma pessoa que trabalhar e olha pelo seu bairro, pela sua comunidade, pela cidade de Manaus. Conto com o seu voto. 44123, Glória Carratte outra vez²²² (Glória Carratte, 01.10.2016)

Já quanto às referências às mulheres, Glória realizou uma, durante a análise preliminar do objeto. Nele, a vereadora do PRP abordou a temática, lembrando o Dia Internacional da Mulher. São montagens de fotos da vereadora com outras mulheres, durante trabalho externo da Câmara Municipal de Manaus, e que apenas consta a legenda “Feliz dia das mulheres”.

Um ponto instigante ao analisar as tipologias **Guerreira** e **Profissional** é que, diferentemente, da tipologia **Mãe**, nessas, em específico, não houve predominância de temas associados à *soft politics*. Marinor Brito destacou-se com dois dos três temas associados à

²²¹Disponível em:

https://www.facebook.com/gloria.carratte.9/videos/vb.100005631163598/556536021210765/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 27.01.2019.

²²²Disponível em:

https://www.facebook.com/gloria.carratte.9/videos/vb.100005631163598/556536021210765/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em 27.01.2019.

Guerreira como sendo de *hard politics*, enquanto que Glória Carratte apresentou os dois temas de **Profissional** na mesma área. O que leva a pontuar que os vídeos das vereadoras analisados, acionados pelo estereótipo de **Mãe**, mostraram maior aproximação com as temáticas da área social - de menor prestígio, conforme Miguel e Feitosa (2019) -, pois se trata de um setor voltado para novatos ou para o “baixo clero” da política institucional.

A segunda categoria analítica do grupo *Discursivo* é a de **relações de poder**, a qual foram atribuídas três opções baseadas no marco de Allen (1998; 2013) e de Cal (2016): *power over* (dominação); *power to* (resistência e empoderamento); e *power with* (solidariedade); que correspondem às três principais definições de poder na literatura da Teoria Política. Assim como na categoria de estereótipos, na sobre relações de poder, o objetivo foi identificar qual a relação central de poder presente nos vídeos, com base nas “marcas textuais” presentes no objeto, e organizadas no *quadro metodológico 1*, disponível no *capítulo 3* desta pesquisa. Como já vimos anteriormente na discussão teórica, o poder não corresponde simplesmente a uma ação vertical, unilateral e individual que se esgota na própria ação, e sim se enviesa em um jogo de relações dinâmicas, repleto de distinções: práticas, participantes, circunstâncias, objetivos, códigos, afetações. As relações de poder se complexificam a partir de si mesmas, enquanto processo comunicacional de compartilhamento de diferenças (BRAGA, 2017), de atuação da intersubjetividade (MARTINO, 2014) pela produção de discursos (FRANÇA, 2002), verbalizados, ou por meio de imagens.

Deve-se a isso, nesta pesquisa, a investigação das relações de poder, a partir da representação política como processo comunicacional e discursivo (GARCÊZ, 2017), no qual as vereadoras de Belém e de Manaus são participantes de diferentes relações de poder que se interseccionam e incidem sobre si mesmas, posto que toda relação de dominação gera conduta pública hegemônica, além de discurso voltado para a contestação (SCOTT, 1990). Não há dominação total, tampouco passividade completa entre os sujeitos e os grupos (BIROLI, 2011). Além disso, as próprias injustiças em comum, sofridas em contexto de dominação, podem gerar empoderamento, e provocar articulações entre as partes na execução de “ações coletivas” (CAL, 2016). Ressalta-se, ainda, que não há sobreposição entre as relações de poder, ou seja, não há níveis de importância, e sim complementariedade e mútua afetação, dentro do próprio processo em que estão inseridas. É por isso que essa categoria ajuda a responder o problema norteador da pesquisa, a respeito de como as relações de poder atuam na configuração da representação discursiva das vereadoras de Belém e de Manaus, em um ambiente comunicacional como o Facebook, em que elas podem construir os próprios discursos.

São trazidos ao debate, então, os dados gerais sobre as relações de poder presentes nos 210 vídeos das vereadoras de Belém e de Manaus, postados nos perfis pessoais e/ou *fanpages* Facebook, que revelaram 122 vídeos (58%) com a relação de poder *central* sendo mobilizado ***power to***; 47 de ***power over*** (22,3%); e 42 ***power with*** (20%). Já a segunda relação de poder de maior recorrência é também a ***power to***, com 36 ocorrências (17,1%); seguida de ***power over***, com 5 (2,3%); e ***power with***, com 1 (0,4%). Em termos comparativos entre as Câmaras Municipais, os resultados de 86 vídeos, apenas de Belém, indicaram que a *principal* relação de poder nesse grupo é: ***power to***, com 46 ocorrências (53,4%); seguida de ***power over***, com 23 (26,7%); e ***power with***, com 17 (19,7%). Já para os 124 vídeos, apenas de Manaus, as ocorrências são: ***power to***, com 73; ***power with***, 25 e ***power over***, 24.

Abaixo, no *quadro 11*, há uma análise comparativa entre cada vereadora, e a relação de poder correspondente ao número de vídeos com tal ocorrência. Para facilitar a compreensão, os resultados foram organizados com a inclusão da primeira e da segunda relação de poder encontradas nos vídeos, pois como mencionado há pouco, não há interação humana em que haja apenas uma única relação poder:

Tabela 12 - Relações de poder (principal e secundária) de cada vereadora

RELAÇÃO DE PODER	BELÉM						MANAUS							
	Blenda Quaresma (MDB)		Marinor Brito (PSOL)		Simone Kahwage (PRB)		Glória Carratte (PRP)		Joana D'arc (PR)		Prof. ^a Jacqueline (PHS)		Prof. ^a Therezinha (Democratas)	
	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º
<i>Power over</i>	13	6	3	11	7	4	0	2	8	9	10	3	6	4
<i>Power to</i>	5	4	36	13	5	11	2	0	38	23	13	12	22	3
<i>Power with</i>	0	2	12	18	5	2	0	0	23	32	2	6	0	17
Nenhum	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	4
Nº total	18	18	51	51	17	17	2	2	69	69	25	25	28	28
% total	8,5	8,5	24,2	24,2	8	8	0,9	0,9	32,8	32,8	11,9	11,9	13,3	13,3
Geral	86 (40,5%)						124 (59,5%)							

Observa-se que, tanto em termos gerais quanto por Câmara, o padrão é o mesmo: *power to* como a principal relação de poder. Os vídeos analisados possuem ideias norteadoras, especialmente, voltadas para a construção e a perseguição de projetos de vida que incluem a carreira política das vereadoras; e a valorização de formas de transformação, e de empoderamento de si e de outros (ALLEN; 1998; 2013, CAL; 2016). Houve incidência, porém em menor escala, de vídeos com referência a situações ou casos de questionamento da marginalização da mulher na política institucional ou de outros grupos sociais (CAL, 2016).

Os achados sobre o tópico direcionam para a primeira inferência a respeito do nosso aporte teórico. Ora, se há muitas relações de *power to*, há também muitas de *power over*, como consequência da situação de coerção imposta, e reflexo de insubordinação ideológica disfarçada (SCOTT, 1990). Compreende-se, então, que as vereadoras de Belém e de Manaus, em contexto geral, reagem e resistem, discursivamente, nos vídeos postados no Facebook, frente a situações de dominação que, muitas vezes, não podem ser detectadas, à primeira vista, devido ao caráter naturalizado dessas relações enquanto processos “sustentados a partir de aspectos internalizados menos acessíveis aos sujeitos afetados” (CAL, 2016, p. 316). Ainda que as vereadoras não tenham mencionado sobre o feminismo (o que poderia indicar exame mais crítico da realidade) e sobre a hostilidade do ambiente político formal (afinal, vivem na pele as diferenciações do gênero), ou ainda que tenham debatido, de forma pouco expressiva, sobre a questão de gênero nos vídeos do Facebook, a existência de um “processo de dominação latente” (CAL, 2016, p. 316) provocou reações de subversão expostas por marcas discursivas nas produções audiovisuais.

No entanto, nem todas as situações de dominação conseguem ser contestadas. É o que se depreende ao observar a segunda maior ocorrência geral na categoria **relações de poder**, nos vídeos analisados: *power over*. Não impor resistência, às vezes, como mencionado no parágrafo anterior, pode não ser possível, seja pela não percepção das mulheres a respeito dessa forma de poder, seja, então, por submeterem-se à subordinação como estratégia eleitoral para as próprias campanhas eleitorais (algumas vereadoras se valeram do estereótipo **Mãe**, atrelado ao papel feminino “tradicional”); ou no apoio a candidatos lançados à eleição, como ocorreu com Marinor Brito e Edmilson Rodrigues (PSOL), ao concorrer à Prefeitura de Belém; como Blenda Quaresma, e a figura paterna, do seu pai, o deputado estadual Wanderlan Quaresma (MDB), antes, durante e após a eleição para vereadora; como Professora Jacqueline ao apoiar Wilker Barreto (PHS) como candidato ao Governo do Amazonas, e ela saía como vice; ou como Simone Kahwage (PRB) que, durante campanha para vereadora, utilizou de recurso da oratória e da retórica para realçar traços da feminilidade

que pudessem “cativar” o eleitorado. Nos três primeiros casos específicos citados acima, houve alinhamento com o que Panke (2016) discorreu sobre mulheres na política institucional. Muitas vezes, elas recorrem a referências masculinas ou a um “padrinho” para legitimar suas candidaturas e/ou atuação, além de possibilitar com que se sintam “valorizadas”. Já no caso de Simone, há a adesão a valores dominantes (masculinos) sobre a feminilidade, de modo que essa relação de poder seja percebida como um acordo tácito (CAL, 2016).

Nesse sentido, expõe-se também a minha dificuldade pessoal como pesquisadora de identificar os elementos de dominação, capazes de categorizar os vídeos como possuidores de *power over* como central, seja pela cegueira simbólica que eu, como mulher, posso sofrer dentro de um processo de dominação intrínseco ou, ainda, pela própria característica inerente ao processo de coerção masculina que, enquanto estratégia, faz-se quase imperceptível de ser compreendido em vídeos, a maior parte, de curta duração. Talvez períodos mais longos de análise, com vídeos mais extensos e com a ampliação do aporte teórico, inclusive, para outros campos além da Comunicação e da Ciência Política, mas da História e da Psicologia, por exemplo, poderiam identificar novas nuances sobre a dominação. Ou ainda, as entrevistas semi-estruturadas com as vereadoras seriam um método em potencial para alargar o processo analítico.

De qualquer forma, alguns exemplos ajudam a identificar as motivações das vereadoras para que episódios de resistência e de empoderamento fossem centrais, nos vídeos analisados no Facebook. Marinor Brito (PSOL) fez questionamentos de injustiças e de formas de dominação social, além de outras situações na política. No vídeo 41, o tema é **Cidade**, e o trecho: “(...) nós vamos interromper esse ciclo de 12 anos dos amarelos em Belém, que só desgraça, só miséria, só violência, só matança do nosso povo jovem”²²³. Simone Kahwage do PRB acionou *power to*, por exemplo, no debate sobre Mulheres, no vídeo 76: "Precisamos colocar mais mulheres na política para que a gente possa ter mais políticas públicas para a mulher. Precisamos empoderar, precisamos colocar mais mulheres na política”²²⁴.

No grupo de vereadoras de Manaus, o mesmo tema foi abordado para mover a mesma forma de poder pela Professora Jacqueline, do PHS. No vídeo 170, ela concede

²²³Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1784651291808646/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 30.12.2018.

²²⁴Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1446165432082207/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

entrevista a telejornais locais, sobre o resultado das urnas e a perda da representação feminina, na Câmara Municipal de Manaus:

A gente perde também políticas públicas, né. Porque a voz da mulher é silenciada no parlamento. Então, eu acho que precisa aumentar, ampliar a representatividade feminina, infelizmente a política não deu esse resultado que a gente queria, mais mulheres no poder, mais empoderadas pra fazer políticas públicas²²⁵ (Professora Jacqueline, 03.10.2016)

Já a representante do PR, Joana D'arc, no vídeo 111, demonstra resistência e empoderamento ao não se calar diante de restrições na ação como parlamentar, na CMM: “Às vezes, a gente quer falar aqui, a gente não pode (...) eu acho que nós estamos aqui desfilando beleza porque a partir do momento que a gente perde nosso poder de vir na tribuna, a gente não pode se manifestar, o que que nós estamos fazendo aqui?”²²⁶.

É interessante lançarmos olhar sobre o cruzamento da relação principal de poder (*power to*) com a secundária, presente em todos os vídeos que apresentaram como centrais o poder como resistência. Neles, o processo de *power to*, que é individual e não uma confrontação coletiva (ALLEN, 1998; 2013), foi perpassado pela relação de *power with*, que se relaciona à solidariedade, ou seja, às “injustiças em comum” sofridas por um grupo, e que são estreitadas por meio de “laços e identificações” para o desenvolvimento de uma “ação coletiva” (CAL, 2016, p. 101). É outro indicativo alinhado à premissa de que relações de dominação geram outras formas de poder, inicialmente, ações individuais e, em outros casos, desenvolvendo-se por meio de uma “vontade comum” (ARENDDT, 1994). Isso significa que, num contexto geral, as vereadoras de Belém e de Manaus, enquanto subvertiam a diferentes situações de opressão (sejam elas de gênero ou em outros níveis), também apresentaram discursivamente elementos indicativos da identificação de problemas comuns, e da construção de um contexto de ação (ALLEN, 2008 *apud* CAL, 2016).

A dupla reação à dominação pôde ser notada nos vídeos que consideraram a marginalização da mulher e de outras minorias na política como um problema concernente à coletividade, e não apenas individual (CAL, 2016). Portanto, os vídeos apresentaram indicações de ações e de projetos políticos a serem realizados para combater discriminações ou desigualdades sociais. O vídeo 191 se refere ao tema **Deficientes**, é o quadro “Therezinha Responde”, em que uma vendedora autônoma faz uma pergunta e a representante do Democratas responde: “(...) minha proposta é a construção de dois centros de educação

²²⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1282900138401133>. Acesso em: 29.01.2019.

²²⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/858526917628906/>. Acesso em: 21.01.2019.

especial para a zona norte e leste de Manaus para crianças e jovens com deficiência”²²⁷. No caso de Professora Jacqueline, a referência é ao Dia do Professor, no vídeo 155: “(...) sessão especial em homenagem ao Dia do Professor, por requerimento meu e da vereadora professora Therezinha Ruiz, Professor Samuel”²²⁸. Interessante destacar que essa é uma das duas únicas ocorrências de articulação (*power with*) entre as próprias vereadoras.

Já em relação às ocorrências nas quais foi verificada a capacidade para atuar em conjunto, cito Marinor Brito do PSOL, que trabalha fortemente com o tema na participação em eventos de rua, unindo-se a grupos de carimbó e artistas para manter viva a manifestação cultural, e também durante sessões na Câmara Municipal de Belém, por exemplo, no vídeo 56, ao discursar na tribuna, relembra: “(...) eu tenho a honra de ter sido a primeira vereadora que criou o primeiro Conselho Municipal de Cultura de Belém, que foi sancionado, que foi implementado na gestão do prefeito Edmilson Rodrigues”²²⁹. Além dela, Blenda Quaresma apresentou essa capacidade, durante o discurso, no vídeo 6, em que surge em curso de capacitação, e reitera a importância das mídias digitais:

A internet hoje é um meio de comunicação muito rápida. Então, eu consigo ter esse feedback com os eleitores. O que eles esperam de mim, porque nas redes sociais eles falam ‘Vereadora, você é guerreira. Ou vereadora, falta isso, vem pro meu bairro’. Então, assim quando você quer mostrar o seu trabalho, eu acho que é fundamental você buscar conhecimento²³⁰ (Blenda Quaresma, 22.03.2017)

Joana D’arc também integra esse resultado com o vídeo 134, em que interage com os seguidores, fazendo o seguinte pedido:

(...) então, eu peço, se você tem algum lugar parecido como esse, abandonado pela Prefeitura de Manaus, denuncie na minha página porque eu vou cobrar que a prefeitura possa reativar esses locais ou fazer outro uso, ou então destinar as associações que fazem o serviço que a prefeitura deveria fazer, e encontram dificuldades (...) esse é o seu dinheiro jogado no ralo. É o seu e o meu, e eu estarei fiscalizando²³¹ (Joana D’arc, 07.11.2017)

Portanto, ainda que, no quadro geral, as relações de *power over* tenham sido mais incidentes, numericamente, é considerado o fato de que, assim como o empoderamento, identifica-se a solidariedade também como uma resposta a situações de marginalização, ou de desigualdade social. É uma reação à dominação, e quando reunidas corresponderam a 68

²²⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/professoratherezinha.ruiz/videos/973538822792148/>. Acesso em: 30.01.2019.

²²⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1054916024532880>. Acesso em 28.01.2019.

²²⁹ Disponível em:

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1877028169237624/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 30.12.2018.

²³⁰ Disponível em:

https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1857579817849129/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 28.12.2018.

²³¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=945150582299872>. Acesso em: 21.01.2019.

vídeos do total de 210, ou seja, 56,1% de vídeos a subverter à lógica de dominação e/ou provocaram ações “em concerto” (CAL, 2016).

Além disso, *power with x power to*, presentes no mesmo episódio, ocorreram com maior frequência do que os cruzamentos a partir do vetor *power over* e as demais variáveis. Foram 92 vídeos (43,8%) com a existência da primeira combinação entre as duas formas de poder, contra 56 (26,6%) daquelas relacionadas com poder como dominação. O fato sinaliza para o potencial existente nas situações de resistência enquanto desencadeadoras de formas mais articuladas de poder, ou seja, de união de forças em torno de um problema comum a vários indivíduos (solidariedade). Ademais, complexifica a compreensão a respeito das relações de poder, não restringindo o entendimento para a superficialidade de, simplesmente, tomar-se como base que 47 vídeos (38,8%), do total geral, são de dominação e, portanto, as parlamentares apresentaram discursos unicamente de subordinação. Pelo contrário, os atravessamentos possíveis nas relações de poder, revela-nos a capacidade de sujeitos e grupos, à primeira vista, compreendidos como oprimidos, não se resumirem à ideia totalizadora de passividade, e sim parte de um jogo dinâmico de afetações, passível de troca de posições e assim, de efetivação do “poder de agência do oprimido” (SCOTT, 1990). A agência é sempre “imperfeita em relação ao ideal normativo da autodireção e autodeterminação dos indivíduos” (BIROLI, 2013, p. 48), pois não há um padrão de sujeito específico hábil a exercer dominação ou outra forma de poder. Não é um lugar estático, pois vai depender principalmente de outros fatores, como a posição social e os diferentes níveis de competência, para operar a autonomia (BIROLI, 2013).

Assim, apesar das vereadoras de Belém e de Manaus terem mobilizado quantitativamente mais formas de poder, como o empoderamento, houve ainda, no mesmo episódio, sinais de dominação que referenciaram, implicitamente, a marginalização e a sujeição da mulher na política formal, além de demonstrarem concordância com acepções naturalizadas que indicaram coerção nas falas. São exemplos o vídeo 180²³², uma propaganda de filiação ao Democratas, no qual Therezinha aparece em primeiro plano, com homens ao fundo, conversando em uma mesa. Ao final, ela está no centro com os sete integrantes homens do partido. O vídeo 136 mostra, claramente, que dentro do grupo de oito integrantes de um partido, há apenas uma mulher. Já Joana D’arc (PR) demonstrou pontuação e recursos da oratória com elementos de dominação na fala, ao relembrar o caso de agressão verbal e ameaças sofridas:

²³² Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=835267353285963>. Acesso em: 29.01.2019.

Eu, infelizmente, sou uma mulher (...) eu, apesar de ser uma pessoa de personalidade forte, eu não podia ir lá, tirar satisfação, e mandar eles saírem de lá.. sabe deus se eu ia tá aqui porque eles poderiam me dar porrada (...) **como eu ando, na maioria das vezes, com assessoras, com mulheres, eu não tenho como me defender sozinha**²³³ (Joana D'arc, 20.09.2017, grifo nosso)

Houve, ainda, casos em que mesmo que a relação central de poder no vídeo tenha sido de solidariedade, *power over* atuou como ação secundária, tornando a análise ainda mais complexa. Foram quatro ocorrências nesse sentido, pertencentes à vereadora Joana D'arc (PR), sendo que em duas, especificamente, a parlamentar assume postura dominante. No vídeo 106²³⁴, a parlamentar interage com o seguidor para que participe de uma corrente para comprar produtos de um empreendimento, em específico. A associação é com uma "empresa capitalista", a qual Joana fechou acordo para promover a causa animal, mas que, indiretamente, está auxiliando nas vendas de produtos. A segunda ação como dominante, refere-se ao vídeo 144²³⁵, no qual Joana realiza uma ação de ano novo com moradores de rua. Ela coloca-se nessa posição a partir do momento em que faz assistencialismo, uma forma populista de se fazer política, pois não age na eliminação das causas dos problemas nem no estímulo da autonomia dos sujeitos e sim, tende a ser utilizada como estratégia eleitoral.

Os achados gerais, apresentados acima, aproximam-se do raciocínio de Allen (1998), no qual o empoderamento feminino nem sempre é positivo, podendo, em alguns casos, machucar os outros e - conforme observado nos resultados - pode ainda ser utilizado para tirar vantagens em benefício próprio (ou de uma causa), e promover a adesão a valores ou ideias do dominante parecendo, à primeira vista, um simples “acordo tácito” (CAL, 2016).

Na comparação entre os vídeos das vereadoras da Câmara Municipal de Belém e os das vereadoras da Câmara Municipal de Manaus, verificou-se que ambos os grupos possuem como principal interseção as relações de poder *power to* (principal) *x power with* (secundária), ou seja, mesmo padrão encontrado, no cenário geral. As distinções entre os grupos estão no segundo cruzamento mais incidente. Belém obteve nos vídeos, de forma secundária, as relações entre *power over x power to*, enquanto que Manaus apresentou *power with x power to*. Os tensionamentos serão realizados acrescentando mais duas variáveis à categoria **relações de poder: estereótipo e tema**. A associação é fundamental, pois os estereótipos, como já debatemos anteriormente, enquanto “imagens mentais” (PANKE, 2016, p. 73), carregam diferentes semânticas tipificadoras de “características superficiais” (LIPPMANN, 2008, p. 38) sobre grupos e/ou indivíduos, guardando nessas significações o

²³³ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/952574351557495/>. Acesso em: 21.01.2019.

²³⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=831752923639639>. Acesso em: 21.01.2019.

²³⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/974272489387681/>. Acesso em: 21.01.2019.

que se espera sobre os sujeitos. Assim como os papéis sociais, os estereótipos são utilizados, pelo gênero, como “atalhos cognitivos” (BIROLI, 2011, p. 73) que operam nas relações de poder, positiva ou negativamente para a manutenção de determinada ordem social. Em outras palavras, levar em conta diferentes nuances, ajuda-nos a compreender diferentes contextos dentro da complexidade das relações humanas.

Ao examinar os dados gerais nos vídeos do Facebook para as sete vereadoras, constatou-se a relação de poder *power to* como a principal associada à tipologia de **Mãe**, no tratamento da temática central **Cultura e Meio Ambiente**, contexto bastante impulsionado por Marinor Brito (PSOL) e Joana D’arc (PR), que se destacaram nas temáticas, e nessa forma de poder por terem sido as que mais fizeram referência, e em maior quantidade de vídeos. Na combinação de empoderamento com *power with*, observa-se mudança no estereótipo, que passa a ser o de **Profissional** para discorrer sobre **Meio Ambiente**. Já a segunda relação de poder de maior ocorrência, depois de *power to*, foi a de *power over*, também movida pela tipologia **Mãe** só que, dessa vez, para abordar o assunto **Assistencialismo**.

As relações apresentadas demonstram o caráter oscilante dos estereótipos (imagens negativas ou positivas) dentro das relações de poder. Elas também são fluidas devido ao constante reajustamento de posições dos sujeitos a depender do recorte. Isto é, ainda que haja uma forma de poder que chame mais a atenção, em determinada situação, ela não finaliza em si mesma. A depender dos dispositivos (estereótipos, papéis sociais, etc.), dos códigos (linguísticos, culturais, institucionais e práticos), da posição social dos indivíduos e dos diferentes níveis de autonomia, o “episódio interacional” (BRAGA, 2017) é singular dentro da própria pluralidade. Como já mencionado, a tipologia **Mãe** foi mobilizada em episódios diferentes e, apesar de ser o mesmo estereótipo, provocou impressões distintas quando na abordagem de temáticas divergentes. Foi opressora ao tratar de **Assistencialismo** e, em contrapartida, revelou-se tipologia de empoderamento quando se alterou o foco para **Cultura e Meio Ambiente**. Ademais, o olhar sob outra perspectiva demonstrou, ainda, que a imagem materna também pôde ser deixada de lado, ainda que no mesmo contexto de empoderamento, para seguir no debate do mesmo tema (**Meio Ambiente**). Nesse caso, o estereótipo recorrido foi o da **Profissional**, que acabou por operar junto à outra forma de poder: *power with*. Os vídeos em questão, boa parte, são de autoria de Joana D’arc que, além de vereadora, é ativista, e liga-se ao aspecto central da “luta” de *power to*, e da “ação coletiva” do *power with*.

O vídeo 146 é um exemplo do cruzamento entre *power to* x **Mãe** x **Meio ambiente**, pois Joana surge com um cachorro no colo para falar do abrigo pelo qual é responsável, e diz “é com muita felicidade que eu vou contar a história, um pouquinho reduzida, de alguns

animais”. No mesmo vídeo, em trecho mais adiante, surge o cruzamento *power to x power with* (secundária) x **Mãe x Meio ambiente**, pois a ação de empoderamento (ativismo) se desencadeia em contexto de ação solidária: “(...) a gente resgata os animais, mas encontra lares pra eles”²³⁶.

No caso da vereadora Simone Kahwage, o cruzamento foi de *power to x power over* (secundária) x **Mãe x Assistencialismo**, ocorrido no vídeo 77. Trata-se da construção de projeto na carreira política da vereadora do PRB, que possui a relação de dominação perpessada, pois possui como temática o **Assistencialismo**, ao promover certos benefícios, mas que pode ter como pano de fundo, em alguns casos, o aliciamento eleitoral:

(...) E esse projeto é justamente para que ele venha crescer, cada vez mais, em cada bairro, cada mês a gente vai tá num bairro, trazendo esse serviço (...) A população espera que o vereador não esteja somente na Câmara Municipal, mas também nos bairros, fazendo o que é preciso fazer que é ajudar a população²³⁷ (Simone Kahwage, 01.05.2017)

A lógica é semelhante ao analisar os dados com recorte específico para os vídeos apenas das vereadoras de Belém. O cruzamento de informações identificou que elas mobilizaram, principalmente, nos vídeos, poder como *power to*, associado à tipologia **Guerreira**, no tema **Cidade**, contexto também reforçado pela vereadora do PSOL, Marinor Brito, com expressiva representação da temática, principalmente, devido a atitude crítica em relação à gestão municipal sobre serviços e obras, na capital paraense. Um novo recorte sobre essa relação mostra que **Cidade** e **Guerreira** foram perpessados por outra forma de poder: *power with*. O que faz sentido, pois o empoderamento é compreendido como subversão a problemas urbanos na cidade, apresentados discursivamente pela figura de **Guerreira**, cujas principais marcas são a contestação, a força e a sororidade (PANKE, 2016), além da solidariedade, movida pelo sentimento de união de forças, contra os problemas identificados como, por exemplo, no vídeo 24, de Marinor Brito:

A nossa proposta é que nós encaminhemos à Prefeitura de Belém o pedido do congelamento da tarifa de ônibus até o final do ano, até que tenha a possibilidade concreta de atender a tarifa social, que é o que pregoa a nossa Constituição Federal (...) ²³⁸ (Marinor Brito, 22.06.2016)

²³⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/976838379131092/>. Acesso em: 21.01.2019.

²³⁷ Disponível em: https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1482290688469681/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 28.12.2018.

²³⁸ Disponível em: https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1744323919174717/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 29.12.2018.

No âmbito da segunda principal relação de poder encontrada nos vídeos analisados das parlamentares da capital paraense, verificou-se contexto bem distinto: *power over* com tipologia **Mãe** e temática de **Assistencialismo**. É instigante a análise de alguns tensionamentos trazidos pela transversalidade dos dados. No primeiro contexto possível de análise, a dominação é uma ação exercida sobre a vereadora em posição de subordinação em relação ao próprio pai, o médico e deputado estadual, Wanderlan Quaresma (MDB). Desde a pesquisa exploratória do objeto, a figura paterna se revelou como elemento recorrente no recorte bruto do material, estando presente em 33% dos vídeos postados por Blenda, dentro do período cronológico analisado. Nessas situações, a vereadora cita o nome ou aparece ao lado do pai, nas campanhas eleitorais, em carreatas, em projetos sociais e em eventos da Câmara Municipal de Belém, onde a própria Blenda chega a entrevistá-lo. Em um dos vídeos, de temática assistencialista, a parlamentar do MDB fez a seguinte declaração ao pai: “Eu sem esse cara eu não sou nada. Quem colabora é ele. É ele que colabora”.

O apoio explícito do pai, e para o pai, indica, em menor medida, que Blenda segue os passos e ensinamentos paternos, espelhando-se na mesma profissão, mas também e, em especial, coloca-a em posição de concordância com acepções naturalizadas da marginalização da mulher na esfera pública, além de reforçar formas de coerção no campo da política institucional (CAL, 2016). É como se houvesse a necessidade da parlamentar legitimar a própria candidatura, por meio da presença constante de Wanderlan, conforme material produzido para o Facebook. Na literatura sobre mulheres na política formal, já se pesquisou a estreita relação entre candidaturas femininas e figuras políticas masculinas, como estratégia eleitoral (PANKE, 2016; PANKE; IASULAITIS, 2016). No caso de Blenda, a presença do pai foi notada, durante o período eleitoral, e na vigência da candidatura parlamentar. Portanto, *power over*, pela figura paterna, é o mais pertinente, pois está presente em todos os vídeos da vereadora, com o cruzamento **Mãe x Assistencialismo**.

Entretanto, outro cenário de interpretação é possível, ao identificar Blenda, empoderada (*power to*), ao promover projetos relacionados à carreira política como no caso das ações assistencialistas. Se ainda estivéssemos analisando a terceira relação de poder dentro do mesmo episódio - o que é completamente possível, mas não é o objetivo desta pesquisa - poderíamos ainda, ressaltar outro viés de interpretação das relações de poder. O **Assistencialismo** pode também ser uma forma de empoderamento para as pessoas que recebem o serviço, e vivem em áreas de vulnerabilidade social.

Relembra-se, nesse momento, a premissa de Scott (1990) de que toda a relação de dominação gera resistência. Portanto, mais da metade das relações de *power over* presentes

nos vídeos do grupo de Belém, foi atravessada por *power to*, mudando o estereótipo principal para **Mãe**, e enviesando o tema central, dessa vez, para **Eleições**. A demonstração, nesse cenário, é de que a dominação surgiu como sujeição das vereadoras Blenda Quaresma (MDB) e Simone Kahwage (PR), no cenário político formal. Os vídeos, dentro desse cruzamento de dados, eram referentes ao período de campanha eleitoral de ambas ao Parlamento Municipal. Em todos, há concordância com acepções naturalizadas da marginalização da mulher na esfera pública (CAL, 2016), pois são silenciadas, nas próprias campanhas, por vozes masculinas. Porém, essa é uma perspectiva, já que o fato de concorrerem a uma vaga de vereadora e perseguirem projetos de vida que incluem a carreira política, são formas de empoderamento. No vídeo 72, Simone Kahwage está em caminhada, com blusa rosa. É uma propaganda eleitoral sua de quando concorreu à vereadora, mas a parlamentar não fala nada. O discurso é do pastor evangélico, Max Serrão, “legitimando” a candidatura de Simone, e reforça o estereótipo de **Mãe**, através do discurso masculino: “Olá, povo de Belém. Eu preciso eleger essa mulher guerreira, a Simone é minha candidata. E eu escolhi ela, e a conheço, e sei que lugar de mulher é na política sim (...) chegou a hora de nós cuidarmos das pessoas”²³⁹.

Em relação aos vídeos analisados do Facebook das vereadoras de Manaus, a principal relação de poder foi também *power to*, porém, as parlamentares utilizaram estereótipos diferentes das de Belém. **Mãe** e **Profissional** tiveram o mesmo número de ocorrências para essa forma de poder, e vieram acompanhadas de duas temáticas com o mesmo número de registros: **Meio Ambiente** e **Educação**. Isso significa que elas mobilizaram características maternas como a atenção, a escuta, a empatia e a sensibilidade, bem como marcas profissionais, associadas à disposição para trabalhar, para aprender, e que são incansáveis. Detalhando ainda mais o contexto, identificou-se, conforme com as vereadoras de Belém, *power to* associado à *power with*, mas para isso, assumiu-se apenas a tipologia **Profissional**, e manteve-se somente a temática **Meio Ambiente**. É um reflexo, boa parte, em função dos vídeos de Joana D’arc (PR) que, como já fizemos referência, é militante da causa animal e, em suas postagens, está sempre trabalhando, ativa, prestando contas, fiscalizando serviços, visitando espaços diferentes, chamando os seguidores para ajudarem. São aspectos relativos ao perfil profissional, ao empoderamento e à solidariedade. O vídeo 143 é um exemplo, no qual a vereadora está nas futuras instalações do Parcão de Manaus (projeto de sua autoria), acompanhada de um grupo de pessoas, todos usando gorro de papai

²³⁹Disponível em:

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1235852406446845/?type=2&video_source=user_video_tab. Acesso em: 28.12.2018.

Noel, inclusive os animais, que também aparecem no vídeo. O ativismo em si é o poder (*power to*) que tem forte ligação com a imagem de trabalhadora (**Profissional**), devido ao engajamento, e que se estende para a mobilização em conjunto, em prol de uma causa (**Meio ambiente**). Isto é, o vídeo em si, além de ser uma mensagem de natal, tem estilo engajado ao usar animais abandonados para compor o cenário, e também mandar outra mensagem, a de adoção: “Neste natal, faça diferente. Adote uma vida. Feliz natal e boas festas!”²⁴⁰

Já a relação de poder com segunda maior ocorrência foi *power with*, a qual se referiu ao estereótipo de **Mãe**, tratando sobre o **Meio Ambiente**. Essa forma de poder foi a que mais se alinhou com *power to* (secundária) e, nesse sentido, permanecendo os mesmos estereótipo e tema. A transversalidade também nos aproxima, mais uma vez, da vereadora Joana D’arc (PR) como ativista dos direitos dos animais, ao expor seu lado materno de cuidar, preferencialmente, de cães, gatos, cavalos, etc. Ainda durante a pesquisa exploratória do objeto, observou-se a intensa mobilização da parlamentar em projetos coletivos, tendo como forte ferramenta de articulação as mídias digitais. De maneira geral, ela solicitou, com frequência, a participação dos seguidores para realizar denúncias pelo Facebook, “tire foto, filme, me mande”, “denuncie na minha página. Eu vou cobrar da Prefeitura”; utilizou ainda a plataforma como ambiente para sorteios; de prestação de contas com balanço do mandato. Destacam-se, ainda, duas iniciativas curiosas como agente política, são as enquetes online²⁴¹ (votação para saber a opinião dos seguidores a respeito de possíveis projetos de lei), e o programa “Vereador por um dia”²⁴², em que sorteou, entre vários interessados, o nome de uma pessoa para que passasse, o dia com ela, dentro e fora da Câmara, conhecendo assim, o trabalho de um vereador. Além disso, costumou responder em tempo real às perguntas dos seguidores, nas transmissões ao vivo, ou posteriormente pelos comentários. Joana disse, ainda, acreditar em um “mandato compartilhado”, de “total transparência”. Isto é, são elementos relacionados à identificação de problemas comuns e à construção de contexto de ação (ALLEN *apud* CAL, 2016), nesse caso, em espaços comunicativos não tradicionais.

A intersecção entre *power with* x *power to* nos aproxima, mais uma vez, da premissa de Scott (1990), que versa sobre o fato de que toda a situação de dominação provoca resistência, ou seja, as parlamentares de Manaus, assim como as de Belém, ao mesmo tempo que identificavam as injustiças, também traçavam um caminho ou faziam apontamentos de possíveis soluções por meio de ações coletivas. É a possibilidade de outro olhar sobre os

²⁴⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=970579723090291>. Acesso em: 25.01.2019.

²⁴¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/794803487334583/>. Acesso em: 23.01.2019.

²⁴² Disponível em: <https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/807906439357621/>. Acesso em: 23.01.2019.

vídeos de *power over*, como já citamos, pois ainda que o poder não fosse central nos discursos presentes nos vídeos, é uma coerção que perpassou todos os vídeos, porém de forma muito mais velada do que explícita. O empoderamento individual e solidariedade foram mobilizados em oposição a esse contexto de dominação.

Acrescenta-se ainda que, em comparação com as vereadoras da capital paraense, as da capital amazonense mostraram mais mobilidade na relação de dominação, no que diz respeito ao reposicionamento de lugar como sujeito agente/paciente, ou seja, mostraram-se tanto dominadas quanto dominantes, discursivamente, nos vídeos do Facebook, de forma quantitativa; enquanto que o grupo de Belém mostrou-se nas relações de poder *power over x power over*, de forma mais frequente, incluso na posição de dominadas. Além disso, o estereótipo **Mãe** foi o mais utilizado, seguindo o mesmo padrão identificado nas pesquisas de Panke (2016), com os *spots* para campanhas eleitorais de candidatas à presidência, na América Latina. Além disso, de maneira geral, apresentou-se como o estereótipo mais flutuante nas relações de poder, indicando que **Mãe**, o “principal papel da mulher latino-americana” (PANKE, 2016, p.135), o mais sacralizado e um dos mais limitadores à identidade de gênero da mulher, pôde ser ressignificado na “teia de relações nas quais se inscrevem esses sujeitos” (CAL, 2016, p. 86). Isto, claro, no ambiente comunicacional do Facebook. Vimos que o agir politicamente, sob o estereótipo materno, associado ao ambiente comunicacional menos convencional das mídias digitais, possibilitou, em certa medida, o pensamento de outros modelos, ao aproximar-se de alguns elementos, por exemplo, da *democracia comunicativa* de Young (2011). Nele, são possíveis mudanças, por meio da interação com ideias e com as experiências dos outros. Há a possibilidade de transformação das preferências iniciais, ou seja, de desejos subjetivos a reivindicações objetivas, facilitados pelos atos de expressar ou escutar.

Já a tipologia **Guerreira** teve baixíssima incidência nas relações de dominação. Uma hipótese é o fato de esse estereótipo ser o que mais se aproxima da figura masculina (PANKE, 2016), portanto, quem recorre a ele está menos fadado à dominação explícita, ou ainda por ser uma tipificação associada à luta e à resistência, e assim, com sujeito dotado de mais consciência crítica. Contudo, é a tipologia mais sujeita a preconceitos pela sociedade, pois as mulheres que recorrem a ele vivem o “*double bind*” (PANKE e IASULAITIS, 2016, p. 393), relacionado ao dilema feminino na política formal, no qual mulheres se sentem pressionadas a, ao mesmo tempo, transparecer feminilidade, credibilidade e liderança. É um impasse que, de certo modo, foi percebido nos vídeos postados no Facebook, pois ainda que seja associado a características positivas, como luta e resistências, foi o menos mobilizado em todas as

relações de poder, no contexto geral - alinhando-se mais uma vez ao padrão encontrado por Panke (2016). Talvez, uma demonstração de receio das vereadoras em se aproximar da tipologia com maior tendência à discriminação; ou pelo fato de terem optado por outras formas de subversão, isto é, pelo estereótipo de **Mãe** (como ocorreu, segundo a análise).

Como a questão de gênero é central neste trabalho, examinou-se, ainda, que essa não é uma pauta prioritária nos discursos das vereadoras de Belém e de Manaus, nos vídeos postados no Facebook. Apesar da limitação na abordagem da temática, não significa que não houve vídeos com a temática, e que eles não tenham mobilizado relações de poder de solidariedade e de empoderamento. Pelo contrário, o tema **Mulheres** se mostrou presente em todas as relações de poder, acionando todos os estereótipos, e cujos tensionamentos serão realizados a seguir.

O padrão geral, para os 210 vídeos das sete vereadoras, no tema **Mulheres**, foi de *power over* como a principal relação de poder, atravessada por *power to*, sob o estereótipo de **Mãe**. A segunda maior ocorrência foi *power to*, associado a *power with*, utilizando a tipologia **Profissional**. Por fim, *power with* combinado a *power to*, mobilizando **Guerreira**. Portanto, infere-se, pela seguinte lógica, respeitando os cruzamentos acima, que a maior parte dos vídeos, quando as parlamentares eram discursivamente submetidas a uma situação de dominação, elas utilizaram a imagem maternal para provocar reações de subversão. Quando o discurso era de empoderamento como valorização de formas de transformação de si e dos outros, a relação era transversalizada por solidariedade, como em consequência à primeira, e para isso, recorreram à tipologia **Profissional** - mais associada à disposição para trabalhar e mudar o mundo. Já quando a centralidade estava na ação coletiva propriamente dita, o sentimento de solidariedade instigava a vontade do sujeito de alcançar objetivos, valorizando o empoderamento de si mesmo e dos outros no mesmo episódio. Para isso, recorreu-se à **Guerreira**, aquela que luta, contesta, destaca-se por tomar iniciativas e atuar politicamente por mudanças sociais.

Na comparação entre os grupos de Belém e de Manaus, identificou-se que, no caso dos vídeos das vereadoras de Belém, o tema **Mulheres** teve apenas um vídeo de *power to*, indicando baixa associação do assunto com a ideia de resistência e de subversão, quando ligado ao estereótipo **Profissional** – aquele que remete à ideia de qualificação profissional feminina para atuação política. A dominação se mostrou também mais velada nesse grupo, pois *power over* foi central em dois vídeos das vereadoras de Belém, com o exercício da imagem de **Mãe**, operando na utilização de recursos da retórica para demonstrar a coerção nas falas de Simone Kahwage (PRB). O destaque entre as parlamentares da capital paraense foi na

representação política discursiva sobre **Mulheres**, focando em *power with* e, em especial, novamente na figura de Simone Kahwage, que se associou à imagem de **Guerreira** para defender maior participação política feminina e maior debate sobre a violência doméstica.

É um contexto distinto do encontrado entre os vídeos das vereadoras de Manaus. Nesse grupo, não houve nenhuma ocorrência do tema **Mulheres** associado à solidariedade (*power with*) como principal relação de poder. O que indica que o assunto não foi abordado no Facebook como concernente à coletividade. A principal relação de poder foi de *power over*, revelando a dominação mais explícita, discursivamente, nos vídeos desse grupo. Em todas as situações elas foram contestadas, como **Guerreira**, questionando a dominação. Foi o que ocorreu com Joana D'arc, ao não se calar, diante da violência política sexista sofrida por ela, dentro da Câmara Municipal de Manaus. Ou então, enquanto **Mãe**, como no caso de Professora Jacqueline, ao discursar sobre maior representação política feminina, manifestou empatia e sensibilidade para ver o mundo e reagir (PANKE, 2016). Já *power to* foi a segunda principal relação de poder, e também associou-se a dois estereótipos no assunto **Mulher: Mãe e Profissional**. A tipologia maternal tratou de assuntos do espaço privado, como violência obstétrica e violência doméstica, por meio da representação política de Joana D'arc e Professora Jacqueline; enquanto que, a **Profissional**, sobre violência doméstica e espaço público, ao discorrer sobre sub-representação política feminina, ambos assuntos de Professora Jacqueline.

Portanto, houve omissão, em um contexto geral, sobre as questões de gênero, nos vídeos postados pelas sete vereadoras, nos perfis pessoais e *fanpages* do Facebook. Foram apenas sete vídeos com a temática **Mulheres**, entre as vereadoras de Belém, e nove entre as de Manaus. É um assunto que deveria ser de primeira importância para essas mulheres, foram legitimamente eleitas para representar, na política institucional, em especial, outras mulheres, já que se configura em um grupo marginalizado. Entretanto, como demonstrado, houve algum nível de resistência em relação a situações de marginalização das mulheres, nos vídeos apresentados. São necessárias mais pesquisas para identificar quais as mordanças invisíveis a restringirem a agenda feminista até em ambientes comunicacionais, como o Facebook - no qual as vereadoras têm maior controle - e assim, identificar, de forma mais detalhada, quais as barreiras à transparência de demandas tão caras às mulheres. Arrisca-se inferir, nesta pesquisa, que tal como a política institucional é um campo onde são refletidas as hierarquias, as normas e os comportamentos estruturados pela divisão sexual do trabalho - organizadora dos papéis dos sujeitos -, no ambiente comunicacional do Facebook, há indícios de reprodução do mesmo padrão, baseado na hierarquia de gênero, e que, nas relações de poder,

desfavorece as mulheres. Contudo, como demonstrado, elas não se calam por completo, nem estão dispostas unilateralmente nessa dinâmica de poder.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo investigar como as relações de poder (*power over*, *power to* e *power with*), acionadas pelos estereótipos, atuam na configuração da representação discursiva das vereadoras de Belém e de Manaus, a partir dos vídeos postados por elas, nos perfis e *fanpages* pessoais do Facebook – um ambiente comunicacional informal em que elas possuem autonomia para essa produção, se comparado à mídia tradicional.

Os estudos sobre representação política discursiva, teoria política feminista, relações de poder, estereótipos, comunicação e mídias digitais nos auxiliaram no debate, e em tensionamentos importantes para a compreensão da problemática. Permitiram-nos ainda, traçar um percurso metodológico, a partir de análise de conteúdo, por meio de amostra, e com cálculo de proporcionalidade (maior quantidade de vídeos postada, maior a quantidade final de vídeos analisável por vereadora) para realizar o recorte dos vídeos dos dois grupos de vereadoras. A metodologia foi operacionalizada com coleta de dados, pesquisa exploratória, elaboração de livro de códigos e aplicação de formulário. Na análise de conteúdo, trabalhamos com 13 categorias, divididas em: informações gerais; formato do vídeo; função do vídeos; projetos de autoria; onde está a vereadora; atual gestão municipal; gestão estadual; temática central; partido político; estereótipos (principal e secundário); relações de poder (principal e secundária). Os resultados foram apresentados e discutidos de acordo com dois eixos: (1) *Formatos e Conteúdos*; e (2) *Estereótipos e Relações de poder*.

Em *Formatos e Conteúdos*, pudemos responder a dois de nossos objetivos específicos de pesquisa, que eram: a) entender como as vereadoras de Belém e de Manaus se comunicam pelos vídeos do Facebook: a quem se dirigem; qual a base discursiva que sustentam no entendimento da função de representantes políticas; b) refletir sobre quais as restrições e potencialidades das mídias digitais como arenas para a representação política discursiva. O terceiro objetivo específico foi respondido de forma parcial: c) Investigar de que maneira as vereadoras se relacionam com a agenda feminista. As demais considerações sobre esse objetivo estão no grupo de análise *Estereótipos e Relações de poder*.

Com os resultados da análise em mãos, observamos diversas possibilidades de análise e nuances. Portanto, destacaram-se as que mais chamaram a atenção dentre desse grupo de análise. No que diz respeito aos aspectos discursivos – afinal, tratamos de representação política discursiva –, o cruzamento das categorias **número de visualizações** e **tempo de vídeo** indicou grande discrepância nos resultados entre os dois grupos analisados. Os vídeos das parlamentares de Manaus repercutiram quase seis vezes mais do que os das

parlamentares de Belém e, ainda, os vídeos produzidos foram quase duas vezes mais longos, ou seja, produziu-se mais conteúdo, com maior tempo de duração. O que sinaliza que falta às vereadoras da capital paraense trabalhar mais a comunicação *online* do Facebook, com mais frequência e conteúdo produzido. Um canal pouco atualizado pode significar falta de interesse e transparência com os seguidores. Investir mais, nesse sentido, seria interessante para a própria representação política, pensada em sentido ampliado, a partir de aspectos discursivos. É por meio da comunicação que se configura também o exercício de representar, ou seja, para representar é preciso comunicar. Legitimidade é pluralidade, de ideias, de valores, e de formas de comunicação. As mídias digitais são estratégias comunicacionais de campanha eleitoral, porém mais do que isso, são canais, em potencial, para a manutenção da atividade de representar, em um relacionamento que se estabelece, dia após dia, com os seguidores.

Em um cenário de tensões contemporâneas, entre Estado e sociedade, no quesito representação política, ou seja, na não identificação de representados com os representantes formalmente eleitos, é problemático pensar na atividade de representar legitimada apenas pela via eleitoral ou por consentimento. Ainda que os algoritmos e as “bolhas filtradas” dos ambientes digitais correspondam a restrições no ambiente *online*, este trabalho demonstrou que plataformas como o Facebook, são opções viáveis - pela praticidade e pelo baixo custo de manutenção - na rotina parlamentar. Por se tratar de mulheres (grupo marginalizado), a potencialidade das mídias digitais também está na manutenção de diferentes espaços de deliberação, na publicação de narrativas que alimentem “aquilo que o público deve discutir” (MANSBRIDGE, 2009), visto que, mesmo formalmente eleitas, as mulheres ainda tem baixa visibilidade e *status*, no campo político e na grande mídia.

A aposta na utilização mais intensa das mídias digitais auxiliaria na extensão dos espaços discursivos, na disputa por outras narrativas distintas das hegemônicas (grande mídia, canais institucionais, etc.). Afinal, “a linguagem também é um campo de luta” (HOOKS, 1990). Seria de grande valor para dar mais visibilidade às demandas femininas, já que as mesmas não tiveram repercussão nos vídeos de nenhuma das vereadoras, aqui analisadas. A representação política discursiva das vereadoras, de maneira geral, foi em prol de três principais “causas”: **Meio Ambiente; Cidade e Eleições**. A pauta feminista, assim como ocorre nas arenas formais de debate público, se manteve sem destaque também nas mídias digitais, indicando que ainda há constrangimentos, mesmo no ambiente *online*, para que mulheres, formalmente eleitas, abordem a temática. É possível perceber, nesse sentido, como as interações sociais (a dominação masculina, por exemplo) se entrelaçam com a realidade virtual, em plataformas digitais, que mesmo tendo como característica o potencial de

autonomia na produção de conteúdo, reproduzem, a dinâmica dos fenômenos sociais. Isto é, as restrições, quanto à agenda feminista, por exemplo, estendem-se para a rede.

Acrescentamos também que não foi identificada articulação entre as próprias parlamentares nos vídeos postados. O que cabe maior investigação a respeito da ausência de formação de uma bancada feminina na Câmara Municipal, por exemplo.

Sobre o **formato dos vídeos**, foi interessante ver que os resultados gerais demonstraram que a maior parte dos 210 vídeos analisados foi de **gravações realizadas com a utilização de celular**. O que indica a existência de um movimento das vereadoras no compartilhamento de informações de maneira rápida, sem edições de vídeo, publicizando suas rotina e atuação, quase que instantaneamente. Ainda assim, não abriram mão da **produção técnica no estilo pós-finalizada** e das **transmissões ao vivo pelo Facebook**, revelando que o ambiente *online* pode receber também conteúdos melhor produzidos (sinalizando potencial para futuros investimentos). Há também a busca das vereadoras por interação imediata com o seguidor, quando se conectam para mostrar, ao vivo, o que fazem, e recebem o *feedback* do público.

A categoria **atividade parlamentar** indicou carece, às sete vereadoras analisadas, a dedicação de mais espaço nos perfis sociais e *fanpages* para a divulgação de uma das funções mais conhecidas do parlamentar: a de legislador. De maneira geral, o número de vídeos foi baixíssimo, se comparado ao universo geral analisado: apenas 29 dos 210 vídeos apresentaram projetos de lei das vereadoras. A diferença é mais gritante na comparação de vereadoras de Belém e vereadoras de Manaus: 4,1% das ocorrências para o grupo de Belém, contra 95,8% para o de Manaus. No caso das parlamentares de Belém, não houve visibilidade no Facebook, para projetos voltados para as mulheres. O resultado nessa categoria mostra uma contradição, pois o perfil social e/ou *fanpage* do Facebook das vereadoras é um espaço *online* de teor pessoal e profissional, sobre o qual as parlamentares têm controle e domínio a respeito das postagens – diferentemente, da mídia tradicional ou canais institucionais. Elas podem decidir o que vai ser publicado ou não, sem filtros, mas optaram, na fala pública, por não dar destaque à temática feminina. São necessárias outras pesquisas para investigar, mais especificamente, as causas dessa baixa visibilidade, no Facebook, se derivam de escolhas pessoais, partidárias ou outros fatores.

Em contrapartida à baixa visibilidade, ofertada pelas vereadoras de Belém, na produção legislativa, a categoria **Sobre a gestão municipal** indicou que, apesar de não exporem tanto a atuação como legisladoras, as parlamentares da capital paraense têm postura diferente quanto à função de fiscalizadoras. Os **vídeos mais críticos à gestão municipal**

foram os das vereadoras de Belém, e os **vídeos mais simpáticos ao Poder Executivo Municipal** foram os das vereadoras de Manaus. Sobre essa categoria, foi instigante perceber, pela análise do objeto, que ainda que as parlamentares não falem, explicitamente, que apoiam a Prefeitura Municipal, os aspectos discursivos trouxeram elementos suficientes para identificar aquelas que podem ser consideradas da bancada de oposição e as da situação.

Dentro do segundo grande grupo de análise, *Estereótipos e Relações de Poder*, encontramos os resultados mais significativos desta pesquisa, ao respondermos aos outros objetivos específicos: d) identificar quais os desenhos das relações de poder (*power over*, *power to* e *power with*) presentes nos vídeos postados no Facebook; e de que forma as vereadoras se utilizaram ou questionaram os estereótipos de gênero; e c) se as vereadoras de Belém e de Manaus desafiam - ou não - o lugar tradicionalmente atribuído à mulher na política.

Em *Estereótipos*, destaque para o **estereótipo central**, recorrido pelas parlamentares nas postagens do Facebook: o de **Mãe**. Seis das sete vereadoras em questão tiveram os vídeos classificados na tipologia e, em termos comparativos entre os grupos de Belém e de Manaus, o estereótipo maternal também se sobrepôs sobre os demais de **Guerreira** e **Profissional**. É um padrão já indicado por Panke (2016): Mãe é a “imagem ideal” mais comum entre as mulheres da América Latina. Coincidentemente, todas as vereadoras a apresentarem o estereótipo de **Mãe** como tipologia principal dos vídeos analisados apresentaram temas relacionados à área social. Os “nichos temáticos”, apontados por Miguel e Feitosa (2009), na política formal também se mostraram presentes no ambiente *online*, devido à seleção, por parte das parlamentares, das temáticas mais visibilizadas nos vídeos, ou seja, a maior parte de *soft politics*, como **Meio Ambiente; Cultura** e **Mulheres**. Mesmo analisando de forma mais específica apenas os vídeos dos grupos de Belém e de Manaus, separadamente, o padrão continua o mesmo, de temas majoritariamente de cunho social. As vereadoras de Belém mobilizaram a figura de **Mãe** para falar, no Facebook, de **Cultura** e **Assistencialismo**; enquanto que, as vereadoras de Manaus sobre: **Meio Ambiente** e **Educação**.

Na nossa pesquisa, o surpreendente foi ver a mobilidade existente na utilização dos estereótipos e seus sentidos, ainda que se refiram à mesma tipologia. As parlamentares de Belém e de Manaus acionaram, com frequência, o estereótipo **Mãe**, porém com nuances distintas. As vereadoras da capital paraense mostraram, nos vídeos, mais proximidade corporal com a população, na participação de eventos com as comunidades e na “ajuda” a esses grupos. Já as vereadoras de Manaus investiram mais na atuação institucional, dentro da Câmara, defendendo maior diversidade de temas e apresentando propostas e soluções.

Mais instigante, ainda, foi observar a fluidez e o caráter oscilante dos estereótipos (imagens negativas ou positivas), dentro das **relações de poder**, as quais também são *móveis*, devido ao constante reajustamento de posições dos sujeitos, nas próprias relações, e dos seus diferentes níveis de autonomia. São aspectos que demonstram o “episódio interacional” (BRAGA, 2017), entre grupos e indivíduos, como sendo singular, ainda que, agindo dentro de contexto plural.

Os dados gerais da análise sobre as **relações de poder** presentes nos 210 vídeos das vereadoras de Belém e de Manaus, postados nos perfis pessoais e/ou *fanpages* Facebook, revelaram que a relação de poder *central*, mobilizada por elas, foi **power to** – é esse conceito, associado à empoderamento e resistência, que destacamos, pois também foi central quando analisadas, isoladamente, as vereadoras de Belém e de Manaus. O cruzamento com o estereótipo de **Mãe** foi o mais revelador. Ainda que seja umas das imagens mais “aprisionadoras” da mulher no ideal de feminilidade, e que, em todos os casos analisados, teve em comum as emoções e o afeito como centrais, é uma tipologia capaz de ser ressignificada, como ocorreu entre as vereadoras dos dois municípios. Ao ser mobilizada, em episódios diferentes, **Mãe** ora foi opressora, ao tratar de **Assistencialismo**; ora foi utilizada como ferramenta de empoderamento; ora como mecanismo de solidariedade, quando alterava-se o foco para temáticas como **Cultura** e **Meio Ambiente**, por exemplo.

Estudar as relações de poder e os estereótipos, sob diferentes nuances, contribuiu para percebermos que as vereadoras, ainda que estejam em cargos decisórios, e sejam consideradas mulheres que “chegaram ao poder”, ainda assim, são passíveis de dominação, em um espaço considerado a última instância do poder masculino (SARMENTO, 2017): a política formal. Porém, identificamos que a relação de **power over**, mobilizada nos vídeos, configurou-se de maneira distinta no ambiente *online*, dentro do recorte que analisamos.

Diferentemente da expectativa que se tinha, em um primeiro momento, de verificar, facilmente, várias relações de dominação no nosso objeto - tal como conseguimos identificar nas relações cotidianas dos espaços formais de decisão -, essa percepção não se realizou, durante a análise. A relação de **power over** foi a mais difícil de se identificar, entre os três conceitos de poder trabalhados aqui. Inferimos então, a possível existência do caráter mais velado da dominação masculina, configurado no ambiente *online*. Compreende-se que a dominação está lá, latente, mas não é facilmente perceptível, ao assistir os vídeos. Conseguimos identificá-la, em alguns casos, devido ao estudo de outras nuances de poder, como empoderamento e solidariedade, pois são reações à dominação (SCOTT, 1990).

O caráter latente, e também a omissão sobre o assunto – já que pouco se falou sobre as opressões à mulher, nesses espaços, nos vídeos – expõem outra contradição, entre as vereadoras pesquisadas. Em tese, o Facebook seria um espaço *online* em que elas teriam o mínimo de autonomia para expor suas opiniões e posicionamentos, livremente – o que quase não ocorreu, ao menos em relação à questão de gênero. Nesse sentido, ou as vereadoras não possuem consciência sobre a situação de dominação em que estão inseridas, ou existem filtros na fala pública dessas mulheres. É um viés que merece ser estudado, em pesquisas futuras, que possam levar em conta, talvez, a influência dos partidos, nessa condição de silenciamento sobre a violência política sexista, no âmbito institucional, além, é claro, da verificação de outros aspectos discursivos, em ambientes *online*. Aliás, uma categoria sobre partidos foi cogitada neste trabalho, mas devido a fatores relacionados a tempo, não foi possível trabalhá-la, nesse momento. Reconhecemos a importância de aprofundá-la, pois ao longo do percurso metodológico, observou-se que as legendas têm grande impacto nas candidaturas, em especial, nas femininas, no que diz respeito à financiamento e a cargos de liderança. Cabe ainda, investigar, se essa influência partidária também se estende para as plataformas *online*.

Dessa forma, assim como na vida cotidiana, as relações de poder (*power over, power to e power with*) atuam também na configuração das posições dos sujeitos, em episódios interacionais, no ambiente *online* como o Facebook; e afetam, ainda, por meio dos vídeos postados, o processo de representação política discursiva das vereadoras de Belém e de Manaus, na medida em que ela pode se modificar para seguir novos cursos, conforme a mobilização de aspectos discursivos diferentes, como os estereótipos. A mencionada dominação velada no ambiente do Facebook, por mais imperceptível que possa ter parecido, foi contestada ainda assim, pelas vereadoras na resignificação, por exemplo, do estereótipo de **Mãe**, a principal tipologia acionada para a resistência.

É claro que, o estereótipo de **Mãe** é problemático, pois é frequentemente mobilizado, pelo senso comum, para fazer referências sobre o ideal *feminino*, nos aproximando da armadilha criada pela própria estereotipia, que tolhe sentidos e cria imagens superficiais sobre realidades complexas. É claro que, características como solidariedade, gentileza, suporte, apoio e cuidado, os quais foram importantes aspectos na resignificação da tipologia em si, nos vídeos analisados, não se ligam, restritamente, à figura maternal. Reconhece-se aqui, isso. Contudo, utilizamos a tipologia, dentro de um esquema teórico já desenvolvido por Panke (2016). Essa base teórica nos auxiliou no percurso metodológico, e também nos guiou, como ponto de partida, na construção de novos caminhos no debate da temática comunicação

política e estereótipos, além da operacionalização de análises referentes a tipologias de mulheres formalmente eleitas.

Concluimos, então, a proficuidade de estudar a representação política discursiva, na medida em que ela se atualiza, por processos de comunicação, pela utilização de diferentes dispositivos comunicacionais, como os estereótipos, em ambientes não-formais, como a plataforma *online*, Facebook. O modo como as vereadoras constroem e reconstroem estereótipos lança luz sob a importância de compreendermos a representação política discursiva como um processo multifacetado e dinâmico, de ações ocorridas ao longo de um período, e que se relaciona estreitamente com os fenômenos sociais, ou seja, com a intersubjetividade. Pensar a representação política apenas como autorização por meio do voto seria enquadrar as vereadoras em uma posição fixa de *status* e poder e, assim, imunes às opressões de gênero. Os estudos sobre relações de poder, estereótipos e representação política, com viés comunicacional, nos mostraram que não é bem assim. As relações de poder não giram em torno apenas de questões institucionalizadas, ao contrário, estão capilarizadas por toda a organização social, e são afetadas mutuamente pela intersubjetividade. Ampliar o sentido de representação política, valorizando os aspectos discursivos significa aprimorar a democracia representativa, incluindo elementos não-institucionalizados e indiretos, e assim, potencializando a atuação de grupos e sujeitos políticos, marginalizados formalmente, mas cuja fala pública, ideias e valores, não podem ser silenciados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Amy. **Rethinking Power**. *Hypatia*, v. 13, n. 1, p. 21-40, 1998.

_____. **Feminist Perspectives on Power**. In: ZALTA, Edward N. (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford: CSLI, 2013. on-line.

_____. **The power of feminist theory: domination, resistance, solidarity**. Boulder: Westview Press, 2000.

ALMEIDA, Debora Rezende de. **O conceito de representação política e suas variações contemporâneas**. In: MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CUNHA, Eleonora Schettini (org). *Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias, instituições e questões transversais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

ALVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira (Org.). **Desafios de identidade: espaço-tempo de mulher**. Belém, CEJUP, 1997.

AVELAR, Lúcia. **Mulher, gênero e política**. In: AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antonio Octávio (org). *Sistema político brasileiro: uma introdução*. 3ªed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ARUZZA, Cinzia. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

AVRITZER, Leonardo. **Sociedade civil, instituições participativas e representação: da autorização à legitimidade da ação**. *Dados*, v. 50, n. 3, 443-76, 2007.

BAQUERO, Marcelo; VASCONCELOS, Camila. **Crise de representação política, o surgimento da antipolítica e os movimentos antipartidarismo no Brasil**. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO POLÍTICA, 5., 2013, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Compolítica, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BIROLI, Flávia. **Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos**. *Caderno Pagu*, Campinas, n. 34, p. 269-299. jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n34/a11n34.pdf>> . Acesso em: 03 maio 2018.

_____. **Agentes imperfeitas: contribuições do feminismo para a análise da relação entre autonomia, preferências e democracia**. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília, n. 9, p. 7-38, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522012000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 ago. 2018.

_____. **Autonomia, opressão e identidades: a ressignificação da experiência na teoria política feminista**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, p. 81-105, 2013.

_____. **Autonomia e desigualdades de gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática.** Vinhedo: Horizonte, 2013.

_____. **Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil.** São Paulo : Contexto, 2017.

_____. **Teorias feministas da política, empiria e normatividade.** Lua Nova, São Paulo, n. 102, p. 173-210, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n102/1807-0175-ln-102-173.pdf>>. Acesso em: 3 maio 2018.

_____. **Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil.** 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon et al. **Matrizes internacionais. A comunicação constrói a sociedade.** Campina Grande: EDUEPB, 2017.

BURREL, Barbara. **Gender, presidential elections and public policy: making women's votes matter.** *Journal of Women, Politics & Policy*, vol. 27, n° 1-2, p. 31-50, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade.** 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAL, Danila. **Comunicação e trabalho infantil doméstico: política, poder, resistências.** Salvador: UFBA, 2016.

CAL, Danila; GARCÊZ, Regiane Lucas; BARGAS, Janine de Kássia Rocha; CHOUCAIR, Thais dos Santos. **A mulher na vida pública: um mapa das moralidades no Facebook.** E-compós, Brasília, v. 21, n. 1, jan/abr. 2018. Disponível em; <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1430>>. Acesso em: 30 maio 2018.

CASTELLS, Manuel (2007). **A Galáxia Internet.** Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade, Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTIGLIONE, Dario; WARREN, Mark. **Rethinking democratic representation: eight theoretical issues.** In: RETHINKING DEMOCRATIC REPRESENTATION WORKSHOP, 2006, Columbia. Proceedings... Columbia, University of British Columbia, 2006.

CASTRO, Mary Garcia. **O golpe de 2016 e a demonização do gênero. O Golpe na perspectiva de gênero.** Salvador: Edufba, 2018.

CONTREIRAS, Patrícia. **Deputadas parlamentares e redes sociais – o mito das redes como facilitadoras de proximidade entre os políticos e os cidadãos.** *Media & Jornalismo*, Lisboa, v. 11, n. 21, p. 145-158, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DELPHY, Christine. **A materialist feminism is possible. In: Close to Home: A Materialist Analysis of Women's Opression.** Great Britain: The University of Massachusetts Press, 1984.

DOLAN, Kathleen. **Gender stereotypes, candidate evaluations, and voting for women candidates: what really matters?** Political Research Quarterly, n° 1, p. 96-107, 17 maio 2013.

DRYZEK, John; NIEMEYER, Simon. **Discursive representation.** American Political Science Review, v. 102, n. 4, p. 481-493, 2008.

FRANCO, Thaís; CALAÇA, Gabriella Luccianni Morais. **Uso das Redes Sociais na Política: presença de vereadores no Facebook.** Panorama, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 156-166, set. 2014. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/3433>>. Acesso em: 3 maio 2018.

FRANÇA, Vera Veiga. **Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?** In: MOTTA, Luiz Gonzaga et al. (Org.). Estratégias e culturas da comunicação. Brasília: Ed. da UnB, 2002. p. 13-29.

_____. L. Quéré: **dos modelos da comunicação.** Revista Fronteiras, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 37-51, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FREIXO, Adriano de; RODRIGUES, Thiago (Org.). **2016, o ano do golpe.** Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2016.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. **A representação política em uma perspectiva comunicacional.** In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26., 2017, São Paulo. Anais.... Brasília: Compós, 2017.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa.** São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Por que a comunicação é tão importante quando se pensa a democracia?** In: MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CUNHA, Eleonora Schettini (org). Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias, instituições e questões transversais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HIRATA, Helena et al (Org.). **Dicionário crítico do feminismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2009

HOBBS, Thomas. **Leviatã.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

JACKS, Nilda (coord); TOALDO, Mariangela M. (org). **Brasil em números: dados para pesquisas de comunicação e cultura em contextos regionais.** Florianópolis: Insular, 2014.

LAMAS, Marta. (Comp.). **El género: la construcción cultural de la diferencia sexual**. México: UNAM, 2013.

LIMA, Juliana Macedo; SCHULZ, Rosângela Marione. **Política e Gênero: uma discussão teórica sobre a participação da mulher na política brasileira**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS CIÊNCIA POLÍTICA, 3., 2014, São Borja. Anais... Bagé: Unipampa, 2014. p.1-16.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOUREIRO, Maria Rita. **Interpretações contemporâneas da representação**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 1, p. 63-93, 2009.

MAIA, Rousiley Celi Moreira; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida (Org.). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MANIN, Bernard. **The principles of representative government**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

MANSBRIDGE, Jane. **A conversação cotidiana no sistema deliberativo**. In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (Org.). A deliberação pública e suas dimensões sociais políticas e comunicativas: textos fundamentais. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 207-238.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MATOS, Marlise. **Inclusão Democrática no Brasil Contemporâneo: Desafios de uma agenda inconclusa**. In: MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CUNHA, Eleonora Schettini (org). Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias, instituições e questões transversais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

MELO, Carlos Ranulfo. **Os partidos nas democracias: passado, presente e futuro**. In: MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CUNHA, Eleonora Schettini (org). Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias, instituições e questões transversais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CUNHA, Eleonora Schettini (org). **Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias, instituições e questões transversais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SAMPAIO, Rafael Cardoso; BARROS, Samuel Anderson Rocha (Org.). **Deliberação online no Brasil: entre iniciativas de democracia digital e redes sociais de conversação**. Salvador: Edufba, 2016.

MIGUEL, Luis Felipe. **Democracia e representação: territórios em disputa**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. **A democracia na encruzilhada**. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Org.). Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo, Boitempo, 2016.

_____. **Dominação e resistência: desafios para uma política emancipatória.** São Paulo: Boitempo, 2018.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **Feminismo e Política: uma introdução.** São Paulo: Boitempo, 2014.

OKIN, Susan Moller. **Gênero, o público e o privado.** Revista Estudos de Gênero, Florianópolis, v. 16, n. 2, maio-ago. 2008.

PANKE, Luciana. **Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências.** Curitiba: UFPR, 2016.

PANKE, Luciana; IASULAITIS, Sylvia. **Mulheres no poder: aspectos sobre o discurso feminino nas campanhas eleitorais.** Opin. Publica, Campinas, v. 22, n. 2, p. 385-417, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v22n2/1807-0191-op-22-2-0385.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder.** Rev. Sociol. Polit., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 26 de ago. 2018.

_____. **Tempos de pós-democracia: ausência do povo.** Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 472-481, maio/ago. 2017.

_____. **Elas não ficaram em casa. As primeiras mulheres deputadas na década de 1950 no Brasil.** Varia hist., Belo Horizonte, v. 33, n. 62, p. 459-490, ago. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v33n62/0104-8775-vh-33-62-0459.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim; SILVEIRA, Augusta. **Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014).** Opinião Pública, v. 24, p. 178-208, jan./abr.2018.

PHILLIPS, Anne. **Democracy and difference.** University Park: Pennsylvania State University Press, 1993.

PITKIN, Hanna. **O conceito de representação.** In: MARTINS, Carlos (Org.). Política e sociedade. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1984.

PORTO, Sergio Dayrell. **Análise de conteúdo: realidades empíricas medidas pela abstração numérica.** In: JORGE, Thais de Mendonça (Org.). Notícia em fragmentos: análise de conteúdo no jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015. p. 10-17.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do contrato social.** [S.l.: s.n., 2002].

RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (Org.). **O Golpe na perspectiva de Gênero**. Salvador: Edufba, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **A democracia impedida: o Brasil no século XXI**. Rio de Janeiro, FGV, 2017.

SARMENTO, Rayza. **Das sufragistas às ativistas: feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016)**. 2017. 220f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SARTORI, Giovanni. **Teoria da democracia revisitada**. São Paulo: Ática, 1994.

SAWARD, Michael. **The representative claim**. New York: Oxford University Press, 2010.

SCHUMPETER, Joseph. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SCHULZ, Rosangela Maria. **A crise de representação e o espaço da mídia na política**. Especiaria, Ilhéus, v. 9, p. 199-224, 2006.

SCOTT, James. **Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts**. New Haven: Yale University Press, 1990.

SCOTT, Joan. **El género: una categoría útil para el análisis histórico**. In: LAMAS, Marta (Comp.). *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. PUEG: México, 1996. p. 265-302.

SILVA, Eduardo Moreira da. **Participação e inovações democráticas: Notas sobre o Brasil contemporâneo**. In: MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CUNHA, Eleonora Schettini (org). *Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias, instituições e questões transversais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

SINGER, André et al. (Org.). **Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2016.

SINGER, André; LOUREIRO, Isabela (Org.). **As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?** São Paulo, Boitempo, 2016.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**. São Paulo, Leya, 2016.

URBINATI, Nadia. **Representative democracy, principles & genealogy**. Chicago: The University Chicago Press, 2006a.

_____. **O que torna a representação democrática?** São Paulo: Lua Nova, 2006.

WEBER, Maria Helena; COELHO, Marja Pfeifer; LOCATELLI, Carlos (org). **Comunicação pública e política: pesquisa e práticas**. Florianópolis: Insular, 2017.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.

YOUNG, Iris Marion. **Comunicação e o outro: além da democracia deliberativa**. In: SOUZA, Jessé (Org.). *Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 365-386.

APÊNDICE A - RELAÇÃO DE PODER X ESTEREÓTIPOS X TEMA CENTRAL (GERAL)

Contagem de Vereadora	Rótulos de Coluna	Power to (resistência e empoderamento)	Power with (solidariedade)	Total Geral
Rótulos de Linha	Power over (dominação)			
Guerreira	4	11	1	16
Assistência social		1		1
CÂMARA MUNICIPAL	1	1		2
Cidade		2		2
Meio Ambiente	1	4	1	6
Mulheres	2			2
Saúde		1		1
Violência política sexista		2		2
Mãe	11	31	15	57
Assistencialismo	1		1	2
CÂMARA MUNICIPAL	1			1
Cidade		2	2	4
Cultura		1		1
Deficientes físicos		3	1	4
Educação		4		4
Eleições	2	3	1	6
Esporte e Lazer		1	1	2
Família e crianças e adolescentes	3	3	1	7
Meio Ambiente		8	6	14
Mulheres	2	2		4
Política institucional (conjuntura política)		1		1
Prestação de contas		1		1
Propaganda comercial		1		1
Rotina	1	1		2
Saúde	1		2	3
Nenhuma		2		2
Educação		1		1
Eleições		1		1
Profissional	9	31	9	49
CÂMARA MUNICIPAL		2	1	3
Cidade	1	3		4
Deficientes físicos		1		1
Demandas partidárias		1		1
Educação		5		5
Eleições	6	1		7
Esporte e Lazer	1	4		5
Família e crianças e adolescentes		1		1
Meio Ambiente		10	7	17
Mulheres	1	2		3
Política institucional (conjuntura política)			1	1
Prestação de contas		1		1
Total Geral	24	75	25	124

APÊNDICE B - FORMULÁRIO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO**FORMULÁRIO - ANÁLISE GERAL (TESTE METODOLÓGICO) – Google Forms –****FORMULÁRIO - ANÁLISE GERAL**

PERFIL E FANPAGE DO FACEBOOK - VIDEOS

Vereadora

- Blenda Quaresma (PMDB)
- Simone Kahwage (PRB)
- Marinor Brito (PSOL)
- Glória Carratte (PRP)
- Professora Jacqueline (PHS)
- Professora Therezinha (Democratas)
- Joana D'arc (PR)
- Other:

Número de visualizações**Quando foi postado?****Possui legenda de descrição do vídeo?**

- Sim
- Não
- Other:

Tempo do vídeo**Formato do vídeo**

- Gravação de celular
- Gravação de celular + recursos de edição de imagem
- Transmissão ao vivo
- Produção técnica (pós-finalizada)
- Reprodução (reportagens de TV na qual aparecem)
- Reprodução (reportagens feitas pela CMB)
- Não se enquadra
- Other:

Função do vídeo (O que mostra?)

- Rotina de trabalho interna (nas Câmaras Municipais)

- Apresentação de projeto de lei ou indicação
- Fiscalização (obras e serviços)
- Inauguração de obras
- Capacitação profissional (cursos e palestras)
- Ações comunitárias e beneficentes (promovidas por elas ou pelos partidos)
- Comícios e passeatas
- Cotidiano (em casa, na academia, no salão, etc.)
- Eventos sociais (festas e inaugurações sem teor político-institucional)
- Eventos religiosos (missas, reuniões evangélicas, encontros de teor religioso, etc)
- Interação com o internauta (lembrança de homenagens, datas comemorativas e cumprimentos)
- Apoio a candidatos
- Não se enquadra
- Other:

No caso de projetos de autoria própria, de que se trata?

A vereadora fala?

- Sim
- Não

Onde está a vereadora?

- Tribuna
- Mesa da plenária
- Gabinete
- Espaços públicos
- Em casa
- Instituições públicas
- Instituições privadas
- Comunidades
- Não se enquadra
- Other:

Sobre a atual gestão municipal...

- Apoio
- Crítica
- Neutro
- Não se enquadra
- Other:

Sobre o governo do Estado...

- Apoio
- Crítica
- Neutro
- Não se enquadra
- Other:

Temática central do vídeo (Fala sobre o que?)

- Assistência social
- Cidade
- Cultura
- Deficientes físicos
- Economia
- Educação
- Esporte e Lazer
- Família e crianças e adolescentes
- LGBTI
- Meio Ambiente
- Mercado de trabalho (empreendedorismo)
- Mulheres
- Negros e comunidades quilombolas
- Política institucional (conjuntura política)
- Povos indígenas e comunidades tradicionais
- Saúde
- Segurança pública
- Não se enquadra
- Other:

Há uma figura masculina?

- Sim
- Não
- Não se enquadra

Quem?**Fala diretamente com as mulheres?**

- Sim
- Não
- Other:

Usa algum nome ou expressão para se dirigir às mulheres?

- Sim

- Não
- Other:

Qual?

Quantas vezes?

Menciona o partido?

- Sim
- Não

Há outra vereadora presente?

- Sim
- Não
- Não se enquadra

Estereótipos da candidata (com base em Luciana Panke, 2015) -

PRINCIPAL

- Guerreira
- Mãe
- Profissional
- Nenhuma
- Other:

Descreva o estereótipo

Estereótipos da candidata (com base em Luciana Panke, 2015) -

SECUNDÁRIO

- Guerreira
- Mãe
- Profissional
- Nenhuma
- Other:

Descreva o estereótipo

Outro tipo de estereótipo identificado que não está acima? Qual?

Relações de poder: Qual a principal? (CAL, 2016)

- Power over (dominação)
- Power to (resistência e empoderamento)
- Power with (solidariedade)

Descreva o contexto da relação de poder...

Relações de poder: Existe uma secundária? Qual? (CAL, 2016)

- Power over (dominação)
- Power to (resistência e empoderamento)
- Power with (solidariedade)
- Other:

Descreva o contexto da relação de poder...

Aparência/ Visual

- "Feminina"
- "Masculina"
- Não se enquadra
- Other:

Outras marcas simbólicas

Algo incomum?

Enviar

APÊNDICE C - LISTA DE VÍDEOS

(Identificados por numeração no corpo do trabalho)

BLENDA QUARESMA **Total da amostra de vídeos: 18**

1. VIDEO 1
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1701400510133728/?type=2&video_source=user_video_tab
2. VIDEO 2
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1775729902700788/?type=2&video_source=user_video_tab
3. VIDEO 3
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1778380385769073/?type=2&video_source=user_video_tab
4. VIDEO 4
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1778409392432839/?type=2&video_source=user_video_tab
5. VIDEO 5
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1792907370983041/?type=2&video_source=user_video_tab
6. VIDEO 6
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1857579817849129/?type=2&video_source=user_video_tab
7. VIDEO 7
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1884611611812616/?type=2&video_source=user_video_tab
8. VIDEO 8
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1889434764663634/?type=2&video_source=user_video_tab
9. VIDEO 9
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1890966191177158/?type=2&video_source=user_video_tab
10. VIDEO 10
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1891652501108527/?type=2&video_source=user_video_tab
11. VIDEO 11
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1894598494147261/?type=2&video_source=user_video_tab
12. VIDEO 12
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1894598457480598/?type=2&video_source=user_video_tab
13. VIDEO 13
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1894608704146240/?type=2&video_source=user_video_tab
14. VIDEO 14
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1901583623448748/?type=2&video_source=user_video_tab
15. VIDEO 15
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1983872408553202/?type=2&video_source=user_video_tab
16. VIDEO 16
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1984785285128581/?type=2&video_source=user_video_tab
17. VIDEO 17
https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/1985202091753567/?type=2&video_source=user_video_tab
18. VIDEO 18

https://www.facebook.com/blendaquaresma/videos/vb.100007913867229/2002209086719534/?type=2&video_source=user_video_tab

MARINOR BRITO

Total de vídeos: 51

19. VIDEO 19

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1666698200270623/?type=2&video_source=user_video_tab

20. VIDEO 20

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1675927082681068/?type=2&video_source=user_video_tab

21. VIDEO 21

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1676746465932463/?type=2&video_source=user_video_tab

22. VIDEO 22

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1718031438470632/?type=2&video_source=user_video_tab

23. VIDEO 23

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1718033218470454/?type=2&video_source=user_video_tab

24. VIDEO 24

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1744323919174717/?type=2&video_source=user_video_tab

25. VIDEO 25

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1748965395377236/?type=2&video_source=user_video_tab

26. VIDEO 26

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1748965002043942/?type=2&video_source=user_video_tab

27. VIDEO 27

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1748966482043794/?type=2&video_source=user_video_tab

28. VIDEO 28

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1762680727339036/?type=2&video_source=user_video_tab

29. VIDEO 29

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1765933187013790/?type=2&video_source=user_video_tab

30. VIDEO 30

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1767602143513561/?type=2&video_source=user_video_tab

31. VIDEO 31

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1772435636363545/?type=2&video_source=user_video_tab

32. VIDEO 32

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1774471762826599/?type=2&video_source=user_video_tab

33. VIDEO 33

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1774978139442628/?type=2&video_source=user_video_tab

34. VIDEO 34

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1778853445721764/?type=2&video_source=user_video_tab

35. VIDEO 35

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1779332805673828/?type=2&video_source=user_video_tab

36. VIDEO 36

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1780050578935384/?type=2&video_source=user_video_tab

37. VIDEO 37

- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1780305792243196/?type=2&video_source=user_video_tab
38. VIDEO 38
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1780324858907956/?type=2&video_source=user_video_tab
39. VIDEO 39
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1781676392106136/?type=2&video_source=user_video_tab
40. VIDEO 40
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1782357962037979/?type=2&video_source=user_video_tab
41. VIDEO 41
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1784651291808646/?type=2&video_source=user_video_tab
42. VIDEO 42
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1785043728436069/?type=2&video_source=user_video_tab
43. VIDEO 43
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1785122825094826/?type=2&video_source=user_video_tab
44. VIDEO 44
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1785541508386291/?type=2&video_source=user_video_tab
45. VIDEO 45
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1786103628330079/?type=2&video_source=user_video_tab
46. VIDEO 46
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1787397774867331/?type=2&video_source=user_video_tab
47. VIDEO 47
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1793851180888657/?type=2&video_source=user_video_tab
48. VIDEO 48
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1794622207478221/?type=2&video_source=user_video_tab
49. VIDEO 49
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1794642720809503/?type=2&video_source=user_video_tab
50. VIDEO 50
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1799883376952104/?type=2&video_source=user_video_tab
51. VIDEO 51
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1816680235272418/?type=2&video_source=user_video_tab
52. VIDEO 52
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1818217271785381/?type=2&video_source=user_video_tab
53. VIDEO 53
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1823546974585744/?type=2&video_source=user_video_tab
54. VIDEO 54
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1841430019464106/?type=2&video_source=user_video_tab
55. VIDEO 55
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1865354543738320/?type=2&video_source=user_video_tab
56. VIDEO 56
- https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1877028169237624/?type=2&video_source=user_video_tab
57. VIDEO 57

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1879948228945618/?type=2&video_source=user_video_tab

58. VIDEO 58

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1883970338543407/?type=2&video_source=user_video_tab

59. VIDEO 59

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1897254617214979/?type=2&video_source=user_video_tab

60. VIDEO 60

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1898233660450408/?type=2&video_source=user_video_tab

61. VIDEO 61

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1901393880134386/?type=2&video_source=user_video_tab

62. VIDEO 62

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1911628989110875/?type=2&video_source=user_video_tab

63. VIDEO 63

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1949894298617677/?type=2&video_source=user_video_tab

64. VIDEO 64

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1965079627099144/?type=2&video_source=user_video_tab

65. VIDEO 65

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1967517790188661/?type=2&video_source=user_video_tab

66. VIDEO 66

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1985692078371232/?type=2&video_source=user_video_tab

67. VIDEO 67

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/2008976346042805/?type=2&video_source=user_video_tab

68. VIDEO 68

https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/2015806662026440/?type=2&video_source=user_video_tab

SIMONE KAHWAGE

Total de vídeos: 17

69. VIDEO 69

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/988794127819342/?type=2&video_source=user_video_tab

70. VIDEO 70

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1069296596435761/?type=2&video_source=user_video_tab

71. VIDEO 71

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1079719585393462/?type=2&video_source=user_video_tab

72. VIDEO 72

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1235852406446845/?type=2&video_source=user_video_tab

73. VIDEO 73

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1236084703090282/?type=2&video_source=user_video_tab

74. VIDEO 74

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1380723471959737/?type=2&video_source=user_video_tab

75. VIDEO 75

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1380723535293064/?type=2&video_source=user_video_tab

76. VIDEO 76

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1446165432082207/?type=2&video_source=user_video_tab

77. VIDEO 77

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1482290688469681/?type=2&video_source=user_video_tab

78. VIDEO 78

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1510947285604021/?type=2&video_source=user_video_tab

79. VIDEO 79

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1552823018083114/?type=2&video_source=user_video_tab

80. VIDEO 80

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1582970125068403/?type=2&video_source=user_video_tab

81. VIDEO 81

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1600069436691805/?type=2&video_source=user_video_tab

82. VIDEO 82

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1608024305896318/?type=2&video_source=user_video_tab

83. VIDEO 83

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1648479401850808/?type=2&video_source=user_video_tab

84. VIDEO 84

https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1719900391375375/?type=2&video_source=user_video_tab

JOANA D'ARC
Total de vídeos: 69

85. VIDEO 85

<https://www.facebook.com/watch/?v=660160790798854>

86. VIDEO 86

<https://www.facebook.com/watch/?v=666771553471111>

87. VIDEO 87

<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/669758556505744/?v=669758556505744>

88. VIDEO 88

<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/671464829668450/>

89. VIDEO 89

<https://www.facebook.com/watch/?v=673288729486060>

90. VIDEO 90

<https://www.facebook.com/watch/?v=696390827175850>

91. VIDEO 91

<https://www.facebook.com/watch/?v=699607020187564>

92. VIDEO 92

<https://www.facebook.com/watch/?v=753226001492332>

93. VIDEO 93

<https://www.facebook.com/watch/?v=776303009184631>

94. VIDEO 94

<https://www.facebook.com/watch/?v=781373625344236>

95. VIDEO 95

<https://www.facebook.com/watch/?v=782524761895789>

96. VIDEO 96

<https://www.facebook.com/watch/?v=802427926572139>

97. VIDEO 97

<https://www.facebook.com/watch/?v=803493543132244>

98. VIDEO 98

<https://www.facebook.com/watch/?v=803994219748843>

99. VIDEO 99

<https://www.facebook.com/watch/?v=804004503081148>

100. VIDEO 100

<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/807906439357621/>
101. VIDEO 101
<https://www.facebook.com/watch/?v=810452275769704>
102. VIDEO 102
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/814910195323912/>
103. VIDEO103
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/818925708255694/>
104. VIDEO 104
<https://www.facebook.com/watch/?v=822287427919522>
105. VIDEO 105
<https://www.facebook.com/watch/?v=823431127805152>
106. VIDEO 106
<https://www.facebook.com/watch/?v=831752923639639>
107. VIDEO 107
<https://www.facebook.com/watch/?v=834881143326817>
108. VIDEO 108
<https://www.facebook.com/watch/?v=850815591733372>
109. VIDEO 109
<https://www.facebook.com/watch/?v=852937084854556>
110. VIDEO 110
<https://www.facebook.com/watch/?v=855397444608520>
111. VIDEO 111
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/858526917628906/>
112. VIDEO 112
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/858539237627674/>
113. VIDEO 113
<https://www.facebook.com/watch/?v=858758304272434>
114. VIDEO 114
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/858968784251386/>
115. VIDEO 115
<https://www.facebook.com/watch/?v=866095506872047>
116. VIDEO 116
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/871675256314072/>
117. VIDEO 117
<https://www.facebook.com/watch/?v=874230699391861>
118. VIDEO 118
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/882641761884088/>
119. VIDEO 119
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/882704591877805/>
120. VIDEO 120
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/883162068498724/>
121. VIDEO 121
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/883870195094578/>
122. VIDEO 122
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/888354121312852/>
123. VIDEO 123
<https://www.facebook.com/watch/?v=889020631246201>
124. VIDEO 124
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/890530471095217/>
125. VIDEO 125
<https://www.facebook.com/watch/?v=893673630780901>
126. VIDEO 126
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/894732687341662/>
127. VIDEO 127
<https://www.facebook.com/watch/?v=896382507176680>
128. VIDEO 128
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/905121972969400/>
129. VIDEO 129
<https://www.facebook.com/watch/?v=910740039074260>
130. VIDEO 130

<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/916776231803974/>
 131. VIDEO 131
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/921262498022014/>
 132. VIDEO 132
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/928077200673877/?v=928077200673877>
 133. VIDEO 133
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/944737799007817/>
 134. VIDEO 134
<https://www.facebook.com/watch/?v=945150582299872>
 135. VIDEO 135
<https://www.facebook.com/watch/?v=949267145221549>
 136. VIDEO 136
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/952574351557495/>
 137. VIDEO 137
<https://www.facebook.com/watch/?v=954315148050082>
 138. VIDEO 138
<https://www.facebook.com/watch/?v=958003887681208>
 139. VIDEO 139
<https://www.facebook.com/watch/?v=959608834187380>
 140. VIDEO 140
<https://www.facebook.com/watch/?v=960507770764153>
 141. VIDEO 141
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/966842486797348/>
 142. VIDEO 142
<https://www.facebook.com/watch/?v=968045140010416>
 143. VIDEO 143
<https://www.facebook.com/watch/?v=970579723090291>
 144. VIDEO 144
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/974272489387681/>
 145. VIDEO 145
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/974621836019413/?v=974621836019413>
 146. VIDEO 146
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/976838379131092/>
 147. VIDEO 147
<https://www.facebook.com/watch/?v=980796515401945>
 148. VIDEO 148
<https://www.facebook.com/watch/?v=985062458308684>
 149. VIDEO 149
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/989704547844475/?v=989704547844475>
 150. VIDEO 150
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/998010827013847/>
 151. VIDEO 151
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/998054157009514/>
 152. VIDEO 152
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/1002727236542206/>

GLORIA CARRATE

Total de vídeos: 2

153. VIDEO 153
https://www.facebook.com/gloria.carrate.9/videos/vb.100005631163598/556536021210765/?type=2&video_source=user_video_tab
 154. VIDEO 154
https://www.facebook.com/gloria.carrate.9/videos/vb.100005631163598/556536021210765/?type=2&video_source=user_video_tab

PROFESSORA JACQUELINE

Total de vídeos: 25

155. VIDEO 155
<https://www.facebook.com/watch/?v=1054916024532880>
 156. VIDEO 156

<https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/videos/1183875088303639/?v=1183875088303639>
 157. VIDEO 157
<https://www.facebook.com/watch/?v=1188568637834284>
 158. VIDEO 158
<https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/videos/1223581154333032/?v=1223581154333032>
 159. VIDEO 159
<https://www.facebook.com/watch/?v=1225484147476066>
 160. VIDEO 160
<https://www.facebook.com/watch/?v=1236449606379520>
 161. VIDEO 161
<https://www.facebook.com/watch/?v=1247113991979748>
 162. VIDEO 162
<https://www.facebook.com/watch/?v=1248463825178098>
 163. VIDEO 163
<https://www.facebook.com/watch/?v=1253335598024254>
 164. VIDEO 164
<https://www.facebook.com/watch/?v=1257252067632607>
 165. VIDEO 165
<https://www.facebook.com/watch/?v=1259126684111812>
 166. VIDEO 166
<https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/videos/1265901490100998/>
 167. VIDEO 167
<https://www.facebook.com/watch/?v=1266827190008428>
 168. VIDEO 168
<https://www.facebook.com/watch/?v=1275778779113269>
 169. VIDEO 169
<https://www.facebook.com/watch/?v=1279520782072402>
 170. VIDEO 170
<https://www.facebook.com/watch/?v=1282900138401133>
 171. VIDEO 171
<https://www.facebook.com/VereadoraProfessoraJacqueline/videos/1288014924556321/?v=1288014924556321>
 172. VIDEO 172
<https://www.facebook.com/watch/?v=1290470540977426>
 173. VIDEO 173
<https://www.facebook.com/watch/?v=1296393673718446>
 174. VIDEO 174
<https://www.facebook.com/watch/?v=1297043290320151>
 175. VIDEO 175
<https://www.facebook.com/watch/?v=1301928809831599>
 176. VIDEO 176
<https://www.facebook.com/watch/?v=1523819004309244>
 177. VIDEO 177
<https://www.facebook.com/watch/?v=1565421903482287>
 178. VIDEO 178
<https://www.facebook.com/watch/?v=1596837310340746>
 179. VIDEO 179
<https://www.facebook.com/watch/?v=1603383446352799>

PROFESSORA THEREZINHA

Total de vídeos: 28

180. VIDEO 180
<https://www.facebook.com/watch/?v=835267353285963>
 181. VIDEO 181
<https://www.facebook.com/watch/?v=906424186170279>
 182. VIDEO 182
<https://www.facebook.com/watch/?v=951284205017610>
 183. VIDEO 183
<https://www.facebook.com/watch/?v=955159751296722>
 184. VIDEO 184
<https://www.facebook.com/watch/?v=959881027491261>

185. VIDEO 185
<https://www.facebook.com/watch/?v=964769483669082>
186. VIDEO 186
<https://www.facebook.com/watch/?v=968596193286411>
187. VIDEO 187
<https://www.facebook.com/watch/?v=971808792965151>
188. VIDEO 188
<https://www.facebook.com/watch/?v=971408529671844>
189. VIDEO 189
<https://www.facebook.com/watch/?v=970775503068480>
190. VIDEO 190
<https://www.facebook.com/watch/?v=973169849495712>
191. VIDEO 191
<https://www.facebook.com/professoratherezinha.ruiz/videos/973538822792148/>
192. VIDEO 192
<https://www.facebook.com/watch/?v=975132272632803>
193. VIDEO 193
<https://www.facebook.com/professoratherezinha.ruiz/videos/975925852553445/?v=975925852553445>
194. VIDEO 194
<https://www.facebook.com/watch/?v=978211075658256>
195. VIDEO 195
<https://www.facebook.com/watch/?v=984409511705079>
196. VIDEO 196
<https://www.facebook.com/watch/?v=985260501619980>
197. VIDEO 197
<https://www.facebook.com/watch/?v=985954361550594>
198. VIDEO 198
<https://www.facebook.com/watch/?v=987067384772625>
199. VIDEO 199
<https://www.facebook.com/watch/?v=1096770497135646>
200. VIDEO 200
<https://www.facebook.com/watch/?v=1129279177218111>
201. VIDEO 201
<https://www.facebook.com/professoratherezinha.ruiz/videos/1163952543750774/>
202. VIDEO 202
<https://www.facebook.com/watch/?v=1166231853522843>
203. VIDEO 203
<https://www.facebook.com/watch/?v=1167674146711947>
204. VIDEO 204
<https://www.facebook.com/watch/?v=1180342685445093>
205. VIDEO 205
<https://www.facebook.com/watch/?v=124445522367172>
206. VIDEO 206
<https://www.facebook.com/professoratherezinha.ruiz/videos/1263479200464774/>
207. VIDEO 207
<https://www.facebook.com/watch/?v=1305055882973772>

AVULSOS

Total: 3

208. VIDEO 208 (Joana D'arc – 25.07.2017 – 2:13)
<https://www.facebook.com/joanadarcam/videos/891149687699962/>
209. VIDEO 209 (Simone Kahwage – 20.01.2018 – 03:15)
https://www.facebook.com/simonekahwage/videos/vb.100000662933378/1740098822688865/?type=2&video_source=user_video_tab
210. VIDEO 210 (Marinor Brito – 26.10.2016 – 1:23)
https://www.facebook.com/100007913778457/videos/vb.100007913778457/1800385440235231/?type=2&video_source=user_video_tab